

Copie. 2. 29a

Esta é a primeira Edição dos
Lusiadas de Camões
Alfonso Costa

Ver Anuário nº 697.







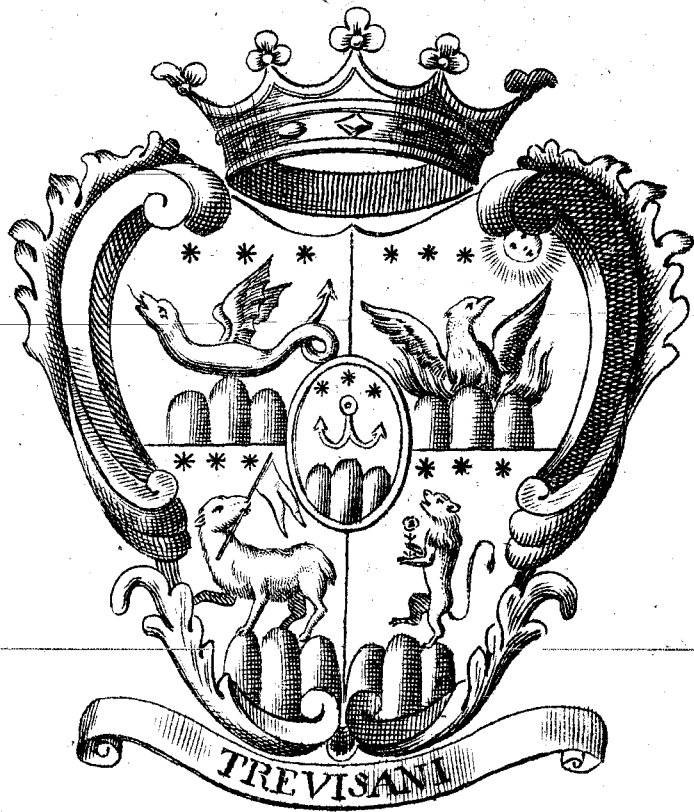
OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

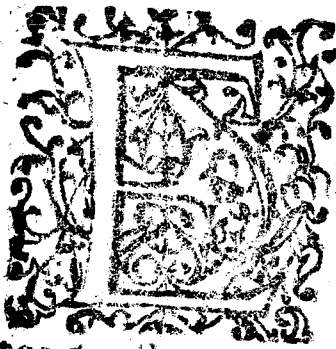
COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
Sancta Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gócalvez Impressor.*

1572.







V el Rey faço saber aos que este Alvara virem
que eu ey por bem & me praz dar licença
a Luis de Camoës pera que possa fazer im-
primir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em
Oitava rima chamada Os Lusíadas que con-
tem dez cantos perfeitos, na qual por ordem
poetica em versos se declarão os principaes fei-
tos dos Portuguezes nas partes da India depois que se descobriu a
nauegação pera ellas por mādado del Rey dom Manoel meu vi-
uo que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tem-
po de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar
de empremir em diãte, se não possa imprimir nê vender em meus
reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas
partes da India pera se vender sem licença do dito Luis de Camoës
ou da pessoa que pera isso seu podertiuer, sob pena de que o con-
trario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que
imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a
outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra ven-
der lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desem-
bargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na pri-
meira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se im-
primir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do san-
to officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, &
se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos,
tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio,
como acima he dito. E este meu Alvara se imprimirã outrosi no
principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha for-
ça & vigor como se fosse carta feita em meu nome por mim assi-
nada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Orde-
nação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as cousas cujo effeito
ouuer de durar mais que hum ano passẽ per cartas, & passando
por alvaras não valhão. Caspar de Seixas o fiz em Lisboa a. xxiiij.
de Setembro, de M. D. LXXI. Jorge da Costa o fiz escreuer.

Vl por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, & não achey nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria à fe & bõs custumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deos. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal. & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gētios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual assiney aqui.

Frey Bertholameu

Ferreira.

MOS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMÓES.

Canto primeiro.



As armas, & os ba-
rões assignalados,
Que da Occidental praya Lusita-
na,

Por mares nunca de antes nas-

uegados,

Passaram, ainda alem da Taprobana,

Em perigos, & guerras esforçados,

Mais do que prometia a força humana.

E entre gente remota edificarão

Novo Reino, que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas

Daquelles Reis, que forão dilatando

A hee, o Imperio, & as terras viciosas

De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,

E aquelles que por obras valerosas

Se vão da ley da Morte libertando.

Cantando espatharey por toda parte,

Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessem

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
As nauerações grandes que fizerão:
Callese de Alexandro, & de Trajano,
A fama das victorias que tiuerão,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado
Tendes em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde, celebrado
Foy de my vosso rio alegremente,
Daime agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente,
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daime hũa furia grande & sonora,
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Daime igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO.

E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos o nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos q̄ todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,
De hũa amore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meio do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradeiro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreu a tanto,
Tomay as redeas vos do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vè seu exicio afigurado,
So com vos ver o barbaro Centio,
Mostra o pescoco ao jugo ja inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio,
Tem pera vos por dote aparelhado:
Que affeicoada ao gesto bello, & tenro,
Dejeja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,
Dos dous auôs, as almas ca famosas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra polas batalhas sanguinosas:
Em vos esperão, ver se renouada
Sua memoria, & obras valerosas:
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejão:
Day vos fauor ao nouo atreuimento,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejão,
Que sam vislos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauão,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vão cortando.
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno está, da humana gente
Se ajuntão em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Lactea, juntamente
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidofo mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, não temendo
De Affrico & Noto a força a mais fatreue:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinão seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia

Prometido lbe está do fado eterno,
Cuja alia ley nam pode ser quebrada,
Que tenhão longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lbe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

E por que, como vistes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos Climas & Ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, de termino, agasalhados
Nesta costa Affricana como amigos.
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rata:

Estas

Estas palauras Iupiter dezia,
Quando os Deoses por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro difiria,
Razões diuerfas dando & recebendo.
O padre Baco, ali nam consentia
No que Iupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria
Hũa gente fortissima de Hespanha,
Pelo mar alto, a qual sojeitaria
Da India, tudo quanto Doris banha.
E com nouas victorias venceria,
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,
Por vencedor da Lydia ser cantado,
De quantos bebem a agoa de Parnaso.
Teme agora que seja sepultado,
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Dagoa do esquecimento, se la chegão.
Os fortes Portugueses, que nauegão,
Sustentaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Sustentava contra elle *Venus bella*
Affeioada aa gente *Lusitana*,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua *Romana*,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostrãrão na terra *Tingitana*:
E na lingua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupção cre que he a *Latina*.

Estas causas mouiãõ *Cyterea*,
E mais, porque das *Parcas* claro entende
Que ha de ser celebrada a clara *Dea*,
Onde a gente beligera se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea,
E o outro polas honras que pretende,
Debatem, e na persia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual *Austro fero*, ou *Boreas* na espessura,
De siluestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito e braueza desmedida.
Brama toda montanha, o som murmura,
Rompe as folhas ferue a serra erguida.
Tal andava o tumulto leuantado,
Entre os Deoses no *Olimpo* consagrado:

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava,
Entre todos as partes em porfia,
Ou por que o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pee se levantava,
Merencorio no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tràs medonho & irado.

A viseira do elmo de Diamante,
Alevantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no solio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò padre à cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Não queres que padeção vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste
Não ouças mais, pois es juyz direito,
Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam privado:
Mas esta tenção sua, agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam tornes por detras pois he fraqueza
Defistir se da cousa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apouentos.

Em

Em quanto isto se passa, na sermosa
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente
 Cortaua o mar a gente belicosa:
 Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa
 Ilha de Sam Lourenço, & o Sol ardente
 Queimaua entam os Deoses, que Tifeo
 Co temor grande em pexes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,
 Como quem o ceo tinha por amigo:
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauão
 Sem nuuës, sem receio de perigo:
 O promontorio prasso ja passauão
 Na costa de Ethiopia, nome antigo.
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
 Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da gama, o forte Capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo, & de altiuo coração,
 A quem fortuna sempre fauorece.
 Pera se aqui deter, não ve razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinaua:
 Mas nam lhe soccedeo como cuydaua.

E eis

Eis aparecem logo em companhia,
 Hũs pequenos bateis, que vem daquella
 Que mais chegada à terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vella:
 A gente se aluoroça, & de alegria
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente ser a esta, em si dezião,
 Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira
 Muy veloces, estreitas, & compridas,
 As vellas com que vem erão de esteira,
 Dũas folhas de Palma bem tecidas:
 A gente da cor era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras acendidas
 Ao mundo deu, de oujado, & não prudente,
 O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos,
 De varias cores, brancos, & listrados,
 Hũs trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo ayroso sobraçados,
 Das cintas pera cima vem despidos:
 Por armas tem adagas, & tarçados.
 Com toucas na cabeça, & nauegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços acenauão,
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,
 Pera que junto aas Ilhas amainassem.
 A gente, & marinheiros trabalhauão,
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:
 Tomão vellas, amainase a verga alta,
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente
 Estranha, polas cordas ja subia,
 No gesto ledos vem, & humanamente,
 O Capitão sublime os recebia.
 As meças manda por em continente,
 Do licor que Lien prantado auia:
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,
 Quem erão, de que terra, que buscauão,
 Ou que partes do mar corrido tinhão?
 Os fortes Lusitanos lhe tornauão,
 As discretas repostas que conuinhão:
 Os Portuguezes somos do Occidente,
 Hinos buscando as terras do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a costa Affricana rodeado,
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas ja razão parece que saibamos,
Se entre vos a verdade não se nega.
Quem sois, que terra he esta que abitais?
Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas lbe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, & sem Razão:
Nos temos a Lei certa que insinou,
O claro descendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
A mãy Hebraea teue, & o pay Gentio.
Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaca, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala.
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bemfeito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
O largo Mundo, em quanto repoujasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Anoyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer então consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crêrão,
Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirarse toda a armada,
E de todos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apouentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão: & por ordem do destino,
 O Imperio tomarão a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia:
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente
 Não usado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

Està a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro o modo, & uso,
 E a lingoagem tam barbara & enleada.
 Tambem o Mouro astuto està confuso,
 Olhando a cor, o traje, & a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dizia,
 Se por ventura a vinhão de Turquia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fé,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se sam dos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe de,
Mostra das fortes armas de que vsauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valeroso Capitão,
Por hum que a lingua escura bem sabia.
Darte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, & inuisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil.
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por subir os mortais da terra ao ceo.

Deste

Deſte Deos homem, alto, & infinito,
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,
Que bem posso escusar trazer eſcripto
Em papel, o que na alma andar deuia.
Se as armas queres ver, como tēs dito,
Comprido eſſe deſejo te ſeria:
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes
Ministros, amoſtrar as armaduras,
Vem arneſes, & peitos reluzentes,
Malhas finas, & laminas ſeguras,
Eſcudos de pinturas diferentes,
Pilouros, eſpingardas de aço puras,
Arcos, & ſagittiferas aljauas,
Partaſanas agudas, chucas brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente
As panellas ſulfureas, tam danofas,
Porem aos de Vulcano nam consente
Que dem fogo aas bombardas temeroſas:
Porque o generoſo animo, & valente,
Entre gentes tam poucas, & medroſas,
Nāo moſtra quanto pode, & com razāo,
Que he fraqueza entre ouelhas ſer liāo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mã de pensamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
A te que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem pudesse aa India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometellos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tão danado:
Que a morte se pudesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de David nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade
A quem juyzo algum não alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose.

Partiose niſto em fim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido:
 Cortarão os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obſequento ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito apouſento.

Do claro aſſento Etereo, o grão Tebano,
 Que da paternal coxa foy nascido
 Olhando o ajuntamento Luſitano,
 Ao Mouro ſer moleſto, & auorrecido:
 No pensamento cuyda hum falso engano
 Com que ſeja de todo deſtruydo.
 E em quanto iſto ſo na alma imaginava
 Conſigo eſtas palauras praticava.

Eſtà do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famoſas,
 Ajão os Portugueſes alcançado,
 Das Indianas gentes belicoſas.
 E eu ſo filho do Padre ſublimado,
 Com tantas qualidades generoſas:
 Ey de ſofrer que o Fado fauoreça
 Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?
 Ia quiſerão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

La quizeram os Deoses que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo somettesse
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:
Mas asse de soffrer que o Fado desse;
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Queu co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lusitan?

Não sera assy, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, reuolueray da Maura gente,
Por que sempre por via yra direita,
Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi irfano,
Sobre a terra Affricana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moueo.
E por milhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

E entrando

E entrando assy a falar lhe, a tempo & horas,
 A sua falsidade acomodadas,
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,
 Estas que ora de nouo sam chegadas:
 Que das nações na costa moradoras,
 Correndo a fama veio, que roubadas,
 Forão por estes homês que passauão,
 Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido,
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem ja de longe engano vrdido,
 Contra nos, & que todos seus intentos
 Sam pera nos matarem, & roubarem,
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,
 De vir por agoa a terra muito cedo,
 O Capitão dos seus accompanhado,
 Que da tençam danada nasce o medo:
 Tu deues de yr tambem cos teus armado
 Esperallo em cilada, occulto & quedo:
 Por que saindo a gente descuydada,
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda não ficarem deste geito,
 Destruydos, ou mortos totalmente,
 Eu tenbo imaginada no conceito,
 Outra manha e ardid que te contente:
 Mand'alhe dar Piloto, que de geito
 Seja astuto no engano, e tam prudente,
 Que os leue onde sejião destruydos,
 Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
 O Mouro nos tais casos, sabio e velho
 Os braços pelo collo lhe lançou,
 Agradecendo muito o tal conselho:
 E logo nesse instante concertou,
 Pera a guerra o beligero aparelho:
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
 Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
 Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
 Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano
 De quem fiar se possa hum feito grande,
 Diz lhe que acompanhando o Lusitano,
 Por tais costas, e mares co elle ande:
 Que se daqui escapar, que la diante
 Va cair onde nunca se alevante.

La o rayo Apolineo visitaua,
Os Montes Nabatheos acendido,
Quando Gama cos seus determinaua,
De vir por agoa a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertaua,
Como se fosse o engano ja sabido:
Mas pode sospeitarse facilmente,
Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
De antes pelo Piloto necessario:
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuydaua muy contrario:
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se cre de seu perfido aduersario,
Apercebido vay como podia,
Em tres bateis somente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embarçado, e de azagaya,
Outro de arco encuruado, e seta eruada:
Esperão que a guerreira gente sayá,
Outros muytos ja postos em cillada.
E porque o caso leue se lhe faça,
Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Andão pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, & co a astea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito a gente generosa,
Andar lhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca, & pondo se diante,
Salta, corre, sibila, acena, & brada:
Mas o animal atroçe nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, & os olhos cerra,
Terriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se leuanta,
Na furiosa & dura artilberia,
A plumbea pela mata, o brado espanta:
Ferido o ar retumba, & assouia:
O coraçam dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
La foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto auenturoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata
 A pouoação sem muro, & sem defesa,
 Esbombardea, acende, & desbarata.
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
 Que bem cuidou comprala mais barata:
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,
 O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Moaro vay tirando,
 Sem força, de couarde, & de apressado,
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,
 Dalhe armas o furor desatinado:
 Ia a Ilha, & todo o mais, desemparrando,
 Aa terra firme foge amedrontado.
 Passa, & corta do mar o estreito braço,
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.]

Hús vão nas almádias carregadas,
 Hum corta o mar a nado diligente,
 Quem se affoga nas ondas encuruadas,
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
 Arrombão as meudas bombardadas
 Os Pangaios sotis da bruta gente.
 Desta arte o Portugues em fim castiga,
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Tornão victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, e rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a manutenção no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandava,
Como em finaldas pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Pera yr buscar o Indo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasado:
E respondendo ao mensageiro, a tento
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta

CANTO PRIMEIRO.

17

Deſta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nerêo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitão, que não cabia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro urdia:
Delle muy largamente se informaua,
Da India toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o maleuolo Baco lhe ensinara
De morte, ou captiueiro novos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara.
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto está hũa Ilha, cujo assento,
Pouo antigo Christão sempre abitou.
O Capitão que a tudo estaua a tento,
Tanto co estas nouas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C . Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mabamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede.
Aa Moçambique; esta Ilha que se chama
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrairos a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinação levar auante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuirão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Erão Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

CANTO PRIMEIRO.

Tambem nestas palauras lhe mentia,
Como por regimento em fim leuaua,
Que aqui gente de Christo não auia:
Mas a que a Mabamede celebraua.
O Capitão que em tudo o mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandaua:
Mas nam querendo a Deosa guardadora,
Nam entra pela barra, e surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,
Que hum estreito pequeno a diuidia,
Hũa cidade nella situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora, ao longe descobria,
Regida por hum Rei de antiqua idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.


E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, por que espera
De poder ver o pouo baptizado,
Como o falso Piloto lhe dissera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que ja sabia a gente que era,
Que Baco muito de antes o auisara,
Na forma doutro Mouro que tomara:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recalo que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos erão de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes & grauiſſimo perigos,
O caminho de vida nunca certo:
Que aonde a gente poem sua esperançã,
Tenha a vida tam pouca ſegurançã.

N) mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta neceſſidade auorrecida:
Onde pode acolherſe hum fraco humano,
Onde terá ſegura a curta vida?
Que não ſe arme, & ſe indigne o Ceo ſereno.
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

 Canto Segundo.


A neste tempo o

lucido Planeta,

Que as horas vay do dia distin-
guindo,

Chegava aa desejada, & lenta Meta,

A luz Celeste aas gentes encobrindo:

E da casa maritima secreta,

Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrindo:

Quando as infidas gentes se chegarão

Aas naos, que pouco auia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,

O mortifero engano, assi dizia.

Capitão valeroso, que cortado

Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,

O Rei que manda esta Ilha, aluorçado

Da vinda tua tem tanta alegria,

Que nam deseja mais que agasalharte,

Verte, & do necessario reformarte.

C 3

E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E porque está em estremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso,
Traras a gente debil, & cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala,

E se buscando vas mercadoria,
Que produz o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, & prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, o rigido Diamante:
Daqui leuaras tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota não temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe

Perguntalhe despois, se estão na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que não erra,
Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cria:
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitão seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados,
Em casos desta sorte duvidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & porque vejão,
Os ~~que~~ Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Ia a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

(4 E despois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei apresentarão,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correrão, & notarão
Muito menos daquillo que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardarão
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, està o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãis: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo:
Estaua nũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido.
Mostrando-se Christão, & fabricaua
Hum altar sumptuoso que adoraua.

Alitinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto espirito a pintura,
A candi-la Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, so das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Aqui

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estava
Poem em terra os giolhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thioneu, & assi por derradeiro
O falso Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão de noite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol forão no mundo, & num momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado
Do Rei, pera que entrassem, & consigo
Os dous que o Capitão tinha mandad,
A quem se o Rei mostrou sincêro amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De não aver receio de perigo.
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no salso rio entrar queria.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Dizem lbe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & sacerdote sancto,
Que ali se agasalharão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rei, & gentes não sentirão
Senão contentamento, & gosto tanto:
Que não podia certo auer sospeita,
Nua mostra tão clara, & tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia

Alegremente os Mouros que subião,
Que leuemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas parecião:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que trazião:
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,
Armas, & munições, que como vissem
Que no Rio os nauios ancorauão,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta treição determinauão,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinhão feito:

As

As ancoras tenaces vão leuando,
Com a nautica grita costumada,
Da proa as vellas sos ao vento dando,
Inclinão pera a barra abalisada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada:
Vendo a cilada grande, & tam secreta,
Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no salgado Mar nasceo,
Das agoas o poder lhe obedecia.
E propondo lhe a causa a que deceo,
Com todos juntamente se partia:
Pera estoruar que a armada não chegasse
Aonde pera sempre se acabasse.

Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma,
Cloto co peito corta, & atrauessa
Com mais furor o Mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa,
Por cima da agoa crespa, em força sumas:
Abrem caminho as ondas encuruadas,
De temor das Nereidas apressadas.

No

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,
Vay a linda Dione furiosa,
Não sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
La chegão perto donde o vento tejo,
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em dereito
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchado:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuandoa estauão,
E da barra inimiga a desuiauão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitão, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostrão vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nymphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

CANTO SEGUNDO.

23

Torna pera detras a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente yrada,
O leme a hum bordo, & a outro atraueffando
O Mestre astuto emvão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os estua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha se aleuanta,
Nô rudo Marinheiro que trabalha,
O grande estrondo, a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Nam sabem a razão de furia tanta,
Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,
Cuydão que seus enganôs sam sabidos,
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançaão,
A seus bateis veloces que trazião,
Outros encima o mar aleuantaão,
Saltando nagoa a nado se acolhião:
De hum bordo & doutro subito saltauão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Aſſi como em ſeluatica alagoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se ſentem por ventura vir peſſoa,
Eſtando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali ſaltando, o charco ſoa,
Por fogir do perigo que ſe ſente,
E acolhendo ſe ao couto que conhecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Aſſi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiãra,
Crendo que ſeu engano eſtaua noto,
Tambem foge ſaltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde perção a vida doce, & cara:
A ancora ſolta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a eſtranheza
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,
O Piloto fugir lhe com preſteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo ſem contraſte, & ſem braueza
Dos ventos, ou das, agoas ſem corrente,
Que a Nao paſſar auante não podia,
Auendo o por milagre aſſi dizia.

O caſo

CANTO SEGUNDO.

24

O caso grande, estranho, & não cuydado,
O milagre clarissimo, & euidente,
O descuberto engano inopinado,
O perfida inimiga, & falsa gente,
Quem poderá do mal aparelhado
Liurar-se sem perigo sabiamente.
Se la de cima a guarda soberana,
Não acudir a i fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
Deſtes portos, a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a noſſa confiança
Mas pois ſaber humano, nem prudencia
Enganos tam fingidos nam alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem ſem ti nam pôde ſer guardado.

E ſe te moue tanto a piedade,
Deſta miſera gente peregrina,
Que ſo por tua altiffima bondade,
Da gente a ſaluas, perfida & malina,
Nalgum porto ſeguro de verdade:
Conduzirnos ja agora determina,
Ou nos amoſtra a terra que buſcamos,
Pois ſo por teu ſeruiço nauégamos.

Ouuiolhe

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Ouvio-lhe estas palauras piadosas,
A fermosa Dione, & comouida,
Dantre as Nymphas se vay, que saudosas
Ficarão desta subita partida:
La penetra as Estrellas luminosas,
La na terceyra Esphera recebida
Auante passa, & la no sexto Ceo
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho
Tão fermosa no gesto se mostraua,
Queas Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hūs espiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
E toir naua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, & cara
Se lhapresenta assi como ao Troyano,
Na selua ldea ja se apresentara:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

CANTO SEGUNDO.

25

Os crespos fios d'ouro se esparzão
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremião,
Com quem Amor brincava, & não se via.
Da alua petrina flamas lhe saião,
Onde o minino as almas acendia.
Polas lisas colūnas lhe trepauão,
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veo dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, & dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ia se sentem no Ceo, por toda a parte,
Ciūmes em Vulcano, Amor em Marte:

Emostrando no angelico sembrante,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala

D

Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,
Que pera às cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroso,
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vãõ caidas vejo,
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: & nisto de mimosa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a falla piedosa.
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.
E destas

E destas brandas mostras comouido,
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido,
 Torna sereno & claro o ar escuro.
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido
 Na face a beija, & abraça o colo puro.
 De modo que dali, se so se achára,
 Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,
 Como minino da ama castigado,
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
 Por lhe por em sossego o peito yrado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta.
 Dos fados as entranhas reuoluendo,
 Desta maneira em fim lhe está dizendo.

Fermosa filha minha não temais
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometo filha que vejais
 Esquecerense Gregos & Romanos.
 Pelos illustres feitos que esta gente,
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Que se o facundo Vlisses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:
E se Antenor os Jeios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timauo.
E se o piado Jo Eneas nauegou,
De Scila, & de Caribdis o Mar brauo:
Os vossos môres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sojugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o ludo vay buscando,
Tremor d'elle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O caso nunca visto, & milagroso
Que trema, & ferua o Mar em calma estado:
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto muy decente,
Em que vão descanjar da longa via,
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Nã poder resistir ao Luso horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornar selhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso,
Duas vezes tomado, & sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traspassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo:
Ali se mostrará seu preço, & sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo.
Enuejoso vereis o grão Mauorte,
Do peito Lusitano, fero & horrendo.
Do Mouro ali verão que a voz extrema,
Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora,
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altiua, & exalçada,
Ao Gentio que os Idolos adora.
Duro freo porá, & atoda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,
De Cananor, com pouca força & gente:
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa, & tam potente.
E vereis em Cochim asinalarse,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Citar a ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuís Aethias guerras animoso,
O Capitão vencêo Romano injusto,
Que dos pous de Aurora, & do famoso
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egipcia linda & não pudica.

Como

Como vereis o mar feruendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sogeita a rica Aurea Chersonezo,
Ate o longico China nauegando.
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se vera tam forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agrauado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de affrontados
Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia aa terra, por que tenha,
Hum pacifico porto, & sossegado,
Pera onde sem receyo a frota venha:
E pera que em Mombaca, auenturado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe mada mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

La pelo ar o Cyleneo voava,
Com as asas nos pês aa terra deçe,
Sua vara fatal na mão leuava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas reuocaua,
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande, & raro,
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado & caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & perclaro.
La Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaca logo parte,
Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco valesforço, & arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia, & siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,
 E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,
 Tinhão o largo Mundo alumiado,
 E so co sono a gente se recreia.
 O Capitão illustre, já cansado,
 De vigiar a noite, que arreceia,
 Breue repouso antam aos olhos daua,
 A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,
 Da cilada que o Rei maluado tece,
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,
 Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauorece,
 Sereno o tempo tês, & o Oceano,
 E outro Rei mais amigo, noutra parte,
 Onde podés seguro agasalharte.

Não tens aqui se não aparelhado,
 O hospicio que o cru Diomedes daua,
 Fazendo ser manjar acostumado,
 De caualllos a gente que hospedaua:
 As aras de Busiris infamado,
 Onde os hospedes tristes imolaua:
 Teràs certas aqui, se muito esperas,
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitão, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Não se deter na terra iniqua tanto:
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assopraua.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento,
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,
Leuão gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.
Nesle

Neste tempo, que as ancoras leuauão,
Na sombra escura os Mouros escondidos,
Mansamente as amarras lhe cortauão,
Por serem, dando aa costa, destruydos:
Mas com vista de Lincez vigiauão,
Os Portugueses sempre apercebidos.
Elles como acordados os sentirão,
Voando, e não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,
Hião as vias humidas de argento,
Assopralhe galerno o vento, e brando,
Com suaue e seguro mouimento,
Nos perigos passados vão falando,
Que mal se perderão do pensamento,
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
E noutra começaua, quando virão
Ao longe dous nauios, brandamente
Cos ventos nauegando, que respirão,
Porque auião de ser da Maura gente,
Pera elles arribando, as vellas virão.
Hum de temor do mal que arreceaua,
Por se salvar a gente aa costa daua.

Não

Não he o outro que fica tão manhoso:
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano,
 Que como fosse debil & medroso,
 Da pouca gente o fraco peito humano:
 Não teue resistencia, & se a tiuêra,
 Mais d'ano resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejasse,
 Piloto pera a India que buscaua,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
 Mas não lhe soccedeo como cuidaua,
 Que nenhum delles ha que lhe insinasse
 A que parte dos Ceos a India estaua.
 Porem dizem lhe todos, que tem perto,
 Melinde onde achârão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
 Condiçam liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande, & humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O Capitão o assella por verdade,
 Porque ja lho dissera deste geito,
 O Cyleneo em sonhos, & partia,
 Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.
 Era

CANTO SEGUNDO.

31

Era no tempo alegre quando entrava,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquentava
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renouava,
O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
Em que aquelle, a quem tudo está sozeito,
O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,
Onde o Reino Melinde ja se via,
De toldos adornada, & leda de arte
Que bem mostra estimar o Santo dia:
Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
A cor porpurea ao longe apparecia.
Soio os atambores & pandeiros,
E assi entravaõ ledos & guerreiros.

Enche se toda a praya Melindana,
— Da gente que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, & mais humana
Que to ti a doutra terra atras deixada.
Surge diante a frota Lusitana,
Pega no fundo a ancora pesada.
Mandão fora hum dos Mouros q tomãrão,
Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.
O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
Que os peitos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muyto que saissem,
Pera que de seus Reinos se seruissem:

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
Que tanto mar & terras tem passadas:
Mandathe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que antam na terra auia,
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
Que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.
E manda

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de não sair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lhe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da summa lustica concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Não menos delle amado, que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conhecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado:
Que

Que geração tam dura abi de gente?
 Que barbaro costume, & vsança feo,
 Que não vedem os portos, tam somente:
 Mas inda o hospicio da deserta area?
 Que ma tençam? que peito em nos se sente?
 Que de tam pouca gente se arrecea.
 Que com laços armados tam fingidos,
 Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
 Acharse mais verdade, ô Rei benigno,
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,
 Que teue o perdido Itaco em Alcino:
 A teu porto seguros nauegamos,
 Conduzidos do interprete diuino.
 Que pois a ti nos manda, està muy claro,
 Que es de peito sincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não saisse,
 O nosso Capitão esclarecido
 A verte, ou a seruirte, porque visse
 Ou sospeitasse em ti peito fingido:
 Mas saberas que o fez porque comprisse,
 O regimento em tudo obedecido,
 De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
 Deixando a fructa, em nenhũ porto, ou praia.
 E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça
Não quereras, pois tês de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as merces, & o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promete que conheça
Em tudo aquillo que elle & os seus poderem,
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,
Hũs com outros em pratica fallando,
Louuauão muito o estamago da gente,
Que tantos Ceos & mares vai passando,
E o Rei illustre, o peito obediente,
Dos Portugueses, na alma imaginando.
Tinba por valor grande, & muy subido,
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,
Responde ao Embaixador, que tanto estima
Toda a sospeita mà tiray do peito,
Nenhum frio temor em vos se imprima:
Que vosso preço, & obras sam de geito,
Pera vos ter o mundo em muyta estima.
E quem vos fez mollesto tratamento,
Não pode ter Jobido pensamento.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De não sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirey que a excelencia,
De peitos tão leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos pensamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro
Coo embaixada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro:
Enchem se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscavão,
E assi ledos a noite festejavão.

Não

Não faltão ali os rayos de arteficio,
 Os tremulos Cometas imitando,
 Fazem os Bombardeiros seu officio:
 O ceo, a terra, & as ondas atroando.
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
 Nas bombas que de fogo estão queimando,
 Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
 Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,
 Co rayo volteando, com zonido,
 Anda em giros no ar a roda ardente,
 Estoura o po sulfureo escondido:
 A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,
 O Mar se via em fogos acendido:
 E não menos a terra, & assi festeja
 Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
 As gentes incitava a seu trabalho,
 E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
 Ao sono longo punha certo atalho:
 Hião se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,
 Quando o Rei Milindano se embarcaua
 A ver a frota que no mar estava.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vão se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concor re leda,
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustrão os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de sedas de diuersas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores.
Na cabeça hũa fota guarnecida,
De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,
Da Tiria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
Cum resplandor reiuze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com

Com hum redondo emparo alto de seda,
 Nua alta & dourada a stea enxerido,
 Hum ministro aa solar quentura veda,
 Que não offenda & queime o Rei subido:
 Musica traz na proa, estranha & leda,
 De aspero som, horriſſimo ao ouuido:
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa & honrada companhia:
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano:
 Mas Francesa era a roupa que vestia,
 De cetim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega:
 As calças soldadescas recamadas,
 Do metal que Fortuna a tantos nega,
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

E 3 Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dà o Múrice excelente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o fermoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nymphá filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,
Os animos alegres resoando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauão,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horriſſonas bramando,
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouvidos.

La no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava,
Elle coa cortesia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
Cúas mostras de espanto, & admiração,
O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,
Como quem em muy grande estima tinha,
Gente que de tam longe à India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offereçe,
Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
E que se mantimento lhe falleçe,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Diz lhe mais, que por fama bem conheçe
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,
Quando nella ganhãrão a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:
E com muitas palauras apregoa,
O menos que os de Luso merecerão:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana.
Aquella alta, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros não podemos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Tu so de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido, & jocundo.
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangião,
Cos anafis os Mouros respondião.

Mas despois de ser tudo ja notado,
Do generoso Mouro, que pasmaua,
Ouuindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostraua,
Mandaua estar quieto, & ancorado,
Nagoa o bätel ligeiro que as leuaua,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

*Em praticas o Mouro diferentes,
Se deleitava, perguntando agora,
Pelas guerras famosas & excelentes,
Co pouo auidas, que a Masoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hispheria vltima, onde mora:
Agora pelos pouos seus vezinhos,
Agora pelos humidos caminhos.*

*Mas antes valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dezia, diligente,
Da terra tua o clima, & região
Do Mundo onde morais distintamente,
E assi de vossa antiga geração,
E o principio do Reino tam potente:
Cos successos das guerras do começo,
Que sem sabellas, sey que sam de preço.*

*E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o Mar yrado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Affrica ruda tem criado
Conta: que agora vem cos aureos freios,
Os cauallos que o carro marchetado,
Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.*

Enão

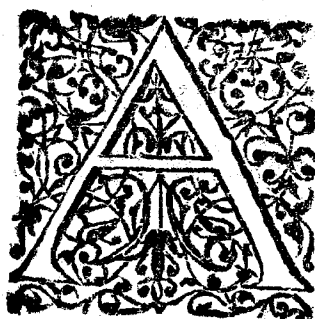
OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E não menos co tempo se parece,
O desejo de ouirte o que contares,
Que quem ha ; que por fama não conhece
As obras Portuguesas singulares:
Não tanto desuiado resplandece,
De nos o claro Sol, pera julgares.
Que os Melindanos tem tam rudo feito,
Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
O Reino de Plutão horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro,
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sutil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razão ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

 Canto Terceiro.


Gora tu Caliope
me ensina,
O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, e voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.

Assi o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda Dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe
Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banharme Apolo na agoa soberana.
Senão direy, que tês algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

Promptos estauão todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,
Aleuantando o rosto, assi dizia:
Mandas me, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a grãõ geanalosia:
— Não me manda contar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tão sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas por que nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senborea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meyo por ardente,
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
Com suas salsas ondas o Occeano,
E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se auizinha : mas o Rio
Que dos montes Rifeios vay correndo,
Na alagoa Meotis, curuo & frio
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
Vio dos Gregos o yrado senhorio:
Onde agora de Troia triumphante,
Não vè mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
Os montes Hyperboreos aparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co nome do sopros, se ennobrecem,
Aqui tam pouca força tem de Apolo,
Os rayos que no mundo resplandecem.
Que a neuve està contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

Aqui dos Cytas, grande quantidade
 Viuem, que antigamente grande guerra
 Tiuerão, sobre a humana antiguidade,
 Cos que tinhão antão a Egipcia terra:
 Mas quem tãõ fora estaua da verdade,
 (la que o juyzo humano tanto erra.)
 Pera que do mais certo se informàra,
 Ao campo Damasceno o perguntàra.

Agora nestas partes se nomea,
 A Lapia fria, a inculta Noruega,
 Escandinauia llha, que se arrea,
 Das victorias que Italia não lhe nega
 Aqui, em quanto as agoas não refrea,
 O congelado Inuerno, se nauega.
 Hum braço do Sarmatico Occeoano,
 Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano:

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,
 Sarmatas outro tempo, & na montanha
 Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
 Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
 Sam Saxones, Boemios, & Panonios,
 E outras varias nações, que o Reno frio
 Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.

Entre

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
 Estão os Traces de robusto peito,
 Do fero Marte, patria tam querida,
 Onde co Hemo, o Rodope sujeito
 Ao Otomano está, que sometida,
 Bizancio tem a seu serviço indino,
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agoa fria:
 E vos tambem, o terras excelentes,
 Nos costumes, engenhos, & ousadia,
 Que criastes os peitos eloquentes,
 E os juizos de alta fantasia:
 Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,
 Onde Antenor ja muros leuanto,
 A soberba Veneza está no meio
 Das agoas, que tam baxa começou
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
 De esforço, nações varias sogeitou,
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OSTLUSIADAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas despõis que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre està ja de antiga potestade,
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,
Que do Sequana, & Rôdano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpha sepultada
Pyrene se aleuantão, que segundo
Antiguidades contão, quando arderão,
Rios de ouro, & de prata antão corrèrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo senhorio & gloria estranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderà, com força, ou manha,
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha não tire o esforço & ousadia,
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

Com Tingitania entesta, & ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho do Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano.
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he millhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,
 Sujeitando Partênope inquieta,
 O Nauarro, as Asturias, que reparo
 Ia forão, contra a gente Mahometa,
 Tem o Galego cauto, & o grande & raro
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,
 Restituidor de Espanha, & senhor della,
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,
 E onde Febo repousa no Oceano:
 Este quis o Ceo justo, que florece
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,
 Deitando o de si fora, & la na ardente
 Affrica estar quieto o nam consente.

E Esta he

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,
Filhos forão parece, ou companheiros,
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se ve, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem virà que dome,
Pois a grande de Roma não se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força & manha
A muitos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe aa Caspia serra,
Muitos, pera na guerra esclarecerse,
Vinhão a elle, & aa morte offerecerse.

E com

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares
Despois que em feitos altos & subidos.
Se mostrarão nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras tais,
Leuasssem premio digno, & dões igoais.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimentado,
Portugal ouue em sorte, que no Mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal damor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado,
Com Tereza sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da escrava Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,
Hum filho, que illustrasse o nome vfano
Do belicoso Reino Lusitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
 Da cidade Hyerosolima sagrada,
 E do Iordão a area tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lauada,
 Que não tendo Gotfredo a quem resista,
 Depois de ter Iudea sojugada.
 Muitos que nestas guerras o ajudarão,
 Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte & famoso Vngaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O spirito deu, a quem lho tinha dado:
 Ficaua o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pay deixaua seu traslado:
 Que do Mundo os mais fortes igualaua,
 Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, não sey se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãy tomando todo o estado
 Do segundo Hymeneo, não se despreza:
 O filho orfão deixaua deserdado,
 Dizem lo que nas terras, a grandeza
 Do senhorio todo, so sua era,
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamaua, do Auô tomando o nome,
 Vendose em suas terras não ter parte,
 Que a mãy com seu marido as mãda & come,
 Feruendo lhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Reuolidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,
 Co sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,
 A seu filho negaua o amor, & a terra,
 Co elle posta em campo ja se via,
 E não ve a soberba, o muito que erra.
 Contra Deos, contra o maternal amor:
 Mas nella o sensual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alheia,
 Olhay que inda Teresa peca mais:
 Incontinencia ma, cubica fea,
 São as causas deste erro principais.
 Scilla por hũa mata o velho pay,
 Esta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
 Do padrao & da unica mãy leuava,
 La lhe obedece a terra num momento,
 Que primeiro contra elle pelejava:
 Porem vencido de Ira o entendimento,
 A mãy em ferros asperos atava:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breue,
 Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
 Pera vingar a injuria de Tereza,
 Contra o tam raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa:
 Em batalha cruel, o peito humano,
 Ajudado da Angelica defesa.
 Não so contra tal furia se sustenta:
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
 Principe, em Guimarães está cercado,
 De infinito poder, que desta sorte,
 Foy refazerse o inimigo magoado:
 Mas com se offerecer aa dura morte,
 O fiel Egas amo, foy lurado.
 Que de outra arte podera ser perdido,
 Segundo estava mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vay ao Castelhana, prometendo,
Que elle faria darlhe obediencia.
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa, & consciencia
De Egas moniz. mas não consente o peito
Do moço illustre, a outrem ser sojeito.

Chegado tinha o prazo prometido,
Em que o Rei Castelhana ja agoardava,
Que o Principe a seu mando sometido,
Lhe desse a obediencia que esperava.
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Castella não cuydava,
Determina de dar a doce vida,
A troco da palavra mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,
A aleuantar co elles a fiança,
Descalços, & despídos, de tal arte,
Que mais moue a piedade que a vingança.
Se pretendes Rei alto de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis aqui venho offerecido,
A te pagar co a vida o prometido.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ves aqui trago as vidas inocentes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
Nellas sos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egas estaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,
De vassallo, que a tanto se obrigaua,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes dizendo suspiraua.
Que mais o seu Zopiro são prezâra,
Que vinte Babilonias que tomara.

Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhava,
 O Lusitano exercito ditoso,
 Contra o Mouro que as terras habitava,
 Dalem do claro Tejo deleitoso:
 Ia no campo de Ourique se assentava,
 O arraial soberbo, & belicoso:
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Posto que em força, & gente ta n pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,
 Que tam pouco era o pouo bautizado,
 Que pera hum so cem Mouros aueria.
 Julga qualquer juyzo sossegado,
 Por mais temeridade que ousadia,
 Cometer hum tamanho ajuntamento,
 Que pera hum cavalleiro ouvesse cento:

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama,
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,
 Imitando a fermosa & forte Dama,
 De quem tanto os Troyanos se ajudârão,
 E as que o Termodonte ja gostârão.

A matutina.

A matutina luz serena, e fria,
 As Estrellas do Pollo ja apartaã,
 Quando na Cruz o Filho de Maria,
 Amostrando se a Affonso o animaua:
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fê todo inflamado assi gritaã:
 Aos infieis Senhor, aos infieis,
 E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
 Portuguesa, inflamados leuantauão,
 Por seu Rei natural, este excelente
 Principe, que do peito tanto amauão:
 E diante do exercito potente,
 Dos imigos, gritando o ceo tocauão:
 Dizendo em alta voz, real, real,
 Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos e vozes incitado,
 Pola montanha o rabido Molofo,
 Contra o Touro remete, que fiado
 Na força está do corno temeroso:
 Ora pega na orelha, ora no lado,
 Latindo mais ligeiro que forçoso,
 Ate que em fim rompendolhe a garganta,
 Do brauo a força horrenda se quebranta.

Tal

Tal do Reinouo, o estamago acendido,
 Por Deos & polo pouo juntamente,
 O barbaro comete apercebido,
 Co animoso exercito rompente:
 Leuantão nisto os perros o alarido
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
 As lanças & arcos tomão, tubas João,
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,
 Foi nos aridos campos (asoprando
 O sibilante Boreas) animada
 Co vento, o seco mato vay queimando:
 A pastoral companhia, que deitada,
 Co doce sono estaua, despertando,
 Ao estridor do fogo que se atea,
 Recolhe o fato, & foge per a a aldeia.

Desta arte o Mouro atonito & toruado,
 Toma sem tento as armas muy depressa,
 Não foge: mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa:
 O Portugues o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.
 Hũs caem meios mortos, & outros vão
 A ajuda conuocando do Alcorão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta serrã,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos, & forçosos,
Por toda a parte andaua acesa a guerra:
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido:
Ia perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido
Com que tambem do campo a cor se perde
Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano

Recolhendo os trofeos & presa rica,
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vfanô,
Que agora esta victoria certifica:
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

E nestes

E nestes cinco escudos pinta os trinta
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,
 Escreuendo a memoria em varia tinta,
 Daquelle de quem foy fauorecido,
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
 Porque assi fica o numero comprido:
 Contando duas vezes o do meio,
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada
 Era esta grão victoria, o Rei subido
 A tomar vay Leiria, que tomada
 Fora muy pouco auia, do vencido:
 Com esta a forte Arronches sojugada,
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido
 Scabelicastro, cujo campo ameno,
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas,
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
 Sintra onde as Naiades escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
 Onde Amor as enreda brandamente,
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princeza,
Que edificada foste do facundo,
Por cujo engano foy Dardania acesa:
Tu a quem obedece o Mar profundo,
Obedeceste aa força Portuguesa.
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tenção sancta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonso unidos:
Cuja alta fama antão subia aos ceos,
Foy posto cerco aos muros Vlisseeos.

Cinco vezes a Lũa se escondêra,
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendêra,
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.
Foy a batalha tam sanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme prosuposto:
De vencedores asperos, & ouzados,
E de vencidos, ja desesperados.

Desta

Desta arte em fim tomada se rendeo,
Aquella que nos tempos ja passados
Aa grande força nunca obedeceo,
Dos frios pouos Sciticos ousados:
Cujos poder a tanto se estendeo,
Que o lbero o rio, & o Tejo amedrontados:
E em fim co Betis tanto algum podêrão,
Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura
Avera que resista, se Lisboa
Não pode resistir aa força dura
Da gente, cuja fama tanto voa.
Ia lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alanquer, por onde soa
O tom das frescas agoas, entre as pedras,
Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras transtaganas,
Affamadas co dom da flava Ceres,
Obedeceis aas forças mais que humanas,
Entregando lhe os muros, & os poderes.
E tu laurador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres.
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,
E Alcaçare do sal, estão rendidas.

Eis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento,
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Nos ares se aleuantão nobremente.
Obedeceo, por meio & ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso que não sabe sosegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Não se lhe pode muito sustentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a cousa viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha deligente.
Pela fralda da serra descuydado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz era alto Mourro,
Com quatro mil cauallos furiosos,
Innumeros piões, darmas & deouro
Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
Cos ciumes da vaca, arreceosos,
Sentindo gente o bruto, & cego amante
Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado,
Na gente da, que passa bem segura,
Fere, mata, derriba denodado,
Foge o Rei Mourro, & so da vida cura,
Dum Panico terror todo asombrado,
So de seguillo o exercito procura.
Sendo estes que fizerão tanto aballo,
Nomais que so sejeta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja vsança
Era andar sempre terras conquistando,
Cercar vay Badajoz, & logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço & arte, & valentia,
Que a fez fazer aas outras companhia.

G Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o mereçe,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conheçe,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offereçe.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldicão da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercâra,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Por que a conquista della lhe tomâra,
De Lião sendo, & não dos Portugueses.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontete muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Beotes gellado, & a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
Eniocos, & Colcos, cuja fama
O Veo dourado estende: & os Capadozes,
E Iudea, que hum Deos adora & ama,
E que o molles Sofenos, & os Atroces,
Silicios, com a Armenia, que derrama,
As agoas dos dous Rios, cuja fonte
Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
Ate o Scitico Tauro, monte erguido
La vencedor te vissem, não te espante
Se o campo Emathio so te vio vencido,
Porque Affonso veras soberbo & ouante,
Tudo render, & ser despois rendido.
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do diuino juyzo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conhecido,
Aa cidade Vlissea foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o mereçe,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conheçe,
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offereçe.
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldicão da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercâra,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomâra,
De Lião sendo, & não dos Portugueses:
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontete muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Beotes gellado, & a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que a rica Arabia, & que os ferozes
 Eniocos, & Colcos, cuja fama
 O Veo dourado estende: & os Capadoçes,
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,
 E que o molles Sofenos, & os Atroces,
 Silicios, com a Armenia, que derrama,
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte
 Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido
 Ia vencedor te vissem, não te espante
 Se o campo Emathio so te vio vencido,
 Porque Affonso veras soberbo & ouante,
 Tudo render, & ser despois rendido.
 Assim o quis o conselho alto celeste,
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
 Do diuino juyzo castigado,
 Despois que em Santarem soberbamente,
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.
 E despois que do martyre Vicente,
 O sanctissimo corpo venerado.
 Do sacro promontorio conhecido,
 Aa cidade Vlissea foy trazido.

Porque leu iſſe auante ſeu deſejo,
 Ao forte filho man li o laſſo velho,
 Que as terras ſe paſſaſſe dalentejo,
 Com gente, & co beligero aparelho:
 Sancho, deſforço & danimo ſobejo,
 Auante paſſa, & faz correr vermelho,
 O rio que Seuilha vay regando,
 Co ſangue mauro, barbaro & nefando.

E com eſta victoria cobicoſo,
 Ia não deſcanſa o moço ate que veja,
 Outro eſtrago como eſte, temeroſo
 No barbaro que tem cercado Beja.
 Não tarda muito o Principe ditoso,
 Sem ver o fim daquillo que deſeja.
 Aſſi eſtragado o Mouro, na vingança
 De tantas perdas poem ſua eſperança.

Ia ſe ajuntão do monte, a quem Meduſa
 O corpo fez perder, que teue o Ceo:
 Ia vem do promontorio de Ampeluſa,
 E do Tinge que aſſento foy de Anteo.
 O morador de Abila não ſe eſcuſa,
 Que tambem com ſuas armas ſe moueo:
 Ao ſom da Mauritana & ronca tuba,
 Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entraua

Entrava com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal
Treze Reis mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem não lhe Jocede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo prouê com animo e prudencia,
Que em toda a parte ha esforço e resistencia

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado
Os trabalhosos annos, ao sossego,
Estando na Cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho está cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que não perde a presteza co a idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E co a famosa gente à guerra usada,
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallo, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmomini so não fogio,
Por que antes de fogir lhe fogue a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louvores & graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,
Da larga, & muita idade foi vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagarão seus annos deste geito,
Aa triste Libitina seu direito.

Os altos

Os altos promontorios o chorarão,
E do rios as agoas saudosas,
Os semeados campos alagarão,
Com lagrimas correndo piadosas:
Mas tanto pelo mundo se alargarão,
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu Reino chamarão,
Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficara
Imitando seu pay na valentia,
E que em sua vida ja se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara,
Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
E mais quando os que Beja em vão cercarão,
Os golpes de seu braço em si prouarão.

Despois que foy por Rei aleuantado,
Auendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silues tem cercado,
Cujos campos o barbaro laurava:
Foy das valentes gentes ajudado,
Da Germanica armada, que passava:
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Iudea ja perdida.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Passauão a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo padeceo,
Quando Guido co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauão,
As agoas que os de guido desejavão.

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, aaquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
La que em seruiço vay, do sancto Marte
Assi como a seu pay acontecera,
Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue e doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay tambem do forte
Liones, não consente estar quieta
A terra vsada aos casos de Mauorte:
Ate que na ceruiz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rei terceiro
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcáçere do sal por derradeiro:
Por que dantes os Mouros o tomarão,
Mas agora estruidos o pagarão.

Morto depois Affonso lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causa dos priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem tam cruel aas gentes & molesto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mau como foi Helio gabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.
Nem.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nem era o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o Reino governou,
O Conde Bolonhes, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupêra co braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a nação forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis

Eis despois vem Diuis, que bem parece,
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
 Com quem a fama grande se escurece,
 Da liberalidade Alexandrina.
 Co este o Reino prospero florece,
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)
 Em constituições, leis & costumes,
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
 O valeroso officio de Minerua,
 E de Helicon as Musas fez passar-se,
 A pisar de Mondego a fertil erua:
 Quanto pode de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
 Fortalezas, castellos muy seguros,
 E quasi o Reino todo reformou,
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas despois que a dura Atropos cortou,
 O fio de seus dias ja maduros:
 Ficoulhe o filho pouco obediente,
 Quarto Affonso: mas forte & excelente:
 Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme & sereno,
Porque não he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno
Mas porem quando as gentes Mauritanas,
A possuir o Esperico terreno,
Entrarão pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta
Vio os campos Idaspicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos acontê borrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiuo de Granada,
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rei sublime Castelhano,
A força inexpugnabil, grande & forte,
Temendo mais o fim do pouo Hispano,
La perdido hũa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entraus

CANTO TERCEIRO.

55.

Entrava a fermosissima Maria,
 Polos paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia,
 Pelos eburneos hombros espalhados:
 Diante do Payledo, que a agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
 De Africa toda gente fera & estranha,
 O grão Rei de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto não se vio,
 Depois que o salso Mar a terra banha.
 Trazem ferocidade, & furor tanto,
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto:

Aquelle que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe está, da Maura espada,
 E se não for contigo socorrido,
 Verme as delle & do Reino ser priuada,
 Viuva & triste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.
 Por tanto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor assella:
Acude & corre pay, que se não corres,
Pode ser que não aches quem socorres:

Não de outra sorte a tímida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando,
Que a tanta piedade o comouia,
Que caído das mãos o rayo infando:
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vão rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações aa paz acostumados:
Vay as fulgentes armas incitando
Polas concavidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo aleuantado,
E somente co gesto esforça & anima,
A qualquer coração amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Pera quem sam pequenos campo & monte.
Não ha peito tão alto & tam potente,
Que de desconfiança não se afronte,
Em quanto não conheça, & claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco & pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, entre o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta & nua,
Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

Qual o membrudo & barbaro Gigante,
 Do Rei Saul, com causa tam temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Sô de pedras & esforço apercebido,
 Com palauras soberbas o arrogante,
 Despreza o fraco moço mal vestido:
 Que rodeando a funda o desengana,
 Quanto mais pode a Fê que a força humana.

Deſta arte o Mouro perfido despreza,
 O poder dos Chriſtãos, & não entende,
 Que eſtã ajudado da alta fortaleza,
 A quem o Inferno horrifico ſe rende.
 Co ella o Caſtelhano, & com deſtreza,
 De Marrocos o Rei comete & offende.
 O Portuguez que tudo eſtima em nada,
 Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & eſpadas retenião,
 Por cima dos arneſes, brauo eſtrago,
 Chamão (ſegundo as leis que ali ſeguião,)
 Hũs Maſamede, & os outros Sanctiago,
 Os feridos com grita o Ceo ferião,
 Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos ſe afogauão,
 Quando do ferro as vidas eſcapauão.

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Castelhana,
Que pelejando está co Mauritano.

La se hia o Sol ardente recolhendo,
Pera a casa de Thetis, & inclinado,
Pera o Ponente o vespero trazendo,
Estaua o claro dia memorado,
Quando o poder do Mauro grande & horêdo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade, que a memoria,
Nunca no mundo vio tam gram victoria:

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morrerão neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do aduersario,
Fez beber ao exercito sedento,
Nem o Peno asperissimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma:

OS LUSIADAS DE L. DE CAE

E se tu tantas almas fo podeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissam & vingança foy celeste,
E não força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois por I E S V certificado.

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homẽs desenterra,
Aconteceo da misera, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro Amor com força crua,
Que os corações humano tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lagrimas tristes se mit ga:
E por que queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano.

E stauas

Estavas linda Ines posta em sossego
 De teus annos, colhendo doce fructo,
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,
 Que a fortuna não deixa durar muito,
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes insinuando, & às eruinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,
 As lembranças que na alma lhe morauão,
 Que sempre ante seus olhos te trazião,
 Quando dos teus fermosos se apartauão
 De noite em doces sonhos, que mentião,
 De dia em pensamentos que voauão.
 E quanto em fim cuidava, & quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princesas,
 Os desejados tálamos engeita,
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
 Quando hum gesto suaue te sogeita:
 Vendo estas namoradas estranhezas,
 O velbo pay sefudo, que respeita
 O murmurar do pouo, & a fantasia
 Do filho, que casarse não queria.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue sô da morte indina,
Mitar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse aleuantada,
Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ a os horrificos algozes,
Ante o Rei, ja mouido a piedade:
Mas o pouo com falsas, & ferozes
Razões, aa morte crua o persuade:
Ella com tristes & piedosas vozes,
Saidas sô da magoa, & saudade
Do seu Principe, & filhos que deixaua,
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piedosos,
O olhos, por que as mãos lhe estaua atando,
Hum dos duros ministros rigurosos.
E despois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,
Cuja orfindade como mãy temia,
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

CANTO TERCEIRO.

58

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem tam piadoso sentimento,
Como co a mãy de Nino ja mostrârao,
E cos yrmãos que Roma edificârão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito
(Se de humano he, matar hũa donzella
Fraca & sem força, so por ter subjeito
O coração, a quem soube vencella.)
A estas criançinhas tem respeito,
Pois o não tês aa morte escura della,
Mouate a piedade sua & minha,
Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdela não fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem me em perpetuo & misero desterro,
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Poem me onde se vſe toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos não achey:
Ali co amor intrinſeco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias suas que aqui viſte,
Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoar-lhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & ſeu destino
(Que desta sorte e quis) lhe não perdoão,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra hũa dami, ô peitos carniceiros
Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

Quãl contra a linda moça Policena,
Conſolação extrema da mãy velha,
Porque a ſombra de Achilles a condena,
Co ferro e duro Pirro se aparelha:
Mas ella os albos com que o ar ſerena,
(Bem como paciente, & m. miſa ouelha)
Na miſera mãy puſtos, que endoudece
Ao duro ſacrificio ſe offerece.

Tais

CANTO TERCEIRO.

60.

Tais contra Inês os brutos matadores,
No colo de alabastro, que possinha
As obras com que amor matou de amores
Aquella que depois a fez Rainha:
As espadas banhando, & as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçauão, feruidos & yrosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seua mesa de Tyestes,
Quando os filhos por mão de Atreu comia.
Vos, ô concavos vales que podestes,
A voz extrema ouuir da boca fria,
O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,
Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,
Antes do tempo foy, candida & bella,
Sendo das mãos lacivas mal tratada,
Da minina que a trouxe na capella:
O cheiro traz perdido, & a cor murchada:
Tal está morta a palida donzella,
Secas do rosto as rosas, & perdida
A branca & viua cor, co a doce vida.

OS LUSIADAS DE. LI. DE CA.

As filhas do Morcego, a morte escura
Longo tempo chorando memorarão,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformarão:
O nome lhe poserão, que inda dura,
Dos amores de Ines que ali passarão.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizerão duro & injusto,
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,
De latrocinios, mortes & adulterios,
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,
Erão os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justicofo,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.
Do justo

Do justo & duro Pedro nasce o brando
 (Vede da natureza o desconcerto)
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,
 Que todo o Reino pos em muito aperto,
 Que vindo o Castelhana deuaſtando
 As terras sem defesa, esteue perto
 De destruirse o Reino totalmente,
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,
 De tirar Lianor a seu marido,
 E casar se co ella de enleuado,
 Num falso parecer mal entendido:
 Ou foy que o coração sogeito, & dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez, & fraco, & bem parece
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão sempre a pena.
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:
 Os que forão roubar a bella Elena,
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David Sancto se condena?
 Ou quem o Tribo illustre destruiu
 De Benjamim? bem claro nolo insina,
 Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.

E pois

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Almena se parece,
 Quando em Omfale andava transformado,
 De Marco Antonio a fama se escureçe,
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçãoado:
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,
 Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,
 Dos laços que amor arma brandamente
 Entre as rosas & a neve humana pura,
 O ouro, & o alabastro transparente
 Quem de hũa peregrina fern. osura
 De hum vulto de Medusa propriamente
 Que o coração conuerte que tem preso,
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
 Hũa suave & Angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas trãformãdo
 Que tiuesse contra ella resistencia:
 Desculpado por certo está Fernando,
 Pera quem tem de amor experencia:
 Mas antes tendo liure a fantasia,
 Por muyto mais culpado o julgaria.
 Fim.

 Canto Quarto.


Es pois de procello

sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,

Traz a manhaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Remouendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que tãbem se aproueitãrão,
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançãrão,
Ioanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser iste

O S L V S I A D A S D E . L : D E C A .

Ser isto ordenação dos ceos diuina,
Por finais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, & a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão
Disse, polo Reino Dom João.

Alteradas então do Reino as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, & euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos & parentes,
Do adultero Conde, & da Rainha,
Com quem sua incontinencia desonestá
Mais (depois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima & corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordēs) de alta torre
A quem ordēs, nem aras, nem respeito,
Quem nu por ruas & em pedaços feito.
Pode se

Podêse por em longo esquecimento,
 As cruezas mortais que Roma vio
 Feitas do feroz Mario, & do cruento
 Sylla, quando o contrario lhe fogio:
 Por isso Lianor, que o sentimento
 Do morto Conde ao mundo descobrio,
 Faz contra Lusitania vir Castilla,
 Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
 Co Castelhana está, que o Reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castilla aleuantada,
 Dizendo que esta filha ao pay succede:
 Suas forças ajunta pera as guerras
 De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,
 (Se foy) ja teue o nome diriuado
 Das terras que Fernando, & que Rodrigo
 Ganharão do tirano & Mauro estado:
 Não estimão das armas o perigo,
 Os que cortando vão co duro arado
 Os campos Lioneses, cuja gente,
 Cos Mouros foi nas armas excellente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA,

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauão
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauão,
Anobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauão:
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suaue & ledo,
Que das serras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias,
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou d'elle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioane

Ioane, a quem do peito o esforço creçe,
Como a Sansam Hebreo da guedelha,
Posto que tudo pouco lhe parece
Cos poucos de seu Reino se aparelha,
E não porque conselho lhe faleçe,
Cos principaes senhores se aconselha:
Mas so por ver das gentes as sentenças,
Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antigo se conuerte,
Em desusada & ma deslealdade,
Podendo o temor mais, gelado, inerte
Que a propria & natural fidelidade,
Negão o Rei & a patria, & se conuem
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
No forte dom Nimo alueres: mas antes
Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,
Reprouando as vontades inconstantes:
A aquellas duuidosas gentes disse,
Com palauras mais duras que elegantes,
A mão na espada irado, & não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.
Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de aver quem refuse o patrio Marte?
Como, desta provincia que princeza
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defeza,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sogento?

Como, não sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquez, feros & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxerão
Presos, afora a preja que tiuerão?

Com quem forão contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis & seu filho, sublimados
Se não cos vossos fortes pais & auôs?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Rei nouo,
Se he certo que co Rei se muda o pouo.

Rei

CANTO TERCEIRO.

65

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes
 Igual ao Rei que agora alienastestes,
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,
 Quanto mais a quem ja desbarastestes:
 E se com isto em fim vos não mouerdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atay as mãos a vosso vão receio,
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,
 (E dizendo isto arranca mea espada)
 Defenderey da força dura, & infesta
 A terra nunca de outrem sojugada,
 Em virtude do Rei, da patria mesta,
 Da lealdade ja por vos negada,
 Vencerey (não so estes aduersarios:)
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,
 Ia pera se entregar quasi mouidos
 A fortuna das forças Affricanas:
 Cornelio moço os faz, que compelidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas, nam deixarão em quanto a vida
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Destarte a gente força, & e força Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões
Remem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgão de Neptuno,
Brandindo, & volteando arremessoês,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Vua o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão
A guerra com que a patria se sostinha,
Hũs as armas alimpão & renouão,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos prouão,
Armase cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lãstrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto,
Com que passava Xerxes o Helesponto.

Dom

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
— Como ja o fero Humo o foy primeiro
Pera Franceses, pera Italianos,
Outro tambem famoso caualleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto pera mandalos, & regelos,
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
Antão vazquez de Almada he Capitão,
Que despois foy de Abranches nobre Conde,
Das gentes vay regendo a seſtra mão,
Logo não retagoarda não se esconde,
Das quinas & castellos o pendão,
Com Ioanne Rey forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mais, irmãs, damas, & esposas
Prometendo jejús, & romarias:
Ia chegão as esquadras bellicosas,
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duuida concebem.

1 2 Recebem

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferезes volteão as bandeiras,
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entraem Astrea o Sol, no mes de Agosto,
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,
A tras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
E as mãis que o som terribil escuitârão,
Aos peitos os filhinhos apertârão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao coração acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir, que he per da grande & rara
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

Começase a trauar a incerta guerra,
 De ambas partes se moue a primeira ala,
 Hũs leua a defensam da propria terra,
 Outros as esperanças de gambala:
 Logo o grande Pereira em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se a sinala
 Derriba, & encontra, & a terra ẽ fim semea
 Dos que a tanto desejão, sendo alhea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes
 Farpões, setas, & varios tiros voão,
 Debaxo dos pês duros dos ardentes
 Caualllos, treme a terra, os vales soão:
 Espedação se as lanças, & as frequentes
 Quedas, co as duras armas tudo atroão:
 Recreçem os immigos sobre a pouca
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
 (Caso feo & cruel.) mas não se espanta,
 Que menos he querer matar o yrmão,
 Quem contra o Rei & a patria se aleuanta:
 Destes arrenegados muitos sam,
 No primeiro esquadrão, que se adianta,
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)
 Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes grauíssimos castigos
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vão:
Esta ali Nuno, qual pellos outeiros
De Ceita está o fortissimo lião
Que cercado se ve dos caualleiros
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguem no com as lanças, & elle iroso
Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal está o caualeiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio

Sentio loane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitão,
 Tudo corria, & via, & a todos daua
 Com presença & palauras coração:
 Qual parida Lioa fera & braua
 Que os filhos que no ninho sôs estão
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Missilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos
 Os montes sete Irmãos atroa & abala,
 Tal loane com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:
 O fortes companheiros, o subidos
 Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, estâ na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
 Que entre as lanças & setas, & os arneses
 Dos inimigos corro, & vou primeiro
 Pelejay verdadeiros Portugueses.
 Isto disse o magnanimo guerreyro
 E sopesando a lança quatro vezes,
 Com força tira & deste vnico tiro
 Muytos lançarão o vltimo suspiro,

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Porque eis os seus acesos nouamente
Dhũa nobre vergonha & honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerâ, do Marcio jogo
Porfião: tinge o ferro o fogo ardente
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assi recebem junto & dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandão ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua:
O Mestre morre ali de Sanctiago
Que fortissimamente pelejava
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatraua
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados:

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo
Onde o Trifauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passão deste mundo
E porque mais aqui se amanse & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foy derribada os pês da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encruuece
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas
 A multidão da gente que perece
 Tem as flores da propria cor mudadas:
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece
 O furor, & sobejão as lançadas,
 Ia de Castella o Rey desbaratado
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor
 Contente de lhe não deixar a vida
 Seguẽ no os que ficarão, & o temor
 Lhe da não pês, mas asas aa fugida:
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da desonra, & triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando
 Do primeyro que guerra fez no mundo
 Outros a sede dura vão culpando
 Do peito cobicofo & sitibundo:
 Que por tomar o alheo, o miserando
 Pouo aventura aas penas do profundo
 Deixando tantas mãis, tantas esposas
 Sem filhos, sem maridos de jduojas.

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

O vencedor loanne esteue os dias
Costurnados no campo, em grande gloria
Com offertas despois, & romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno que não quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria
Se não por armas sempre soberanas
Pera as terras se passa Trãstaganas;

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoal o effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo & o vencimento
Ia de Siuilha a Betica bandeira
E de varios senhores nũ momento
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente
Erão os Castelhanos opprimidos
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Aas duas Illustrissimas Inglesas
Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Não

Não sofre o peito forte vsado aa guerra
Nãõ ter imigo ja a quem faça dano,
E assi nãõ tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Oceano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vãõ ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamento
De Ceita toma, & o torpe Mahometa
Deita fora, & segura toda Espanha
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Nãõ consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tãõ ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,
E aumentasse a terra mais que dantes
Inclita gêração, altos Infantes.

Nãõ

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Não foy do Rey Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, & neste Rey
Não vsou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando
Que a tão altas empresas aspiraua
Que por saluar o pouo miserando
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
Sô por amor da patria está passando
A vida de senhor a feyta escrava,
Por não se dar por elle ha forte Ceita
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espinha não temesse
A captiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas

CANTO QVARTO. 71

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro,
 Tornou em baxa & humilima miseria,
 For a por certo innicto caualleiro,
 Se não quizer a yr ver a terra Iberia:
 Mas Affrica dira ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Terintio colher pode,
 Do jugo que lhe pos o brauo Mourro,
 A ceruiz inda agora nam sacode:
 Na frente a palma leua, & o verde louro,
 Das victorias do barbaro, que acode.
 A defender Alcacer forte villa,
 Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaxarão de Diamante,
 Aas Portuguesas forças costumadas,
 A derribarem quanto achão diante,
 Marauilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dinas elegante,
 Fizerão caualleiros nesta empresa.
 Mais, affinando a fama Portuguesa.
 Porem.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Porem despois tocado de ambição,
E gloria de mandar amara & bella,
Vay cometer Fernando de Aragão,
Sobre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multidão,
Das soberbas & varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo loame, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que então lhe foy ajuda não pequena,
Saiose em fim do trance perigoso,
Com fronte não toruada, mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,
Gentil, forte, animoso caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Deſta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar matârão
Nos Philipicos campos se vingârão.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,
 Affonso apouzentou no Ceo sereno,
 O Principe que o Reino então gouerna,
 Foy Ioanne segundo; & Rei terzeno:
 Este por auer fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passarão
 Espanha, França, Italia celebrada,
 E la no illustre porto se embarcãõ,
 Onde ja foy Partenope enterreada,
 Napoles onde os fados se mostrãõ,
 Fazendoa a varias gentes subjugada,
 Pola illustrar no fim de tantos annos,
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegãõ,
 Vão se aas praias de Rodas arenosas,
 E dali aas ribeiras altas chegãõ,
 Que com morte de Magno sam famosas:
 Vão a Menfis, & aas terras que se regãõ,
 Das enchentes Niloticas vndosas,
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
 Que de Christo la guarda o sancto rito:
 Passara

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lbe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael to nome ornou:
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia
Do Indo, pellas ondas do Occeano,
Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria:
Mas de vias tão asperas, tamanhas
Tornarse facilmente não podia,
La morrerão em fim, & la ficarão.
Que aa desejada patria não tornârão.
Parece

Parece que guardava o claro Céu
 A Manoel, & seus merecimentos,
 Esta empresa tão ardua, que o moueo
 A subidos & illustres mouimentos:
 (Manoel, que a loane socedeo
 No reino, & nos altiuos pensamentos)
 Logo como tomou do reino cargo
 Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficâra
 De seus antepassados, (cujo intento,
 Foy sempre acrecentar a terra chara)
 Não deixasse de ser hum so momento
 Conquistado: No tempo que a luz clara
 Foge, & as estrellas nitidas que saem
 A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito
 Onde ymaginações mais certas sam,
 Reuoluendo contino no conceito
 De seu officio, & sangue a obrigação,
 Os olhos lhe occupou o sonno acceito
 Sem lhe desoccupar o coração,
 Porque tanto que lasso se adormece
 Morfeo en varias formas lhe aparece.

K Aquis

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto que tocava aa prima Esphera,
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha. & feras:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiquos longinquos & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aves agrestes, feras & alimariis

Pello monte seluatico habitauão,
Mil arvores syluestres & eruas varias
O passo & o trato aas gentes atalhauão:
Estas duras montanhas aduersarias
De mais conuersação, por si mostrauão
Que de sque Adão peccou aos nossos annos
Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião

Por elle os largos passos inclinando,
Dous homẽs, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gozas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrada
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Dambos

Dambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos & eruas tinha,
 Hum delles a presença traz cansada
 Como quem de mais longe ali caminha,
 E assi a agoa com impito alterada
 Parecia que doutra parte vinha,
 Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa
 Destarte pera o Rey de longe brada,
 O tu a cujos reinos & coroa
 Grande parte do mundo esta guardada,
 Nos outros, cuja fama tanto voa
 Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
 Te auisamos que he tempo que ja mundes
 A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,
 Estoutro he o Indo Rey que nesta serra
 Que vês, seu nacimiento tem primeiro:
 Custartemos com tudo dura guerra,
 Mas insistindo tu por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receyo
 A quantas gentes vês poras o freyo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Não disse mais o rio illustre & sancto,
Mas ambos desaparecem num momento,
Acor da Emanuel cum nouo espanto
E grande alteração de pensamento:
Estendeo nisto Febo o claro manto
Pello escuro Emisperio somnolento:
Veyo a menham no ceo pintando as côres
De pu libunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho
E propõe lhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos forão grande admiração:
Determinão o nautico aparelho
Pera que com sublime coração
Vaa a gente que mandar cortando os mares:
A buscar novos climas, novos ares..

Eu que bem mal cuidaua que em effeito
Se possesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me prometia:
Não sey porque razão, porque respeito,
Ou porque bom final que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chaue
Deste cometimento grande, & graue.
E com

E com rogo & palauras amorosas
 Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas
 Se alcanção com trabalho & com fadiga:
 Faz as pessoas altas & famosas
 A vida que se perde & que periga,
 Que quando ao medo infame não se rende
 Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para hũa empresa qual a vos se deue,
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,
 O que eu sey que por mi vos será leue:
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
 He tão pouco por vos, que mais me pena
 Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,
 O lião Cleonêo, Arpias duras
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:
 Decer em fim aas sombras vans & escuras
 Onde os campos de Dite a Estige laua,
 Porque a mayor perigo, a mior affronta
 Por vos, o Rey, o esprito & carne he prõpta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agardece
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanhar me logo se offerece
Obrigado da amor & da amizade,
Não menos cobicoso de honra & fama,
O charo meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho
Dexperencia em armas & furor:
La de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valor,
Todos de grande esforço, & assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos soccedessem:
Assi forão o Mynias ajuntados
Pera que o deo dourado combatessem,
Na Fatidica nao, que ou sou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja no porto da inclita *Vlissea*
Cum aluoroço nobre, & cum desejo,
(Onde o licor mestura & branca area
Co sa'gado *Neptuno* o doce *Tejo*.)
As naos prestes estão, & não refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima & a de *Marte*
Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados

De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados
Ondeão os aerios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no Olimpo estrellas como a de *Argos*.

Despois de aparelhados desta sorte

De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a *Etherea* corte
Sostenta so coa vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse
E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo
Que nas Praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certifico te, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado,
Cheyo dentro de duuida & receyo
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Agente da cidade aquelle dia
(Hũs por amigos, outros por parentes,
Outros por ver samente) concorria
Saudosos na vista & descontentes:
E nos coa virtuosa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso
Por perdidos as gentes nos julgauão,
As molheres cum choro piadoso,
Os homẽs com suspiros que arrancauão:
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauão
A desesperação, & frio medo
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual.

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha
So pera refrigerio, & doce emparo
Desta cansada ja velhice minha,
Que em choro acabarâ, penoso & amaro:
Porque me deixas, misera & mezquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funereo enterramento
Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabello: O doce & amado esposo
Sem quem não quis amor que viuer possa,
Porque is auenturar ao mar iroso
Essa vida que he minha, & não he vossa?
Como por hum caminho duuidoso
Vos esquece a afeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que dizião
De amor, & de piadosa humanidade,
Os velhos & os mininos os seguião
Em quem menos esforço poẽ a ydade:
Os montes de mais perto respondião
Quasi mouidos de alta piedade,
A branca areia as lagrimas banhaõ
Que em multidão co ellas se ygoalauão:

Nos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nos outros sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do preposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor vsança boa
Aquem se aparta, on fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,
Que ficaua nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber so dexperiencias feyto
Tais palavras tirou do experto peito:

O gloria de mandar, o vã cubiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudolento gosto, que se atiça
Cua aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho & que justia
fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

Dura inquietação dalma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reynos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quem se o pouo nescio engana.

A que novos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faras tão facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano
Cujos peccado & desobediencia,
Não somente do reino soberano
Te pas neste desterro & triste ausencia:
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Ila de douro, tanto te priuou
Que na de ferro & darmas te deitou.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

La que nesta gostosa vaidade
T'anto enleuas a leue fantasia,
La que aa bruta crueza & feridade
Poseste nome esforço & valentia,
La que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que deuia
De ser sempre estimada, pois que ja
Temeo tanto perdella quem a dá.

Não tens junto com tigo o Ismaelita
Com quem sempre teras guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a ley maldita,
Se tu polla de Christo so pellejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras & riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado
Se queres por victorias ser louuado?


Deixas criar aas portas o inimigo
Por yres buscar outro de tão longe,
Por quem se despouoe o reino antigo
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:
Buscas o incerto & incognito perigo
Porque a fama te exalte & te lisonge,
Chamando te senhor com larga copia
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.
O maldito

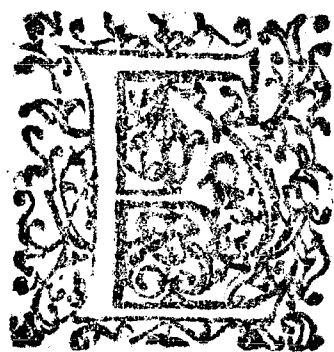
O mal lito o primeiro que no mundo
- Nas ondas vella pôs en seco lenbo,
Dino da eterna pena do profundo
Se he justa a justa ley que sizo & tenbo:
Nunca juyzo algum alto & profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenbo,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto milhor nos fora Prometeo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio
O grande Architector co filho, dando
Hum nome ao mar, & o outro, fama ao rio:
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
Deixa intentado a humana geração:
Miseria sorte, estranha condição!

F I M.

 Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando estava, quando a-
brimos

As ajas ao sereno & sossegado

Vento, & do porto amado nos partimos:

E como he ja no mar costume usado

A vella desfraldando o ceo ferimos,

Dizendo Boa viagem, logo o vento

Nos troncos fez o usado mouimento.

Entruaa neste tempo o eterno lume,

No animal Nemejo truculento,

E o mundo que com tempo se consume

Na seista idade andaua enfermo & lento:

Nella ve, como tinha por costume

Curfos do Sol quatorze vezes cento,

Com mais nouenta & sete, em que corria

quando no mar a armada se estendia.

las

Ia a vista pouco & pouco se desterra
 Daquelles patrios montes que ficauão,
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
 De Sintra, & nella os olhos se alongauão:
 Ficauanos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lá diyxauão,
 E ja despois que toda se escondio
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assim fomos abrindo aquelles mares
 Que geração algũa não abrio,
 As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,
 Que o generoso Enrique descobrio:
 De Mauritania os montes & lugares
 Terra que Anteo num tempo possuyo,
 Deyxando a mão esquerda, que aa direita
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
 Que do muito aruoredo assi se chama,
 Das que nos pouoamos, a primeira,
 Mais celebre por nome, que por fama:
 Mas nem por ser do mundo a derradeira
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,
 Antes sendo esta sua se esquecera
 De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.
 Deixamos

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa
Onde seugado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as ervas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim desposta,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava & rega
Do negro Sanayá a corrente fria,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas
Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas:
Terras por onde nouas maravilhas
Andarão vendo ja a nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.
A aquella

Aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenso lago,
Do salgado Oceano, & assi deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficaua ao Oriente,
A prouincia laloso, que reparte
Por diuersas naçoës a negra gente:
A muy grande Mandinga, por cuja arte,
Logramos o metal rico & luzente,
Que do curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas
Das Irmaãs, que outro tempo ali viuião,
Que de vista total sendo priuadas
Todas tres dhum so olho se seruião:
Tu so, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno la nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea
De biuoras encheffe a ardente area.

L Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CIA

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
No grandissimo golfão nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lyoa
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que ali temos,
Ficou, co a Ilha illustre que tomou
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo
Por nos ja conuertido â fee de Christo,
Por onde o Zaire passa claro & longo
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conbecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

La descuberto tinhamos diante
La no nouo Hemisperio noua estrella,
Nã vista de outra gente, que ignorante
Algũs tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nã jabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

CANTO QUINTO.

12

Assi passando aquellas regioes
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous inuernos fazendo & dous veroes
Em quanto corre dhum ao outro Polo:
Por calmas. por tormentas & oppressoes
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrsas a pesar de Iuno
Banharemse nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homes não entendem,
Subitas trouoadas temercsas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouoes que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contão por certos sempre & verdadeiros
Iulgando as cousas so polla apparencia.
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro engenho & por ciencia,
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vi claramente visto o lume viuo

Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempesta le escura & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Ver as nuuẽs do mar com largo cano
Seruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo

Que a vi'ta me enganaua) leuantar se,
No ar hum vapor zinho & sutil fumo
E do vento trazido, rodearse:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se viu, tão delgado que enxergarse
Dos olhos facilmente não podia,
Da materia das nuuẽs parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando

E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alirga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupauas.
Estaua se co as ondas on leando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazend se mayor, mais carregada
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

Qual roxa Sangue suga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
Chupando mais & mais se engrossa & cria,
Ali se enche & se alarga grandemente,
Tal a grande columna, enchendo aumenta
A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou
O pè que tem no mar a si recolhe,
E pello ceo chouendo em fim voou
Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
Aas ondas torna as ondas que tomou:
Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
Vejaõ agora os sabios na escriptura
Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão
Tantas terras, por ver segredos dellas,
As maravilhas que eu passei, passarão
A tão diuersos ventos dando as vellas:
Que grandes escripturas que deixarão
Que influicão de sinos & de estrellas,
Que estranhezias, que grandes qualidades,
E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:
Quando da Eterea gauea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra, brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuës se começãõ
A descubrix os montes que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçãõ,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheçãõ
As partes tão remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuençãõ de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estrañas desejoza
Da terra que outro pouo não pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado
 Do Semicapro pexe a grande meta,
 Estando entre elle & o circulo gelado
 Austral, parte do mundo mais secreta:
 Eis de meus companheiros rodeado
 Vejo hum estranho vir de pelle preta,
 Que tomarão per força, em quanto apanha
 De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle
 Que não se vira nunca em tal estremo,
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
 Seluagem mais que o bruto Polifemo:
 Começolhe a mostrar da rica pelle
 De Colcos o gentil metal supremo,
 A prata fina, a quente especiaria:
 A nada disto o bruto se movia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
 Contas de Christalino transparente,
 Alguns soantes cascaueis pequenos,
 Hum barrete vermelho, cor contente:
 Vi logo por sinais & por acenos
 Que com isto se alegra grandemente,
 Mas lo o soltar com tudo, & assi cantou
 Pera a pouoação, que perto tinha.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Tolos n'us, & da cor da escura treua,
Decendo pellos asperos outeiros.
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato.
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado

E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom final saber procuro:
Estando, a vista alcada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha.
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa

Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem vesse em pressa.
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descuberto.

Da

Da espessa nuuem setas & pedradas
Chouem sobre nos outros sem medida,
E não forão ao vento em vão deitadas
Que esta perna trouxe eu dali ferida:
Mas nos como pessoas magoadas
A reposta lhe demos tão tecida,
Que em mais que nos barretes se sospêita
Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento
Logo nos recolhemos pera a armada,
Vendo a malicia fea & rudo intento
Da gente bestial, bruta & maluada:
De quem nenhum milhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muyto longe della
E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando se todos a sorrir)
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
He milhor de decer que de subir:
Si he, responde o ousado aventureiro
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
Daquelles caës, de pressa hum pouco vim:
Por me lembrar que estaueis ca sem mim.

Contou.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Contou então que tanto que passarão
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o não deixarão,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornando se, logo se embofcarão
Por que saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados!
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre noſſas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha & carregada,
Que pos nos coraçõs hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se deſſe em vão nalgum rochedo:
O potestade, disse, sublimada
Que ameação diuino, ou que segredo,
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que mór couſa parece que tormenta?

Não

Não acabava, quando bũa figura
Se nos mostra no ar, robusta & valida,
De disforme & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:
Os olhos encouados, & a postura
Medonha & maa, & a cor terrena & palida,
Cheos de terra & crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificarte, que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum tom de voz nos falli horrendo & grosso
Que pareceo sair do mar profundo,
Arrepião se as carnes & o cabelo
A mi, & a todos, soo de ounilo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes & tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas,
Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho
Nunca arados de tranho, ou proprio lenho.

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga terão esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio summa vingança,
E não se acabará so niſto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,
 Serey eterna & noua sepoltura
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porã da Turca armada dura
 Os soberbos & prosperos tropheos,
 Comigo de seus danos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaca.

Outro tambem virã de honrada fama
 Liberal, caualeiro, enamorado,
 E consigo trará a fermosa da na
 Que Amor por gram merce lhe terá dado:
 Triste ventura, & negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro & yrado,
 Os deixará dhum crú naufragio viuos
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
 Em tanto amor gêra los & nacidos,
 Verão os Cafres asperos & auaros
 Tirar aa lin la da na seus vestidos.
 Os cristalinos membros & perclaros
 Aí calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pisada longamente
 Cos delicados pês a area ardente.

E verão

E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na feruida & implacabil espessura:
 Ali despois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
 Atracados as almas soltaram
 Da fermosa & miserrima prisam.

Mais bia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
 Corpo, certo me tem marauilhado.
 A boca & os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso & grande brado,
 Me respondeo, com voz pesada & amara
 Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
 A quem chamais vos outros Tormentorio,
 Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, & quantos passarão fuy notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto Promontorio,
 Que pera o Polo Antartico se estende
 A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,
Chameime Adamastor, & fuy na guerra
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
Não que possesse serra sobre serra
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fuy capitão domar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo
Me fizeram tomar tamanha empresa,
Todas as Deosas desprezey do ceo
So por amar das agoas a Princeza:
Hum dia a vi coas filhas de Nereo
Sayr nua na praya, & logo presa,
A vontade senti, de tal maneira
Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançalla
Polla grandeza fea de meu gesto;
Determiney por armas de tomalla
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa então por mi lhe falla:
Mas ella cum fermoso riso benêsto,
Respondeo: Qual sera o amor bastante
De Nimpha que sustente o dhum Gigante.

Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Com tudo por liurarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherão-me com grandes abundanças
O peito de desejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo
Húa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deste corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua.
Estando cum penedo fronte a fronte
Que uo pollo rosto angelico apertava,
Não fiquey humem não, mas mudo & quedo
E junto d'hum penedo outro penedo
O nimpha

O Nimpba a mais fermosa do Oceano
 la que minha presença não te agrada,
 Que te custaua ternie neste engano,
 Ou fosse monte, niuem, sonho, ou nada:
 Daqui me parto irado, & quasi insano
 Da magoa & da desonra ali passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
 Vencidos & em miseria extrema postos,
 E por mais segurar se os Deoses vãos
 Algũs a varios montes sottopostos:
 E como contra o Ceo não valem mãos,
 Eu que chorando andaua meus desgostos,
 Comecey a sentir do fado imigo
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertese me a carne em terra dura,
 Em penedos os ossos se fizerão,
 Estes membros que ves & esta figura
 Por estas longas agoas se estenderão:
 Em fim minha grandissima estatura
 Neste remoto cabo conuerterão
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

Assi contava & cum medonho choro
 Subito dante os olhos se apartou,
 Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro
 Bramido, muito longe o mar soou:
 Eu, leuando as mãos ao sancto coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deos pedi que remouesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
 Cos outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foy mostrando
 Em que foy conuertido o grão gigante:
 Ao longo desta costa, começando
 Ia de cortar as ondas do Levante,
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya
 Posto que todos Etiopes erão,
 Mais humana no trato parecia
 Que os outros, que tão mal nos receberão.
 Com bailos & com festas de alegria
 Pella praya arenosa a nos vierão,
 As molheres consigo & o manso gado
 Que apacentarão, gordo & bem criado.

CANTO QUINTO:

96

As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rústicas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratarão,
Trazendonos galinhas & carneiros
A troco doutras peças que leuarão:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançarão
Que desse algum sinal do que buscamos:
As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi contava & cum medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, leuando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que remouesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyrois vinhão tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy conuertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
La de cortar as ondas do Leuante,
Por ella abaixo hum pouco nauegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes erão,
Mais humana no trato parecia
Que os outros, que tão mal nos receberão.
Com bailos & com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos vierão,
As molheres consigo & o manso gado
Que apacentanão, gordo & bem criado.

CANTO QUINTO: 96

As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos tratarão,
Trazendonos galinhas & carneiros
A troco doutras peças que leuarão:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançarão
Que desse algum sinal da que buscamos:
As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, onde veyo
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, & descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

M 2 Daqui

Daqui fomos cortando muitos dias
 Entre tormentas tristes & bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias
 So conduzidos de arduas esperanças:
 Co mar hum tempo andamos em porfias
 Que como tudo nelle jam mudanças,
 Corrente nelle achamos tão possante
 Que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia
 Segundo pera tras nos obrizaua,
 Do mar, que cantro nos ali corria
 Que por nos a do vento que assopraua:
 Injuriado Noto da porfia
 Em que co mar (parece) tanto estaua
 Os assopros esforç a iradamente
 Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado
 Em que tres Reis das partes do Oriente,
 Forão buscar hum Rey de pouco nado
 No qual Rey outros tres ha juntamente:
 Neste dia outro porto foy tomado
 Por nos, da mesma ja contada gente,
 Num largo rio, ao qual o nome demos
 Do dia em que por elle nos metemos

Destá

Desta gente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agoa, mas com tudo
 Nenhum sinal aqui da India achamos
 No pouo com nos outros casi mudo:
 Ora vê Rey quamanha terra andamos
 Sem sair nunca deste pouo rudo,
 Sem vermos nunca noua, nem sinal,
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados
 Por climas & por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão cansados
 Quanto a desesperar ja compellidos,
 Por ceos não naturais, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento
 Danoso & mão ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento
 Que sequer da esperança fosse engano:
 Cres tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados, não fora Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rey & a seu regente?

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Cres tu que ja não forão leuantados
Contra seu capitão se os resistira,
Fazendo se Piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estão prouados
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquelle Portuguesa alta excellencia
De lealdade firme, & obediencia.

Deixan lo o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desjuo
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso & frio
Nã nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquelle banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada & geme
A proa inclina dhũa & doutra nao.
Quando in lo o coração que espera & teme
E que tanto fiou dhum fraco pao,
Do que esperaua ja desesperado
Foy dhũa novidade aluoroçado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & valles bem se vião,
 Num rio, que ali sae ao mar aberto
 Bateis aa vela entrauão & sayão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Achamos ja pessoas que sabião
 Nauegar, por que entrellas esperamos
 De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente milhor comunicauão,
 Palaura algũa Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauãa,
 Com otro que de tinta azul se tinge
 Cadahum as vergonhojas partes cinge.

Pella Arabica lingua que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoalão
 As nossas, o seu mar se corta & fende.
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende,
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente assi como nos da cor do dia.

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Muy grandemente aqui nos alegramos
Coa gente, & com as nouas muito mais.
Pellos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bons sinais:
Hum padrãõ nesta terra aleuamos
Que pera asinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinbos,
Nojosa criação das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminos
Longos do mar, vem sordidas & immundas:
Dos ospedes que tinhamos vizinhos
Com mostras apraziueis & jocundas,
Ouuemos sempre o vsado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande & immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desuentura:
Assi no ceo sereno se dispensa,
Coesta condição pesada & dura
Nacemos, o pesar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy que de doença crua & feya
 A mais que eu nunca vi, desepararão
 Muitos a vida, & em terra estranha & alheia
 Os ossos pera sempre sepultarão:
 Quem auerâ que sem o ver o creya
 Que tão disformemente ali lhe incharão,
 As gingiuas na boca, que crecia
 A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Sururgião sutil menos se achaua:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pella carne ja podre assi cortaua,
 Como se fora morta, & bem conuinha
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixamos pera sempre os companheiros,
 Que em tal caminho & em tanta desventura
 Forão sempre com nosco aventureiros:
 Quam facil he ao corpo a sepultura
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,
 Estranhos, a simeismo como aos nossos,
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi

Assim que deste porto nos partimos
 Com mayor esperança & mór tristeza,
 E pella costa abaixo o mar abrimos
 Buscando algum sinal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique em fim surgimos,
 De cuja falsidade & mâ vileza
 Ia seras sabedor, & dos enganos
 Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura & doce tratamento,
 Dará saude a hum viuo, & vida a hũ morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Noua quietação do pensamento
 Nos deste, & vês aqui se atento ouuiste,
 Te contey tudo quanto me pediste.

Julga agora Rey se ouue no mundo
 Gentes que tais caminhos cometessem?
 Crês tu que tanto Eneas & o facundo
 Visses, pello marando se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo
 Por mais versos que d'elle se escreuessem,
 Do que eu vi, a poder desforço & de arte,
 E do que mda ei de ver, a oitaua parte?

Esse

Esse que bebo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, & Salamina:
E soutro que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona & diuina
Ouin lo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tibre co som se enjoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos
Desses seus Semideoses, & encareção,
Fingindo Magas Circes, Polifemos,
Syrenas que co canto os adormeção:
Dem lbe mais nauegar â vella & remos
Os Cicones, & a terra onde se esquecem
Os companheiros em gostando o Loto,
Dem lbe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lbe finjão & imaginem
Dos odres, & Calipsos namoradas,
Harpias, que o manjar lbe contaminem
Decer aas sombras nuas ja passadas.
Que por muito & por muito que se afinem
Nestas Fabulas vaãs tambem janhadas,
A verdade que eu conto nu. a & pura
Vence toda grandiloca escriptura.

De

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Da boca do facundo capitão
Pendendo estauão todos embibidos,
Quando deu fim aa longa narração
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,
Da gente louua a antiga fortaleza,
A lealdade da animo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira
O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tão longos caminhos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria
Dos proprios feitos, quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As emjeas da illustre & alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta & incita.
Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na pelleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos
Versos, isso so louua, isso deseja:
Os tropheos de Melciades famosos
Temistocles despertão so de enueja,
E diz, que nada tanto o deleitaua
Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas nauegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria & fama:
Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
Si mas aquelle Heroe que estima & ama
Com doês, merces, fauores, & honra tanta.
A lira Mantuana faz que soe
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dã a terra Lusitana Scipioês
Cesares, Alexandros, & da Augustos,
Mas não lhe dà com tudo aquelles doês
Cuja falta os faz duros & robustos:
Oçtauiio, entre as mayores oppressões
Compunha versos doutos & venustos,
Não dirã Fuluia certo que he mentira
Quando a deixaua Antonio por Glasira.
Vay

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Vay Cesar se jugando toda França
 E as armas não lhe empedem a sciencia,
 Mas nũa mão a pena, & noutra a lança
 Igoalaua de Cicero a eloquencia:
 O que de Scipião se sabe & alcança
 He nas comedias grande experiencia,
 Lia Alexandro a Homero de maneira
 Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão
 Que não fosse também douto & sciente,
 Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
 Se não da Portuguesa tão somente:
 Sem vergonha o não digo, que a rezão
 Dalgum não ser por versos excelente,
 He não se ver prezado o verso & rima,
 Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura
 Não ha também Virgilios nem Homeros,
 Nem auerá se este costume dura
 Pios Eneas, nem Achilles feros:
 Mas o pior de tudo he que a ventura
 Tão asperos os fez, & tão Austeros,
 Tão rudos, & de ingenho tão remisso
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

Aas Musas agardeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome & fama
De toda a illustre & bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As tellas douro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he somente o proposto
Das Tagides gentis, & seu respeito:
Porem não deixe em fim de ter desposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

Canto Seifto.



A M fabia em que

modo festejaffe

O Rey Pagão os fortes nauegan-
tes,

Pera que as amizades alcançaffe

Do Rey Chrifião, das gentes tão poífantes:

Pefalhe que tão longe o apoufentaffe

Das Europeas terras abundantes,

Aventura, que namno fez vizinho

Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias

A feundo a policia Melindana,

Com vjadas & ledas pescarias

Com que a Lageia Antonio alegre & engana:

Este famoso Rey todos os dias

Fefteja a companhia Lufitana,

Com banquetes, manjares defufados

Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha
 Ia mais do que deuia, & o fresco vento
 O conuida que parta & tome asinha,
 Os Pilotos da terra & mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito pera cortar do salso argento,
 Ia do Pagão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Frotas visitado,
 Que nenhum outro bem mayor deseja
 Que dar a tais baroës seu reino & estado:
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estara de continuo aparelhado,
 A pôr a vida & reino totalmente
 Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

Outras palavras tais lhe respondia
 O Capitão, & logo as vellas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
 No Piloto que leua não auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauegação certa, & assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

N

As

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As on las nauegação do Oriente

La nos mares da India, & enxergauão

Os talamos do Sol, que nace ardente,

La quasi seus desejos se acabauão:

Mas o mau de Tioneo, que na alma sente

As venturas que então se aparelhauão

Aa gente Lusitana dellas dina,

Arde, morre, blasfema & desatina.

Via estar todo o Ceo determinado

De fazer de Lisboa noua Roma,

Não no pode estoruar, que destinado

Estã doutro poder que tudo doma,

Do Olimpo dece em fim desesperado

Nouo remedio em terra busca, & toma,

Entra no humido reino, & vaixe aa corte

Dequelle, a quem o mar cayo em forte.

No mais interno fundo das profundas

Cauernas altas, onde o mar se esconde,

La donde as ondas saem furibundas,

Quando aas iras do vento o mar responde,

Neptuno mora, & morão as jocundas

Nereidas, & outros Deoses do mar, onde

As agoas campo deixão aas cidades,

Que habitão estas humidas deidades.

Dj cobre

Descobre o fundo nunca descuberto
 As areas ali de prata fina,
 Torres altas se vem no campo aberto
 Da transparente massa cristalina,
 Quanto se chegão mais os olhos perto,
 Tanto menos a vista determina
 Se he cristal o que vê, se diamante,
 Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas
 Do rico aljofar que nas conchas nace,
 De esculptura fermosa estão lauradas,
 Na qual do irado Baco a vista pace:
 E vê primeiro em cores variadas
 Do velho Chaos a tão confusa face,
 Vem se os quatro elementos trasladados
 Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,
 Que em nenhũa materia se sustinha,
 Daqui as cousas viuas sempre anima,
 Depois que Prometeo furtado o tinha:
 Logo a pos elle leue se sublima
 O inuisibil Ar, que mais asinha
 Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
 Algum deixa no mundo estar vazio.

N 2 Estaua

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Estava a terra em montes reueſtida
De verdes eruas & aruores floridas,
Dando paſto diuerſo & dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma ali eſtaua eſculpida
Das agoas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos,
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida eſtaua a guerra
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,
Eſta Tifeo debaixo da alta ſerra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Eſculpido ſe vê ferindo a terra.
Neptuno, quando as gentes ignorantes.
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira
De Minerua pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado
Na viſta deſtas couſas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que auisado
Da vinda ſua, o eſtaua ja aguardando:
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que ſe eſtão marauilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.

O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baco nos teus reinos receberes,
 Porque também cos grandes & possantes
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os Deoses do mar, antes
 Que fale mais, se ouir me o mais quiseres,
 Verão da desventura grandes modos,
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria

Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
 Que o mar habitão dhũa & doutro banda,
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rey, & de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro & feyo
 Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
 Da cabeça nos ombros, todos erão,
 Hũs limos prembes d'agoa, & bem parecem
 Que nunca brando pentem conhecerão:
 Nas pontas pendurados não falecem
 Os negros Misilhoës, que ali se gerão,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Hũa muy grande casca de Lagosta.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nũ, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento & cento:
excois. Camaroës, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebe crescimento,
Ostras, & Camaroës do musco çijos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocaua,
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar, que longe retumbaua:
La toda a companhia apercebida
Dos Deoses, pera os paços caminhaua
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nymphas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tambem, mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha,
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa
Que se amansaua o mar de marauilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino dexa ver-se,
Que tanto bem não he pera esconder-se.

Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso não quis que falecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
Cos olhos que de tudo sam senhores
Qualquer parecera que o Sol venceesse,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamanté
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & aas vezes pella areia
No colo o toma a bella Panoepa.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em peixe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circes tinha usado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

La finalmente todos assentados

Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia em cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto

Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro albeyo, fala desta sorte.

Princepe

Principe que de juro senboreas
 Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado:
 E tu padre Oceano, que rodeas
 O mundo vniuersal, & o tens cercado:
 E com justo decreto assi permites,
 Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis
 Injuria algũa em vosso reino grande,
 Que com castigo ygoal vos não vingueis,
 De quemquer que por elle corra, & ande:
 Que descuido foy este em que viueis?
 Quem pode ser que tanto vos abrande,
 Os peitos, con razão endurecidos
 Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
 Forão ja cometer o Ceo supremo,
 Vistes aquella insana fantasia
 De tentarem o mar com vella & remo:
 Vistes, & ainda vemos cada dia,
 Soberbas & insolencias tais, que temo
 Que do mar & do Ceo em poucos anos,
 Venhão Deoses a ser, & nos humanos.
 Vedes

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Vedes agora a fraca geração
Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altiuo coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deuassando
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentirão,
Vos a quem mais compete esta vingança,
Que esperais, porque a pondeis em tardança?

E não consinto Deoses que cuideis
Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

Que

Que o gran Senhor & fados que destinão,
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,
 Famas mores que nunca determinão
 De dar a estes baroës no mar profundo:
 Aqui vereis o Deoses como insinão
 O mal tambem a Deoses: que a segundo
 Se ve, ninguem ja tem menos valia
 Que quem com mais razão valer deuia:

E por isso do Olimpo ja fugi,
 Buscando algum remedio a meus pesares,
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,
 Se por dita acharey nos vossos mares:
 Mais quis dizer, & não passou daqui,
 Porque as lagrimas ja correndo a pares
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado
 O coração dos Deoses foy num ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto:
 Ao grande Eolo mandão ja recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Bem quiserá primeiro ali Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo,
Era algũa profunda prophecia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varoës audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças a yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento sossegado prosegua
Pello tranquilo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo Emisperio eslâ remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Pera o segundo os outros despertauão.
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos
— Bocijando a miudo se encoftauão,
Pellas antenas, todos mal cubertos,
Contra os agudos ares que affoprauão:
Os olhos contra feu querer abertos
Mas estregando os membros eftirauão,
Remedios contra o sonno buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pesado,
Se não com algum conto de alegria
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Lionardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado,
Que contos poderemos ter melhores
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
— Não soffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra feruida & robusta
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo
Que o trabalho por vir mo esta dizendo.

Consente.

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Consentem nisto todos, & encomendão
A Veloso que conte isto que aproua,
Contarei disse, sem que me reprehendão
De contar cousa fabulosa, ou noua:
E por que os que me ouuirem daqui aprendão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na nossa terra,
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Despois que sossegado & liure o teue
Do vizinho poder que o molestaua:
La na grande Inglaterra, que da neue
Boreal sempre abunda, semeaua
A fera Erinis dura & mâcizania
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,
E nobres cortejaõs, a caso hum dia
Se leuantou discordia em ira acesa,
Ou foy opinião, ou foy porfia:
Os Cortejaõs a quem tam pouco pesa
Soltar palauras graues de ousadia
Dizem que provarão, que honras & famas
Em tais damas não ha, pera ser damas.
E que

E que se ouuer alguem com lança & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada,
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:
 A fememil fraqueza pouco usada
 Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua:
 De forças naturais conuenientes,
 Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
 No reino os inimigos, não se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas & bastantes
 A fazer que em socorro os Deoses leuem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro
 Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militar
 Cos Portugueses ja contra Castella,
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheiros, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esprimentara
 Namora dos affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Este que socorrer lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas
Lhe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tão diuinas,
Que elles sos poderião, se não erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os fação sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras da fagos & damores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a corte aluoroça a novidade,
 Quiserá o Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:
 Qualquer dos cortesãos aventureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemaumenturado,
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda o que tem o leme do gouerno:
 Apercebem se os doze em tempo breue
 D'armas, & roupas de vso mais moderno,
 De elmos, cimeras, letras, & primores
 Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença
 Pera partir do Douro celebrado,
 Aqueles, que escolhidos por sentença
 Forão do Duque Ingles esprimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualeiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum so, que Magriço se dizia,
 Destarte fala aa forte companhia,
 O Fortissimos

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Fortíſſimos conſocios, eu deſejo
A muito ja de andar terras eſtranhas,
Por ver mais agoas, que as do Douro. & Tejo,
Varias gentes, & leis, & varias manhas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as couſas ſam tamanhas)
Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,
Porque eu ſerey conuoſco em Inglaterra.

E quando caſo for, que eu impedido
Por quem das couſas he vltima linha,
Não for com voſco ao prazo inſtituido,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he diuido:
Mas ſe a verdade o ſprito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,
Não farão que eu com voſco la não ſeja.

Aſſi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim ſe parte,
Paſſa Lião, Caſtella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altíſſimos perigos
Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:
Viſtas em fim de França as couſas grandes,
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteuue muitos dias,
 Mas dos onze a illustrissima companha
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,
 Pera Londres ja fazem todos vias,
 Do Duque sam com festa agasalhados,
 E das damas seruidos, & amimados.

Chegasse o prazo, & dia afinalado,
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,
 Que pello Rey ja tinhão segurado,
 Armanse delmos, greuas, & de arneses:
 Ia as damas tem por si fulgente & armado
 O Mauorte feroz dos Portugueses,
 Vestem se ellas de cores & de sedas
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em forte dado
 Magrico, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu caualeiro, nesta empresa:
 Bem que os onze apregoão, que acabado
 Sera o negocio assi na corte Inglesa,
 Que as damas vencedoras se conbecão
 Posto que dous & tres dos seus falleção.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

Ia num sublime & pubrico theatro
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte:
Nã sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,
De força, esforço, & d'animos mais forte,
Outros doze sayr como os Ingleses
No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os caualos estumando
Os aureos freos, com feroz semblante,
Estaua o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergase num & noutro bando
Partido, de sigual & dissonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rosto aonde auia:
A causa principal do rebolico,
Eis entra hum caualeiro, que trazia
Armas, caualo, ao bellico seruiço.
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia
Pera os onze, que este era o gram Magrico,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

A dama.

A dama como ouuio, que este era aquelle,
 Que vinha a defender seu nome, & fama,
 Se alegre, & veste ali do animal de Hele,
 Que a gente bruta mais que vertude ama:
 Ia d'ão sinal, & o som da tuba impelle
 Os belicōsos animos, que inflama,
 Picão desporas, largão redeas logo
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:
 Qual do caualo voa, que não dece,
 Qual co caualo em terra dando, geme,
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interualo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem caualo:
 Cae a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnes, escudo, & malha.

Gastar palauras em contar estremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos
 Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas & affamadas,
 Cos nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas & alegria,
 Cozinhaes occupa, & caçadores
 Das damas a fermosa companhia,
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço
 Desejoso de ver as cousas grandes,
 La se deixou ficar, onde hum seruiço
 Notauel aa condessa fez de Frandes:
 E como quem não era ja nouiço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Frances mata em campo, que o destina
 La teue de Torcato & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teue hum fero desafio
 Com Germano enganoso, que com manha
 Não diuida o quis pòr no estremo fio:
 Contando assi Veloso, ja a companha
 Lhe pede, que não faça tal desuio
 Do caso de Magrico, & vencimento
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento:

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acordão despertando
 Os marinheiros dhũa & doutra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dà a grande & subita procella,
 Amaina, disse o mestre a grandes brados
 Amaina, disse, amaina a grande vella,
 Não esperão os ventos indinados
 Que amainassem, mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, cum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

O 4 O ceo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Oceo fere com gritos nisto a gente,
Cum subito temor, & desacordo,
Que no romper da vela a Nao penden
Toma gram suma dagoa pello bordo,
Alija, disse o mestre, rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo,
Vão outros dar a bomba não cessando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos

A dar aa bomba, & tanto que chegarão,
Os balancos, que os mares temerosos
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:
Tres marinheiros duros, & forçosos,
A menear o leme não bastarão,
Talhas lhe punhão dhua & doutra parte
Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar então vierão
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que crescerão,
A pequena grandura dhum batel,
Mostra a possante nao, que moue espanto
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao

CANTO SEXTO.

29

*Anão grande, em que vay Paulo da Gama,
Quebrado leua o masto pello meyo,
Quasi toda aligada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veyo:
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a Nao de Coelho, com receyo,
Com quanto teue o mestre tanto tento
Que primeiro amainou que desse o vento.*

*Agora sobre as nuuens os subião
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece que decião
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriãõ
Arruinar a machina do mundo,
A noite negra & feya se alumia,
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.*

*As Alcioneas aues triste canto
Iunto da costa braua leuantarãõ,
Lembrando se de seu passado pranto,
Que as furiosas agoas lhe causarãõ:
Os Delfins namorados entre tanto
La nas couas maritimas entrarãõ,
Fugindo aa tempestade, & ventos duros
Que nem no fundo os deixa estar seguros
Nunca*

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluio, donde sos viuerão
Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão
As ondas que batião denodadas,
Quantas arvores velhas arrancarão
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes não cuidarão
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto & forte
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, o mar & terra senhoreas,
 Tu que a todo Israel refugio deste
 Por metade das agoas Eritreas:
 Tu que liuraste Paulo & defendeste
 Das Syrtes arenosas & ondas feas,
 E guardaſte cos filhos o segundo
 Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho novos medos perigosos

— Doutra Scylla & Caribdis ja passados,
 Outras Syrtes, & baxos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados,
 No fim de tantos casos trabalhosos,
 Por que somos de ti desemparedos,
 Se este noſso trabalho não te offende,
 Mas antes teu ſeruiço ſo pretende?

O ditosos aquelles que puderão

Entre as agudas lanças Affricanas
 Morrer, em quanto fortes ſoſtiuerão
 A ſancta Fe, nas terras Mauritanas:
 De quem feitos illuſtres ſe ſouberão,
 De quem ficão memorias ſoberanas,
 De quem ſe ganha a vida com perdella,
 Doce fazendo a morte as honras della.

Às.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais a tormenta acrecentauão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampadas medonhos não cessauão,
Feros trouoës que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governaua,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas não serâ, que auante leue
Tão danada tenção, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimpfas amorosas
Grimaldas nas cabeças por de rojas.

Grimaldas

Grinaldas manda por de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem não dirá, que nace[m] roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, por que tanto que chegarão
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejarão,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pês & mãos, parece, que lhe atarão
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E não conuem furor a firme amante:
Se ja não pões a tanta insania freyo,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauão
Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauão,
Amansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauão
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.

La a menham clara daua nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinheiros
Enxergarão terra alta pella proa,
La fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.
Esta

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, e razão tinha
Que não somente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Por quem tanto trabalho esperimentaua,
Mas via se liurado tão asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos
Destes trabalhos graues e temores,
Alcanção os que sam de fama amigos
As honras immortais, e graos mayores:
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regioes de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro ledo, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que affouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro,
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não vertude justa, & dura.
Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado,
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baxo tracto humano embaraçado,
 Este onde tiuer força o regimento
 Direito, & nam de affeitos occupado,
 Subirà (como deue) a illustre mando,
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

Canto Septimo.



A se viã chegados

junto aa terra,
 Que desejada ja de tantos fora,
 Que entre as correntes Indicas se
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora sus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia sois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

A vos, ô geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curreal de quem gouerna o ceo rotundo:
Vos, a quem não somente algum perigo
Estorua conquistar o pouo immundo:
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos ceos estã em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do ceo deitadas sam as fortes,
Que vos por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

Ve delos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor, e noua ceita inuenta:
Ve delo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Não contra o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.

Ve delo

Vedelo duro Ingles, que se nomea
 Rei da velha & sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhorea,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Nam por tomar a terra que era sua:

Guardalhe por entanto hum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terrestre,
 Em quanto elle não guarda a sancta lei,
 Da cidade Hierosolima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo:

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão,
 E nam contra o Cynifio & Nilo rios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hũs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tão inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes.
Entre vos nunca deixa a fera Aletto
De semean cizantias repugnantes,
Olhay sestais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.
Se cobica

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Pactolo & Hermorios,
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
 Affrica esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuencões feras & nouas,
 De instrumentos mortais da artelharía,
 Ia deuem de fazer as duras prouas,
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
 Fazei que torne la aas siluestres couas,
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,
 A Turca geração, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estão, que o pouo bruto
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcorão (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuto,
 E não queirais louuores arrogantes,
 De serdes contra os vossos muy possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas em tanto que cegos, & sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Não faltarão Christãos atreuimentos,
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegâra.

E vejamos em tanto que acontece
Aaquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vẽ Jamear de Christo a ley,
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que a noua terra se chegãrão,
Leues embarcações de pescadores
Acharão, que o caminho lhe mostrãrão
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinarão,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor, onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.

Alena

Alem do Indo jaz, & âquem do Gange,
 Hum terreno muy grande, & assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E pera o Norte o Emodio cauernoso.
 Iugo de Reis diuersos o constrange
 A varias leis: algũs o vicioso
 Mahoma, algũs os Idolos adorão,
 Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando
 Tam larga terra, toda Asia discorre,
 Que nomes tam diuersos vai tomando,
 Segundo as regiões por onde corre,
 As fontes saem, donde vem manando
 Os rios, cuja gram corrente morre
 No mar Indico, & cercão todo o peso
 Do terreno, fazendo o Chersonejo.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço
 Say da larga terra hũa longa ponta
 Quasi piramidal, que no regaço
 Do mar com Ceilão insula confronta,
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta.
 Que os vizinhos da terra moradores
 Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LVSIADAS DEL. DE CA:

Mas agora de nomes, & de vsança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriãs, que a esperança
Tem de sua saluação nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra de Bengala
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicoso
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canarã viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pê do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portugues mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tam remota parte:
 Entrando o mensageiro pelo Rio,
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mahometa, que nascido
 Fora na região da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido.
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foy ja a sinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo de ferro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lhe responde o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Esppantado ficou da gram viagem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouuido as oppressões que na possessam
Do mar, o Lusitano lhe contaua;
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade.
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Coelle pera a armada tornaria,
Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente vezinha em terra estranha:

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe, & lhe obedece:
Ambos se tornão logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

O capitão

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella,
 Junto de si o assenta, & prompto & quedo
 Pela terra pergunta, & cousas della:
 Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,
 So por ouvir o amante da donzella
 Euridice, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mourro:

Elle começa, o gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
 Nem he sem causa não occulta, & escura
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum serviço seu por vos obrado:
 Por isso so vos guia, & vos defende
 Dos inimigos do mar, do vento yrado:
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diverso pouo, rico & prosperado,
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Idolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Sargmâ Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro:

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mabometico trouxessem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertessem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

A hum Cochim, & a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
 A qual Coulão, a qual dâ Cranganor
 E os mais, a quem o mais serue & contenta
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Pera este Calecu somente fica,
 Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dâco titulo excellente
 De Emperador, que sobre os outros mande,
 Isto feito se parte diligente,
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
 E daqui fica o nome de potente
 Camorî, mais que todos digno, & grande
 Ao moço & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nus, & somente hum pano cobre
 As partes, que a cubrir natura insina:
 Dous modos ha de gente, porque a nobre
 Naires chamados sam, & a menos digna
 Poleâs tem por nome, a quem obriga
 A ley não mesturar a casta antiga.

Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vsaram sempre hum mesmo officio,
De outro nam podē receber consorte,
Nem os filhos teram outro exercicio,
Senão o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Desta sorte o Iudaico pouo antigo
Nam tocava na gente de Samaria,
Mais estranhez as inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre vsada
Na ezquerda a adarga, e na direita a espada:

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Oseruaõ os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matãõ couisa viua, & temerosos
Das carnes tem grandissima abstinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

Gerais sam as molheres: mas samente
 Pera os da geração de seus maridos:
 Ditosa condicam, ditosa gente,
 Que nam sam de ciumes offendidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malibares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquito
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Asi contava o Mouro: mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade,
 Ia vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandara,
 O Capitão da armada que chegara.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a fermosa diferença
 A vista alegre ao pouo aluoroçado,
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Ja na terra nos braços o leuava,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offereçe em que va, costume usado,
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,
Caminhão la pera onde o Rei o espera:
Os outros Portugueſes vão ao uſo
Que infantaria ſegne eſquadra fera:
O pouo que concorre vay confuſo
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera
Perguntar: mas no tempo ja paſſado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando
Nas conſas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica ſe erguia
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão,
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali

Ali estam das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios degestos, varios de pinturas,
 A segundo o Demonio lhe fingia:
 Vem se as abominaueis esculturas,
 Qual a Chimera em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
 Outro num corpo rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Iano se pintua:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briareo parece que imitaua:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Menfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desuio,
 Pera onde estaua o Rei do pouo vão:
 Engrossando se vay da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitão,
 Estão pelos telhados & janellas
 Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

La chegão perto, & não^a passos lentos,
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escondem os regios apouentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiguidade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaspe laua,
Rege o hum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejaua,
Por elle edificada estaua Nisa
Nas ribeiras do rio, que manaua,
Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirã por certo, que he seu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,
 Mui grande multidão da Assiria gente,
 Sujeta a feminino senhorio,
 De hũa tam bella, como incontinente:
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, & sojugauão,
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:
 Dum capitão mancebo se guiauão
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de Filipo, mas sem falta
 De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,
 Dizia o Catual ao Capitão,
 Tempo cedo virà que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão:
 Aqui se escreuerão nouas historias,
 Por gentes estrangeiras que virão
 Que os nossos sabios magos o alcançârão,
 Quando o tempo futuro especulârão.

OS LUSIADAS DEL. DE CAI

E dizlhe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Não valerã dos homẽs resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz; da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauã ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nãa camilha jaz, que nam se igoala
De outra algũa no preço & no lauor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando & prospero senhor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto d'elle hum velho reuerente,
Cos gíolhos no chãõ, de quando em quando
Lhe daua a verde folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais afastados, prompto em vista
 Estava o Samori no trajo & geito
 Da gente, nunca de antes d'elle vista:
 Lancando a graue voz do sabio peito,
 Que grande authoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, & do pouo todo
 O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde
 O ceo volubil com perpetua roda
 Da terra a luz solar coa terra esconde,
 Tingindo a que deixou de escura noda,
 Ouuindo do rumor que la responde
 O eco, como em ti da India toda
 O principado está, & a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,
 Por te fazer saber que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:
 E desda fria plaga de Gelandá,
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comercio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creção as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueito, & delle gloria ingente:

E sendo assi que o nô desta amizade,
Entre vos firmemente permaneca,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmão te tenha, & te conheça,
E da vontade em ti sobristo posta
Me des a my certissima resposta.

Tal embaxada daua o Capitão,
A quem o Reigentio respondia,
Que em ver embaxadores de nação
Tam remota, gram gloria-recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informando se certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que dissera:
E que

E que em tanto podia do trabalho

Passado yr repousar, & em tempo breue
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei reposta alegre leue:
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho
 Aas humanas canseiras, porque ceue
 De doce sono os membros trabalhados,
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente,

O Gama, & Portugueses no apousento
 Do nobre Regedor da Indica gente,
 Com festas & geral contentamento:
 O Catual no cargo diligente
 De seu Rei, tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha
 Que costumes, que lei, que terra tinha:

Tanto que os igneos carros do fermoso

Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
 Manda chamar Moncaide, deseioso
 De poderse informar da gente noua:
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,
 Se tem noticia inteira, & certa proua,
 Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

Q 4 Que

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Que particularmente ali lhe desse
Informação muy larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria:
Monçaide torna, posto que eu quisesse
Dizerte disto mais nam saberia,
Somente sey que he gente la de Hespanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por baso está aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,
Os deitarão dos campos abundosos
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,
Com feitos memoraveis, & famosos:
E não contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares procelosos
Nos não querem deixar viuer seguros,
Tomando nos cidades, & altos muros.

Não

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,
Em quaesquer outras guerras que acõteção,
Ou das gentes beligeras de Espanha,
Ou la dalgũs que do Pirene deção.
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheção,
Nem se sabe inda não, te afirmo & assello
Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E esta informação nam for inteira
Tanto quanto conuem, delles pretende
Informarte, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja & offende:
Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgaras de veres a policia
Portuguesa na paz, & na milicia.

Ia com desejos o Idolatra ardia,
De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
Manda esquipar bateis, que yr ver queria
Os lenhos em que o Gama nauegaua.
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geraçam, que o mar coalbaua,
Aa Capitaina sobem forte & bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras
Do rico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
Aceita Epicurea, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrâra aa gente:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ternos singulares
Feitos dos homẽs, que em retrato breue
Amuda poesia ali descreue.

Alcãse .

Alçase em pé, co elle os Gamas junto
 Coelho de outra parte, & o Mauritano
 Os olhos poem no bellico trasunto
 De hum velho branco, aspeito venerando,
 Cujó nome nam pode ser defuncto
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,
 No trajo a Grega vsança está perfeita,
 Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
 Eu que cometo insano, & temerario,
 Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,
 Por caminho tam arduo, longo, & vario:
 Vosso fauor inuoco, que nauego
 Por alto mar, com vento tam contrario,
 Que se nam me ajudais, ei grande medo,
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Nouos trabalhos vendo, & nouos danos:
 Agora o mar, agora esprimentando
 Os perigos Mauorcios inhumanos,
 Qual Canice que à morte se condena,
 Nua mão sempre a espada, & noutra a pena.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hõspicios alheios degradado,
Agora da esperança ja adquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi saluar-se,
Que pera o Rei Iudaico acrescentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,
Que tamanhas misérias me cercassem.
Senão que aquelles que eu cantando andaua,
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca vsados me inuentarão,
Com que em tam duro estado me deitirão.

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vosso fauor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuersos engrandeça:
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
 Que não no empregue em quem o não mereça
 Nem por lisonja louue algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
 A quem ao bem comum, & do seu Rei
 Anteposer seu proprio interesse:
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios:
 Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que use de seu poder bastante
 Pera seruir a seu desejo feio,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veio,
 Por contentar o Rei no officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

O S LUSIADAS DE L. DE CA:

Nem quem acha que he justo & que he direito
Guardáse a ley do Rei seueramente,
E não acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturârão
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,
Tambem de suas obras merecida.
Apolo, & as Musas que me acompanharão,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

 Canto Octauo.


A primeira figura

se detinha

O Catual, que vira estar pintada.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, & penteada:
 Quem era, & porque causa lhe convinha:
 A diuisa que tem na mão tomada,
 Paulo responde, cuja voz discreta
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
 Brauos em vista, & feros nos aspeitos,
 Mais brauos, & mais feros se conhecem
 Pela fama, nas obras, & nos feitos
 Antigos sam, mas inda resplandecem
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos.
 Este que ves he Luso, donde a fama
 O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Foy filho & companheiro do Thebano,
Que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que continuo vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vsano,
La dito Elifio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuisa,
O verde Tyrso foi de Baco vsado,
O qual aa nossa idade amestra & auisa
Que foi seu companheiro & filho amado:
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edefica,
E templo a Palas, que em memoria fica.

Ulisses he o que faz a sancta casa
Aa Deosa, que lhe da lingua facunda,
Que se la na Asia Troia insigne abraja,
Ca na Europa Lisboa ingente funda:
Quem sera estoutro ca que o campo arrasa
De mortos, com presenca furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aqueas nas bandeiras tem pintadas:

Assim o Gentio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor ja foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderão
 O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grande aperto em gente, inda q̄ honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yrosa
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam sotis artes & maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingidas
 A fatidica Cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

R Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros,
Nos Vngaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de ter cos Mouros superado
Galegos, & Leoneses caualleiros,
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destrocado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas di nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro inimigo doma,
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos inimigos quantos erão,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderão
 Com glorias imortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Ve que os de seus vassallos sam notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,
 Dizendo lbe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregar se,
 A corda ao colo, nu de seda & pano,
 Porque nam quis o moço sogear se,
 Como elle prometera ao Castelhanao:
 Fez com sijo & promessas leuantar se
 O cerco que ja estaua soberano,
 Os filhos & molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baxo foi forçado
Do Sammitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega so firme & constante,
Estoutro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,
La o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando lhe as galês, leuando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como então justa & sancta guerra
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova:
 Olha Enrique famoso cavalleiro,
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos sam os Martyrs de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada,
 Por quem por Maphamede enresta a lança:
 He Teotonio Prior: mas vê cercada
 Sanctarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o Alferes mata,
 E Hispalico pendão derriba em terra,
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas & ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do caualleiro, que as cabeças frias
Na mão leuaua, feito nunca feito,
Giraldos sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhana, que agrauado,
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendose inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,
Que destes leuar pode a palma, & o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:
Vello entre os duuidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro,
Olha o sinal no ceo que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.

Vês

Vês vão os Reis de Cordoua & Sevilha,
Rotos, cos outros dous, & não de espaço,
Rotos mas antes mortos, maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço:
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castilla,
Portugues de nação, como conquista
A terra dos Algarues, & ja nella
Nam acha quẽ por armas lhe resista,
Com manha, esforço, & com benigna estrella
Villas, castellos toma a escalla vista:
Ves Tauila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha
Silues, que elle ganhou com força ingente,
He dom Paio Correa, cuja manha
E grande esforço faz enueja aa gente:
Mas não passes os tres q̃e Frãça & Espanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em dejasios, justas & torneos,
Nellas deixando publicos troseos.

OS LUSIADAS DEL. DE CAI

Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o preço los leuârao
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitârão,
Vê mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiârão,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartejo, & Goadiana habita.
Mas

Mas não ves quasi ja desbarata lo,
O poder Lusitano, pela ausencia
Do Capitão deuoto, que apartado
Orando inuoca a summa & trina essencia.
Vello com pressa ja dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra po ler tamanho, & que viesse,
Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo respondia,
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouuindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura noua estaua dando,
Pois eu, responde, estou sacrifican lo.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,
Ouuir quiseres como se nomea,
Portugues Cipião chamar se deue:
Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
Ditosa patria que tal filho teue:
Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres & Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

Na

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitão de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuauão roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vilengano,
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
E faz vir a passar o vltimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhanao:
Mas olha Rui Pireira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezefete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.
Sabe se

Sabese antigamente que trezentos
La contra mil Romanos pelejarão,
No tempo que os viris atreuimentos
De Viriato tanto se illustrarão,
E delles alcançando vencimentos
Memoraueis, de erança nos deixarão,
Que os muitos por ser poucos nam temamos
O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,
Progenie generosa de Ioane,
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o pubrique,
Por seu descobridor, & desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

Ves o Conde dom Pedro que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria,
Ves outro Conde està que representa
Em terra Marte, em forças & ousadia,
De poder defender se nam contenta
Alcaçere da ingente companhia:
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintarião:
Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,
Honra, premio, faucr que as artes crião,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desuião
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizerão,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixão sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̄ esforço & saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,
E como a seu contrario natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que â com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos & excellentes
 Sustentão a nobreza que lhe fica:
 E se ha luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estâ declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos & direitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaxo do Orizonte & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia,
 Quando o Gentio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabolicos, & indícios
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitauão a arte & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente. estranha,
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demõ verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
Destruicam de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das victimas que oulbara:

A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a diuina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam dece.

E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,
Do mal que se aparelha pelo imigo
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado
Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces
O gram legislador que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
Pois saberas que aquelles que chegados
De nouo sam, seram muy grande dano
Da lei que eu dei ao nescio pouo humano:

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista,
Porque quando o Sol sae facilmente
Se pode nelle por a aguda vista:
Porem despois que sobe claro & ardente,
Se agudeza dos othos o conquista,
Tam cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que Jonhou dâ conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios,
Ali se dão segundo o que entendião,
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inuentauam & tecião:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruicam da gente pretendião,
Por manhas mais sotis & ardis milhores,
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Concilião da terra os principais,
E com razões notauéis & discretas
Mostram ser perdicam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Viuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.

O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia, & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Porque como este posto na superna
 Cadeira, pode mal dos apartados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde manto,
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hũ bom em tudo he justo & sancto
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderã ter conta,
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,
 Que o Gentilico pouo governauão,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues despacho dilatauão:
 Mas o Gama, que não pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,
 Que levar a seu Rei hum final certo
 Do mundo, que deixa descuberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas, & naos, & gentes mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa, & indina
Nam era despantar se se spantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mourros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobica,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe acende, & atica,
Que bem vê que grandissimo proueito
Fará, se com verdade, & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava muy contrarios pareceres,
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes:
O grande Capitão chamar mandava,
A quem chegado disse, se quiseses
Confessarme a verdade limpa, & nua,
Perdão alcançaras da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
Que de teu Rei me deste, que he fingida:
Porque nem tu tês Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vas passando a vida:
Que quem da Hisperia vltima alongada
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometer com naos, & frotas
Tam incertas viagēs, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
O teu Rei tem a regia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de tua incognita verdade:
Com peças & dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não he bastante,
As palauras dum vago nauegante.

OS LVSIADAS DEL. DE CA:

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja foram homẽs dalta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte:
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insidias que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:
Cũa alta confiança, que conuinha,
Com que seguro credito alcançaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade,
Nam causaram, que o vaso da niquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicicia
Na geraçam de Adão, co a falsidade
O poderoso Rei da torpe feita,
Nam conceberas tu tam mã sospeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes opressões, & em todo o feyto
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade: sem respeyto
 Das razões em contrario que acharias
 Sentão-cresses a quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse
 Vndiuago, ou da patria desterrado,
 Como cres que tão longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q̄ a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & Reino amigo
 Então verás o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre & gram conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuserão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que sempre às grandes cousas se opuserão
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber que fim tinhão, & onde estauão
As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por yr deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, & engenho raro,
Num madeiro ajuntando outrô madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias, descobrirão
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,
 Que hũs succedendo aos outros proseguirão:
 De Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nunca as sete flammias virão,
 Forão vistos de nos, atras deyxando
 Quantos estão os Tropicós queymando.

Assim com firme peyto, & com tamanho
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Ate que nos no teu terreno estranho
 Viemos pôr a vltima columna:
 Rompendo a força do liquido Estanho
 Da tempestade horrifica, & importuna
 Ate chegamos, de quem so queremos
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria
 Por tão incerto bem, tão fraco premio
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
 Tão longo tão fingido, & vão proemio:
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado & fero gremio
 Da madre Thetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Assi que ô Rey, se minha grão verdade
Tês por qual he, sincera, & não dobrada,
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gozto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode verse,
Que facil he a verdade dentenderse.

Atento estaua o Rey na segurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais currutos, mal julgados.

Iuntamente a cobica do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & não co Mauro engano:
Enfin ao Gama manda, que direyto
Aas nros se vâ, & seguro dalgum dano
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.

Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Lá da Real presença veneranda
 Se parte o Capitão, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarçãam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na ma tençãam dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li nam entendêra.

Era

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Era este Catual, hum dos que estauão
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se gouernauão
As cidades do Samorim potente.
Delle somente os Mouros esperauão
Efeyto a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe requiere
Que o mande por nas naos, & não lhe val,
E que assi lho mandara, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razão lhe impede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto
A tais patauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diabolico, & estupendo,
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abraçasse,
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.
Que

Que nenhum torne aa patria so pretende
O conselho infernal dos Maumétanos,
Porque nam saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua yrse podia,
Que as almâdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar aa terra as naos, que longe estão,
Porque milhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladrão,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo & fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama
Enxerga bem, que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas assalte, por odio descuberto:
Em varios pensamentos se derrama:
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo, aqui & ali, & deffo segado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixâra;
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte]
Imitar os illustres, & igoalalos.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar pirigos, & euitallos:
Com militar engenho, & sutil arte
Entender os imigos, & enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

Insiste o Malabar em telo preso,
 Senão manda chegar a terra a armada,
 Elle constante, & de yra nobre aceso,
 Os ameaços seus nam teme nada:
 Que antes quer sobre si tomar o peso,
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando, que por em ventura
 A frota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite esteue ali detido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De se tornar ao Rei. mas impedido
 Foi da guarda que tinha não pequena:
 Comete lhe o Gentio outro partido,
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
 Se sabe esta malicia, a qual a sinha
 Saberâ, se mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, pera a terra,
 Pera que de vagar se troque, & venda,
 Que quem nam quer comercio, busca guerra:
 Posto que os maos prepositos entenda
 O Gama, que o danado peito encerra,
 Consente, porque sabe por verdade,
 Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertãse

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Concertã se que o negro mande dar,
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha:
Partem as almôdias a buscar
Mercadoria Hispana, que conuenha,
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agalhou o infame Catuak
Coella ficam Alvaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigação, que mando & rego
No peito vil o premio pode, & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detiuesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixa descanjado.

Nas

Nas naos estar se dèyxa vagaroso,
 Atè ver o que o tempo lhe descobre,
 Que não se fia já do cobicofo
 Regedor corrompido, & pouco nobre.
 Veja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheyro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sò por ficar senhor do grão tesouro:
 Entra, pelo fortissimo edificio,
 Com a filha de Acriso a chuua douror:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, & lauro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afozada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,
 Faz tredoros, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginalis purezas,
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
 Este deprava as vezes às ciencias,
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Este interpreta mais que sutilmente
Os textos. este faz & desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tirânos torna os Reis.
A te os que so a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas não sem cor com tudo de virtude.*

F I M.

 Canto Nono.



*T*uerão longamen-
te na cidade
Sem vender se a fazenda os do-
us feitores,
Que os infieis por manha, & falsidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

La no seio Eritreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
Do nome da irmã sua assi chamada,
Que despois em Suez se conuerteo,
Não longe, o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstiaçam falsa, & profana,
Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidã se chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar mais florecia,
De que tinha proueito grande, & grato
O Soldão que esse Reino possuia:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, fermosa companhia
De grandes naos, pelo Indico Oceano,
Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão,
Que como fossem grandes & possantes
Aquellas, que o comercio lhe tomauão,
Com flamas abrasassem crepitantes:
Neste socorro tanto confiauão,
Que ja nam querem mais dos nauegantes,
Se nam que tanto tempo ali tardassem,
Que da famosa Meca as naos chegassem.

T

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Mas o Governador dos ceos, & gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piadosos accidentes
De afeicam em Monçaide, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tençam lhe descobre torpe, & fera:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, & com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora sam dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas oprimido,
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem considerava
 O tempo, que pera a partida o chama,
 E que despacho ja não esperava
 Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
 Aos feitores, que em terra estão, mandava
 Que se tornem aas naos: & porque a fama
 Desta subita vinda os não impida,
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando
 Hum rumor nam soasse com verdade,
 Que farão presos os feitores, quando
 Foram sentidos virse da cidade:
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio capitão, com breuidade
 Faz represaria nūs, que aas naos vierão,
 A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores
 Ricos em Calecu, & conhecidos
 Da falta delles, logo entre os milhores
 Sentido foi, que estão no mar retidos:
 Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
 Vluem o cabrestante, & repartidos
 Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,
 Outros quebrão co peito duro a barra.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros pendem da verga, & ja desatão
A vella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatao
A pressa, com que a armada se leuava:
As molheres & filhos, que se matão
Daquelles que vão presos, onde estava
O Simorin, se aqueixão que perdidos
Hũs tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos inimigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganõs,
Recebe o Capitão de melhõrmente
Os presos, que as desculpas, & tornando
Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixava,
Com estas novas torna aa patria cara,
Certos sinais leuando do que achara.

Leua

Leua algũs Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandâra,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leua pimenta ardente que comprara:
A seca flor de Banda não ficou,
A Noz, & o negro crauo, que faz clara
A noua ilha Maluco, coa canella,
Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouuera a deligencia
De Monçaide fiel, que tambem leua,
Que inspirado de Angelica influencia,
Quer no liuro de Christo que se escreua,
O ditoso Affricano, que a clemencia
Diuina assi tirou de scura treua,
E tam longe da patria achou maneira,
Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,
As venturosas naos, leuando a proa
Pera onde a natureza tinha posta
A Meta Austrina da esperanza boa,
Leuando alegres nouas & reposta,
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, temidos & ledos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegação, os varios ceos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum, tem por gosto tam perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos.
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia
Dar lhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido
Na mente, o largo mar que nauegarão,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,
La trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passarão,
Buscar lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, & manso.

Alguns

Algum repouso em fim, com que podesse
Refucilar a lassa humanidade
Dos nauyantes seus, como interesse
Do trabalho, que incurta a breve idade:
Parecelhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deoses faz decer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina
De terlhe aparelhada la no meio
Das agoas, algũa insula diuina,
Ornada de smaltado & verde arreo:
Que muitas tem no reino, que confina
Da primeira co terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Pera dentro das portas Herculanãs.

Ali quer que as aquaticas donzellas,
Esperem os fortissimos barões,
Todas as que tem titolo de bellas,
Gloria dos olhos, dor dos corações,
Com danças, & coreas, porque nellas
Influirã secretas affeições,
Pera com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeioarem.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle
Que de Achises pario, bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de espaço, por sutil partido:
Seu filho vai buscar, porque so nelle
Tem todo seu poder, fero Cupido,
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Peristera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa ja partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa o ar, & o vento
Serenoz, com brando mouimento.

La sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estaua então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer hũa famosa expedição
Contra o mundo reuelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão,
Amendo cousas que nos forão dadas,
Nam pera ser amadas, mas vsadas.

Via.

*Via Acteon na caça, tam austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente, & bella forma humana:
 E por castigo quer doce, & seверо,
 Mostra lhe a fermosura de Diana,
 E guarde se nam seja inda comido
 Desses cães que agora ama, & consumido.*

*E vê do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina,
 Vê nelles, que não tem amor a mais
 Que a si semente, & a quem Philancia insina:
 Vê que esses que frequentão os reais
 Paços, por verdadeira & saã doctrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondarse o nouo trigo florecente.*

*Vê que aquelles que deuem aa pobreza
 Amor diuino, & ao pouo charidade,
 Amão semente mandos, & riqueza,
 Simulãdo justiça, & integridade:
 Da fea tyrania, & de aspereza
 Fazem direito, & vã seueridade:
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,
 As em fauor do pouo so perecem.*

Vê em

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ve em fim que ninguém ama o que deue,
Se não o que somente mal deseja,
Não quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias obras trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragas immortais, onde forjauão,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estauão,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauão,
Lagrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Dejejo he so que queima, & não consume.

Algũs

Algũs exercitando a mão andauão,
 Nos duros corações da plebe ruda,
 Crebros sospiros pelo ar soauão,
 Dos que feridos vão, da seta aguda,
 Fermosas Nymphas são, as que curauão
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não somente dá vida aos mal feridos:
 Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas são algũas, & outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas,
 Curão no aas vezes asperas triagas
 Algũs ficão ligados em cadeas,
 Por palauras sutis de sabias Magas,
 Isto acontece aas vezes quando as setas
 Acertão de levar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados,
 Entre o pouo ferido miserando,
 E tambem nos heroes de altos estados,
 Exemplos mil se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.

Eros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vos ô poderosos por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hũs esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados & paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente:
O frecheiro, que contra o çeo se atreue,
A recebella vem, ledo, & contente,
Vem todos os cupidos seruidores,
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minba potencia està fundada:
Filho em quem minbas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tês em nada,
A socorrer me a tua potestade,
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas faligas,
 Que eu ja de muito longe favoreço,
 Porque das Parcas sey minhas amigas,
 Que me an le venerar & ter em preço,
 E porque tanto imitação as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 Alhe dir tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

E porquê das infidias do odioso
 Baco foram na India molestados,
 E das injurias sos do mar vndoso,
 Poderão mais ser mortos, que cansados:
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam reponsados,
 Tomando aquelle premio, & doce gloria
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 Da mor dos Lusitanos encendidas,
 Que vem de descobrir o nouo mundo,
 Todas nua ilha juntas & subidas,
 Ilha que nas entranhas do profundo
 Oceano, teret aparelhada,
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali com mil refrescos, & manjares,
 Com vinhos odoriferos, & rosas,
 Em cristalinos paços singulares,
 Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
 Em fim com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as Nymphas amorosas,
 D' amor feridas, pera lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobicarem.

Quero que aja no reino Neptunino
 Onde eu nasci, progenie forte & bella,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se reuela,
 Porque entendão que muro Adamantino,
 Nem triste hypocrisia val contra ella.
 Mal auerã na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho unico
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,
 Manda trazer o arco eburneo rico,
 Onde as setas de ponta de ouro embebe:
 Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe,
 Ha redea larga aas aues, cujo canto
 Ha Phaetonte a morte chorou tanto.

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria
Hũa famosa, & celebre terceyra,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muytas ha tem por companheyra:
A Deosa Gigantea temeraria,
Lactante, mintirosa, & verdadeyra,
Que com cem olhos ve, & por onde voa
O que vè com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
Que celebrando va com tuba clara,
Os louvores da gente nauegante,
Mais do que nunca os doutrem celebrara:
La murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cauernas se espalhara,
Fala verdade, a vida por verdade,
Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente
No coração dos Deoses, que indinados
Forão por Baco contra a illustre gente,
Mudando os fez hum pouco aseyçoados:
O peyto feminil, que leuemente
Muda quaesquer propositos tomados,
La julga por mau zelo, & por crueza
Dejejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algũas vão, & algũas fazem giros:
Caem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos sospiros;
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
La não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,
E se feridas indã estão viuendo,
Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina.
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor aa flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

La todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas, & junto caminhaua
Em coreas gentis, vsança velha,
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:
Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amaua,
Ellas que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offercidas.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, pera a patria amada,
Desejando prouerse de agoa fria,
Pera a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria,
Ouuerão vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a mãe fermosa
De Menonio, juaué & deleitosa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,
Que Venus pelas ondas iba leuaua,
(Bem como o vento leua branca vella)
Pera onde a forte armada se enxergaua,
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem perto, como desejava,
Pera on le as naos nauegão a mouia
A Accidalha, que tudo em fim podia.

V Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA!

Mas firme a fez & imobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa aa caça vsada.
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua, & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyreia.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornauão,
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauão
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriuu,
A sonora Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto estã pera afeitarse,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em si o estã pintando propriamente.

Mil arvores estão ao ceo subindo,
 Com pomos odoriferos & bellos,
 A Larangeira tem no fruto lindo
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
 Encostase no chão, que está caindo
 A Cidreira cos pejos amarellos,
 Os fermosos limoës ali cheirando
 Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma emnobrecidos
 Aemos sam de Alcides, & os Loureiros
 Do louro Deos amados, & queridos:
 Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros
 De Cybele por outro amor vencidos,
 Está apontando o agudo Cipariso
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dâ Pomona, ali natura
 Produze diferentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito milhores.
 As Cereijas porpureas na pintura,
 As Amoras, que o nome tem de amores,
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado no terreno alheio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Abre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:
Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda
Vide, cūs cachos roxos, & outros verdes:
E vos se na vossa aruore fecunda
Peras pyramidais viuer quiserdes,
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o flor Cyfista inclina,
Sob'lo tanque lucido & sereno,
Floreçe o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil' cousa fora,
No ceo vendo: & na terra as mesmas cores,
Se daua aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a ella as bellas flores:
Pintando estaua ali Zefiro, & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

A candida Cecêm das Matutinas

*Lagrimas ruciada, & a Manjarona,
Vense as letras nas flores Hyacintinas,
Vam queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos & boninas,
Que competia Cloris com Pomona:
Pois se as aues no ar cantando voão,
Alegres animais o chão pouoão.*

A longo da agoa o niueo Cisne canta,

*Responde lhe do ramo Philomela,
Da sombra de seus cornos nam se espanta
Acteon nagoa cristalina & bella:
Aqui a fugace Lèbre se levanta
Da espessa mata, ou temida Gazella,
Ali no bico traz ao caro ninho,
O mantimento ô leue passarinho.*

Nesta frescura tal desembarcauão

*la das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixauão
Andar as bellas Deosas como incautas,
Algũas doces Cytaras tocauão,
Algũas arpas, & sonoras frautas,
Outras cos arcos de ouro se fingiãõ
Seguir os animais, que nam seguiãõ.*

Assi lho aconselhàra a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas,
 Que vista dos barões a presa incerta,
 Se fizessem primeyro desejadas
 Algũas, que na forma descuberta
 Do bello corpo estauão confiadas,
 Posta a artificiosa fermosura,
 nuas lauar se deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya
 Punhão os pes de terra cubiçosos,
 Que não ha nenhum delles, que não sayã
 De acharem caça agreste desejosos:
 Não cuydão que sem laço, ou redes caya
 Caça naquelles montes deleytosos
 Tão suaue, domestica, & benina,
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas
 Pera ferir os Ceruos se fiauão,
 Pelos sombrios matos, & florestas
 Determinadamente se lançauão:
 Outros nas sombras, que de as altas sestras
 Defendem a verdura, passeauão
 Ao longo da agoa, que suaue, & queda
 Por aluas pedras corre aa praya leda.
 Começão

Começão de enxergar subitamente

*Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga, & sente,
Que não erão das rosas, ou das flores,
Mas da lam fina, & seda diferente
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo se por arte mais fermosas.*

*Da Veloso espantado hum grande grito,
Senhores caça estranha disse he esta,
Se inda durão o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca, & bem se manifesta
Que sam grandes as cousas, & excellentes
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.*

*Sigamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas sam, se verdadeiras,
Isto dito velloces mais que Gamos,
Selançam a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos,
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,
Se deixão yr dos Galgos alcançando.*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, & da outra as fralhas delicadas,
Acendese o desejo que se ceua
Nas alvas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae, & ja releua
Com mostras mais mofias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas, que se lauão,
Ellas começam subito a gritar,
Como que affalto tal nam esperauão,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançauão
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que aas mãos cobicofas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nãgoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora.
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido assi & calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.
Qual.

Qual cão de caçador sagaz, & ar lido,
Vjado a tomar na agoa a aue ferida,
Vendo rosto o ferreo cano erguido,
Pera a Garcenba, ou Pata conbecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta nagoa, & da presa nam diuida,
Nadando vay & latindo, assi o mancebo
Remete ha que nam era yrmaã de Pbebo.

Lionardo soldado bem desposto,
Manhoso, caualleiro, & namorado,
A quem amor não dera hum so desgosto,
Mas sempre fora delle mal tratado:
E tinha ja por firme profuposto
Ser com amores mal afortunado,
Porem não que perdesse a esperança,
De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria
Apos Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro que as outras dar queria,
O que deu pera darse a natureza,
Ia cansado correndo lhe dizia.
O fermosura indigna de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Todas de correr cansam, Nympha pura,
Rendendo se aa vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te figo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O nam na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me causas: & se queres
Fuzirme, por que nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella farâ que nam possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notarâs no fim deste successo,
Tira la spica & la man, qual muro he messo.

O não me fijas, assi nunca o breue
Tempo fuja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue,
Vencerâs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey me vai seguindo,
O que tu so faras nam me fugindo?

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas-me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & correrás mais leuemente.

Não te carrega essa alma tam me zquinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu nam sofrerás o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudarás a triste & dura estrella.

E se se lhe mudar, nam vas fugindo,

Que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se Amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nympha, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso, & alegria,

Cair se deixa aos pés do vencedor,

Que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava,
Que afagos tam suaues, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornaua:
O que mais passam na menhã, & na sesta
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas.
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornão de capellas deleitosas,
De louro, & de ouro, & flores abundantes:
As mãos aluas lhe dauão como esposas
Com palauras formais, & estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
Todo o coro das Nymphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,
O Capitão illustre que o merece,
Recebe ali com pompa honesta, & régia,
Mostrando se senhora grande, & egregia.
Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
 Cum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando lhe a entender, que ali viera
 Por alta influicam do immobil fado,
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,
 Da terra immensa, & mar não nauegado
 Os segredos, por alta prophecia,
 O que esta sua naçam so merecia.

• Tomando o pela mão a leua, & guia
 Pera o cume dum monte alto, & diuinõ,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, & em prazer contino,
 Ella nos paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assim a fermosa, & a forte companhia,
 O dia quasi todo estão passando,
 Nũa alma, doce, incognita alegria,
 Ostrabalhos tam longos compensando:
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte & famosa, o mundo está guardando
 O premio la no fim bem merecido,
 Com fama grande, & nome alto & subido.
 Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Què as Nymphas do Oceano tam fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra cousa nam be, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragoso:
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte
Por feitos immortais & soberanos,
O mundo, cos varões, que esforço & arte
Diuinos os fizerão, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana
Todos forão de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos
 Por isso, o vos que as fannas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobica hum freio duro,
 E na ambiçam tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, & no torpe & escuro
 Vicio da tirania infame, & urgente:
 Porque essas honras vaãs, esse ouro puro.
 Verdadeiro valor nam dão a gente,
 Milhor he merecellos, sem os ter
 Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguuis, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes, & possintes
 E todos tereis mais, & nenhum menos
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.
 E fareis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E fareis claro o Rei, que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pode. & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

¶ Canto Decimo .

& vltimo.



As ja o claro ama-
dor da Larissea

Adultera, inclinava os animais,
La pera o grande lago, que rodea

Temistitão, nos fins Occidentais:

O grande ardor do Sol Favonio enfrea,

Co sopro, que nos tanques naturais

Encrespa a agoa serena, & despertava

Os Lirios, & lazmins que a calma agrava.

Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes,
 Subião perã os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas, daltos manjares, excellentes,
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cydeiras ricas cristalinas,
 Se assentão, dous & dous, amante & dama,
 Noutras aa cabeceira douro finas,
 Estã coa bella Deosa o claro Gama:
 De ygoarias suaues & diuinas
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão não so do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração moem subita alegria,
 Saltando coa mistura dagoa fria.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Mil praticas alegres se tocavão,
Risos doces, sutis, & argutos ditos,
Que entre hũ & outro mājor se aleuantavão,
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos não faltavão,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizerão descansar da eterna pena,
Cũa voz dhũa angelica Syrena.

Cantava a bella Ninfa, & eos acentos
Que pellos altos pãços vão soando,
Em consonancia ygoal, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir docemente murmurando
As agoas, & nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao ceo
Altos varões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Nam globo vão, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Materia

Materia he de Coturno, & não de Soco.

A que a Nimpha aprendeo no immenso lago:

Qual Sopas não soube, ou Demodoco,

Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.

Aqui minha Caliope te inuoco

Neste trabalho extremo, porque em pago,

Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretendo,

O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio

Ha pouco que passar ate o Otono,

A fortuna me faz o engenho frio,

Do qual ja não me jacto, nem me abono:

Os desgostos me vão leuando ao rio

Do negro esquecimento, & eterno sono,

Mas tu me dá que cumpra, ò grã Rainha

Das Musas, cõ que quero aa nação minha.

Cantava a bella Deosa, que virião

Do Tejo, pello mar que o Gama abrira,

Armadas que as ribeiras vencerião,

Por onde o Oceano Indico suspira:

E que os Gentios Reis, que não darião

A cerviz sua ao jugo, o ferro & yra

Prouarião do braço duro & forte,

Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantava dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por não quebrar cos singulares
Baroës, os nos que dera damizade,
Sofrerâ suas cidades & lugares,
Com ferro, incendios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais odios terâ coa noua gente.

E canta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado & curuo rio,
Desbaratarâ os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente
Que verâ tanto obrar tão pouca gente.

Chamarâ

Chamará o Samorim mais gente noua:
 Virão Reis Bipur, & de Tânôr,
 Das serras de Narsinga, que alta proua
 Estarão prometendo a seu senhor:
 Fará que todo o Naire em fim se moua,
 Que entre Calicû jaz, & Cananor,
 Dambas as leis inimigas, pera a guerra,
 Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidão que yrá matando,
 A todo o Malabar terá admirado:
 Cometerá outra vez não dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immotes

La não defenderá somente os passos,
 Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:
 Acejo de yra o Cão, não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rajás:
 Fará que os seus de vida pouco escassos,
 Cometão o Pacheco que tem asas
 Por dous passos num tempo, mas voando
 Dhum noutro, tudo yrá desbaratando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virá ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andor sublime:
Ia não verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara traicões, & vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fará menos.

Que tornarâ a vez septima, cantava,
Pellejar co inuidto & forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,
Mas com tudo este so o fará confuso:
Trará pera a batalha horrenda, & braua,
Machinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuarâ ferras de fogo
Pera abrasar lhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farâ ser vãã a braueza com que venha:
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.
Porque

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inuentadas
 Tantos Cães não imbelles profligados:
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Decerão a ajudallo, & lhe darão
 Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
 O grão poder de Dario estrue, & rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende,
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,
 Cantando em baxa voz enuolta em choro
 O grande esforço mal agardecido:
 O Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seras sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro a si nos feitos.
Como no galardão injusto & duro,
Em ti & nelle veremos altos peitos,
A baxo estado vir humilde, & escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nua apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Atace merecidos,
Aa lingua vã de Vlisses fraudulenta:
Mas vingome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios caualeiros,
Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se não es pera dar lhe honroso estado,
He elle pera darte hum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

Mis eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome real, e traz consigo
O filho, que no mar serà illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rey leal, e humano,
Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaca, que se arrea
De casas sumptuosas, e edificios,
Co ferro, e fogo seu, queimada, e fea,
Em pago dos passados maleficios:
Despois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e arteficios,
Contra os Lusos: com vellas, e com remos
O mancebo Lourenço farà estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,
Que sae com trouão do cobre ardente,
Farà pedaços leme, masto, vela,
Despois lançando arpeos ousadamente
Na capitaina inimiga: dentro nela
Saltando, a farà so com lança e espada
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE C'A:

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O porâ onde esforço, nem prudencia
Poderâ auer, que a vida lhe re serue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe farão, que com vida se não saya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força rende,
Os ventos que faltârão, & os perigos
Domar, que sobejârão, tudo o ofende:
Aqui resurjão todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,
Outro Sceua verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços
Lhe leua hum cego tiro, que passâra,
Se serue inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficâra:
Ate que outro pilouro quebra os laços,
Com que co al na o corpo se liâra,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vãte alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena,
Que o corpo que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retornar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura, & eterna peni,
De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,
A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,
Trazendo furia & magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está mouendo
Fogo no coração, agoa nos olhos:
A nobre yra lhe vinha prometendo,
Que o sangue fará dar pellos giolhos
Nis inimigas nros sentilo ha o Nilo,
Podelo ha o Indo ver, & o Gange ouuido.

Qual o Touro cioso, que se ensaya
Pera a crua pelleja, os cornos tenta
No tronco d'um Carualho, ou alta Faya
E o ar ferindo, as forças esprimenta:
Tal, antes que no seyo de Cambaya
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a espada afia,
Abaxandolhe a tumida ousadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Farâ espalhar a fraca & grande armada,
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Farâ yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperarâ dos vingadores,
Verâ braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,
Rayos de fogo yrão representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,
E fumo, ferio, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com quẽ despois virâ ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo,
O Cabo Tormentorio, que a memoria
Cos ossos guardar: não terâ pejo
De tirar deste mundo aquelle esprito,
Que não tirarão toda a India, & Egito.

Ali

Ali Cafres seluagens poderão,
 O que destros inimigos não poderão,
 E rudos paos tostados sos farão,
 O que arcos & pelouros não fizeram,
 Occultos os juizos de Deos sam,
 As gentes vaãs que não nos entenderão,
 Chamão lhe fado mau, fortuna escura,
 Sendo so providencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a Ninfa, & a voz alevantaua,
 La no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto
 Serâ seu nome, em todo o mar que lava
 As ilhas do Austro, & praias, que se chamão
 De sam Loureço, & em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentes
 Armas, com que Albuquerque yra amãsand
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso & brando.
 Ali verão as setas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a fe da madre Igreja.
 Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ali do sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pella praya, & mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:
Ate que a força so de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigaçãõ de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
Despois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, & occasiãõ espera boa,
Com que a torne a tomar, que esforço & arte
Vencerãõ a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna & vây rompendo
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrendo
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:
Irão soldados inclitos fazendo
Mais que Liões famelicos, & Touros,
Na luz que sempre celebrada & dina
Sera da Egipcia sancta Caterina.

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,
Posto que rica, & posto que assentada
La no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados, laos valentes
Todos faras ao Luso obedientes.

Mais estanças cantâra esta Syrena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alem broulbe hũa yra que o condena,
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas
Doenças, frechas, & trouoês ardentes,
A sação, & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes
Parece de seluaticas brutezas,
De peitos inhumanos & insolentes,
Dar extremo suplicio pella culpa
Que a fraca humanidade & Amor desculpa.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não serâ a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cõa escrava vil lasciua & escura:
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,
Ou de vsado a crueza fera & dura,
Cos seus hũa ira insana não refrea,
Poẽ na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apêles namorado

Da sua Campaspe, & deulha alegremente,
Nã sendo seu soldado esprimentado,
Nem vendo se num cerco duro & vrgente:
Sentio Ciro que andaua ja abrasado
Araspas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & prometia
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defesa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num caso grande em recompensa.
Per força de Iudita foy marido
O ferreo Balduuino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nymphã o longo canto,
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar, & por espanto,
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidã, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Barborã se teme,
 Do mal de que o Empório Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
 Ia pello nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba, & soberana,
 Pella Cortiça calida, cheirosa,
 Della darã tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa
 Vencendo se erguerã na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas
 Diuidindo, abrirã nouo caminbo,
 Pera ti grande Imperio que te arrears
 De seres de Candace, & Sabã ninho:
 Maçuã com Cisternas de agoa cheas
 Verã, & o porto Arquico ali vizinho,
 E fará descobrir remotas ilhas,
 Que dão ao mundo nouas marauilhas.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Virâ despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa, que câ terâ prouado:
Castigarâ de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do desterro
Em que estâs, & serâs inda tornado,
Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,
Virâs mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado coa Regia dignidade,
Te tirarâ do mundo & seus enganôs:
Outro Meneses logo, cuja ydade
He mayor na prudencia, que nos anos,
Gouernarâ, & farâ o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerâ samente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão so do peito que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos da lna todos sete,
De cubiça triumphâ, & incontinnencia,
Que em tal idade he suma de excellencia.

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,
 Socederâs ô forte Mazcarenhas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos
 Terâ a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingarás, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubica & ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & Iustica, te farão
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem rezão
 Com forças & poder, em que está posto,
 Não vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justica nua, & inteira.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudo não nego que Sampayo
Será no esforço illustre, & afinalado,
Mostrando se no mar hum fero rayo,
Que de inimigos mil verá qualbado:
Em Bicanôr fará cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Despois a ser vencido delle venha
Cutiãle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota
Que Chaul temerá de grande & ousada,
Fará coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira, & destrocada:
Por Heitor Portugues, de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Bicaím se lhe dará,
Não sem sangue porem, que nelle geme
Melique, porque a força so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo *Auspicio*
 De Dio os Rumes feros afugenta,
 Dio que o peito & bellico exercicio
 De Antonio da silueira bem sustenta:
 Fará em Noronha a morte o vsado officio,
 Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimeta,
 No gouerno do Imperio, cujo zelo
 Com medo o roxo mar fará amarelo,

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
 As redeas hum, que ja sera illustrado
 No Brasil, com vencer & castigar
 O Pirata Frances ao mar vsado:
 Depois Capitão mor do Indico mar,
 O muro de Dâmão soberbo & armado,
 Escala, & primeiro entra a porta aberta
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
 Fortaleza darà na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderosissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio:
 Depois yrà com peito esforcadissimo
 A tolher que não passe o Rey Gentio
 De Calecu, que assi com quantos veyo
 O fará retirar de sangue cheyo

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Destroirâ a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E despois junto ao Cabo Comorim
Hũa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destroir o mundo não duuida,
Vencerâ co furor do ferro & fogo,
Em si verâ Beadâla o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
Virâ despois com cetro a governala,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, & nenhum fala:
So quis prouar os asperos castigos
Baticalâ, que virâ ja Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou cheia,
E de fogo & trouoës desfeita & sea.

Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portugues terâ sempre leuantado,
Conforme successor ao succedi lo
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.
Perjas

Persas feroces, Abasís & Rumes
 Que trazido de Roma o nome tem,
 Varios de gestos, varios de costumes
 Que mil nações ao cerco feras vem . .
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes
 Porque hūs poucos a terra lhe detem,
 Em sangue Portugues juram descritos
 De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,
 Trabucos feros, minas encubertas,
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,
 Que tam ledos as mortes tem por certas:
 Ate que nas mayores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
 Onde o violento fogo com ruído,
 Em pedaços os muros no ar leuanta,
 Serâ ali arrebatado, & ao ceo subido:
 Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
 Os ventos, & despois os inimigos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta
— Co restante da gente Lusitana
E com força & saber, que mais importa,
Batalha dá felice & soberana:
Hũs paredes subindo escusam porta,
Outros a abrem, na fera esquadra insana,
Feitos farão tão dinos de memoria,
Que não caibão em vêrso, ou largã historia.

Este despois em campo se apresenta
Vencedor forte & intrepido, ao possante
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos suas terras mal sustenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que castigando vay Dâbul na costa
Nem lhe escapou Pondã no sertão posta.

Estes & outros Barões por varias partes,
Dinos todos de fama & maravilha,
Fazendo se na terra brauos Martes,
Virão lograr os gostos desta Ilha:
Varrendo triumphantes estandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharão estas Nymphas & estas mejas,
Que glorias & hõras saem de arduas empresas.

Assi

Assim cantava a Nympha & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauão,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravão:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nũa consono voz todas soavão,
 Não vos hão de faltar, gente fantosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia & doce suavidade,
 Virão os altos feitos, que descobre,
 Thetis de graça ornada, & gravidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre & claro dia,
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olhos corporais
 Veres, o que não pode a vã ciencia
 Dos errados & miseros mortais:
 Sigueme firme, & forte, com prudencia
 Por este monte espesso, tu cos mais.
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Não andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltava,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisava:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, & hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca sergue, ou se abaxa, & hũ mesmo rosto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sostido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto & de desejo ali ficou,
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & yrás, & o que dejesas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
 Eterea, & elemental, que fabricada
 Assim foy do saber alto, & profundo,
 Que he sem principio, & meta limitada,
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, & sua superficie tão limada,
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguẽ o entende,
 Que a tanto o engenho humano não se estêde.

Este orbe que primeiro vay cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,
 Empireo se nomea, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem,
 Tamanho, que elle so se entende & alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos
 Diuos estão, por que eu, Saturno & Iano,
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
 Fingidos de mortal, & cego engano:
 So pera fazer versos deleitosos
 Seruimos, & se mais o trato humano
 Nos pode dar, he so que o nome nosso
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.

E tambem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tambem por que a Santa prouidencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bõs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso estã chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozãõ, que não anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

Com este rapto, & grande movimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo,
 Por obra deste, o Sol andando atento
 O dia & noite faz, com curso alheyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste, & faz orna lo
 Co largo cinto douro, que estellantes
 Animais doze traz afigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromedi, & seu pay, & o drago horredo:
 Vê de Cassiopea a fermosura,
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.
 Debaxo

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente
Curso veras, nũs graue, & noutros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,
Que não somente ousados se contentão
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil esprimentão,
Verãs as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, onde se apousentão
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves

Ves Europa Christãã mais alta & clara
Que as outras em policia, & fortaleza:
Ves Africa dos bens do mundo auara,
Inculta, & toda cheia de bruteza,
Co Cabo que ate qui se vos negãra,
Que assentou pera o Austro a natureza
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Ve do Benomotapa o grande imperio,
De seluatica gente, negra & nua:
Onde Gonçalo morte & vituperio
Padecerã, polla fe sancta sua:
Nace por este incognito Hemisperio
O metãl, por que mais a gente sua,
Ve que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos
Na justiça real, & defensam,
E na fidelidade dos vizinhos:
Olha delles a bruta multidão
Qual bando espesso & negro de Estorninhos,
Combaterã em Sofala a fortaleza,
Que defenderã Nhaya com destreza.

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que não souberão os antigos,
velo rega, gerandò o Crocodilo,
Os pouos Abasfis de Christo amigos,
Olha como sem muros (nouo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobâ se chama.

Nesta remeta terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos serâ claro,
Ha de ser dom Christouão o nome seu,
Mas contra o fim fatal não ha reparo:
Ve ca a Costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio galalhoço & caro
O Rapto rio nota, que é o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo de ja Aromâta chamado,
E agora Goardafû dos moradres,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do furido toma as cores
Este como limite sta lançado
Que diuide Asia de Africa, & as milhores
Pouoações, que a parte Africa tem
Maçuâ Jam, Arquico, & Suamquem.

Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulchro de sancta Caterina,
 Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destroutra banda
De Rocalgate, & prayas sempre auaras,
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras, que inda serão claras
Quando as gales do Turco, & fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundantes.
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, & imitantes
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os calos.
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervalos,
Que da cidade Armuzã, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aquí

Aqui de dom Felipe de Meneses

Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reueses
De dom Pedro de Sousa, que prouára
La seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido

Cabo de lasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, & dos dões vsados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso lndo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem.
Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,

E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vos outros aqui se estão guardando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Ves corre a costa cèlebre Indiana
Pera o Sul, ate o Cabo Comori
Ia chamado (ori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:
Por este mar a gente Lusitana
Qua com armas virâ de spois de ti,
Terâ vitorias terras, & cidades
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio
Ves com varias nações, sam infinitas:
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escriptas:
Olha que de Narsinga o senhorio.
Tem as reliquias sanctas & benditas,
Do corpo de Thome, barão sagrado,
Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamaua
Meliapor, fermoja, grande, & rica:
Os Idolos antigos adoraua:
Como in da agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estaua
Quando a fe, que no mundo se publica,
Thom e vinha prégando, & ja passara
Prouincias mil do mundo, que insinara.
Chegado

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida
A caso traz hum dia o mar vagando,
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rey, que andaua edificando,
Fazer delle madeira, e não duuida
Poder tiralo a terra compossantes
Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grande o peso do madeiro
Que so pera abalar-se, nada abasta,
Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leua e arrasta
Pera onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formada
Mandar a hum monte surdo, que se moua,
Que obedecerà logo aa voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o proua.
A gente ficon disto aluorocada,
Os Bramenes o tem por cousa noua,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Hão medo de perder autoridade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscão desuios
Com que Thome não se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tão dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Hun filho proprio mata, & logo acusa
De homicidio Thome, que era innocente
Dâ falsas testemunhas, como se vfa
Condenará no a morte breuemente:
O Santo que não vê milhor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, & seja perguntado,
Quem foy seu matador, & será crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homicida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rey se banha logo na ago^a santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louuor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,
 Com seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão mata-lo em fim de tudo.

Hum dia que prégando ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voaua,
 No Santo dá ja a tudo offerecido,
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,
 Com crua lança o peito lhe atraueffa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te chorão as almas, que vestindo
 Se yão da sancta Fe, que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,
 Té recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vós outros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se sois mandados, como estais
Sem yrdes a prègar a sançta fe?
Olhay que se sois Sal, & vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em noſſos dias
(Infieis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tão famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixã de roupas abastada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agoa sançta os lava, & da pureza:
Ve Chatigão cidade das millores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Pera o Austro daqui virada a costa.

Olha

CANTO DECIMO.

181

Olha o reyno Arracão, olha o assento
 De Pegu, que ja mōstros pouoarão,
 Mōstros filhos do feo ajuntamento
 Dhũa molher & hum cão, que sos se acharão:
 Aqui soante Arame no instrumento
 Da geração costumão, o que vsarão
 Por manha da Raynha, que inuentando
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tão comprido,
 Tenassari, Quedã, que he so cabeça
 Das que Pimenta ali tem produzido:
 Mais auante fareis que se conheça
 Malaca, por Empério ennobrecido,
 Onde toda a prouincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando diuidio,
 A nobre Ilhá Samatra, que ja dantes
 Iuntas ambas a gente antiga vio:
 Chersonejo foy dita, & das prestantes
 Veas douro, que a terra produzio,
 Aurea por epitheto lhe ajuntarão,
 Alguns que fosse Ophir ymaginarão:

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

• Mas na ponta da terra Cingapura
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,
Daqui tornando a Costa aa Cynofura
Se encurua, & pera a Aurora se endereita:
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura
De Syão que estes & outros mais fugeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes,
Auãs, Bramãs, por seras tão compridas:
Ve nos remotos montes outras gentes
Que Gueos se chamão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, & sança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle cre como indiscreta,
Que pena & gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,
No seu regaço os Cantos, que molhados
Vem do naufragio triste, & miserando,
Dos procelosos baxos escapados:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lira sonora,
Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,
Cuja mata he do pao cheiroso ornada,
Ves Cauchichina está de escura fama,
E de Aimão ve a incognita enseada,
Aqui o soberbo imperio, que se afama
Com terras, & riqueza não cuidada,
Da China corre, & ocupa o senhorio
Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,
Que entre hum imperio & o outro se edifica,
Certissimo final, & conhecido,
Da potencia real, soberba, & rica:
Estes o Rey que tem não foy nacido
Princepe, nem dos pais aos filhos fica
Mas elegem aquelle que he famoso
Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

OS LUSÍADAS DE L. DE CA.

Inda outra muita terra se te esconde,
Ate que venha o tempo de mostrar se,
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscar-se,
He lapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada será coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As aruores verãs do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que não decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem:

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltão,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bernèò, onde não faltão
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,
Das aruores, que Cânfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda
Sândalo salutifero, & cheiroso,
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda
Esconde pera o Sul difficultoso:
A gente do Sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle so sem outro vae,
Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flamas tremulas vapôra,
A fonte que oleo mana, & a marauilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora,
Cheiroso mais que quanto estila a filha
De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
E ve que tendo quanto as outras tem,
Branda seda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,
Os naturaes o tem por cousa sancta,
Polla pedra onde está a pègada humana:
Nas ilhas de Maldiua nace a pranta
No profundo das agoas soberana,
Cujõ pomo contra o veneno vrgente
He tido por Antidoto excelente.

Verás

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Verâs de fronte estar do roxo estreito
Socotorâ co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar tambem sogeito
A vos, na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, & preciosa,
De sam Lourenço ve a Ilha afamada,
Que Madagascar he dalguis chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito nauegais:
Mas he tambem razão, que no Ponente
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrando se agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,
Castella vossa amiga serà dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis.

Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
Descobri-la ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Ira buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linha,
Dhũa estatura quasi Gigantea
Homens verã, da terra ali vizinha:
E mais ante o estreito, que se arrêa
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar, & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos fação ser aceitos
Aas eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podéis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo pera a patria amada:
Assi lhe disse, & logo mouimento
Fazem da Ilha alegre, & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi forão cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouuerão vista do terreno
Em que nacerão, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, porque mandou
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a patria não, que esta metida,
No gosto da cubiça, & na rudeza
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.
E não

E não sey por que influxo de destino
Não tem hum ledo orgulho, & geral gozto,
Que os animos leuanta de continuo,
A ter pera trabalhos ledo o rosto:
Por isso vos ò Rey, que por diuino
Conselho estais no regio solio posto,
Olhay que sois (& vede as outras gentes)
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vãõ, por varias vias,
Quaes rompentes liões, & brauos touros,
Dando os corpos a fomes, & vigias,
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de Idolatras, & de Mouros,
A perigos incognitos domundo,
A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vos tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta promptos & contentes,
So com saber que sam de vos olhados,
Demonios infernais, negros & ardentes,
Cometerão conuusco, & não duuido
Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos

Fauoreceyos logo, & alegrayos
 Com a presença, & leda humanidade,
 De rigurosas leis desaliuayos,
 Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
 Os mais esprimẽtados. leuantayos,
 Se com a esperiencia tem bondade,
 Pera vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento,
 Tenbão Religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento,
 Com jejuns, disciplina, pellos vicios
 Comuns, toda ambição terão por vento,
 Que o bom Religioso verdadeiro,
 Gloria vãã não pretende nem dinheiro.

Os Cattaleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido & feruente,
 Estendem não somente a ley de cima,
 Mas inda vosso imperio preeminente:
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, hũs os viuos,
 (E o que he mais) os trabalhos excessiuos.

Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
 Possam dizer que sam pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses:
 Tomay conselho so desprimentados,
 Que virão largos anos, largos meses,
 Que posto que em cientos muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz trataua & lia:
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende senhor na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado:
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louuor fae as vezes acabado,
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa esperiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Pera seruiruos braço aas armas feito,
Pera cantaruos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos aceito,
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede, & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada,
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os muros de Marrocos & Trudante,
A minha ja estimada & leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante,
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.



OS
LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

FAC-SIMILE DA PRIMEIRA EDIÇÃO DOS *LUSIADAS*
COM UM PREFACIO
DO DR. THEOPHILO BRAGA



ANNO CCCLXXIV
DO
NASCIMENTO DE LUIZ DE CAMÕES
AUCTOR DOS LUSIADAS
LISBOA

AOS CAMONIANOS

A REPRODUCCÃO photo-lithographica da primeira edição dos *Lusiadas* é uma das mais uteis e importantes contribuições para o estudo do texto puro e authenticico da Epopêa de Camões. São de extrema raridade os exemplares conhecidos d'essa edição, e quando por qualquer circumstancia apparecem no mercado ficam monopolisados pelos privilegiados da fortuna. Nas frequentes reproducções e successivas edições dos *Lusiadas*, com que dia a dia se avoluma a assombrosa bibliographia camoniana, não é facil á mais dedicada boa vontade encontrar esse texto authenticico de 1572 para fazer por elle uma recensão critica. E quando acontece reunir-se nos editores a erudição e o tino philologico, procurando restaurar o texto deturpado, adoptam correcções ra-

soaveis ou plausiveis, que nem por isso deixam de ser arbitrarías; citamos o verso do canto II, est. 54:

Levando o *Idololatra* e o Mouro preso

Emenda-se geralmente para *Idolátra*, alterando o accentto da palavra, que é *Idólatra*, com o intuito de corrigir o verso. Do thema *ídolo* e composição com *latria*, culto, faz-se a palavra *Idololatria*, e por identificação de sons, que por isso se simplificam, *Idolatria*. Camões quando adoptou a palavra *Idólatra*, carecendo do accentto na penultima syllaba, recorreu á fórma originaria, fazendo *Idolo-latra*. Longe de ser um erro é uma belleza.

Os attentados da censura religiosa contra os *Lusíadas* foram gradativamente reparados nas edições que subrepticamente se aproximaram da edição de 1572, imitando-a typographicamente a ponto de parecerem para os menos conhecedores da technica da imprensa, que são reedições do mesmo anno. Mas, do que se não tem salvaguardado o texto dos *Lusíadas* é das preocupações dos criticos, grammaticos, philologos, litteratos, commentadores e de todos quantos se mettem a querer identificar a lingua e as concepções de Camões com o estado actual das nossas ideias e linguagem. Faria e Sousa fez tropelias, que se repercutiram em Garcez Ferreira, no P.^e Thomaz

José de Aquino, em Barreto Feio e em todos quantos seguiram estes editores.

A necessidade constante de voltar ao texto autentico fez com que se examinasse a edição de 1572; appareceram variantes que levaram a reconhecer que se fizeram duas edições dos *Lusiadas* no mesmo anno.

Novo problema, que tem sido minuciosamente discutido, e que se acha apontado em todas as bibliographias camonianas, dando-se os caracteres para reconhecer a primeira e a segunda edição de 1572. Qual d'ellas deve ser a preferida? Prova-se que a segunda de 1572, que tem na portada a cabeça de Pelicano voltada para a esquerda é que é a authentica, impressa sob as vistas do poeta; e que a outra foi uma reproducção intencional para escapar ás delongas da censura, e restaurar o texto deturpado na edição de 1584 designada pelo nome dos *Piscos*.

A complexidade das questões que sugere este facto typographico pôde ser apreciada no excellent trabalho de Tito de Noronha, na memoria *A primeira edição dos Lusiadas* (Porto, 1880, in-4.º, v.-80 p.) E' indispensavel que exista um padrão sempre accessivel da edição authentica dos *Lusiadas*, ao qual com facilidade se recorra nas constantes reproducções do poema camoniano. Muitas e muitas vezes me tem sido feita a pergunta por varios livreiros. A empresa do *Diario de Noticias* pagou algumas libras a um copista para transcrever fielmente o exemplar da Academia real das Sciencias, traslado que serviu para se com-

por o texto dos *Lusiadas* que em 1880 offereceu aos seus assignantes. Cada vez se tornava mais difficil uma comprovação com esse texto. Felizmente a industria moderna achou meio de tornar accessiveis os exemplares unicos, e o que é consolador, o recurso de restaurar os thezouros litterarios truncados pelos accidentes do tempo.

A photo-lithographia faz essa maravilha; só ella póde restabelecer a integridade de um *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, ou uma *Compilação de todas as obras* de Gil Vicente. Para o estudo de documentos litterarios d'esta ordem é sempre impercindivel recorrer ás primeiras edições; e como? se ás vezes é preciso ir ao Museu Britanico, onde está a *Menina e Moça* da edição de Ferrara de 1554, ou a Guettingen, onde existe a edição de 1562 das Obras de Gil Vicente, como aconteceu a Barreto Feio? Os *Lusiadas* estão em igual caso; carecem de ser lidos, estudados e criticados na edição authentica. Desde 1883 que se trabalha n'esta reproducção photo-lithographica; um especimen foi apresentado ao publico no *Episodio de Ignez de Castro*, em 1887; na advertencia preliminar já se falla nas variantes do texto de 1572, alludindo aos estudos de José Feliciano de Castilho e de Tito de Noronha. Vê-se que não houve a simples preocupação da nova technica typographica, mas sim a vontade de prestar um utilissimo serviço litterario. E prestaram; os que estudam Camões o reconhecerão.

E que momento mais significativo para dar á luz a reproducção authentica dos *Lusiadas*, de que agora n'este jubileu nacional do quarto Centenario do descobrimento maritimo da India? E' uma pedra que fica n'este monumento de edificação moral.

THEOPHILO BRAGA.

*A edição n'esta qualidade de papel consta de 314
exemplares todos numerados e rubricados.*

EXEMPLAR N.º 207

Joaquim Eusebio dos Santos

Pertence _____

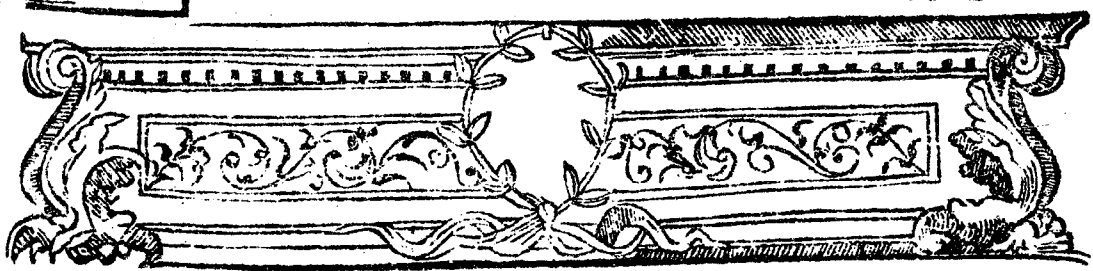


OS
LUSIADAS
de Luis de Ca-
moës.

COM PRIVILEGIO
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da
sancta Inquisição, & do Ordina-
rio: em casa de Antonio
Gõçalvez Impressor.*

1572.





Vel Rey faço saber aos que este Aluara virẽ que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camões pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oçtaua rima chamada Os Lusíadas, que cõtem dez cãtos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueses nas partes da India depois q̃ se descobrio a navegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu visauo q̃ sancta gloria aja, & isto com privilegio pera que em tẽpo de dez annos que se começarão do día q̃ se a dita obra acabar de imprimir em diãte, se não possa imprimir né vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, né leuar aas ditas partes da India perã se vèder sem licẽça do dito Luis de Camões ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sobpena de quẽ o contrario fizer pagar cincoõta cruzados & perder os volumes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camões, & a outra metade pera quem os acusar. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porã impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do sancto officio da Inquisiçam, pera com sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camões tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do sancto officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirã outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feyta em meu nome, per mim asinada, & passada por minha Chancelaria, sem embargo da Ordenaçam do segundo liuro, titulo xx. que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum anno passem per cartas, & passando per aluaras não valham. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a vinte & quatro dias do mes de Setembro, de M.D.LXXI. Iorge da Costa o fiz escreuer.

VI por mandado da sancta & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia, & Europa, & não acheý nelles cousa algũa escandalosa, nem contraria á fee & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Author pera encarecer a difficuldade da nauegaçam & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retrações se retrakte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estillo Poetico, não tiemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conbecendoa por tal, & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fee, que todos os Deoses dos Gentios sam Demonios. E por isso me pareceo o Liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho, & muita erudição nas sciencias humanas. Em se do qual asiney aqui.

*Frey Bertholameu
Ferreira.*

OS LUSIADAS
DE LVIS DE
CAMÕES.

Canto Primeiro.



A rmas, & os ba-
rões assinalados,
Que da Occidental praya Lusitana,
Por mares, nunca de antes nao
uegados,
Passaram, ainda alem da Taprobana,
Em perigos, & guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana:
Entre gente remota edificaram
Novo Remo, que tanto sublimaram.

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fee, o Imperio, & as terras viciosas
De Africa, & de Asia, andaram deuastrãdo
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da ley da Morte libertando.
Cantando espalharey por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Cessera

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,
As nauegações grandes que fizeram:
Callese de Alexandro, & de Trajano
A fama das victorias que tiueram,
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,
A quem Neptuno, & Marte obedeceram:
Cesse tudo o que à Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se aleana.

E vos Tagides minhas, pois criado
Ten les em my hum nouo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado,
Foy de my vosso rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto, & sublimado,
Hum estillo grandiloco, & corrente:
Porque de vossas agoas Phebo ordene,
Que nam tenham enueja às de Hypocrene.

Dai-me hũa furia grande & sonora,
E nam de agreste a vena, ou frauta ruda:
Mas de tuba canora & belicosa,
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:
Dai-me igoal canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:
Que se espalhe & se cante no vniuerso,
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

CANTO PRIMEIRO: . . .

E vos ò bem nascida segurança
Da Lusitana antiga liberdade,
Enão menos certissima esperança,
De aumento da pequena Christandade:
Vos ò nouo temor da Maura lança,
Marauilha fatal da nossa idade:
Dada ao mundo por Deos que todo o mande,
Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenro, & nouo ramo florecente,
De hũa aruore de Christo mais amada
Que nenhũa nascida no Occidente,
Cesaria, ou Christianissima chamada:
Vedeo no vosso escudo, que presente
Vos amosra a victoria ja passada.
Na qual vos deu por armas, & deixou
As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,
O Sol logo em nascendo ve primeiro:
Veo tambem no meyo do Hemispherio,
E quando dece o deixa derradesro.
Vos que esperamos jugo & vituperio,
Do torpe Ismaelita caualleiro:
Do Turco Oriental, & do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto Rio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Inclinay por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que ja se mostra qual na inteira idade,
Quando sobindo yreis ao eterno templo,
Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,
De amor, dos patrios feitos valerosos,
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, nam mouido
De premio vil: mas alto, & quasi eterno,
Que nam he premio vil ser conhecido,
Por hum pregam do ninho meu paterno.
Ouui vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sots senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouui, que nam vereis com vãs façanhas,
Fantasticas, fingidas, mentirosas,
Louuar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecerse desejosas:
As verdadeiras vossas sam tamanhas,
Que exceedem as sonhadas fabulosas:
Que exceedem Rodamõte, & o vão Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

CANTO PRIMEIRO. 3

Por estes vos darey hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,
Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero
A Citera parelles so cobico:
Pois polos doze Pares daruos quero,
Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço:
Douuos tambem aquelle illustre Gama
Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Afonso, cuja lanca
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle que a seu Reino a segurança
Deixou, com a grande & prospera victoria:
Outro Ioanne, inuicto caualleiro,
O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus versos esquecidos,
Aquelles que nos Reinos la da Aurora,
Se fizeram por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora.
Hum Pacheco fortissimo, & os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teue a morte.

A 3 E em

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

E em quanto eu estes canto, & a vos nam posso
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,
Tomay as redeas vos do Remo vosso,
Dareis materia a nunca ouuido canto:
Comecem a sentir o peso grosso,
(Que polo mundo todo faça espanto,)
De exercitos, & feitos singulares,
De Africa as terras, & do Oriete os mares.

Em vòs os olhos tem o Mourro frio,
Em quem vè seu exicio asfigurado,
So com vos ver o barbaro Gentio,
Mostra o pescoço ao jugo ja inclinado,
Thetis todo o ceruleo senborio,
Tem pera vòs por dote aparelhado:
Que affeicoada ao gesto bello, & tenro,
Deseja de compraruos pera genro.

Em vòs se vem da Olimpica morada,
Dos dous auòs, as almas ca famosas,
Hũa na paz Angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vòs esperam, ver se renouada
Sua memoria, & obras valerosas.
E la vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprem. eternidade.

Mas

CANTO PRIMEIRO:

Mas em quanto este tempo passa lento,
De regerdes os pouos, que o desejam:
Day vos fauor ao nouo atreuismento,
Pera que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o falso argento:
Os vossos Argonautas, porque vejam,
Que sam vistos de vos no mar yrado,
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Occeano nauegauam,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respirauam,
Das naos as vellas concauas inchando:
Da branca escuma, os mares se mostrauão
Cubertos, onde as proas vam cortando,
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Proteo sam cortadas:

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,
Onde o gouerno esta da humana gente,
Se ajuntam em consilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o cristalino Ceo fermoso,
Vem pela via Laetea, juntamente,
Conuocados da parte de Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LYSIADAS DE L. DE CA

Deixam dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foy dado,
Alto poder, que so co pensamento
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:
Ali se acharam juntos num momento,
Os que habitam o Arcturo congelado.
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime & dino,
Que vibra os feros rayos de Vulcano,
Num assento de estrellas cristalino,
Com gesto alto seüero, & soberano,
Do rosto respirava hum ar diuino,
Que diuino tornara hum corpo humano:
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos marchetados
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão
Os outros Deoses todos assentados,
Como a Razam, & a Ordem concertauam:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentauam:
Quando Iupiter alto assi dizendo,
Cum tom de voz começa, graue & horendo.

Eternos

CANTO PRIMEIRO. *

Eternos moradores do luzente

Estelifero polo, & claro assento,
Se do grande valor da forte gente,
Do Luso, nam perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente
Como he dos fados grandes, certo intento,
Que por ella sesqueçam os humanos,
De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

Ja lhe foy (bem o vistes) concedido

Cum poder tam singelo, & tam pequeno,
Tomar ao Mourro forte & guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhanao tam temido,
Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.
Assi que sempre em fim com fama & gloria
Teue os tropheos pendentés da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,

Que co a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Variato, na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram.
Tambem deixo a memoria que os obriga
A grande nome, quando aleuantaram
Hum por seu capitam, que peregrino
Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,
O diuidoso mar, num lenho leue
Por vias nunca vsadas, nam temendo
De Africo & Noto a força a mais satreuez:
Que auendo tanto ja que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, & onde breue.
Inclinam seu proposito, & perfia
A ver os berços, onde nasce o dia.

Prometido lhe está do fado eterno,
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,
Que tenham longos tempos o gouerno
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,
A gente vem perdida & trabalhada.
Ia parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a noua terra que deseja.

E porque, como viestes, tem passados
Na viagem, tam asperos perigos,
Tantos climas, & ceos experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos:
E tendo guarnecida a lassa frota,
Começaram a seguir sua longa rota.

Estas

CANTO PRIMEIRO: 8

Estas palavras *Lupiter* dizia,
Quando os Deoses per ordem respondendo,
Na sentença hum do outro disjiria,
Razões diuersas dando & recebendo:
O padre *Baco*, ali nam consentia
No que *Lupiter* disse, conbecendo
Que esqueceram seus feitos no Oriente,
Se la passar a *Lusitana* gente.

Ouuido tinha aos *Fados* que viria
Hũa gente fortissima de *Hespanha*
Pelo mar alto, a qual sojeitaria
Da *India*, tudo quanto *Doris* banha,
E com nouas victorias venceria
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que *Nisa* celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o *Indo* sojugado,
E nunca lhe tirou *Fortuna*, ou caso,
Por vencedor da *India* ser cantado,
De quantos bebem a agoa de *Parnaso*:
Teme agora que seja sepultado
Seu tam celebre nome, em negro vaso,
Dagoa do esquecimento, se la chegam
Os fortes *Portugueses*, que nauegam.
Sustentava

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle Venus bella,
Afeicoada aa gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga tam amada sua Romana,
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostráram na terra Tingitana:
E na lingua, na qual, quando imagina,
Com pouca corrupçam cre que he a Latina.

Estas causas mouiam Cyterea,
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara Dea,
Onde a gente beligerá se estende.
Assi que hum pela infamia que arrecea
E o outro pelas honras que pretende,
Debatem, & na perfia permanecem,
A qualquer seus amigos fauorecem.

Qual Austro f-ro, ou Boreas na espessura,
De siluestre aruoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura,
Com impito & braueza desmedida:
Brama to-la montanha, o som murmura,
Rompen-se as folhas, ferue a serra erguida.
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deuses no Olimpo consagrado,

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava
Entre todos as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia,
De antre os Deoses em pee se levantava,
Merencario no gesto parecia:
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando pera tras medonho, & yrado.

A viseira do elmo de Diamante,
Aleuantando hum pouco, muy seguro,
Por dar seu parecer se pos diante
De Iupiter, armado, forte & duro:
E dando hũa pancada penetrante,
Co conto do bastão, no folio puro:
O ceo tremeo, & Apolo de toruado,
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò Padre a cujo imperio,
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente que busca outro Emispherio,
Cuja valia, & obras tanto amaste:
Nam queiras que padecam vituperio,
Como ha ja tanto tempo que ordenaste.
Nam ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razam se nam mostrasse,
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tam privado:
Mas esta tençam sua, agora passe,
Porque em fim vem de estamago danado.
Que nunca tirará alhea enueja,
O bem que outrem merece, & o ceo deseja.

E tu Padre de grande fortaleza,
Da determinaçam que tês tomada,
Nam tornes por deiras, pois he fraqueza
Desistir se da cousa começada.
Mercurio pois excede em ligeireza
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,
Lhe va mostrar a terra, onde se informe
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mauorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Laeteo glorioso,
Logo cada hum dos Deoses se partio.
Fazendo seus reaes acatamentos,
Pera os determinados apousetos.

Em

CANTO PRIMEIRO.

8

Em quanto isto se passa, na fermosa
Casa Eterea do Olimpo omnipotente,
Cortaua o mar a gente belicosa:
Ia la da banda do Austro, & do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, & a famosa
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente
Queimaua entam os Deoses, que Tifeo
Co temor grande em peixes conuerteo.

Tam brandamente os ventos os leuauam,
Como quem o ceo tinha por amigo:
Serenos o ar, & os tempos se mostrauam
Sem nuues, sem receyo de perigo:
O promontorio prasso ja passauam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo:
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,
Novas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo, & de altiuo coraçam,
A quem fortuna sempre fauorece,
Pera se aqui deter nam ve razam,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinaua:
Mas nam lhe soccedeo como cuidaua.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Eis apparecem logo em companhia,
Hũs pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se aluoroça, & de alegria
Nam sabe mais que olhar a causa della:
Que gente sera esta, em si deziã,
Que costumes, que ley, que Rei teriam?

As embarcações eram, na maneira
Muy veloces, estreitas, & compridas,
As vellas com que vem eram de esteira,
Dũas folhas de Palma bem tecidas:
A gente da cor era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras acendidas
Ao mundo deu, de ousado, & nam prudente,
O Padoo sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodam vinham vestidos,
De varias cores, brancos, & listrados,
Hũs trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo ayroso sobraçados:
Da cinta pera cima vem despidos,
Por armas tem adagas & tarçados:
Com toucas na cabeça, & nauegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

CANTO PRIMEIRO. 9

Cos panos, & cos braços acenauam,
Aas gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas ja as proas ligeiras se inclinauam
Pera que junto aas llhas amainassem:
A gente, & marinheiros trabalhauam,
Como se aqui os trabalhos sacabassem:
Tomão vellas, amainase a verga alta,
Da ancora o mar ferido, encima salta.

Namerão ancorados, quando a gente
Estranha, polas cordas ja sobia,
No gesto ledos vem, & humanamente,
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda por em continente,
Do licor que Lieo prantado auia:
Enchem vasos de vidro, & do que deitão,
Os de Phaetom queimados nada engeitam.

Comendo alegremente perguntauam,
Pela Arabica lingoa, donde vinham,
Quem eram, de que terra, que buscaão,
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornauam,
As discretas repostas que conuinham:
Os Portugueses somos do Occidente,
Himos buscando as terras do Oriente.

B Do

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado
Toda a parte do Antartico, & Calisto,
Toda a costa Africana rodeado,
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:
Dum Rei potente somos, tam amado,
Tam querido de todos, & bem quisto:
Que nam no largo Mar, com leda fronte:
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega,
Por elle o Mar remoto nauegamos,
Que so dos feos Focas se nauega:
Mas ja razam parece que saibamos,
Se entre vòs a verdade nam se nega:
Quem sois, que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India algus sinais?

Somos, hum dos das Ilhas, lhe tornou,
Estrangeiros na terra, Lei, & nação
Que os proprios, sam aquelles que criou
A Natura sem Lei, & sem Razão:
Nos temos a Lei certa que ensinou,
O claro descendente de Abrahão:
Que agora tem do Mundo o senhorio,
Amã Hebreã teue, & o pay Gentio.

Esta

CANTO PRIMEIRO. 10

Esta Ilha pequena que habitamos,
He em toda esta terra certa escala,
De todos os que as Ondas nauegamos,
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente.
Tambem sera bem feito que tenhais,
Da terra algum refresco, & que o Regente
Que esta terra gouerna, que vos veja,
E do mais necessario vos proneja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitão & gente se apartou,
Com mostras de deuida cortesia:
Nisto Febo nas agoas encerrou,
Co carro de Christal, o claro dia:
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,
O largo Myndo, em quanto repousasse.

B 2 A noite

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Anoyte se passou na lassa frota,
Com estranha alegria, & não cuydada,
Por acharem da terra tam remota,
Nova de tanto tempo desejada:
Qualquer entam consigo cuyda, & nota
Na gente, & na maneira desusada.
E como os que na errada Seita crerão,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

Da Lúa os claros rayos rutilauão,
Polas argenteas ondas Neptuninas,
As Estrellas os Ceos acompanhauão.
Qual campo reuestido de boninas,
Os furiosos ventos repousauão,
Polas couas escuras peregrinas.
Porem da armada a gente vigiaua,
Como por longo tempo costumaua.

Mas asy como a Aurora marchetada,
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceu sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hiperionio que acordou,
Começa a embandeirarse toda a armada,
E de toldos alegres se adornou:
Por receber com festas, & alegria,
O Reyedor das Ilhas que partia.

Partia

Partia alegremente nauegando,
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando,
 Que sam aquellas gentes inhumanas:
 Que os apouentos Caspios habitando.
 A conquistar as terras Asianas
 Vierão: & por ordem do destino,
 O Imperio tomáram a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,
 O Mouro, & toda sua companhia,
 Dalhe de ricas peças hum presente,
 Que so pera este effeito ja trazia:
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente
 Nam vsado licor que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come, & bebe.

Está a gente maritima de Luso,
 Subida pela exarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo, & uso,
 E a lingoagem tam barbara, & enleada.
 Tambem o Mouro astuto está confuso,
 Olhando a cor, o trajo, & a forte armada.
 E perguntando tudo lhe dizia,
 Se porventura vinham de Turquia.

OS LYSIADAS DE L. DE CA

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os liuros de sua ley, preceito, ou fe,
Pera ver se conforme à sua seja,
Ou se sam dos de Christo, como cre:
E porque tudo note, & tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê,
Mostra das fortes armas de que vsauão,
Quando cos inimigos pelejauão.

Respondeo ò valeroso Capitão,
Por hum que a lingoa escura bem sabia:
Darte ey Senhor illustre relação
De my, da ley, das armas que trazia:
Nem sou da terra, nem da geraçam,
Das gentes enojosas de Turquia:
Mas sou da forte Europa belicosa,
Busco as terras da India tam famosa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil, & inuisibil,
Aquelle que criou todo o Emispherio,
Tudo o que sente, & todo o insensibil
Que padeceo deshonra, & vituperio,
Sofrendo morte injusta, & insufribil:
E que do ceo aa terra em fim deceo,
Por sobir os mortais da terra ao ceo.

Deste

Deste Deos homem, alto, & infinito,
 Os liuros que tu pedes nam trazia,
 Que bem posso escusar trazer escripto
 Em papel, o que na alma andar deuia.
 Se as armas queres ver, como tês dito,
 Comprido esse desejo te seria:
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros, amostrar as armaduras,
 Vem arneses, & peitos reluzentes,
 Malhas finas, & laminas seguras,
 Escudos de pinturas diferentes,
 Pilouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, & sagittiferas aljauas,
 Partasanas agudas, chucas brauas,

As bombas vem de fogo, & juntamente
 As panellas sulfuneas, tam danosas,
 Porem aos de Vulcano nam consente
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:
 Porque o generoso animo, & valente,
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,
 Não mostra quanto pode, & com razão,
 Que he fraqueza entre ouelhas ser lião.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho atento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Hũa vontade mã de pensamento.
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:
Mas com risonho, & ledo fingimento,
Tratallos brandamente determina,
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse aa India ser leuado,
Dizlhe, que o largo premio leuarão,
Do trabalho que nisso for tomado.
Prometellos o Mouro, com tenção
De peito venenoso, & tam danado:
Que a morte se podesse neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanbo o odio foy, & a mã vontade,
Que aos estrangeiros supito tomou,
Sabendo ser sequaces da verdade,
Que o filho de Dauid nos ensinou,
Os segredos daquella Eternidade,
A quem juyzo algum nam alcançou.
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles de quem foste tanto amigo?

Partiose

Partiose nisto em fim co a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa & grande cortesia,
 Com gesto ledo a todos, & fingido:
 Cortaram os bateis a curta via
 Das agoas de Neptuno, & recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foy o Mouro ao cognito aposento.

Do claro assento Etereo, o gram Tebano,
 Que da paternal coxa foy nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano,
 Ao Mouro ser molesto, & auorrecido:
 No pensamento cuyda hum falso engano
 Com que seja de todo destruydo.
 E em quanto isto so na alma imaginava
 Configo estas palauras praticava.

Esta do fado ja determinado,
 Que tamanhas victorias tam famosas,
 Ajam os Portugueses alcançado,
 Das Indianas gentes belicosas.
 E eu so filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas:
 Ey de sofrer que o Fado fauoreça
Outrem, porquem meu nome se escureça?
la quiserão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ia quizeram os Deoses que tiuesse,
O filho de Filipo nesta parte,
Tanto poder, que tudo sometesse
Debaixo de seu jugo, o fero Marte:
Mas asse de soffrer que o Fado desse,
A tam poucos tamanho esforço, & arte
Queu co gram Macedonio, & Romano,
Demos lugar ao nome Lusitano?

Não sera affy, porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe sera tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerey aa terra, & o indignado
Peito, reuolueray da Maura gente,
Porque sempre por via yra direita,
Quem do oportuno tempo se aproueita.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,
Sobre a terra Affricana descendeo,
Onde vestindo a forma & gesto humano,
Pera o Prasso sabido se moueo.
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se conuerteo,
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.

E entrando

CANTO PRIMEIRO. 14

Entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz como erão gentes roubadoras,
Estas que ora de nouo sam chegadas:
Que das nações na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Forão por estes homẽs que passauam,
Que com pactos de paz sempre ancorauam.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido,
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem ja de longe engano vrdido,
Contra nõs, & que todos seus intentos
Sam pera nos matarem, & roubarem,
E molheres & filhos captiuarem.

Etambem sey que tem determinado,
De vir por agoa a terra muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado,
Que da tençam danada nasce o medo:
Tu deues de yr tambem cos teus armado
Esperallo em cilado, occulto & quedo:
Porque saindo a gente descuydada,
Cairão facilmente na cilada.

E se inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda nam ficarem deste geito,
Destruydos, ou mortos totalmente,
Eu tenbo imaginada no conceito,
Outra manha & ardil que te contente:
Mandalhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, & tam prudente,
Que os leue aonde sejam destruydos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,
O Mouro nos taes casos, sabio & velho
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou,
Pera a guerra o beligero aparelho:
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,
Sagaz, astuto, & sabio em todo dano,
De quem fiar se possa hum feito grande,
Dizlhe que acompanhando o Lusitano,
Por tais costas, & mares co elle ande:
Que se daqui escapar, que la diante
Va cair onde nunca se alevante.

Ia o rayo Apolineo visitava,
 Os Montes Nabatheos acendido,
 Quando Gama cos seus determinau
 De vir por agoa a terra apercebido:
 A gente nos bateis se concertava,
 Como se fosse o engano ja sabido:
 Mas pode sospeitar se facilmente,
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,
 De antes pelo Piloto necessario:
 E foilhe respondido em som de guerra,
 Caso do que cuidava muy contrario:
 Por isto, & porque sabe quanto erra,
 Quem se cre de seu perfido aduersario,
 Apercebido vay como podia,
 Em tres bateis samente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,
 Por lhe defender a agoa desejada,
 Hum de escudo embarçado, & de azagaya,
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:
 Esperão que a guerreira gente saye,
 Outros muytos ja postos em cillada.
 E porque o caso leue selhe faça,
 Poem hūs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Andão pela ribeira alua arenosa,
Os belicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e co a astea perigosa,
Os fortes Portugueses incitando:
Nam soffre muito a gente generosa,
Andarlhe os cães os dentes amostrando.
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,
Vendo a fermosa dama desejada,
O Touro busca, e pondo se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e poem por terra.

Eis nos bateis fogo se leuanta,
Na furiosa e dura artilheria,
A plumbea pela mata, o brado espanta.
Ferido o ar retumba, e a ssonia:
O coraçam dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhe resfria.
La foge o escondido de medroso,
E morre o descuberto auenturoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata
 A pouoaçam sem muro, & sem defesa,
 Esbombardea, acende, & desbarata.
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,
 Que bem cuidou comprala mais barata:
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,
 O velho Inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,
 Sem força, de couarde, & de apressado,
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,
 Dalhe armas o furor desatinado:
 Ia a Ilha, & todo o mais, deseparando,
 Aa terra firme foge amedrontado.
 Passa, & corta do mar o estreito braço,
 Que a Ilha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almãdias carregadas,
 Hum corta o mar a nado diligente,
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:
 Arrombão as meudas bombardadas
 Os Pangaios sotis da bruta gente.
 Desta arte o Portugues em fim castiga,
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tornam victoriosos pera a armada,
Co despojo da guerra, e rica presa,
E vão a seu prazer fazer agoada,
Sem achar resistencia, nem defesa,
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca acesa.
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,
O Regedor daquella inica terra,
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falso prometido,
Que toda a mátençam no peito encerra.
Pera os guiar aa morte lhe mandava,
Como em final das pazes que tratava.

O Capitam, que ja lhe entam conuinha,
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinba,
Pera yr buscar o lndo desejado.
Recebendo o Piloto que lhe vinha,
Foy delle alegremente agasalhado:
E respondendo ao mensageiro, atento
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Dest 6

CANTO PRIMEIRO. 17

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Anfitrite diuidia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, & doce companhia.
O Capitam, que nam cahia em nada,
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:
Delle muy largamente se informaua,
Da india toda, & costas que passaua.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o maleuolo Baco lhe ensinara
De morte, ou captiueiro novos danos,
Antes que aa India chegue lhe prepara,
Dando razam dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que auendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

E dizlhe mais co falso pensamento,
Com que Synon os Phrigios enganou,
Que perto estã hũa Ilha, cujo assento,
Pouo antigo Christão sempre abitou:
O Capitão que a tudo estaua a tento,
Tanto co estas nouas se alegrou,
Que com dadiuas grandes lhe rogaua,
Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

C

Ho

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda & pede,
Que a Ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mahamede:
Aqui o engano & morte lhe imagina,
Porque em poder & forças muito excede
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama
Quíloa, muy conbecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por yr buscar a morte não cuidada,
Nam consente que em terra tam remota
Se perca a gente della tanto amada.
E com ventos contrarios a desuia,
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o maluado Mouro nam podendo,
Tal determinaçam leuar a vante,
Outra maldade inica cometendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,
Os leuarão por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,
Eram Christãos com Mouros juntamente.

Tambem

CANTO PRIMEIRO.

13

Tambem nestas palauras lhe mentia,
 Como por regimento em fim leuava,
 Que aqui gente de Christo nam auia:
 Mas a que a Mahamede celebraua.
 O Capitam que em tudo o Mouro cria,
 Virando as vellas, a Ilha demandaua:
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,
 Nam entra pela barra, e surge fora.

Estaua a Ilha aà terra tam chegada,
 Que hum estreito pequeno a diuidia,
 Hüa cidade nella situada,
 Que na frente do mar aparecia,
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fora, ao longe descobria,
 Regida por hum Rei de antiqua idade,
 Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

E sendo a ella o Capitam chegado,
 Estranhamente ledo, por que espera
 De poder ver o pouo baptizado,
 Como o falso Piloto lhe dissera:
 Eis vem bateis da terra com recado
 Do Rei, que ja sabia a gente que era,
 Que Baco muito de antes o auisara,
 Na forma doutro Mouro que tomara.

C 2 O recado


OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:
Mas debaxo o veneno vem cuberto,
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foy o engano descuberto.
O grandes & grauisimos perigos,
O caminho de vida nunca certo.
Que aonde a gente poem sua esperança,
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra, tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade auorrecida:
Onde pode acolherse hum fraco humano,
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, & se indigne o ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

 Canto Segundo.


LA neste tempo o
 lucido Planeta,
 Que as horas vay do dia distin-
 guindo,
 Chegava aa desejada, & lenta Meta,
 A luz celeste aa gentes encobrindo:
 E da casa maritima secreta,
 Lhe estava o Deos Nocturno a porta abrindo
 Quando as fingidas gentes se chegarão
 Aas naos, que pouco avia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,
 O mortifero engano, assi dezia:
 Capitam valeroso, que cortado
 Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,
 O Rei que manda esta lha aluorocado
 Da vinda tua tem tanta alegria,
 Que nam deseja mais que agasalharte,
 Verte, & do necessario reformarte.

C 3

E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E porque está em extremo desejofo
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhofo,
Traras a gente debil, e cansada,
Diz que na terra podes reformala,
Que a natureza obriga a desejala.

E se buscando vas mercadoria,
Que produze o aurifero Leuante,
Canella, Crauo, ardente especiaria,
Ou Droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubi fino, origido diamante:
Daqui leuaras tudo tam sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitam responde,
As palauras do Rei agradecendo,
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Nam entra pera dentro obedecendo,
Porem que como a luz mostrar por onde
Va sem perigo, a frota nam temendo,
Comprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe

CANTO SEGUNDO. 32

Perguntalhe despois, se estam na terra
Christãos, como o Piloto lhe dizia,
O mensageiro astuto que nam erra,
Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cria:
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a sospeita, & cauta fantasia:
Por onde o Capitam seguramente,
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,
Por culpas, & por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duuidosos:
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos,
A Cidade, & poder, & por que vejão,
Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa, & branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
La a companhia perfida, enefanda
Das naos se despedia, & o mar cortava,
Foram com gestos ledos, & fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

C 4

E despois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E despois que ao Rei à presentaram,
Co recado os presentes que trazião,
A Cidade correram, & notarão
Muito menos daquillo que querião,
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pedião.
Que onde reina a malicia, està o receio
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquella que sempre a mocidade,
Tem no rosto perpetua, & foy nascido
De duas mãis: que vrdia a falsidade,
Por ver o nauegante destruydo:
Estaua nũa casa da Cidade,
Com rosto humano, & habito fingido,
Mostrandose Christão, & fabricaua
Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada
Do alto & Sancto Spirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a vnica Fenix Virgem pura,
A companhia sancta està pintada,
Dos doze tam toruados na figura,
Como os que, so das lingoas que cayrão,
De fogo, varias lingoas referirão.

Aquí

CANTO SEGUNDO. 21

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baco estava,
Poem em terra os gíolhos, & os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava
Os cheiros excellentes produzidos,
Na Panchaia odorifera queimava
O Thionex, & assi por derradeiro
O falso Deos adora o Verdadeiro.

Aqui foram denoite agasalhados,
Com todo o bom, & honesto tratamento
Os dous Christãos, nam vendo que enganado
Os tinha o falso, & sancto fingimento:
Mas assi como os rayos espalhados
Do Sol foram no mundo, & num momento,
Apareceo no rubido Orizonte,
Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornam da terra os Mouros co recado,
Do Rei, pera que entrassem, & consigo
Os dous que o Capitam tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portugues certificado,
De nam auer receyo de perigo.
E que gente de Christo em terra avia,
Dentro no falso rio entrar queria.

Dizem

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,
Sacras aras, & sacerdote sancto,
Que ali se agasalhárão, & dormirão,
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:
E que no Rei, & gentes nam sentirão
Senam contentamento, & gosto tanto:
Que nam podia certo auer sospeita.
Nũa mostra tam clara, & tam perfeita.

Cõ isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam,
Que leuemente hum animo se fia,
De mostras que tão certas pareciam:
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinhão todos, porque crem
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauam,
Armas, & munições, que como vissem
Que no Rio os nauios ancorauam
Nelles ousadamente se sobissem:
E nesta treição determinauam,
Que os de Luso de todo destruissem:
E que incautos pagassem deste geito
O mal que em Moçambique tinham feito.

As ancoras tenaces vão levando,
 Com a nautica grita costumada,
 Da proa as vellas sos ao vento dando,
 Inclinam pera a barra abalisada:
 Mas a linda Ericina, que guardando
 Andava sempre a gente assinalada:
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,
 Voa do ceo ao mar como hũa jeta.

Conuoca as aluas filhas de Nerèo,
 Com toda a mais cerulea companhia,
 Que porque no salgado mar nasceo,
 Das agoas o poder lhe obedecia.
 E propondolhe a causa a que deceo,
 Com todos juntamente se partia:
 Pera estoruar que a armada nam chegasse,
 Aonde pera sempre se acabasse.

Ia na agoa erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma,
 Cloto co peito eorta, & atraueffa
 Com mais furor o mar do que costuma.
 Salta Nise, Nerine se arremessa,
 Por cima da agoa crespa, em força summa.
 Abrem caminho as ondas encuruadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto ateso,
Vay a linda Dione furiosa,
Nam sente quem a leua o doce peso,
De soberbo, com carga tam fermosa:
la chegão perto donde o vento teso.
Enche as vellas da frota belicosa.
Repartense, & rodeão nesse instante
As naos ligeiras que hião por diante.

Poemse a Deosa com outras em direito
Da proa capitaina, & ali fechando,
O caminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vella inchãdo:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Pera detras a forte nao forçando.
Outras em derredor leuandoa estauão,
E da barra inimiga a desuiãão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,
Leuando o peso grande acomodado,
As forças exercitam, de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,
Ali mostram vigor nunca esperado.
Tais andauão as Nymphas estoruando
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

CANTO PRIMEIRO

21

Torna pera detras a Nao forçada,
A pesar dos que leua, que gritando,
Mareão vellas, ferue a gente yrada,
O leme a hũ bordo, & a outro atraueffando,
O Mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estaua hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo.

A celeuma medonha se aleuanta,
No rudo Marinheiro que trabalha,
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Nam sabem a razam de furia tanta,
Nam sabem nest a pressa quem lhe valha:
Cuydão que seus enganos sam sabidos,
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançauão,
A seus bateis veloces que trazião,
Outros encima o mar aleuantauão,
Saltando nagoa a nado se acolhião:
De hum bordo & doutro subito saltauão,
Que o medo os compelia do que vião.
Que antes querem ao mar auenturarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CAJ

Assi como em seluatica agoa,
As rãs no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fora da agoa incautamente,
Daqui, & dali saltando, o charco soa,
Por fogir do perigo que se sente,
E acolhendose ao couto que conbecem,
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiãra,
Crendo que seu engano estaua noto,
Tambem foge saltando na agoa amara:
Mas por nam darem no penedo immoto,
Onde percão a vida doce, & cara:
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranbeza
Dos Mouros, não cuidada, & juntamente,
O Piloto fogir lhe com presteza,
Entende o que ordenaua a bruta gente,
E vendo sem contraste, & sem braueza
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,
Que a Nao passar auante não podia,
Auendo o por milagre assi dizia.

O caso

CANTO SECUNDO. 34

O caso grande, estranho, & não cuydado
O milagre clarissimo, & euidente,
O descuberto engano inopinado,
O perfida inimiga, & falsa gente,
Quem poderá do mal aparelhado
Liurarse sem perigo sabiamente.
Se la de cima a guarda soberana,
Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,
Destes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança:
O tu guarda diuina, tem cuidado
De quem sem tu não pôde ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,
Destá misera gente peregrina,
Que so por tua altissima bondade,
Da gente a saluas, perfida & malina,
Nalgum porto seguro de verdade:
Conduzirnós ja agora determina,
Ou nos amosstra a terra que buscamos,
Pois so por teu seruiço nauegamos.

Onuiolhe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ouio lhe estas palauras piadofas,
A fermosa Dione, & comouida,
Dentre as Nimphas se vay, que saudofas
Ficarão desta subita partida:
La penetra as Estrellas luminofas,
La na terceyra Esphera recebida:
Auante passa, & la no sexto ceo,
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostraua,
Que as Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho
E tudo quanto a via namoraua
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho
Hūs espiritos viuos inspiraua,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foy sempre amada, & cara
Se lhapresenta assi como ao Troyano,
Na selua Ideia ja se apresentara:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:
Nunca os famintos galgos o matarão,
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

CANTO SEGUNDO. 27

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia,
Andando as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava, e nam se via.
Da alua petrina flamas lhe saiam,
Onde o Minino as almas acendia.
Polas lisas colunas lhe trepauão,
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo,
Porem nem tudo esconde, nem descobre
O veo dos roxos lirios pouco auaro:
Mas pera que o desejo acenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro.
Ia se sentem no ceo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte,

E mostrando no angelico semblante,
Co riso hũa tristeza misturada,
Como dama que foi do incauto amante,
Em brincos amorosos mal tratada,
Que se aqueixa, e se ri, nũ mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada.
Desta arte a Deosa, a quem nenbũa iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Sempre eu cuidey, ò Padre poderoso,
Que pera as cousas, que eu do peito amasse
Te achasse brando, affabil, & amoroso.
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:
Mas pois que contra my te vejo yroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse.
Façase como Baco determina,
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,
As lagrimas que em vãõ caidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando choro, & bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois porque o amo he mal tratado,
Querolhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fuy: & misto de mimosa
O rosto banha, em lagrimas ardentes,
Como co orualho fica a fresca rosa
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Lhe impedira a falla piadosa.
Torna a seguila, & indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, & gram Tonante.

E destas

CANTO SEGUNDO. 22

E destas brandas mostras comovido,
Que moueram de hum Tigre o peito duro,
Co vulto alegre, qual do Ceo sobido,
Torna sereno & claro o ar escuro.
As lagrimas lhe alimpa, & acendido
Na face a beija, & abraça o colo puro.
De modo que dali, se so se achara,
Outro nouo Cupido se gerara.

E co seu apertando o rosto amado,
Que os saluços, & lagrimas aumenta,
Como minino da ama castigado,
Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,
Por lhe por em sossego o peito yrado,
Muitos casos futuros lhe apresenta.
Dos fados as entranhas reuoluendo,
Destá maneira em fim lhe está dizendo.

Fermosa filha minha nam temais
Perigo algum, nos vossos Lusitanos,
Nem que ninguem comigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometo filha que vejais
Esquecerense Gregos & Romanos.
Pelos illustres feitos que esta gente,
Ha de fazer nas partes do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo Vlysses escapou,
De ser na Ogigia Ilha, eterno escravo:
E se Antenor os seios penetrou,
Iliricos, & a fonte de Timaou.
E se o piadoso Eneas nauegou,
De Scila, & de Caribdis o mar brauo.
Os vossos mōres cousas atentando,
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, cidades, & altos muros,
Por elles vereis filha edificados:
Os Turcos belacissimos & duros,
Delles sempre vereis desbaratados.
Os Reis da India liures, & seguros,
Vereis ao Rei potente sōjugados.
E por elles de tudo em fim senhores,
Seram dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,
Por tantos medos o Indo vay buscando,
Tremor delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando.
O cafonunca visto, & milagroso,
Que trema, & serua o Mar em calma estado
O gente forte, & de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os Elementos.

Vereis

CANTO SEGUNDO. 27

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto muy decento,
Em que vão descansar da longa via,
As naos que nauegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora vrdia,
O mortifero engano, obediente,
Lhe pagará tributos, conhecendo,
Nam poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,
Tornar selhe amarello de infiado:
Vereis de Ormuz o Remo poderoso,
Duas vezes tomado, & sojugado.
Ali vereis o Mouro furioso,
De suas mesmas setas traßpassado.
Que quem vay contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo,
Ali se mostrará seu preço, & sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Enuejoso vereis o gram Mauorte,
Do peito Lusitano, fero & horrendo.
Do Mouro ali veram que a voz extrema
Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virà despois a ser senhora,
De todo o Oriente, & sublimada
Cos triumphos da gente vencedora.
Ali soberba altiva, & exalçada,
Ao Genticio que os Idolos adora,
Duro freo porà, & a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,
De Cananor, com pouca força & gente:
E vereis Calecu desbaratar-se,
Cidade populosa, & tam potente.
E vereis em Cochim assinalar-se,
Tanto hum peito soberbo, & insolente,
Que Citara ja mais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,
Se vio feruer Leucate, quando Augusto
Nas ciuís Aelias guerras animoso,
O Capitam venceo Romano injusto,
Que dos ponos de Aurora, & do famoso
Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,
A victoria trazia, & presa rica,
Preso da Egipcia linda, & nam pudica.

Como

CANTO SEGUNDO.

28

Como vereis o mar feruendo aceso,
Cos incendios dos vossos pelejando,
Leuando o Idololatra, e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sogeita a rica Aureo Cbersoneso,
Ate o longico China n-uegando.
E as llhas mais remotas do Oriente,
Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,
Amstrarão esforço mais que humano,
Que nunca se vera tam forto peito,
Do Gantico mar ao Geditano,
Nem das Boreais ondas, ao Estreito,
Que mostrou o agrauado Lusitano:
Posto que em todo o mundo, de affrontados
Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maria aa terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e sossegado,
Pera onde sem receyo a frota venha.
E pera que em Mombaça, auenturado
O forte Capitam se nam detenha,
Lbe manda mais, q̄ em sonhos lbe mostrasse
A terra, onde quieto reponsasse.

OS LUSLADAS DE L. DE CA.

La pelo ar o Cyleneo voava,
Com as asas nos pés aa terra deçe,
Sua vara fatal na mão leuava,
Com que os olbos cansados adormece:
Com esta, as tristes almas renocava,
Do Inferno, & o vento lhe obedece.
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,
Do Lusitano, o preço grande & raro,
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem, amado & caro.
Desta arte vay fazendo a gente amiga,
Co rumor famosissimo, & perclaro.
La Melinde em desejos arde todo,
De ver da gente forte o gesto & modo.

Dali pera Mombaca logo parte.
Aonde as naos estauão temerosas,
Pera que aa gente mande que se aparte,
Da barra imiga, & terras sospeitosas:
Porque muy pouco val esforço & arte,
Contra infernais vontades enganosas:
Pouco val coraçam, astucia, & siso,
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Mejo

CANTO SEGUNDO. 29

Meyo caminho a noite tinha andado,
E as Estrellas no Ceo co a luz alheia,
Tinham o largo Mundo alumiado,
E so co sono a gente se recreia.
O Capitam illustre, ja cansado,
De vigiar a noite que arreceia,
Breue repouso entam aos olhos daua,
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,
Dizendo , fuge, fuge Lusitano,
Da cilada que o Rei maluado teçe,
Por te trazer ao fim, & extremo dano,
Fuge, que o vento, & o Ceo te fauorece,
Serenos o tempo tēs, & o Oceano,
E outro Rei mais amigo, noutra parte,
Onde podes seguro agasalharte.

Nam tens aqui senão aparelhado,
O hospicio que o cru Diomedes daua,
Fazendo ser manjar acostumado,
De cauallos a gente que hospedaua:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes imolaua.
Teras certas aqui, se muito esperas,
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Vaite ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharas de mais verdade,
La quasi junto donde o Sol ardendo,
Iguala o dia, & noite em quantidade:
Ali tua frota alegre recebendo
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua
Ao Capitam, que com muy grande espanto
Acorda, & ve ferida a escura treua,
De hũa subita luz, & rayo sancto:
E vendo claro quanto lhe releua,
Nam se deter na terra iniqua tanto.
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,
Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,
Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,
Que hum mensageiro vi do claro assento
Que so em fauor de nossos passos anda:
Aleuantase nisto o mouimento
Dos marinheiros, de hũa & de outra banda
Leuam gritando as ancoras acima
Mostrando a ruda força que se estima.

Neste

Neste tempo, que as ancoras leuauam,
 Na sombra escura os Mouros escondidos,
 Mansamente as amarras lhe cortauam,
 Por serem, dando aa costa, destruydos:
 Mas com vista de Lincez vigiauum,
 Os Portugueses sempre apercebidos.
 Elles como acordados os sentiram,
 Voando, e nam remando lhe fogiram.

Mas ja as agudas proas apartando,
 Hião as vias humidas de argento,
 Assopralhe galerno o vento, e brando,
 Com suaue e seguro mouimento,
 Nos perigos passados vam fallando,
 Que mal se perderám do pensamento,
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,
 E noutra começaua, quando viram
 Ao longe dous nauicos, brandamente
 Cos ventos nauegando, que respiram,
 Porque auiam de ser da Maura gente,
 Pera elles arribando, as vellas viram.
 Hum de temor do mal que arreceua,
 Por se salvar a gente aa costa deua.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que fica tam manhoso:
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano,
Que como fosse debil & medroso,
Da pouca gente o fraco peito humano:
Nam teue resistencia, & se a tiuera
Mais dāno resistindo recebera.

E como o Gama muito desejasse,
Piloto pera a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:
Mas nam lhe soccedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe insinasse
A que parte dos Ceos a India estava.
Porem dizem lhe todos, que tem perto,
Melinde onde acharām Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,
Condiçam liberal, sincero peito,
Magnificencia grande, & humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitam o assella por verdade,
Porque ja lho dissera deste geito,
O Cyleneo em sonhos, & partia,
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entrava,
 No roubador de Europa a luz Febea,
 Quando hum, & o outro corno lhe aquetava,
 E Flora derramava o de Almathea:
 A memoria do dia renouava,
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.
 Em que aquelle, a quem tudo está sojeito,
 O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,
 Onde o Reino Melinde ja se via,
 De toldos adornada, & leda de arte,
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,
 A cor porpurea ao longe aparecia.
 Soão os atambores & pandeiros,
 E asfientrauam ledos & guerreiros.

Enchese toda a praya Melindana,
 De gente que vem ver a leda armada,
 Gente mais verdadeira, & mais humana
 Que toda a doutra terra atras deixada.
 Surge diante a frota Lusitana,
 Pega no findo a ancora pesada.
 Mandão fora hũ dos Mouros que tomãram,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestãram.
 O Rei

OS LVSTADAS DE L. DE CAI

O Rei que ja sabia da nobreza
que tanto os Portugueses engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, & pureza,
que os peitos generosos ennobrece.
Lhe manda rogar muito que saiffem,
Pera que de seus Reinos se feruiffem.

Sam offerecimentos verdadeiros,
E palauras sinceras, nam dobradas,
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,
que tanto mar & terras tem passadas:
Mandalhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas ceuadas,
Com as fructas que entam na terra auia,
E a vontade aa dadiua excedia.

Recebe o Capitam alegremente
O mensageiro ledo, & seu recado,
E logo manda ao Rei outro presente,
que de longe trazia aparelhado:
Escarlata purpurea, cor ardente,
O ramoso coral fino, & prezado.
que debaxo das agoas mole crece,
E como he fora dellas se endurece.

E manda

CANTO SEGUNDO.

27

Manda mais hum na pratica elegante,
que co Rei nobre as pazes concertasse,
E que de nam sair naquelle instante,
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido a ssi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse:
Com estillo que Palas lbe ensinava,
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,
Foy da suma lustica concedido,
Refrear o soberbo pouo duro,
Nam menos delle amado que temido,
Como porto muy forte, & muy seguro,
De todo o Oriente conbecido:
Te vimos a buscar, pera que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

Nam somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando,
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:
Mas da soberba Europa nauegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande & rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto, & sublimado.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que geraçam tam dura abi de gente?
Que barbaro costume, & vsança fea,
Que não vedem os portos, tam somente:
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que ma tençam? que peito em nós se sente?
Que de tam pouca gente se arrecea.
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos
Achar se mais verdade, ò Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teue o perdido Itaco em Alcino:
A teu porto seguros nauegamos,
Conduzidos do Interprete diuino.
Que pois a ti nos manda, està muy claro,
Que es de peito sincero, humano, & raro.

Enam cuydes, ò Rei, que nam saisse,
O nosso Capitam esclarecido
A verte, ou a servirte, porque visse,
Ou sospeitasse em ti peito fingido:
Mas saberas que o fez porque comprisse,
O regimento em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,
Deixando a frota em nenhũ porto, ou praia.
E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça,
 Nam quereras, pois tês de Rei o officio,
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:
 Mas as merces, & o grande beneficio,
 Que ora acha em ti, promete que conheça,
 Em tudo aquillo que elle & os seus poderem
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,
 Hũs com outros em pratica fallando
 Louuauam muito o estamago da gente,
 Que tantos ceos & mares vai passando,
 E o Rei illustre, o peito obediente,
 Dos Portugueses, na alma imaginando.
 Tinha por valor grande, & muy subido,
 O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,
 Responde ao Embaixador, que tãto estima
 Toda a sospeita mà tiray do peito,
 Nenhum frio temor em vos se imprima:
 Que vosso preço, & obras sam de geito,
 Pera vos ter o mundo em muita estima.
 E quem vos fez molesto tratamento,
 Nam pode ter sobido pensamento.

E De

OS LUSIADAS DE L. DE CA

De nam sair em terra toda a gente,
Por observar a vsuda preminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento nam consente,
Nem eu consentirey que a excellencia,
De peitos tam leais em si desfaça,
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias,
Eu irey visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, & longas vias:
Aqui tera, de limpos pensamentos
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,
O filho de Latona, & o mensageiro,
Co a embaxada alegre se partia
Pera a frota, no seu batel ligeiro:
Enchemse os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro,
Pera acharem a terra que buscavam,
E assi ledos a noite festejavam.

Nam

CANTO SEGUNDO.

34

Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos Cometas imitando,
Fazem os Bombardeiros seu officio:
O ceo, a terra, & as ondas atroando.
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,
Nas bombas que de fogo estam queimando,
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,
Instrumentos altissonos tangiam.

Respondenlhe da terra juntamente,
Co rayo volteando, com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o po sulfureo escondido:
A grita se alevanta ao Ceo, da gente,
O Mar se via em fogos acendido:
E não menos a terra, & assi festeja
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,
Ao sono longy punha certo atalho:
Hiãose as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra, em frio orualho,
Quando o Rei Milindano se embarcaua
A ver a frota que no mar estaua.

E 2 Viãose

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vião se em derredor feruer as prayas
Da gente, que a ver so concorre leda,
Luzem da fina purpura as cabaias,
Luítram os panos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias.
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado
Vinha de sedas de diuersas cores,
Tras o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, & de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, & primores.
Na cabeça hũa fota guarnecida,
De ouro, & de seda, & de algodam tecida.

Cabaya de Damascorico, & dino,
Da Tiria cor, entre elles estimada,
Hum colar ao pescoco de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada,
Cum resplendor reluze Adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem laurada.
Nas alparcas dos pès, em fim de tudo,
Cobrem ouro, & aljofar ao veludo.

Com

CANTO SEGUNDO. 35

Com hum redondo emparo alto de seda,
Nua alta & dourada aſtea enxerido,
Hum ministro aa ſolar quentura veda,
Que nam offenda & queime o Rei ſobido:
Musica tras na proa eſtranha & leda,
De aſpero ſom, horriſſimo ao ouuido:
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,
Nos ſeus bateis da frota ſe partia,
A receber no mar o Milindano,
Com luſtroſa & honrada companhia,
Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano
Mas Franceſa era a roupa que veſtia,
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmesi, cor, que a gente tanto preza:

De botões douro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a viſta cega:
As calças ſoldadeſcas recamadas,
Do metal que Fortuna a tantos nega,
E com pontas do meſmo delicadas,
Os golpes do gibam ajunta, & acbega:
Ao Italico modo a aurea eſpada,
Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

E 3 Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dà o Mùrice excellente,
A varia cor, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo diferente:
Tal o fermoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados juntamente:
Qual aparece o arco rutilante,
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauam,
Os animos alegres resonando,
Dos Mouros os bateis o Mar coalhauam,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horriſſonas bramando,
Com as nuuës de fumo o Sol tomando,
Ameudam se os brados acendidos,
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

Ia no batel entrou do Capitam
O Rei, que nos seus braços o leuaua,
Elle co a cortesia, que a razam
(Por ser Rei) requeria, lhe fallaua.
Cũas mostras de espanto, & admiraçam
O Mouro o gesto, & o modo lhe notaua,
Como quem em muy grande estima tinha
Gente que de tam longe à India vinha.

E com

E com grandes palauras lhe offerece,
Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse lho pedisse:
Dizlhe mais, que por fama hem conbece
A gente Lusitana, sem que a visse.
Que ja ouuio dizer, que noutra terra
Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz, os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a coroa
Do Reino, onde as Hesperidas viueram:
E com muitas palauras apregoa,
O menos que de Luso mereceram:
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, & aduersidade,
Dos mares experimenta a furia insana,
Aquella alta, & diuina eternidade,
Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:
Pois que de ti tais obras recebemos,
Te pague o que nos outros nam podemos.

E 4 Tuso

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tu so de todos quantos queima Apolo,
Nos recebes em paz do Mar profundo
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achamos bom, fido & jocundo:
Em quanto apacentar o largo Polo,
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria
Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vam remando,
Pera a frota, que o Mouro ver deseja,
Vam as naos, hũa & hũa rodeando,
Porque de todas tudo note, & veja:
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam,
Cos anafis os Mouros respondiam.

Mas despois de ser tudo ja notado,
Do generoso Mouro, que pasmaua,
Ouuindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostraua,
Mandaua estar quieto, & ancorado,
Nagoa o batel ligeiro que as leuana,
Por fallar de vagar co forte Gama,
Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,
 Se deleitava, perguntando agora,
 Pelas guerras famosas & excellentes,
 Co pouo auidas, que a Masoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hispberia vltima, onde mora:
 Agora pelos pouos seus vezinhos,
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitam,
 Nos conta, lhe dezia, diligente,
 Da terra tua o clima, & regiam,
 Do mundo onde morais distintamente,
 E assi de vossa antiga geraçam,
 E o principio do Reino tam potente:
 Cos successos das guerras do começo,
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te tras o Mar yrado,
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem criado
 Conta: que agora vem cos aureos freios,
 Os cauallos que o carro marchetado,
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,
 O Vento dorme, o mar & as ondas jazem.

Enam


OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Enão menos co tempo se parece,
O desejo de ouirte o que contares,
Que quem ha, que por fama nam conhece
As obras Portuguesas singulares:
Nam tanto desuiado resplandece,
Denos o claro Sol, pera julgares.
Que os Milindanos tem tam rudo peito,
Que nam estimem muito hum grande feito.

Cometeram soberbos os Gigantes,
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,
O reino de Plutam horrendo & escuro,
Se ouue feitos no mundo tam possantes,
Não menos he trabalho illustre, & duro
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,
Que outrem cometa a furia de Nereo:

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do sotil Tesifonio fabricado,
Horostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo, & nomeado:
Se tambem com tais obras nos engana,
O desejo de hum nome auentajado.
Mais razam ha que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

 Canto Terceiro.


Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre
Gama:

Inspira immortal canto, e voz diuina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Ass: o claro inuentor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, o linda dama:
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothoë
Te negue o Amar diuido como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana,
Que veja e saiba o mundo que do Tejo
O licor de Aganipe corre e mana,
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo
Banhar-me Apolo na agoa soberana.
Senam direy, que tês algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauam todos escuitando,
O que o sublime Gama contaria
Quando, de spois de hum pouco estar cuidãdo
Aleuantando o rosto, assi dizia:
Mandasme, o Rei, que conte declarando,
De minha gente a gram geanalosia:
Não me manda cantar estranha historia:
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,
Cousa he que se costuma, & se deseja:
Mas louuar os meus proprios, arreceio,
Que louuor tam sospeito mal me esteja,
E pera dizer tudo, temo & creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deue,
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He nam poder mentir no que disser,
Porque de feitos tais, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leue & siga,
Segundo o que desejas de saber.
Primeiro tratarey da larga terra,
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senborea,
 Meta Septentrional do Sol luzente,
 E aquella, que por fria se arrecea
 Tanto, como a do meyo por ardente,
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:
 Com suas salsas ondas o Occeano,
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Azia se auizinha: mas o Rio
 Que dos montes Rifeios vay correndo,
 Na alagoa Meotis, curuo & frio
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:
 Onde agora de Troia triumphante,
 Nam vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,
 Dos montes Hyperboreos aparecem,
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co nome do sopros, se ennobrecem,
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,
 Os rayos que no mundo resplandecem.
 Que a neuê està contino pelos montes,
 Geledo o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aqui dos Cycas , grande quantidade
Viuem, que antigamente grande guerra
Tiueram, sobre a humana antiguidade,
Cos que tinham entam a Egipcia terra:
Mas quem tam fora estaua da verdade,
(Ia que o iuyzo humano tanto erra:)
Pera que do mais certo se informàra,
Ao campo Damasceno o perguntàra.

Agora nestas partes se nomea,
A Lapia fria , a inculta Noroega,
Escandinauia Ilha, que se arrea,
Das victorias que Italia nam lhe nega
Aqui, em quanto as agoas nam refrea,
O congelado Inverno, se naxega.
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,
Sarmatas outro tempo, & na montanha
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios
Sugeitos ao Imperio de Alemanha,
Sam Saxonos, Boemios, & Panonios,
E outras varias nações, que o Reno frio
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.
Entre

CANTO TERCEIRO. 40

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,
Estam os Traces de robusto peito,
Do fero Marte, patria tam querida,
Onde co Hemo, o Rodope sogeito
Ao Otomano està, que sometida,
Bizancio tem a seu serviço indino,
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria:
E vos tambem, o terras excellentes,
Nos costumes, engenhos, & ousadia,
Que criastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantasia:
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,
E não menos por armas que por letras.

Logo os Dalmatas vivem, & no seio,
Onde Antenor ja muros leuanteou,
A soberba Veneza està no meio
Das agoas, que tam baxa comecou
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sogeitou,
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nós engenhos que na espada.

Em torno

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptonino,
Cos muros naturais, por outra parte,
Pelo meyo o diuide o Apinino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas deſpois que o porteiro tem diuino,
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:
Pobre eſtá ja de antiga poteſtade,
Tanto Deos ſe contenta de humildade.

Galia ali ſe vera, que nomeada,
Cos Ceſarios Triumfos foy no mundo,
Que do Sequana, & Rodano he regada,
E do Garuna frio, & Reno fundo:
Logo os montes da Nimpba ſepultada
Pyrene ſe alevantam, que ſegundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, & de prata antam correrão.

Eis aqui ſe descobre a nobre Eſpanha,
Como cabeça ali de Europa toda,
Em cujo ſenhorio & gloria eſtranha,
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá, com força, ou manha
A fortuna inquieta porlhe noda:
Que lha nam tire o esforço & ouſadia,
Dos belicoſos peitos, que em ſi cria.

Com

CANTO TERCEIRO. 41

Com Tingitania entesta, & ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido estreito se ennobrece,
 Co extremo trabalho do Thebano:
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano.
 Todas de tal nobreza, & tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he millhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,
 Sojeitando Partènope inquieta,
 O Nauarro, às Austrias, que reparo
 Ia foram; contra a gente Mahometa,
 Tem o Galego cauto, & o grande & raro
 Castelbauo, a quem fez o seu Planeta
 Redituidor de Espanha, & senhor della,
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,
 De Europa toda, o Reino Lusitano,
 Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,
 E onde Febo repousa no Oceano:
 Este quis o Ceo justo, que florece
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,
 Deitando de si fora, & la na ardente
 Africa estar quieto o nam consente.

F Esta he

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta he a ditosa patria minha amada,
Aa qual se o Ceo me da, que eu sempre
Torne, com esta empresa ja acabada,
Acabese esta luz ali comigo.
Esta foy Lusitania diriuada,
De Luso, ou Lysa, que de Baco antigo,
Filhos foram parece, ou companheiros,
E nella entamos Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teue,
Cuja fama, ninguem vir á que dome,
Pois a grande de Roma nam se atreue:
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto, do Ceo ligeiro, & leue,
Ve o a fazer no mundo tanta parte,
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força & manha
A muytos fez perder a vida, & a terra:
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe aa Caspia serra,
Muytos pera na guerra esclarecerse,
Vinham a elle, & aa morte offerecerse.

E com

CANTO TERCEIRO.

E com hum amor intrinseco acendidos
Da Fè, mais que das honras populares,
Erão de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, & proprios lares
Despois que em feitos altos & subidos,
Se mostrarãa nas armas singulares.
Quis o famoso Affonso, que obras taes,
Leuassem premio digno, & dões iguaes.

Destes Anrique dizem que segundo,
Filho de hum Rei de Vngria experimentado,
Portugal ouue em sorte, que no mundo
Entam não era illustre, nem prezado:
E pera mais sinal damor profundo,
Quis o Rei Castelhana, que casado,
Com Teresa sua filha o Conde fosse,
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,
Da escraua Agar, victorias grandes teue,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deue.
Em premio destes feitos excellentes,
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue
Hum filho, que illustrasse o nome vfano
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,
Da cidade Hyerosolima sagrada,
E do Iordão a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lauada,
Que nam tendo Gotfredo a quem resisto,
Depois de ter Iudea sojugada.
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Pera seus senhorios se tornaram.

Quando chegado ao fim de sua idade,
O forte & famoso Vngaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu, a quem lho tinha dado:
Ficaua o filho em terra mocidade,
Em quem o pay deixaua seu traslado:
Que do Mundo os mais fortes igualaua,
Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, nam sey se errado,
Que em tanta antiguidade nam ha certeza,
Conta que a mãy tomando todo o estado
Do segundo Hymeneo, nam se despreza:
O filho orfão deixaua deserdado,
Dizendo que nas terras, a grandeza
Do senhorio todo, so sua era,
Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

CANTO TERCEIRO.

43

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamaua, do Auò tomando o nome,
 Vendose em suas terras nam ter parte,
 Que a mãy cõ seu marido as mãda & come,
 Feruendolhe no peito o duro Marte,
 Imagina consigo como as tome.
 Reuoluidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,
 Co sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,
 A seu filho negaua o amor, & a terra
 Co elle posta em campo ja se via,
 E nam ve a soberba, o muito que erra
 Contra Deos, contra o maternal amor.
 Mas nella o sensual era o mayor.

O Progne crua, o magica Medea,
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa albeia,
 Olhay que inda Teresa peca mais:
 Incontinencia ma, cubiça fea,
 Sam as causas deste erro principais.
 Seilla por hũa mata o velho pay,
 Esta por ambas, contra o filho vay.

F 3

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,
Do padrao e da inica m̃y leuaua,
La lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejaua:
Porem vencido de lra o entendimento,
A m̃y em ferros asperos ataua:
Mas de Deos foi vingada em tempo breue
Tanta veneraçam aos pais se dene.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,
Pera vingar a injuria de Teresa,
Contra o tam raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesa:
Em trabalho cruel, o peito humano,
Ajudado da Angelica defesa
Nam so contra tal furia se sustenta:
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe, em Guimarães está cercado,
De infinito poder, que desta sorte,
Foy refazerse o inimigo magoado:
Mas com se offerecer aa dura morte,
O fiel Egas amo, foy liurado.
Que de outra arte podera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

Mas

CANTO TERCEIRO.

49

Mas o leal vassallo conhecendo,
 Que seu senhor nam tinha resistencia,
 Se vay ao Castelhana, prometendo,
 Que elle faria darlhe obediencia.
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa, & consciencia
 De Egas Moniz: mas nam consente o peito
 Do moço illustre, a outrem ser sojeito,

Chegado tinha o prazo prometido,
 Em que o Rei Castelhana ja aguardava,
 Que o Principe a seu mando sometido,
 Lhe desse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que fizava fementido,
 O que delle Castella nam cuidava,
 Determina de dar a doce vida,
 A troco da palaura mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,
 A deuantar co elles a fiança,
 Descalços, & despídos, de tal arte,
 Que mais moue a piedade que a vingança,
 Se pretendes Rei alto de vingarte,
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis aqui venho offerecido,
 A te pagar co a vida o prometido.

F 4

Ves

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas innocentes,
Dos filhos sem peccado, & da consorte,
Se a peitos generosos, & excellentes,
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,
Nellas sos exprimenta, toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,
Que ja na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,
Espera pelo golpe tam temido:
Tal diante do Principe indinado,
Egase estaua a tudo offerecido:
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim que a Ira a piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,
De vassallo que a tanto se obriga,
Que mais o Persa fez naquella empresa,
Onde rosto & narizes se cortaua,
Do que ao grande Dario tanto pesa,
Que mil vezes, dizendo suspiraua,
Que mais o seu Zopiro são prezará,
Que vinte Babilonias que tomara.

Mas

CANTO TERCEIRO. 45

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,
O Lusitano exercito ditoso,
Contra o Mouro que as terras habitaua,
Dalem do claro Tejo deleitoso:
Ia no campo de Ourique se assentaua,
O arraial soberbo, & belicoso:
Defronte do inimigo Sarraceno,
Posto que em força & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,
Senam no summo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o pouo bautizado,
Que pera hum so cem Mouros aueria.
Iulga qualquer iuyzo sossegado
Por mais temeridade que ousadia,
Cometer hum tamanho ajuntamento,
Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illuêtre fama:
Seguem guerreiras Damas seus amigos,
Imitando a fermosa & forte Dama,
De quem tanto os Troyanos se ajudaram
E os que o Termodonte ja gostaram.

A matutina

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A matutina luz serena, & fria,
As estrellas do Polo ja apartaua,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrandose a Affonso o animaua:
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado assi gritaua.
Aos infieis Senhor, aos infieis,
E nam a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente
Portuguesa, inflamados leuantauam,
Por seu Rei natural, este excellente
Principe, que do peito tanto amauam:
E diante do exercito potente,
Dos inimigos, gritando o ceo tocauam:
Dizendo em alta voz, real, real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos & vozes incitado,
Pola montanha o rabido Molofo,
Contra o Touro remete, que fiado
Na for, a está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Ate que em fim rompendolhe a garganta,
Do brauo a força horrenda se quebranta.

Tal

CANTO TERCEIRO. 45

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,
Por Deos, & polo pouo juntamente,
O barbaro comete apercebido,
Co animoso exercito rompente:
Leuam nisto os perros o larido
Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,
As lanças & arcos tomão, tubas soão,
Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,
Foi nos aridos campos (asoprando
O sibilante Boreas) animada
Co vento, o seco mato vay queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co doce sono estaua, despertando,
Ao estridor do fogo que se atea,
Recolhe o fato, & foge pera a aldea.

Desta arte o Mourro atonito & toruado,
Toma sem tento as armas muy de pressa
Nam foge: mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portugues o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.
Hús caem meios mortos, & outros vão
A ajuda conuocando do Alcorão.

OS LUSIADAS DE L DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,
Pera se desfazer hũa alta serra,
E os animais correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos & forçosos,
Por toda a parte andava a guerra:
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,
Rompe, corta, desfaz, abola & talha.

Cabeças pelo campo vam saltando,
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,
E doutros as entranhas palpitando,
Palida a cor, o gesto amortecido.
Ia perde o campo o exercito nefando
Correm rios de sangue desparzido
Com que tambem do campo a cor se perde,
Tornando carmesí de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano
Recolhendo os trofeos & presa rica,
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,
Tres dias o gram Reino campo fica:
Aqui pinta no branco escudo vfanos,
Que agora esta victoria certifica;
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.

E nestes

CANTO TERCEIRO. 47

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, porque Deos fora vendido,
Escreuendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foy fauorecido,
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero comprido:
Contando duas vezes o do meio,
Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada
Era esta gram victoria, o'Rei sobido
A tomar vay Leiria, que tomada
Fora muy pouco auia, do vencido:
Com esta a forte Arronches sojugada
Foy juntamente: & o sempre ennobrecido
Scabelicastro, cujo campo ameno,
Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,
E nas serras da Lũa conhecidas,
Sojuga a fria Sintra, o duro braço,
Sintra onde as Naiades escondidas
Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tu nobre Lixboa, que no Mundo,
Facilmente das outras es princeſa,
Que edificada foſte do ſacundo,
Por cujo engano foy Dardania acẽ ſa:
Tu a quem obedete o Mar profundo,
Obedeceſte aa força Portugueſa:
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albiſ, & do Reno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o pouo Sarraceno,
Muitos com tençam ſançta erão partidos,
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,
Co arrayal do grande Affonſo unidos:
Cuja alta fama antam ſubia aos ceos,
Foy poſto cerco aos muros Vlyſſeos.

Cinco vezes a Lũa ſe eſcondẽra,
E outras tantas moſtrara cheio o roſto,
Quando a Cidade entrada ſe rendera,
Ao duro cerco, que lbe eſtaua poſto.
Foy a batalha tam ſanguina & fera,
Quanto obrigaua o firme proſuppoſta:
De vencedores aſperos, & ouſados,
E de vencidos, ja deſeſperados.

Deſta

CANTO TERCEIRO.

48

*Deſta arte em fim tomada ſe rendeo,
 Aquella que nos tempos ja paſſados
 Aa grande força nunca obedeceo,
 Dos frios pouos Sciticos ouſados:
 Cujõ poder a tanto ſe eſtendeo,
 Que o Ibero o vio, & o Tejo amedrontados.
 E em fim co' Betis tanto algum podèram,
 Que aa terra de Vandalia nome dèram.*

*Que cidade tam forte, por ventura
 Auera que reſiſta, ſe Lisboa
 Nam pode reſiſtir aa força dura
 Da gente, cuja fama tanto voa.
 Ia lhe obedece toda a Eſtremadura,
 Obidos, Alanquer, por onde ſoa
 O tom das freças agoas, entre as pedras,
 Que murmurando lãua, & Torres vedras.*

*E vos tãmbem, o terras tranſtaganas,
 Affamdas co dom da flãua Ceres,
 Obedeceis aas forças mais que humanas,
 Entregandolhe os muros & os poderes.
 E tu laurador Mouro, que te enganas,
 Se ſuſtentar a fertil terra queres.
 Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas
 E Alcaçare do ſal, eſtam rendidas.*

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argenta,
Vem sostentar de longo a terra & a gente,
Pelos arcos reaes, que cento & cento
Mos ares se aleuantam nobremente.
Obedeceo, por meio & oufadia
De Giraldo, que medos nam temia.

La na cidade Beja vay tomar,
Vingança de Trancofo destruida,
Affonso que nam sabe sossegar,
Por estender co a fama a curta vida:
Nam selhe pode muito sostentar
A Cidade: mas sendo ja rendida,
Em toda a couja viua, a gente yrada,
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sujugada foy Polmella,
E a piscosa Cizimbra, & juntamente
Sendo ajudado mais de sua estrella
Desbarata hum exercito potente:
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,
Que a socorrella vinha diligente.
Pela fralda da serra descnydado,
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

CANTO TERCEIRO.

48

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
 Com quatro mil cauallos furiosos,
 Innumeros piões, darmas & de ouro
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro
 Cos ciumes da vaca, arreceosos,
 Sentindo gente o bruto & cego amante
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado
 Na gente da, que passa bem segura,
 Fere, mata, derriba denodado,
 Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,
 Dum Panico terror todo asombrado,
 So de seguillo o exercito procura.
 Sendo estes que fizeram tanto aballo,
 Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,
 O gram Rei incansabil, ajuntando
 Gentes de todo o Reino, cuja vsança
 Era andar sempre terras conquistando,
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança
 O fim de seu desejo, pelejando
 Com tanto esforço & arte, & valentia,
 Que a faz fazer aas outras companhia.

G

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,
O castigo daquelle que o merece,
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,
Ou por jegredos que bomem nam conhece
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,
Dos perigos a que elle se offerece.
Agora lhe nam deixa ter defesa,
Da maldiçam da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercára,
Cercado nella foy dos Lioneses,
Porque a conquista della lhe tomára,
De Lião sendo, & nam dos Portugueses:
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muytas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso,
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso pompeyo nam te pene,
De teus feitos illustres a ruyna,
Nem ver que a justa Nemesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria dina,
Posto que o frio Fasis, ou Syene
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:
O Bootes gellado, & a linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

CANTO TERCEIRO. 30

Posto que arica Arabia, & que os feroces
Eniocos, & Colcos, cuja fama
O veo dourado estende: & os Capadozes,
E Iudea, que hum Deos adora & ama,
E que o molles Sofenes, & os Atroces,
Silicios, com a Armenia, que derrama,
As agoas dos dous Rios, cuja fonte
Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,
Ate o Scitico Tauro, monte erguido
La vencedor te vissem, nam te espante
Se o campo Emathio so te vio vencido,
Porque Affonso veras soberbo & ouante
Tudo render, & ser despois rendido.
Assi o quis o conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do diuino juyzo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foy cercado.
E despois que do Martyre Vicente,
O sanctissimo corpo venerado.
Do sacro promontorio conbecido
Aa cidade Vlysssea foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque leuasse auante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que as terras se passasse dalentejo,
Com gente, & co beligero aparelho:
Sancho, desforço & d'animio sobejo,
Auante passa, & faz correr vermelho,
O rio que Seuilha vay regando,
Co sangue Mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobicofo,
La nam descansa o moço ate que veja,
Outro estrago como este, temeroso
No barbaro que tem cercado Beja.
Nam tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder, que teue o Ceo:
La vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge que assento foy de Anteo.
O morador de Abila nam se escusa,
Que tambem com suas armas se moueo:
Ao som da Mauritana & ronca tuba,
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entrava

CANTO TERCEIRO.

Entrava com toda esta companhia,
O Miralmomini em Portugal,
Treze Reis mouros leua de valia,
Entre os quaes tem o ceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal.
Dom Sancho vay cercar em Santarem,
Porem nam lhe soccede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,
Nam lhe aproueita ja trabuco horrendo,
Mina secreta, Ariete forcoso:
Porque o filho de Affonso, nam perdendo
Nada do esforço, e acordo generoso,
Tudo prouè com animo e prudencia,
Que em toda a parte ha esforço e resistẽcia

Mas o velho a quem tinham ja obrigado
Os trabalhosos annos ao sossego,
Estando na cidade, cujo prado
Enuerdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho està cercado,
Em Santarem, do Mauro pouo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que nam perde a presleza coa idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E co a famosa gente à guerra usada,
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,
A Portuguesa furia costumada,
Em breue os Mouros tem desbaratados:
A campina que toda està qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cauallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores martos chea fica.

Logo todo o restante se partio,
De Lusitania, postos em fugida,
O Miralmomini so nam fogio,
Porque antes de fogir lhe fogue a vida,
A quem lhe esta victoria permitio,
Dão louuores & graças sem medida:
Que em casos tam estranhos claramente,
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,
O velho Affonso, Principe sobido,
Quando quem tudo em fim vencêdo andaua,
Da larga, & muita idade foy vencido,
A palida doença lhe tocaua,
Com fria mão o corpo enfraquecido:
E pagarão seus annos deste geito,
Aa triste Libitina seu direito.

Os altos

Os altos promontorios o chorarão,
 E dos rios as agoas saudosas,
 Os semeados campos alagarão,
 Com lagrimas correndo piadosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu Reino chamarão,
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára
 Imitando seu pay na valentia,
 E que em sua vida ja se experimentára,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratára,
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.
 E mais quando os que Beja em vão cercarão
 Os golpes de seu braço em si prouarão.

Deſpois que foy por Rei aleuantado,
 Auendo poucos annos que reinaua,
 A cidade de Silues tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lauraua:
 Foy das valentes gentes ajudado,
 Da Germanica armada que passaua:
 De armas fortes e gente apercebida,
 A recobrar Iudea ja perdida.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Passauam a ajudar na sancta empresa,
O roxo Federico, que moueo
O poderoso exercito, em defesa
Da cidade onde Christo padeceo,
Quando Guido co a gente em sede acesa,
Ao grande Saladino se rendeo:
No lugar onde aos Mouros sobejauam,
As agoas que os de guido d sejanam.

Mas a fermosa armada, que viera
Por contraste de vento, aaquella parte
Sancho quis ajudar na guerra fera,
La que em seruiço vay, do sancto Marte
Assi como a seu pay acontecèra,
Quando tomou Lixboa, da mesma arte,
Do Germano ajudado Silues toma,
E o brauo morador destrue & doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,
Aleuantando vay tambem do forte
Liones, nam consente estar quieta
A terra vsada aos casos de Mauorte:
Ate que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte,
Vio ter a muitas villas suas vizinhas
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

CANTO TERCEIRO.

11

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica erdeiro,
Hum filho seu de todos estimado,
Que foy segundo Affonso, & Rei terceir
No tempo deste, aos Mauros foi tomado
Alcacere do sal por derradeiro:
Porque dantes os Mouros o tomaram,
Mas agora estruidos o pagaram.

Morto despois Affonso lhe succede
Sancho segundo, manso & descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem quẽ mandaua era mandado,
De gouernar o Reino que outro pede,
Por causados priuados foi priuado,
Porque como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Nam era Sancho nam tam desonesto,
Como Nero, que hum moço recebia
Por molher, & despois horrendo incesto,
Com a mãy Agripina cometia:
Nem tam cruel aas gentes & molesto,
Que a cidade queimasse onde viuia,
Nem tam mao como foi Helio gabalo,
Nem como o mole Rei Sardanapalo.

Nem

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Nem era o pouo seu tiranizado,
Como Sicilia foy de seus tyranos,
Nem tinha como Phalaris achado,
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altiuo, & costumado
A senhores em tudo soberanos.
A Rei nam obedece, nem consente,
Que nam for mais que tudo excellente.

Por esta causa o Reino governou,
O Conde Bolonhes, de spois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou,
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado
Este que Affonso o brauo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado:
Em dilatalo cuida, que em terreno
Nam cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte,
Recupera co braço, & deita fora
O Mouro mal querido ja de Marte:
Este de todo fez liure & senhora
Lusitania, com força & bellica arte:
E acabou de oprimir a naçam forte,
Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis

CANTO TERCEIRO.

34

Eis despois vem Dinis, que bem parece,
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,
 Com quem a fama grande se escurece,
 Da liberdade Alexandrina.
 Coeste o Reino prospero florece,
 (Alcançada ja a paz aurea diuina)
 Em constituições, leis & costumes,
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,
 O valeroso officio de Minerva,
 E de Helicon a Musas fez passar-se,
 Apisar de Mondego a fertil erua:
 Quanto pode de Athenas desejar-se,
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,
 Fortalezas, castellos muy seguros,
 E quasi o Reino todo reformou,
 Com edificios grandes, & altos muros:
 Mas despois que a dura Atropos cortou,
 O fio de seus dias ja maduros:
 Ficoulhe o filho pouco obediente,
 Quarto Affonso: mas forte & excellente.

Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,
Co peito desprezou firme & sereno,
Porque nam he das forças Lusitanas,
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porem quando as gentes Mauritanas
A possuir o Esperico terreno,
Entraram pelas terras de Castella,
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semiramis, gente tanta
Veio ôs campos Idaepicos enchendo,
Nem Atila, que Italia toda espanta,
Chamandose de Deos açoute horrendo.
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co poder excessiuo de Granada
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

E vendo o Rei sublime Castelhanao,
A força inexpugnabil, grande & forte,
Temendo mais o fim do pouo Hispano,
Ia perdido hũa vez, que a propria morte
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandaua a carissima consorte,
Mulher de quem a manda, & filha amada
Daquelle a cujo Reino foy mandada.

Entrava

Entrava a fermosissima Maria,
 Polos paternais paços sublimados,
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados,
 Os cabellos Angelicos trazia,
 Pelos beburneos hombros espalhados:
 Diante do pay ledo, que a agasalha,
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio
 De Africa toda gente fera & estranha,
 O gram Rei de Marrocos conduzio
 Pera vir possuir a nobre Espanha:
 Poder tamanho junto nam se vio,
 Despois que o salso Mar a terra banha.
 Trazem ferocidade, & furor tanto,
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,
 Por defender sua terra amedrontada,
 Co pequeno poder, offerecido
 Ao duro golpe esta, da Maura espada,
 E se nam for contigo socorrido,
 Verme as delle & do Reino ser priuada,
 Viua & triste, & posta em vida escura,
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura
 Portanto

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Portanto, ô Rei, de quem com puro medo,
O corrente Muluca se congella,
Rompe toda a tardança, acude cedo,
Aa miseranda gente de Castella.
Se esse gesto que mostras claro & ledo,
De pay o verdadeiro amor affella:
Acude & corre pay, que se nam corres,
Pode ser que nam aches quem socorres.

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Iupiter seu pay fauor pedia,
Pera Eneas seu filho, nauegando
Que a tanta piedade o comouia,
Que caido das mãos o rayo infando.
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,
Os Eborenses campos vão qualhados,
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,
Vam rinchando os cauallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada
Os corações aa paz acostumados:
Vay ás fulgentes armas incitando
Pelas concavidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reais acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos, leua o collo alevantado,
E somente co gesto esforça e anima,
A qualquer coraçam amedrontado.
Assi entra nas terras de Castella,
Com a filha gentil Rainha della.

Iuntos os dous Affonsos finalmente,
Nos campos de Tarifa, estam defronte
Da grande multidam da cega gente,
Pera quem sam pequenos campo e monte.
Nam ha peito tam alto e tam potente,
Que de desconfiança nam se afronte
Em quanto nam conheça, e claro veja,
Que co braço dos seus Christo peleja.

Estam de Agar os netos casi rindo,
Do poder dos Christãos fraco e pequeno,
As terras como suas repartindo,
Ante mão, ante o exercito Agareno:
Que com titulo falso possuindo
Està o famoso nome Sarraceno.
Assi tambem com falsa conta e nua,
Aa nobre terra alhea chamam sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qualo membrudo & barbaro Gigante,
Do Rei Saul, com causa tam temido,
Vendo o Pastor inerte estar diante,
So de pedras & esforço apercebido,
Com palauras soberbas & arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido:
Que rodeando a funda o desengana,
Quanto mais pode a Fè que a força humana:

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos, & nam entende,
Que està ajudado da alta fortaleza,
A quem o Inferno horrifico se rende.
Co ella o Castelbano, & com destreza
De Marrocos o Rei comete & offende.
O Portugues que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas reteniam,
Por cima dos arneses, brauo estrago,
Chamão (segundo as leis que ali seguiam,)
Hũs Mafamede, & os outros Sançliago,
Os feridos com grita ao Ceo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se afogauam,
Quando do ferro as vidas escapauam.

Com

CANTO TERCEIRO.

37

Com esforço tamanho estrue & mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata,
Inda nam bem contente o forte braço,
Vay ajudar ao brauo Castelhana,
Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,
Pera a casa de Thetis, & incliado,
Pera o Ponente o vespero trazendo,
Estaua o claro dia memorado,
Quãdo o poder do Mauro grande & horrêdo
Foi pelos fortes Reis desbaratado,
Com tanta mortindade, que a memoria,
Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as agoas co sangue do aduersario
Fez beber ao exercito sedento,
Nem o Peno asperissimo contrario,
Do Romano poder de nascimento:
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

HE se

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se tu tantas almas so podeste,
Mandar ao Reino escuro de Cocito,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do pouo pertinaz no antigo rito:
Permissam & vingança foy celette,
E nam força de braço, o nobre Tito,
Que assi dos Vates foy profetizado,
E despois de I E S V certificado.

Passada esta tam prospera victoria,
Tornado Affonso aa Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra:
O caso triste, & dino da memoria,
Que do sepulchro os homẽs desenterra,
Aconteceo da misera, & mezquinha
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro amor com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa aa molesta morte sua,
Como se fora perfida inimiga:
Se dizem fero Amor que a sede tua,
Nem com lágrimas tristes se mitiga:
E porque queres aspero & tirano
Tuas aras banhar em sangue humano:

Estauas

Estavas linda Ines posta em sossego
De teus annos, colhendo doce fructo,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna nam deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando, e às eruinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondiam,
As lembranças que na alma lhe morauão,
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus fermosos se apartauão
Denoite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos que voauão.
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, e Princesas,
Os desejados talamos engeita,
Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,
Quando hum gesto suaue te sogeita:
Vendo estas namoradas estranhezas,
O velho pay sesudo, que respeita
O murmurar do pouo e a fantasia
Do filho, que casar se nam queria.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tirar Ines ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co sangue so da morte indina,
Matar do firme amor o fogo aceso:
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pode sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse aleuantada,
Contra húa fraca dama delicada

Traziam aos horrificos algozes,
Ante o Rei, ja mouido a piedade.
Mas o pouo com falsas, & ferozes
Razões, aa morte crua o persuade:
Ella com tristes & piadosas vozes,
Saidas so da magoa, & saudade
Do seu Principe, & filhos que deixaua
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,
Com lagrimas os olhos piadosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando,
Hum dos duros ministros rigurosos:
E depois nos mininos atentando,
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,
Cuja orfindade como mãy temia,
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

CANTO TERCEIRO. 39

Se ja nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que somente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas criaucas vio a gente,
Terem tam piadoso sentimento,
Como co a mãy de Nino ja mostrarão,
E cos yrmãos que Roma edificaram.

O tu que tês de humano o gesto & o peito,
(Se de humano he, matar hũa donzella
Fraca & sem força, so por ter subjeito
O coraçam, a quem soube vencella.)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o nam tês aa morte escura della,
Mouate a piedade sua & minha,
Pois te nam moue a culpa que nam tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo & ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia,
A quem pera perdella nam fez erro:
Mas se to assi merece esta innocencia,
Poem me em perpetuo & misero deſterro,
Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,
Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Poemme onde se vſe toda a feridade,
Entre Liões, & Tigres, & verey
Se nelles achar posso a piedade
Que entre peitos humanos nam acheý:
Ali co amor intrinfeco & vontade,
Naquelle por quem mouro, criarey
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,
Mouido das palauras que o magoão:
Mas o pertinaz pouo, & seu destino
(Que desta sorte o quis) lhe nam perdoão,
Arrancão das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito ali apregoão,
Contra bũa dama, ô peitos carniceiros
Feros vos mostrais, & caualleiros.

Qual contra a linda moça Policena,
Consolaçam extrema da mãy velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co ferro o duro Pirro se aparelha:
Mas ella os olhos com que o ar serena,
(Bem como paciente, & mansa ouelha)
Na misera mãy postos, que endoudeçe
Ao duro sacrificio se offereçe.

Tau

Tais contra Inês os brutos matadores,
 No colo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que despo's a fez Rainha.
 As espadas banhando, & as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçauam, feruidos & yrosos,
 No futuro castigo nam cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes
 Teus rayos apartar aquelle dia,
 Como da seua mesa de Tyeistes,
 Quando os filhos por mão de Atreu comia:
 Vos, ô concavos valles que podestes,
 A voz extrema ouuir da boca fria
 O nome do seu Pedro que ouuistes,
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,
 Antes do tempo foy, candida & bella,
 Sendo das mãos lacias maltratada,
 Da minina que a trouxe na capella:
 O cheiro traz perdido, & a cor marchada:
 Tal está morta a palida donzella,
 Secas do rosto as rosas, & perdida
 A branca & viua cor, co a doce vida.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo chorando memoraram,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe poseram, que inda dura,
Dos amores de Ines que ali passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas sam a agoa, e o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança
Nam visse Pedro das mortais feridas,
Que em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos humicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos inimigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,
De latrocinios, mortes e adulterios,
Fazer nos maos cruzas, fero e yroso,
Eram os seus mais certos refrigerios:
As cidades guardando justicofo,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando aa morte deu,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.
Do justo

CANTO TERCEIRO. 65

Do justo & duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, & sem cuidado algum Fernando
Que todo o Reino pos em muito aperto:
Que vindo o Castelhana deuastando
As terras sem defesa, esteue perto
De destruirse o Reino totalmente,
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente

Ou foy castigo claro do peccado,
De tirar Lianor a seu marido,
E casarse com ella de enleuado,
Num falso parecer mal entendido:
Ou foy que o coraçam sogeito, & dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, & fraco, & bem parece
Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiueram sempre a pena
Muitos, que Deos o quis, & permitio:
Os que foram roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David Sancto se condena?
Ou quem o Tribo illustre destruiu
De Benjamim? bem claro nolo insina,
Por Sarrã Faraõ, Sychem por Dina.

E pois


OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E pois se os peitos fortes enfraqueçe
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Almena se parece,
Quando em Omfale andava transformado,
De Marco Antonio a fama se escureçe,
Com ser tanto a Cleopatra affeioado:
Tu tam bem Peno prospero o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar se por ventura,
Dos laços que amor arma brandamente
Entre as rosas & a neve humana pura,
O ouro, & o labastro transsparente
Quem de hũa peregrina fermosura
De hum vulto de Medusa propriamente
Que o coraçam conuerte que tem preso,
Em pedra nam: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando
Hũa suaue & Angelica excellencia,
Que em si està sempre as almas trãformãdo
Que tiuesse contra ella resistencia:
Desculpado por certo està Fernando,
Pera quem tem de amor experiencia:
Mas antes tendo liure a fantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

Fim.

 Canto Quarto.

Despois de procello
sa tempestade,
Nocturna sombra, & sibilante
vento,

Traz a manhaã serena claridade,
Esperança de porto, & saluamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Remouendo o temor ao pensamento:
Assi no Reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,
Quem os danos & offensas va vingando,
Naquelles que tambem se aproueitarão,
Do descuido remisso de Fernando,
Despois de pouco tempo o alcançãrão,
Ioanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

O S LUSIADAS DE L. DE CA.

Ser isto ordenaçam dos ceos diuina,
Por sinais muito claros se mostrou
Quando em Euora a voz de hũa minina,
Ante tempo falando o nomeou:
E como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz aleuantou,
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, polo Rei nouo Dom João.

Alteradas entam do Reino as gentes,
Co odio que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas e euidentes
Faz do pouo o furor por onde vinha,
Matando vão amigos e parentes,
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia de sonesta
Mais (de spois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa de sonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem como Astianas precipitado
(Sem lhe valerem ordēs) de alta torre
A quem ordēs, nem aras, nem respeito,
quem nu por ruas e em pedaços feito.

Podense

Podense por em longo esquecimento,
As cruezas mortais que Roma vio
Feitas do feroz Mario, & do cruento
Syla, quando o contrario lhe fogio:
Por isso Lianor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada
Co Castelhana esta, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz castella aleuantada,
Dizendo que esta filha ao pay succede:
Suas forças ajunta pera as guerras
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum brigo,
(Se foy) ja teue o nome diriuado
Das terras que Fernando, & que Rodrigo
Ganharam do tirano & Mauro estado:
Nam estimão das armas o perigo,
Os que cortando vão co duro arado
Os campos Lioneses, cuja gente,
Cos Mouros foi nas armas excellente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, se ajuntauam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Goadalquibir as agoas lauam
A nobre Ilha tambem se apercebia,
Que antigamente os Tirios habitauam
Trazendo por insignias verdadeiras
As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,
Cidade nobre & antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vay suaue & ledo,
Que das ferras de Conca vem manando:
A vos outros tambem não tolhe o medo,
O sordidos Galegos, duro bando,
Que pera resistirdes, vos armastes,
Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias
A gente Bizcainha, que careçe
De polidas razões, & que as injurias
Muito mal dos estranhos compadeçe:
A terra de Guipuscua, & das Asturias
Que com minas de ferro se ennobreçe,
Armou d'elle, os soberbos matadores,
Pera ajudar na guerra a seus senhores.

Ioanne

CANTO QVARTO. 64

Ioanne , a quem do peito o esforço creçe,
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,
 Posto que tudo pouco lhe parece
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,
 E nam porque conselho lhe faleçe,
 Cos principaes senhores se aconselha:
 Mas so por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre ouue entre muitos differenças.

Nam falta com razões quem desconserte,
 Da opiniam de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se conuerte
 Em desusada & ma deslealdade,
 Podendo o temor mais, gelado, inerte
 que a propria & natural fidelidade
 Negão o Rei & a patria, & se conuem
 Negaram(como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,
 No forte dom Nuno alvarez: mas antes
 Posto que em seus lrmãos tam claro o visse,
 Reprouando as vontades inconstantes:
 A aquellas duuidosas gentes disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada irado , & nam facundo,
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,
Ha de auer quem refuze o patrio Marte?
Como, desta prouincia que princeza
Foy das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defesa,
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte
De Portugues, & por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sogeito.

Como, nam sois vos inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira,
Do grande Enriquer, feros & valentes
Vencestes esta gente tam guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Poseram em fugida, de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiueram?

Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vos,
Por Dinis & seu filho, sublimados
Se nam cos vossos fortes pais & auôs?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,
Torne vos vossas forças o Reino nouo,
Se he certo que co Rei se muda o pouo.

Rei

CANTO QVARTO. 65

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alienast'es,
Desbaratareis tudo o que quiserdes,
Quanto mais a quem ja desbaratastes:
E se com isto em fim vos não mouerdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atay as mãos a vosso vão receio,
Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca mea espada)
Defenderey da força dura, e infesta
A terra nunca de outrem sojugada,
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade ja por vos negada,
Vencerey (nam so estes aduersarios:)
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,
Em Camisio, reliquias sos de Canas,
La pera se entregar quasi mouidos
A fortuna das forças Affricanas:
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas, nam deixarã em quanto a vida
Osnam deixar, ou nellas for perdida.

I Destarte

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Destarte a gente força, & esforça Nuno,
Que com lhe ouuir as vltimas razões,
Remouem o temor frio importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animais caualgam de Neptuno,
Brandindo & volteando arremessoes,
Vão correndo & gritando a boca aberta,
Viu o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouam
A guerra com que a patria se sozinha,
Hũs as armas alimpão & renouam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:
Capacetes estofam, peitos prouão,
Armase cada hum como conuinha.
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia,
Quem pera reger era os muy possantes,
Orientais exercitos, sem conto
Com que passaua Xerces o Helesponto.

Dom

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como ja o forte Huno o foy primeiro
 Pera Franceses, pera Italianos,
 Outro tambem famoso caualleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto pera mandalos, e regelos,
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,
 Antão vazquez de Almada he Capitão,
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vay regendo a seſtra mão,
 Logo não retagoarda não se esconde,
 Das quinas e castellos o pendão,
 Com loanne Rey forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauam pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mãis, irmãs, damas, e esposas
 Prometendo jejús, e romarias:
 Ia chegam as esquadras bellicosas,
 Defronte das amigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duuida concebem.

1 2 Recebem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes, & atambores,
Alferезes volteam as bandeiras
Que variadas sam de muitas cores:
Era no seco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lauradores,
Entra em Astrea o Sol, nomes de Agosto,
Baco das uvas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,
Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,
A tras tornou as ondas de medroso:
Ouuiu o Douro, & a terra transtagana,
Correo ao mar o Tejo duuidoso:
E as mãis que o som terribil escuitarão,
Aos peitos os filhinhos apertarão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,
Que ao coraçam acode o sangue amigo,
Que nos perigos grandes, o temor,
He mayor muitas vezes que o perigo,
E se o não he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro immigo,
Faz não sentir, que he perda grãde & rara
Dos membros corporais da vida cara.

Começase

CANTO QVARTO. 67

Começa se a trauar a incerta guerra,
De ambas partes se moue a primeira ala,
Hũs leuã a defensam da propria terra,
Outros as esperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se aßinala
Derriba, & encõtra, & a terra ã fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

Ia pelo eßpesso ar, os eßtridentes
Farpões, setas, & varios tiros voão,
Debaxo dos pès duros dos ardentes
Cauillos, treme a terra, os vales soão:
Eßpedaçã se as lanças, & as frequentes
Quedas, co as duras armas tudo atroão.
Recregem os immigos sobre a pouca
Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,
(Caso feo & cruel:) mas nam se eßpanta,
que menos he querer matar o yrmão,
quem contra o Rei & a patria se alevanta:
Dostes arrenegados muitos sam,
No primeiro eßquadrão, que se adianta
Contra yrmãos & parentes (caso eßtranho)
quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano
Catilina, & vos outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coraçam, vos fizestes inimigos:
Se là no reino escuro de Sumano,
Receberdes gravissimos castigos,
Dizeilhe que tambem dos Portugueses
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vam:
Esta ali Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita està o fortissimo lião,
Que cercado se ve dos caualleiros,
Que os campos vão correr de Tutuão,
Perseguemno com as lanças, & elle irroso
Toruado hũ pouco està, mas nam medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura
Ferina, & a yra não lhe compadecem
Que as costas dê, mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem:
Tal està o caualleiro que a verdura
Tinge co sangue alheyo, ali perecem
Algũs dos seus, que o animo valente,
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio

CANTO QVARTO. 51

Sentio loane a afronta que passaua
 Nuno, que como sabio capitam,
 Tudo corria, & via, & a todos daua,
 Com presenca & palauras coraçam:
 Qual parida Lioa, fera & braua,
 Que os filhos que no ninho sos estam
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara.
 O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos,
 Os montes sete Irmãos atroa & abala,
 Tal Ioanne com outros escolbidos
 Dos seus correndo acode aa primeira ala:
 O fortes companheiros, o subidos
 Caualleiros, a quem nenhum se ygoala,
 Defendey vossas terras que a esperança
 Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro
 Que entre as lanças & setas, & os arneses
 Dos inimigos corro, & vou primeiro:
 Pelejay verdadeiros Portugueses:
 Isto disse o magnanimo guerreiro,
 E sopeando a lança quatro vezes,
 Com força tira & deste vnico tiro
 Muitos lançarão o vltimo sospiro.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porque eis os seus acesos nouamente
Dhũa nobre vergonha & honroso fogo
Sobre qual mais com animo valente,
Perigos vencerà, do Marcio jogo
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, & peitos logo
Assi recebem junto, & dão feridas
Como a quem ja não doe perder as vidas.

A muitos mandam ver o Estigio lago
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua,
O Mestre morre ali de Sanctiago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago
Outro Mestre cruel de Calatraua,
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, & tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trisfauce Cão perpetua fome
Tem, das almas que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse & dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana,
Foy derribada os pès da Lusitana.

Aqui

CANTO QVARTO 69

Aqui a fera batalha se encruce,
Com mortes, gritos, sangue & cutiladas,
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria cor mudadas:
Ia as costas dam & as vidas: ja falece
O furor, & sobejam as lançadas,
Ia de Castella o Rey desbaratado
Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor,
Contente de lhe nam deixar a vida,
Seguemno os que ficaram, & o temor
Lhe da nam pès, mas asas aa fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da desonra, & triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando
Do primeiro que guerra fez no mundo
Outros a sede dura vão culpando
Do peito cobicofo & sitibundo:
Que por tomar o alheo, o miserando
Pouo aventura aas penas do profundo,
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos desditosas.

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O vencedor loanne esteue os dias
Costumados no campo, em grande gloria
Com offertas de spoys, e romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno que nam quer por outras vias,
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senam por armas sempre soberanas,
Pera as terras se passa Transtaganas.

Ajudao seu destino de maneira
Que fez igoalo effeito ao pensamento,
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Ia de Siuilba a Betica bandeira,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pès sem ter defesa.
Obrigados da força Portuguesa.

Destas e outras victorias longamente,
Eram os Castelhanos opprimidos,
Quando a paz desejada ja da gente
Derão os vencedores aos vencidos:
Despois que quis o Padre omnipotente,
Dar os Reis inimigos por maridos,
Aas duas Illustrissimas Inglesas,
Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Nam

CANTO QVARTO. 9.

Não soffre o peito forte usado aa guerra
Nam ter inimigo ja a quem faça dano,
E assi nam tendo a quem vencer na terra
Vay cometer as ondas do Occeano:
Este he o primeiro Rey que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano,
Conheça pollas armas, quanto excede
A ley de Cbristo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues polo argento
Da furiosa Tetis inquieta,
Abrindo as pandas asas vão ao vento
Pera onde Alcides pos a extrema meta:
O monte Abila, & o nobre fundamento.
De Ceita toma, & o torpe Mahometa
Deita fora, & segura toda Espanha
Da Iuliana, má, & desleal manha.

Nam consentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoso se lograsse
Portugal, mas os coros soberanos
Do ceo supremo, quis que pouoasse:
Mas pera defensam dos Lusitanos
Deixou quem o leuou, quem governasse,
E aumentasse a terra mais que dantes,
Inclita gêraçam, altos Infantes.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não foy do Rey Duarte tam ditoso,
O tempo que ficou na summa alteza,
Que assi vay alternando o tempo iroso
O bem co mal, o gosto co a tristeza:
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?
Pois inda neste Reino, e neste Rey
Nam vsouella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto yrmão Fernando.
Que a tam altas empresas aspiraua,
Que por saluar o pouo miserando
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:
Sò por amor da patria està passando
A vida de senhor a feita escraua,
Por nam se dar por elle a forte Ceita
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida,
Regulo porque a patria nam perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida:
Este porque se Espanha nam temesse
A captiueiro eterno se conuida:
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto,
Nem os Decios leais fizeram tanto.

Mas

Mas Affonso do Reino unico berdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia
Que a soberba do barbaro fronteiro,
Tornou em baxa & humilima miseria,
Fora por certo inuicto caualleiro,
Se nam quiser a yr ver a terra Iberia:
Mas Affrica dira ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,
Que samente o Terintio colher pode,
Do jugo que lhe pos o brauo Mourro,
A cerviz inda agora nam sacode:
Na fronte a palma leua, & o verde louro,
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcaçer forte villa,
Tangere populoso, & a dura Arzilla.

Porem ellas em fim por força entradas,
Os muros abaxarão de Diamante,
Aas Portuguesas forças costumadas,
A derribarem quanto acabam diante,
Marauilhas em armas estremadas,
E de escriptura dinas elegante,
Fizeram caualleiros nesta empresa
Mais, affinando a fama Portuguesa.

Porem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem despoys tocado de ambiçam,
E gloria de mandar amara & bella,
Vay cometer Fernando de Aragam,
Sobre o potente Reino de Castella,
Ajuntase a inimiga multidam,
Das soberbas & varias gentes della,
Desde Caliz ao alto Perineo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Nam quis ficar nos Reinos occioso,
O mancebo Ioanne, & logo ordena
De ir ajudar o pay ambicioso,
Que entam lhe foy ajuda não pequena,
Saiose em fim do trançe perigoso,
Com fronte nam toruada: mas serena
Desbaratado o pay sanguinolento:
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,
Gentil, forte, animoso caualleiro,
Nos contrarios fazendo imenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Desta arte foy vencido Octauiano,
E Antonio vencedor seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram
Nos Philipicos campos se vingaram.

Porem

CANTO QVARTO. 71

Porem despois que a escura noite eterna,
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe que o Reino entam gouerna,
Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:
Este por auer fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foy buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passaram
Espanha, Franca, Italia celebrada,
E la no illustre porto se embarcaram,
Onde ja foy Partenope enterrada,
Napoles onde os fados se mostraram,
Fazendo a varias gentes subjugada,
Pola illustrar no fim de tantos annos,
Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegam,
Vão se aas praias de Rodes arenosas,
E dali aas ribeiras altas chegam,
Que com morte de Magno sam famosas:
Vão a Menfis, & aas terras que se regão,
Das enchentes Niloticas vndosas,
Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,
Que de Christo la guarda o sancto rito.
Passam

OS LYSAIDAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,
Que o pouo de Israel sem Nao passou,
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,
Que o filho de Ismael co nome ornou:
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou
Cercão, com toda a Arabia descuberta
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel, inda a memoria,
Alí co Tigre o Eufrates se mestura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria:
Dali vão em demanda da agoa pura,
Que causa inda sera de larga historia,
Do Indo, pellas ondas do Oceano,
Onde nam se atreueo passar Trajano

Virão gentes incognitas, & estranhas
Da India, da Carmania, & Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas
Que cada Região produz e cria,
Mas de vias tam ásperas, tamanhas
Tornarse facilmente nam podia,
La morreram em fim, & la ficaram.
Que aa desejada patria nam tornaram.

Parece

CANTO QVARTO. 73

Parece que guardava o claro Ceo
A Manoel, & seus merecimentos,
Esta empresa tam ardua, que o moueo
A subidos & illustres mouimentos:
(Manoel, que a Ioanne soccedeo
No reino, & nos altiuos pensamentos)
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigacãm, que lhe ficãra
De seus antepassados, (cujo intento,
Foy sempre acrecentar a terra chara)
Nam deixasse de ser hum so momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, & as estrellas nitidas que saem
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas sam,
Reuoluendo continuo no conceito
De seu officio, & sangue a obrigacãm,
Os olhos lhe occupou o sonno aceito,
Sem lhe desoccupor o coraçam:
Porque tanto que lasso se adormete
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui se lhe apresenta que subia
Tam alto que tocava aa prima Esphera
Donde diante varios mundos via
Nações de muita gente estranha, & fera:
E laa bem junto donde nace o dia
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiquos longinquos & altos montes
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias
Pello monte seluatico habitauam,
Mil aruores syluestres & eruas varias
O passo & o trato aas gentes atalbauam:
Estas duras montanhas aduersarias,
De mais conuersaçam, por se mostrauam
Que desque Adão peccou aos nossos annos
Nam as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião
Por elle os largos passos inclinando,
Dous homēs, que muy velhos parecião
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe saião
Gotas, que o corpo todo vão banhando,
A cor da pelle baça & denegrida
A barba hirsuta, intonsa, mas comprido.

Dambos

CANTO QVARTO. 79

Dambos de dous a fronte coroada
Ramos nam conhecidos, & eruas tinha,
Hum delles a presença tras cansada
Como quem de mais longe ali caminha,
E assi a agoa com impeto alterada
Parecia que doutra parte vinha,
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa
Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa
Destarte pera o Rey de longe brada,
O tu a cujos reinos & coroa
Grande parte do mundo está guardada,
Nos outros, cuja fama tanto voa
Cuja ceruiz bem nunca foy domada,
Te auisamos que he tempo que ja mandes
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste, tenho o berço verdadeiro,
Estouero he o Indo Rey que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro:
Custartemos com tudo dura guerra,
Mas insistindo tu por derradeiro,
Com nam vistas victorias, sem receyo,
A quantas gentes vês poras o freyo.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não disse mais o rio Illustre & sancto,
Mas ambos desparecem num momento,
Acorda Emanuel cum nouo espanto
E grande alteraçam de pensamento:
Estendeo niſto Febo o claro manto:
Pello escuro Emisperio somnolento:
Veyo a menham no ceo pintando as cores
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os sonhores a conselho,
E propoemlhe as figuras da visam,
As palauras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiraçam:
Determinam o nautico aparelho,
Pera que com sublime coraçam
Vaa a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito
Se possesse o que o peito me pedia,
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coraçam me prometia:
Nam sey porque razão, porque respeito,
Ou porque bom sinal que em mi se via,
Me poem o inclyto Rei nas mãos a chaue
Deste cometimento grande, & graue.

E com

CANTO QVARTO 71

E com rogo e palauras amorosas,
Que he hũ mado nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde e que periga,
Que quando ao medo infame não se rende
Então, se menos dura mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para hũa empresa qual a vos se deue,
Trabalho illustre, duro e esclarecido,
O que eu sey que per mi vos sera leue:
Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,
Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,
He tam pouco por vos, que mais me pena
Ser esta vida cousa tam pequena.

Imaginay tamanhas auenturas
Quaes Euristeo a Alcides inuentava,
O lião Cleoneo, Arpias duras
O porco de Erimanto, a Ydra braua:
Decer em fim aas sombras vans e escuras
Onde os campos de Dite a Estige lava,
Porque a mayor perigo, a mor affronta
Por vos, o Rey o espirito e carne he prõpta.

K 3

Com

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agardece,
E com razões me louua esta vontade,
Que a virtude louuada viue & crece,
E o louuor altos casos persuade:
A acompanhar me logo se offerece
Obrigado damor & damizade,
Não menos cobiçoso de honra & fama,
O charo meu Irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos muy grande soffredor,
Ambos sam de valia & de conselho
Dexperencia em armas & furor:
Ia de manceba gente me aparelho
Em que crece o desejo do valor,
Todos de grande esforço, & assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem
E com palauras altas animados
Pera quantos trabalhos socedessem:
Assi foram o Mynias ajuntados,
Pera que o veo dourado combatessem,
Na Fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja

E ja no porto da inclita *Vlissea*,
Cum aluoroço nobre, & cum desejo,
(Onde o licor meitura & branca areia
Co salgado *Neptuno* o doce *Tejo*.)
As naos prestes estão, & não refrea
Temor nenhum o iuuenil despejo,
Porque a gente maritima & a de *Marte*
Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados,
De varias cores vem, & varias artes,
E não menos de esforço aparelhados
Pera buscar do mundo nouas partes:
Nas fortes naos os ventos sossegados,
Ondeão os aérios estandartes,
Ellas prometem vendo os mares largos
De ser no *Olimpo* estrellas como a de *Argos*.

Deſpois de aparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede & manda,
Aparelhamos a alma pera a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Pera o sumo poder que a *Etherea* corte
Sostenta so coa vista veneranda,
Imploramos fauor que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Partimonos assi do sancto templo,
Que nas Praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, pera exemplo,
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:
Certificote, o Rey, que se contemplo
Como fuy destas prayas apartado
Cheyo dentro de duuida & receyo,
Que a penas nos meus olhos ponho o freyo

A gente da cidade aquelle dia
(Hús por amigos, outros por parentes,
Outros por ver samente) concorria
Saudosos na vista, & descontentes:
E nos coa virtuososa companhia
De mil religiosos diligentes,
Em procissam solene a Deos orando
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tam longo caminho & duuidoso,
Por perdidos as gentes nos julgauam
As molheres cum choro piadoso,
Os homēs com suspiros que arrancauam:
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrecentauam
A desesperaçam, & frio medo
De ja nos nam tornar a ver tam cedo.

Qual

CANTO QVARTO. 77

Qual vay dizendo : O filho a quem eu tinha
So pera refrigerio, & doce emparo
Desta cansada ja velhice minha,
Que em choro acabará, penoso & amaro:
Porque me deixas, misera & me zquinha?
Porque de mi te vas, o filho charo
A fazer o funero enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

Qualem cabelo: O doce & amado esposo
Sem quem não quis amor que viuer possa,
Porque is a venturar ao mar irroso
Essa vida que he minha, & nam he vossa?
Como por hum caminho duuidoso
Vos esquece a afeicam tam doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento,
Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que diziam
De amor, & de piadosa humanidade,
Os velhos & os mininos os seguiam,
Em quem menos esforço poẽ a ydade:
Os montes de mais perto respondiam
Quasi mouidos de alta piedade,
A branca area as lagrimas banhauam,
Que em multidadem co ellas se igoalauam.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuarmos,
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determiney de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento custumado,
Que posto que he de amor vsança boa
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas hum velho da peito venerando,
Que ficava nas prayas, entre a gente,
Postos em nos os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada hum pouco aleuando,
Que nos no mar ouuimos claramente,
Cum saber so dexperiencias feyto
Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
O fraudulentto gosto, que se atica
Cua aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho & que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

CANTO QVARTO.

71

Dura inquietaçam dalma & da vida
Fonte de desemparos & adulterios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reynos, & de imperios:
Chamante illustre, chamante subida,
Sendo dina de infames vituperios,
Chamante Fama, & Gloria soberana,
Nomes com quem se o pouo nescio engana.

A que nouos desastres determinas
De leuar estes reynos & esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reynos, & de minas
Douro, que lhe faras tam facilmente?
Que famas lhe prometeras, que historias?
Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geraçam daquelle insano
Cujõ peccado & desobediencia
Nãõ samente do reino soberano
Te pos neste desterro & triste ausencia:
Mas inda doutro estado mais que humano
Da quieta & da simpres innocencia,
Idade douro tanto te priuou
Que na de ferro & darmas te deitou.

lo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

La que nesta gostosa vaidade

Tanto enleuas a leue fantasia,

La que aa bruta crueza & feridade

Poseste nome esforço & valentia:

La que prezas em tanta quantidade

O desprezo da vida, que deuia

De ser sempre estimada, pois que ja

Temeo tanto perdella quem a dà.

Não tens junto com tigo o Ismaelita

Com quem sempre teras guerras sobejas?

Não segue elle do Arabio a ley maldita,

Se tu polla a Christo so pellejas?

Nam tem cidades mil, terra infinita

Se terras & riqueza mais desejas?

Nam he elle por armas esforçado

Se queres por victorias ser louuado.

Deixas criar aas portas o inimigo

Por yres buscar outro de tam longe,

Por quem se despouoe o reino antigo

Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:

Bus as o incerto & incognito perigo

Porque a fama te exalte & te lisonge,

Chamando te senhor com larga copia

Da India, Persia, Arabia, & de Etbiopia.

O maldito

O maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas vellas pos em seco lenho,
Dino da eterna pena do profundo,
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:
Nunca juyzo algum alto & profundo,
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria:
Mas contigo se acabe o nome & a gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo
O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas accendeo
Em mortes, em desonras (grande engano)
Quanto melhor nos fora Promoteo,
E quanto pera o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre nam tiuera
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Nam cometera o moço miserando
O carro alto do pay, nem o ar vazio
O grande Architector co filho, dando
Hum, nome ao mar, & o outro fama ao rio:
Nenhum cometimento alto & nefando
Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,
Deixa intentado a humana geraçam:
Misera sorte, estranha condição.

F I M.

 Canto Quinto.



Estas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando estaua, quando a-
brimos

As asas ao sereno & sossegado
Vento, & do porto amado nos partimos:
E como he ja no mar costume vsado
A vella desfraldando o ceo ferimos,
Dizendo Boa viagem, logo o vento
Nos troncos fez o vsado mouimento.

Entraua neste tempo o eterno lume,
No animal Nemejo truculento,
E o mundo que com tempo se consume
Na seista idade andaua enfermo & lento:
Nella ve, como tinba por costume
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais nouenta & sete, em que corria
Quando no mar a armada se estendia.

La a vista pouco & pouco se desterra
Daquelles patrios montes que ficauam,
Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra
De Sintra, & nella os olhos se alongauam:
Ficauanos tambem na amada terra
O coraçam, que as magoas là deixauam,
E ja despois que toda se escondeo
Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assi fomos abrindo aquelles mares
Que geraçam algũa nam abrio,
As nouas ilhas vendo & os nouos ares,
Que o generoso Enrique descobrio
De Mauritania os montes & lugares
Terra que Anteo num tempo possuyo,
Deyxando aa mão ezquerda, que aa direita
Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira
Que do muito aruoredo assi se chama,
Das que nos pouoamos, a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe auentajão quantas Venus ama,
Antes sendo esta sua se esquecera
De Cypro, Guido, Pafos, & Cythèra.
Deixamos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastão,
Gente que as frescas agoas nunca gosta
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:
A terra a nenhum fruto em fim de posta,
Onde as aues no ventre o ferro gastão,
Padecendo de tudo extrema inopia
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega
O Sol, que pera o Norte os carros guia,
Onde jazem os pouos, a quem nega
O filho de Climene a cor do dia:
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanaga a corrente feia,
Onde o Cabo Arsinario o nome perde
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canarias ilhas
Que tiuerão por nome Fortunadas,
Entramos nauegando pollas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas
Terras por onde nouas maravilhas
Andaram vendo jaa nossas armadas,
Ali tomamos porto com bom vento
Por tomarmos da terra mantimento.

A aquellu

CANTO QUINTO.

81

A aquella ilha aportamos, que tomou
O nome do guerreiro Sanctiago,
Sancto que os Espanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros brauo estrago:
Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornarmos a cortar o immenso lago,
Do salgado Occeano, & assi deixamos
A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficaua ao Oriente
A prouincia Ialoso, que reparte
Por diuersas nações a negra gente:
A muy grande Mandinga, por cuja arte,
Logramos o metal rico & luzente,
Que do curuo Gambea as agoas bebe
As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas
Das Irmaãs, que outro tempo ali vitião,
Que de vista total sendo priuadas
Todas tres dhum so olho se seruião:
Tu so, tu cujas tranças encrespadas
Neptuno la nas agoas acendião,
Tornada ja de todas a mais fea
De biuoras encheſte a ardente area.

L

Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa
No grandissimo galfão nos metemos,
Deixando a serra asperrima Lyoa
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:
O grande rio, onde batendo soa
O mar nas prayas notas, que ali temos,
Ficou, co a llha illustre que tomou
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Alio muy grande reyno está de Congo
Por nós ja conuertido á fee de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo
Rio pellos antigos nunca visto:
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pollo de Calisto,
Tendo o termino ardente ja passado
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descuberto tinhamos diante
La no nouo Hemisperio noua estrella,
Nã vista de outra gente, que ignorante
Algũs tempos esteue incerta della:
Vimos a parte menos rutilante
E por falta de estrellas menos bella,
Do Polo fixo, onde inda se nam sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Asi

Assi passando aquellas regiões
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous inuernos fazendo & dous verões
Em quanto corre dhum ao outro Polo:
Por calmas, por tormentas & oppressões
Que sempre faz no mar o yrado Eolo,
Vimos as Vrsas a pesar de Iuno
Banharemse nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homēs não entendem,
Subitas trouoadas, temerosas,
Relampados que o ar em fogo acendem:
Negros chuueiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trouões que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro
Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros
Que tem por meſtra a longa experiencia,
Contão por certos sempre & verdadeiros
Iulgando as cousas so polla apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros
Que so por puro engenho & por ciencia,
Vem do mundo, os segredos escondidos
Iulgão por falsos, ou mal entendidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vi claramente visto o lume viuo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempestade escura & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Ver as nuuës do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) leuantarse,
No ar hum vaporzinbo & sutil fumo
E do vento trazido, rodearse:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergarse
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuuës parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando
E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazendo se mayor, mais carregada
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

Qual roxa sangue suga se veria
 Nos beixos da alimaria (que imprudente,
 Bebendo a recolheo na fonte fria)
 Fartar co sangue alheyo a sede ardente:
 Chupando mais & mais se engrossa & cria,
 Ali se enche & se alarga grandemente,
 Tal a grande coluna, enchendo aumenta
 A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou
 O pé que tem no mar a si recolhe,
 E pello ceo chouendo em fim voou
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:
 Aas ondas torna as ondas que tomou:
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,
 Veão agora os sabios na escriptura
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andaram
 Tantas terras, por ver segredos dellas,
 As marauilhas que eu passei, passaram
 A tam diuersos ventos dando as vellas:
 Que grandes escripturas que deixaram
 Que influicam de sinos & de estrellas,
 Que estranhezias, que grandes qualidades,
 E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vi claramente visto o lume viuo
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta & vento esquiuo
De tempestade escura & triste pranto:
Não menos foy a todos excessiuo
Milagre, & cousa certo de alto espanto,
Ver as nuuẽs do mar com largo cano
Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo
Que a vista me enganaua) levantar-se,
No ar hum vaporzinbo & sutil fumo
E do vento trazido, rodear-se:
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo
Se via, tão delgado que enxergar-se
Dos olhos facilmente nam podia,
Da materia das nuuẽs parecia.

Hia-se pouco & pouco acrecentando
E mais que hum largo masto se engrossaua,
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:
Estauase co as ondas ondeando,
Encima delle hũa nuuem se espessaua,
Fazendo-se mayor, mais carregada
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual

CANTO QUINTO.

83

Qual roxa sangue suga se veria

Nos beixos da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)

Fartar co sangue alheyo a sede ardente:

Chupando mais & mais se engrossa & cria,

Ali se enche & se alarga grandemente,

Tal a grande columna, enchendo aumenta

A si, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou

O pé que tem no mar a si recolbe,

E pello ceo chouendo em fim voou

Porque coa agoa a jacente agoa molhe:

Aas ondas torna as ondas que tomou:

Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,

Vejão agora os sabios na escriptura

Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andaram

Tantas terras, por ver segredos dellas,

As marauilhas que eu passei, passaram

A tam diuersos ventos dando as vellas:

Que grandes escripturas que deixaram

Que influicam de sinos & de estrellas,

Que estranhezas, que grandes qualidades,

E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meyo rosto, agora inteiro
Mostrará, em quãto o mar cortaua a armada
Quando da Etereaganea hum marinheiro
Prompto coa vista, terra, terra brada,
Salta no bordo aluoroçada a gente
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuës se começam
A descobrir os montes que enxergamos,
As ancoras pesadas se adereçam,
As vellas ja chegados amainamos:
E pera que mais certas se conheçam
As partes tam remotas onde estamos,
Pello nouo instrumento do Astrolabio
Inuençam de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
Da terra que outro pouo nam pisou:
Porem eu cos pilotos na arenosa
Praya, por vermos em que parte estou,
Me detenho, em tomar do sol a altura
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado
Do Semicapro pexe a grande meta,
Estando entre elle & o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomarão per força, em quanto apanha
De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle
Que nam se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,
Seluagem mais que o bruto Polifemo:
Começolhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos
Contas de Christalino transparente,
Alguns soantes cascaueis pequenos,
Hum barrete vermelho, cor contente:
Vi logo por sinais & por acenos
Que com isto se alegra grandemente,
Mando o soltar com tudo & assi caminha
Pera a pouoacam, que perto tinha.

L 4 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas logo ao outro dia seus parceiros
Todos nús, & da cor da escura treua,
Decendo pellos ásperos outeiros
As peças vem buscar que estoutro leua:
Domesticos ja tanto & companheiros
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato
E partir se co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado
E de arrogante cre que vay seguro,
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,
Em que algum bom sinal saber procuro:
Estando, a vista alçada, co cuidado
No aventureyro, eis pello monte duro
Aparece, & segundo ao mar caminha
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelhe foy de pressa
Pollo tomar, mas antes que chegasse,
Hum Etiope ousado se arremessa
A elle, porque nam se lhe escapasse:
Outro & outro lhe saem: vesse em pressa
Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto
Se mostra hum bando negro descuberto.

Da

Da espessa nuvem setas & pedradas
 Chouem sobre nos outros sem medida,
 E nam foram ao vento em vão deitadas
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:
 Mas nos como pessoas magoadas
 A resposta lhe demos tam tecida,
 Que em mais que nos barretes se sospeita
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento
 Logo nos recolhemos pera a armada,
 Vendo a malicia fea & rudo intento
 Da gente bestial, bruta & maluada:
 De quem nenhum milhor conhecimento
 Podemos ter da India desejada,
 Que estarmos inda muyto longe della
 E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse entam a Velloso hum companheiro
 (Começando se todos a sorrir)
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro
 He milhor de decer que de subir:
 Si he, responde o ousado aventureiro
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,
 Daquelles cães, de pressa hum pouco vim
 Por me lembrar que estaueis ca sem mim.

Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Contou entam que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Auante mais passar o nam deixaram,
Querendo, se não torna, ali matallo:
E tornando se, logo se emboscaram
Porque saindo nos pera tomallo,
Nos podessem mandar ao reino escuro
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes eram passados
Que dali nos partiramos, cortando
Os mares nunca doutrem nauegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando hũa noite estando descuidados
Na cortadora proa vigiando
Hũa nuuem que os ares escurece
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha & carregada,
Que pos nos corações hum grande medo,
Bramindo o negro mar, de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo:
O poteſtade, disse, sublimada
Que ameaço diuino, ou que segredo,
Este clima, & este mar nos apresenta,
Que môr cousa parece que tormenta?

Não

CANTO QUINTO. 86

Não acabaua , quando hũa figura
Se nos mostra no ar, robusta & valida,
De disforme & grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida:
Os olhos encouados , & a postura
Medonha & mac, & a cor terrena & palida
Cheos de terra & crespos os cabellos,
A boca negra , os dentes amarellos.

Tão grande era de membros , que bem posso
Certificarte , que este era o segundo
De Rodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foy do mundo:
Cum tã de voz nos falla horrendo & grosso
Que pareceo sair do mar profundo,
Arrepião se as carnes & o cabelo
A mi, & a todos, soo de ouuillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu que por guerras cruas, taes & tantas
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas
E nauegar meus longos mares ousas,
Que eu tãto tempo ha que guardo & tenho
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, & do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouue os danos de mi, que apercebidos
Estam, a teu sobejo atreuimento,
Por todo o largo mar & polla terra
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atreuidas
Inimiga teram esta paragem
Com ventos & tormentas desmedidas:
E da primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farey dimprouiso tal castigo
Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano
De quem me descobrio suma vingança,
E não se acabará so nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereys cada anno
Se he verdade o que meu juyzo alcança,
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

Edo

E do primeiro Illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serey eterna & noua sepultura
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porà da Turca armada dura
Os soberbos & prosperos tropheos,
Comigo de seus danos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama
Liberal, caualeiro, enamorado
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por gram merce lhe terà dado:
Triste ventura, & negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro & yrado,
Os deixará dhum cru naufragio viuos
Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos
Em tanto amor gêrados & nacidos,
Verão os Cafres asperos & auaros
Tirar aa linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros & perclaros
Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Despois de ter pisada longamente
Cos delicados pês a area ardente.

E verão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na feruida & implacabil espessura:
Ali de spois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de d'ôr, de magoa pura,
Abraçados as almas s'õ taram
Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando aiçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem marauilhado.
A boca, & os olhos negros retorcendo.
E dando hum espantoso & grande brado,
Me respondeo, com voz pesada & amara
Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo
A quem chamais vos outros Tormentorio,
Que nũca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,
Plinio, & quantos passaram fuy notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nũca visto Promontorio,
Que pera o Polo Antartico se estende
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asferrimos da terra
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano,
 Chameime Adamastor, e fuy na guerra
 Contra o que vibra os rayos de Vulcano:
 Nam que possesse serra sobre serra
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fuy capitam do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscaua.

Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empresa,
 Todas as Deosas desprezey do ceo
 So por amar das agoas a Princeza:
 Hum dia a vi coas filhas de Nereo
 Sair nua na praya, e logo presa,
 A vontade senti, de tal maneira
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

Como fosse cousa impossibil alcançalla
 Polla grandeza fea de meu gesto,
 Determiney por armas de tomalla
 Ea Doris este caso manifesto:
 De medo a Deosa entam por mi lhe falla:
 Mas ella cum fermoso riso honesto,
 Respondeo: Qual sera o amor bastante
 De Nimpha que sustente o dhum Gigante.
 Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com tudo por liurarmos o Occeano
De tanta guerra, eu buscarey maneira,
Com que com minha honra escuse o dano.
Tal resposta me torna a mensageira:
Eu que cair nam pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cigueira)
Encherãome com grandes abundanças
O peito de desejos & esperanças.

La nescio ,ja da guerra desistindo
Hũa noite de Doris prometida,
Me aparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis vnica de spida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, pera aquella que era vida
Deite corpo, & começo os olhos bellos
A lhe beijar , as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte
Que crendo ter nos braços quem amaua,
Abraçado me achey cum duro monte
De aspero mato, & de espessura braua:
Estando cum penedo fronte a fronte
Queu pollo rosto angelico apertaua,
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo
E junto dhum penedo outro penedo.

O nim pha

CANTO QUINTO.

O Nympha a mais fermoso do Oceano
La que minha presença nam te agrada,
Que te custaua terme n. l. e engano,
Ou fosse monte, nuuem, sonho, ournada:
Daqui me pario irado, e quasi injano
Da magoa e da desonra ali passada
A buscar outro mundo, onde nam visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos
Vencidos e em miseria estrema postos,
E por mais segurar se os Deoses vão
Algũs a varios montes sottopostos:
E como contra o Ceo nam valem mãos,
Eu que chorando andaua meus desgostos,
Comecey a sentir do fado amigo
Por meus atreuimentos o castigo.

Conuerte seme a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Estes membros que ves e esta figura
Por estas longas agoas se estenderam:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo conueteram
Os Deoses, e por mais dobradas magoas
Me anda Thetis cercando de estas agoas.

M Asi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi contava & cum medonho choro
Subito dante os olhos se apartou,
Desfez se a nuuem negra, & cum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou:
Eu, leuando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi que remouesse os duros
Casos, que A lamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyrois vinham tirando
Cos outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foy mostrando
Em que foy conuertido o gram gigante:
Ao longo desta costa, começando
La de cortar as ondas do Leuante,
Por ella a abaixo hum pouco nauegamos
Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya
Posto que todos Etiopes eram,
Mais hum nos no trato parecia
que os outros, que tão mal nos receberão:
Com bailos & com festas de alegria
Pella praya arenosa a nos vierão,
As molheres consigo & o manso gado
Que apacentauão, gordo & bem criado.

As

As molheres queimadas vem encima
Dos vagarosos bois, ali sentadas
Animais que elles tem em mais estima
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantão concertadas,
Co doce som das rusticas auenas
Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendonos galinhas & carneiros
A troco doutras peças que leuaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua algũa lhe alcançaram
Que desse algum sinal do que buscamos:
As vellas dando, as ancoras leuamos.

Ia aqui tinhamos dado hum gram rodeyo
Aa costa negra de Africa, & tornaua
A proa a demandar o ardente meyo
Do Ceo, & o Polo Antartico ficaua:
Aquelle ilheo deixamos, ande veyo
Outra armada primeira, que buscaua
O tormentorio Cabo, & descuberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Daqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
So conduzidos de arduas esperanças:
Co mar hum tempo andamos em porfias
Que como tudo nelle sam mudanças,
Corrente nelle achamos tão possante
que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia
Segundo pera tras nos obrigaua,
Do mar, que contra nos ali corria
que por nos a do vento que assopraua:
Injuriado Noto da porfia
Em que co mar (parece) tanto estaua
Os assopros esforça iradamente
Com que nos fez uencer a gram corrente

Trazia o Sol o dia celebrado
Em que tres Reis das partes do Oriente,
Forão buscar hum Rey de pouco nado
No qual Rey outros tres ha juntamente:
Nesse dia outro porto foi tomado
Por nos, da mesma ja contada gente.
Num largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos metemos.

Desto

CANTO QUINTO.

91

Deftagente refresco algum tomamos,
 E do rio fresca agoa, mas com tudo
 Nenhum fimal aqui da India achamos
 No pouo com nos outros casi mudo:
 Ora vê Rey quamanba terra andamos
 Sem sair nunca deſte pouo rudo,
 Sem vermos nunca noua, nem fimal,
 Da deſejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados
 Andariamos todos, quam perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados
 Por climas & por mares nam ſabidos:
 E do eſperar comprido tam cañſados
 Quanto a deſeſperar ja compellidos,
 Por ceos não naturais, de qualidade
 Inimiga de noſſa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento
 Danoſo & mao ao fraco corpo humano,
 E alem diſſo nenhum contentamento
 Que ſe quer da eſperança foſſe engano:
 Cres tu que ſe eſte noſſo ajuntamento
 De ſoldados, nam fora Luſitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Por ventura a ſeu Rey & a ſeu regente?

M 3 Cres

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Cres tu que ja nam forão leuautodos
Contra seu capitam se os resistira,
Fazendose Piratas, obrigados
De desesperaçam, de fome, de ira?
Grandemente, por certo estam prouados
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portuguesa alta excellencia
De lealdade firme, e obediencia.

Deixando o porto em fim do doce rio
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum de suio
Deitando pera o pego toda a armada:
Porque ventando Noto manso e frio
Nã nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz ali daquella banda
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme
Encomendado ao sacro Nicolao,
Pera onde o mar na costa brada e geme
A proa inclina dhũa e doutra nao.
Quando in lo o coração que espera e teme
E que tanto fiou dhum fraco pao,
Do que esperaua ja desesperado
Foy dhũa novidade aluoroçado.

E foy

CANTO QUINTO.

91

E foy, que estando ja da costa perto
 Onde as prayas & valles bem se vião,
 Num rio, que ali sae ao mar aberto
 Bateis aa vela entrauão & sayão:
 Alegria muy grande foy por certo
 Achamos ja pessoas que sabião
 Nauegar, porque entrellas esperamos
 De achar nouas algúas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece
 Que com gente milhor comunicauão,
 Palaura algúa Arabia se conhece
 Entre a lingoagem sua que falauão.
 E com pano delgado que se tece
 De algodão, as cabeças apertauão,
 Com outro que de tinta azul se tinge
 Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,
 E que Fernão martinz muy bem entende
 Dizem, que por nos, que em grãdeza igoalã
 As nossas, o seu mar se corta & fende.
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estêde
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia
 Gente assí como nos da cor do dia.

M 4 Mi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Muy grandemente a qui nos alegramos
Coa gente, & com as nouas muito mais.
Pellos sinais que neste rio achamos
O nome lhe ficou dos bõs sinais:
Hum padrão nesta terra alevantamos
Que para asinalar lugares tais
Trazia alguns, o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,
Nojosa criaçam das agoas fundas,
Alimpamos as naos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas & immundas
Dos hospedes que tinhamos vezinhos
Com mostras apraziueis & jocundas,
Ouuemos sempre o vsado mantimento
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas nam foy, da esperança grande & immensa
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura
A alegria: mas logo a recompensa
A Ramnusia com noua desventura:
Assi no ceo sereno se dispensa,
Coesta condiçam pesada & dura
Nacemos, o pesar tera firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

CANTO QUINTO.

93

E foy que de doença crua & feya
A mais que eu nunca vi, de sempararão
Muitos a vida, & é terra estranha & albeia
Os ossos pera sempre sepultarão:
Quem auerá que sem o ver o creya
Que tam disformemente ali lhe incharão,
As gingiuas na boca, que crecia
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto
Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,
Não tinhamos ali medico astuto,
Sururgião sutil menos se achaua:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pella carne ja podre assi cortaua,
Como se fora morta, & bem conuinha
Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura
Deixamos pera sempre os companheiros,
Que em tal caminho & em tanta desuetura
Forão sempre com nosco aventureiros
Quam facil he ao corpo a sepultura
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o illustre os ossos.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A si que deste porto nos partimos
Com mayor esperança & mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos
Buscando algum sinal de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade & má vileza
Ia seras sabedor, & dos enganos
Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura & doce tratamento,
Darà saude a hum viuo, & vida a hũ morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui repousou, aqui doce conforto,
Noua quietacam do pensamento
Nos deste, & vès aqui se atente ouuiste,
Te contey tudo quanto me pediste.

Inlgas agora Rey se ouue no mundo
Gentes que tais caminhos cometessem?
Crès tu que tanto Eneas & o facundo
Ulisses, pello mundo se estendessem?
Ousou algum a ver do mar profundo
Por mais versos que delle se escreuessem,
Do que eu vi, a poder desforço & de arte,
E do que inda ei de ver, a oitaua parte?

Esse

CANTO QUINTO.

94

Esse que bebo tanto da agoa Aonia
 Sobre quem tem contenda peregrina,
 Entre si, Rodas, Smirna, & Colofonia,
 Atenas, Tos, Argo, & Salamina:
 E soutro que esclarece toda a Ausonia,
 A cuja voz altisona & diuina
 Ouuindo, o patrio Mincio se adormece,
 Mas o Tibre co som se ensoberueca.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos
 Desses seus Semideoses, & encareção,
 Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
 Syrenas que co canto os adormeção:
 Dem lhe mais nauegar à vella & remos
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem
 Os companheiros em gostando o Loto,
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem
 Dos odres, & Calipfos namoradas,
 Harpias, que o manjar lhe contaminem
 Decer aas sombras nuas ja passadas:
 Que por muito & por muito que se afinem
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhadas,
 A verdade que eu conto nua & pura
 Vence toda grandiloca escriptura.

Da

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Da boca do facundo capitam

Pendendo estauam todos embebidos,
Quando deu fim aa longa narraçam
Dos altos feitos grandes & subidos:
Louua o Rey o sublime coraçam
Dos Reis em tantas gueroas conbecidos,
Da gente louua a antiga sortaleza,
A lealdade danimo & nobreza.

Vayrecontando o pouo que se admira

O caso cada qual que mais notou,
Nenhum delles da gente os olhos tira
Que tam longos caminbos rodeou:
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira
Que ò irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria

Dos proprios feitos , quando sam soados,
Qualquer nobre trabalha que em memoria
Vença, ou ygoale os grandes ja passados:
As enuejas da illustre & alhea historia
Fazem mil vezes feitos sublimados,
Quem valerosas obras exercita
Louuor alheo muito o esperta & encita.

Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
 De Achilles, Alexandro na pelleja,
 Quanto de quem o canta, os numerosos
 Versos, isso so louua, isso deseja:
 Os tropheos de Melciades famosos
 Temistocles despertam so de enueja,
 E diz, que nada tanto o delectaua
 Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
 Que essas nauegações que o mundo canta,
 Não merecem tamanha gloria & fama:
 Como a sua, que o ceo & a terra espanta:
 Si mas aquelle Heroe que estima & ama
 Com dões, merces, fauores, & honra tanta
 A lira Mantuana faz que soe
 Eneas, & a Romana gloria voe.

Dà a terra Lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, & da Augustos,
 Mas não lhe dà com tudo aquelles dões
 Cuja falta os faz duros & robustos
 Octauio, entre as mayores opressões
 Compunha versos doutos & venustos,
 Não dirá Fulvia certo que he mentira
 Quando a deixaua Antonio por Glasira.
 Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França
E as armas não lhe empedem a sciencia,
Mas nũa mão a pena, & noutra a lança
Igoalaua de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe & alcança
He nas comedias grande experiencia,
Lia Alexandro a Homero de maneira
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão
Que não fosse tambem douto & sciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação
Se nam da Portuguesa tam samente:
Sem vergonha o não digo, que a rezão
Dalgum nam ser por versos excelente,
He não se ver prezado o verso & rima,
Porque quem não sabe arte não na estima:

Por isso & não por falta de natura
Não ha tambem Virgilio nem Homeros,
Nem auerá se este costume dura
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o pior de tudo he que a ventura
Tam asperos os fez, & tam Austeros,
Tão rudos, & de ingenho tam remisso
Que a muitos lhe dà pouco, ou nada disso.

Aas

CANTO QUINTO.

96

Aas Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome & fama
De toda a illustre & bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope nam tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem.
As tellas douro fino, & que o cantassem.

Porque o amor fraterno & puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louuor, he somente o profuposto
Das Tagides gentis, & seu respeito:
Porem nam deixe em fim de ter desposto
Niaguem a grandes obras sempre o peito,
Que por esta, ou por outra qualquer via
Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

Canto Seifto.



A M fabia em que

modo festejaffe

O Rey Pagão os fortes nauegan
tes,

*Pera que as amizades alcançaffe
Do Rey Christão, das gentes tam possantes:
Pesalhe que tam longe o apou sentasse
Das Europeas terras abundantes,
A ventura, que nam no fez vizinho
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.*

*Com jogos, danças, & outras alegrias
A segundo a policia Melindana
Com vsadas & ledas pescarias
Com que a Lageia Antonio alegra & engana
Este famoso Rey todos os dias
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados
Com frutas, aues, carnes, & pescados.
Mas*

Mas vendo o Capitam que se detinha
 la mais do que deuia, & o fresco vento
 O conuida que parta & tome a sinha,
 Os Pilotos da terra & mantimento,
 Não se quer mais deter, que ainda tinha
 Muito pera cortar do salso argento,
 Ia do Pagão benigno se despede
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja
 Sempre com suas Frotas visitado,
 Que nenhum outro hem mayor deseja
 Que dar a tais barões sen reino & estado
 E que em quanto seu corpo o sprito reja
 Estará de contino aparelhado,
 A pôr a vida & reino totalmente.
 Por tão bom Rey, por tam sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia
 O Capitão, & logo as vellas dando,
 Pera as terras da Aurora se partia,
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:
 No Piloto que leua nam auia
 Falsidade, mas antes vay mostrando
 A nauęaçam certa, & assi caminha
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

N As

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As ondas nauegauam do Oriente
La nos mares da India, & enxergauam
Os talamos do Sol, que nace ardente,
La quasi seus desejos se acabauam:
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente
As venturas, que entam se aparelbauam,
Aa gente Lusitana dellas dina,
Arde, morre, blasfema & desatina.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa noua Roma,
Nam no pode estoruar, que destinado
Está doutro poder que tudo doma,
Do Olimpo dece em fim desesperado,
Nouo remedio em terra busca & toma,
Entra no humido reino, & vaise aa corte
Daquelle a quem o mar cayo em sorte.

No mais interno fundo das profundas
Cauernas altas, onde o mar se esconde,
La donde as ondas saem furibundas,
Quando aas iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, & moram as jocundas
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixam aas cidades,
Que habitão estas humidas deidades.

Descobre

Descobre o fundo nunca descoberto
As areas ali de prata fina,
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa cristalina,
Quanto se chegão mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystallo que vê, se diamante.
Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura fermosa estão lauradas,
Na qual do irado Baco a vista paze:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho Caos a tam confusa face,
Vem se os quatro elementos trasladados
Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,
Que em nenhũa materia se sustinha,
Daqui as cousas viua sempre anima,
Despois que Promoteo surtado o tinha:
Logo apos elle leue se sublima
O inuisibil ar, que mais asinha
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

N 2 Estaua

OS LVSTADAS DE L. DE CA.

Estaua a terra em montes reueſtida
De verdes eruas & aruores floridas,
Dando pasto diuerſo & dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara forma ali estaua esculpida
Das agoas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte esculpida estaua a guerra
Que tiuerão os Deoses cos Gigantes,
Esta Tiseo debaxo da alta serra
De Etna, que as flamas lança crepitantes:
Esculpido se vê ſcrindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes.
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira
De Minerua pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Leyo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que auisado
Da vinda sua, o estaua ja aguardando:
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Nymphas, que se estão marauilhando,
De ver que cometendo tal caminho,
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.
O Neptuno

CANTO QUINTO.

99

O Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baco nos teus reinos receberes,
Porque também cos grandes & possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouirme o mais quiseres,
Verão da desventura grandes modos,
Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitão dhua & doutra banda,
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rey, & de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro & feyo
Trombeta de seu pay, & seu correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem
Da cabeça nos ombros, todos erão,
Hūs limos prenhes dagoa, & bem parecem
Que nunca brando pentem conhecerão:
Nas pontas pendurados nam falecem
Os negros misilhões, que ali se gerão,
Na cabeça por gorra tinba posta
Húa muy grande casca de Lagosta.

N 3 O coro

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nú, & os membros genitais
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porem de pequenos animais
Do mar, todos cubertos cento & cento:
Camarões, & Cangrejos, & outros mais
Que recebem de Phebo crescimento,
Ostras, & Camarões do musco sujos,
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida
Que trazia, com força ja tocaua
A voz grande canora foy ouuida
Por todo o mar, que longe retumbaua:
Ia toda a companhia apercebida
Dos Deoses, pera os paços caminhaua
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destroidos despois da Grega infania.

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos & das filhas que gerara,
Vem Nereo, que com Doris foy casado,
Que todo o mar de Nymphas pouoara:
O Propheta Proteo, deixando o gado
Maritimo pacer pella agoa amara,
Ali veyo tombem, mas ja sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Celo & Vesta filha
Graue, & leda no gesto, & tam fermosa
Que se amansaua o mar de maravilha:
Vestida hũa camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo cristalino deixa verse,
Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,
Neste caso nam quis que falecesse,
O Delfim traz consigo, que aos amores
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:
Cos olhos que de tudo sam senhores
qualquer parecerá que o Sol venceesse,
Ambas vem pella mão, ygoal partido
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante
Fugindo, veyo a ter diuino estado,
Consigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoses relatado:
Pella praya brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria, & aas vezes pela area
No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,
E por virtude da erua poderosa
Foy conuertido em peixe, & deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feio engano,
Que Circos tinha vsado coa fermosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado
Que a mais obriga amor mal empregado.

La finalmente todos assentados
Na grande sala nobre & diuinal,
As Deosas em riquissimos estrados,
Os Deoses em cadeiras de cristal:
Forão todos do Padre agasalhados,
Que co Thebano tinha assento ygoal:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nace, & Arabia é cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto
Dos Deoses, & de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto,
A causa o Tyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
So por dar aos de Luso triste morte
Co ferro alheyo, fala desta sorte.

Princepe

Principe que de juro senhoreas
Dhum Polo ao outro Polo o mar irado,
Tu que as gentes da terra toda enfreas,
Que nam passem o termo limitado:
E tu padre Oceano, que rodeas
O mundo vniuersal, & o tens cercado:
E com justo decreto assi permites,
Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que nam soffreis
Injuria algũa em vosso reino grande,
Que com castigo ygoal vos não vingueis,
De quem quer que por elle corra, & ande:
Que descuido foy este em que viueis?
Quem pode ser que tanto vos abrande,
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia
Foram ja cometer o Ceo supremo,
Vistes aquella insana fantasia
De tentarem o mar com vella & remo:
Vistes, & ainda vemos cada dia,
Soberbas & insolencias tais, que temo
Que do mar & do Ceo em poucos anos,
Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vedes agora a fraca geração
Que dhum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, & altiu coração,
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:
Vedes o vosso mar cortando vão
Mais do que fez a gente alta de Roma,
Vedes o vosso reino deuassando
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No vosso reino este caminho abrirão,
Boreas injuriado, & o companheiro
Aquilo, & os outros todos resistirão:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria a si sentirão
Vos a quem mais compete esta vingança,
que esperais, porque a pondeis em tardança?

E nam consinto Deoses que cuideis
Que por amor de vos do ceo deci,
Nem da magoa da injuria que sofreis,
Mas da que seme faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis
que no mundo ganbey, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

que

Que o gram Senhor & fados que destinão,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas mores que nunca determinão
De dar a estes barões no mar profundo:
Aqui vereis o Deoses como insinão
O mal tambem a Deoses: que a segundo
Se ve, ninguem ja tem menos valia
que quem com mais razão valer deuia.

E por isso do Olimpo ja fugi,
Buscando algum remedio a meus pesares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharey nos vossos mares:
Mais que dizer, & nam passou daqui,
Porque as lagrimas ja correndo a pares
Lhe saltarão dos olhos, com que logo
Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado
O coraçam dos Deoses foy nuu ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto:
Ao grande Eolo mandão ja recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que nam aja no mar mais nauegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Bem quísera primeiro ali Protheo
Dizer neste negocio o que sentia,
E segundo o que a todos pareceo
Era algũa profunda prophécia:
Porem tanto o tumulto se moueo
Subito na diuina companhia,
Que Thetis indinada lhe bradou,
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palauras animaua,
Contra os varões audaces & animosos:
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começão nouas forças a yr tomando,
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa Frota
Com vento sossegado proseguia
Pello tranquillo mar, a longa rota:
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eolo Emispherio está remota,
Os do quarto da prima se deitauão
Pera o segundo os outros despertauão.
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos
 Bocijando a miude se encoſtauam,
 Pellas antenas, todos mal cubertos,
 Contra os agudos ares que aſſoprauam:
 Os olhos contra ſeu querer abertos
 Mas eſtregando os membros eſtirauam,
 Remedios contra o ſonno buscar querem,
 Historias contão, caſos mil referem.

Com que melhor podemos, bum dizia,
 Eſte tempo paſſar, que he tam peſado,
 Se não com algum conto de alegria
 Com que nos deixe o ſonno carregado?
 Reſponde Lionardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado,
 Que contos poderemos ter melhores
 Pera paſſar o tempo, que de amores?

Não he, diſſe Veloſo, couſa juſta
 Tratar branduras em tanta aſpereza,
 Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
 Nam foſſe amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra feruida & robuſta
 A noſſa historia ſeja, pois dureza
 Noſſa vida ha de ſer, ſegundo entendo
 Que o trabalho por vir mo eſtã dizendo.
 Confente

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Consentem niſto todos, & encomendam
AVeloſo que conte iſto que aprova,
Contarey diſſe, ſem que me reprendam
De contar couſa fabuloſa, ou noua:
E porque os que me ouuirem daqui aprêdão
A fazer feitos grandes de alta proua,
Dos nacidos direy na noſſa terra,
E eſtes ſejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue
Ioão filho de Pedro moderaua,
Deſpois que ſoſsegado & liure o teue
Do vizinho poder que o moleſtaua:
La na grande Inglaterra, que da neue
Boreal ſempre abunda, ſemeaua
A fera Erinis dura & mã cizania
Que luſtre foſſe a noſſa Luſitania.

Entre as damas gentis da corte Ingleſa,
E nobres corteſaões, a caſo hum dia
Se leuantou diſcordia em ira acẽſa,
Ou foy opinião, ou foy porfia:
Os Corteſaões a quem tam pouco peſa
Soltar palauras graues de ouſadia
Dizem que prouaram, que honras & ſamas
Em tais damas não ha, pera ſer damas.
E que

E que se ouuer alguém com lança & espada
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso, ou estacada
 Lhe daram fea infamia, ou morte crua:
 A feminil fraqueza pouco usada
 Ou nunca a oprobrios tais, vendose nua
 De forças naturais conuenientes
 Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes
 No reino os inimigos, nam se atreuem
 Nem parentes, nem feruidos amantes
 A sustentar as damas, como deuem:
 Com lagrimas fermosas & bastantes
 A fazer que em socorro os Deoses leuem
 De todo o Ceo, por rostos de alabaastro
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militara
 Cos Portugueses ja contra Castella,
 Onde as forças magnanimas prouara
 Dos companheiros, & benigna estrella:
 Não menos nesta terra esprimentara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

OS LVSIADAS DE L. DD CA.

Este que socorrer lbe nam queria,
Por nam causar discordias intestinas
Lbe diz, quando o direito pretendia
Do reino la das terras lberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, & partes tam diuinas,
Que elles sos poderião, se nam erro
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,
Por vos lbe mandarey embaixadores,
Que por cartas discretas & polidas,
De vosso agrauo os façam sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palauras da fagos & damores,
Lbe sejam vossas lagrimas, que eu creyo
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Destarte as aconselha o Duque experto,
E logo lbe nomea doze fortes,
E porque cada dama hum tenha certo,
Lbe manda que sobrelles lancem sortes,
Que ellas so doze sam: & descuberto
Qual a qual tem caido das consortes,
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o mensageiro,
 Toda a corte aluoroça a novidade,
 Quiserão Rey sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:
 qualquer dos cortesãos aventureiro
 Deseja ser, com feruida vontade,
 E so fica por bemaumentado,
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

Lana leal cidade, donde teue
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leue
 Manda o que tem o leme do gouerno:
 Apercebem se os doze em tempo breue
 Darmas, & roupas de vso mais moderno
 De elmos, cimeiras, letras & primores,
 Caualos, & concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença
 Pera partir do Douro celebrado,
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Ingres esperimentado:
 Não ha na companhia differença
 De caualleiro, destro, ou esforçado:
 Mas hum so, que Magriço se dizia,
 Destarte falla aa forte companhia.

O

Fortísimos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fortíſſimos conſocios, eu deſejo
A muito ja de andar terras eſtranbas,
Por ver mais agoas, q̃ as do Douro & Tejo,
Varias gentes, & leis, & varias manbas:
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mūdo as couſas ſam tamanbas)
Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,
Porque eu ſerey comoſco em Ingraterra.

E quando caſo for, que eu impedido
Por quem das couſas he vltima linba,
Nāo for com voſco ao prazo inſtituido
Pouca falta vos faz a falta minba:
Todos por my fareis o que he diuido:
Mas ſe a verdade o ſpirito me adiuinha,
Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,
Nam faram que eu com voſco la nam ſeja.

Aſi diz, & abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim ſe parte,
Paſſa Lião, Caſtella vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Nauarra, cos altiſſimos perigos
Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:
Viſtas em fim de França as couſas grandes,
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ali

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteue muitos dias,
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortão do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Ingraterra aa costa estranha,
Pera Londres ja fazem todos vias,
Do Duque sam com festa agasalhados,
E das damas seruidos & animados.

Chegase o prazo, & dia asinalado,
De entrar em campo ja cos doze Ingreses,
Que pello Rey ja tinham segurado,
Armanse delmos, greuas, & de arneses:
Ia as damas tem por si fulgente & armado
O Mauorte feroz dos Portugueses,
Vestem se ellas de cores & de sedas
De ouro, & de joyas mil, ricas & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por nam ter quem nomeado
Seja seu caualleiro, nesta empresa:
Bem que os onze apregoão, que acabado
Sera o negocio assi na corte Ingresa,
Que as damas vencedoras se conheçam
Posto que dous & tres dos seus falleção.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ia num sublime & pubrico theatro
Se assenta o Rey Ingres com toda a corte,
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,
Bem como a cada qual cabe em sorte:
Nam sam vistos do Sol do Tejo ao Brato,
De força, esforço, & danimo mais forte,
Outros doze sair como os Ingreses
No campo, contra os onze Portugueses.

Maſtigão os caualos escumando
Os aureos freos, com feroz ſembrante,
Estaua o Sol nas armas rutilando
Como em cristal, ou rigido diamante:
Mas enxergaſe num & noutro bando
Partido deſigoal & diſſonante
Dos onze contra os doze: quando a gente
Começa a aluoroçarſe geralmente.

Viram todos o roſto aonde auia
A cauſa principal do reboliço,
Eis entra hum caualleiro, que trazia
Armas, cauallo, ao bellico ſeruiço:
Ao Rey & aas damas fala, & logo ſe bia
Pera os onze, que eſte era o gram Magriço
Abraça os companheiros como amigos,
A quem nam falta certo nos perigos.

A dama

A dama como ouuio, que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome e fama
 Se alegra e veste ali do animal de Hele
 Que a gente bruta mais que virtude ama:
 Ia dão sinal e o som da tuba impelle
 Os belicosos animos que inflama
 Picão de esporas largam redeas logo
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece
 que faz, que o chão debaixo todo treme,
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se aluroça, e teme
 qual do caualo voa, que nam dece,
 qual co caualo em terra dando, geme,
 qual vermelhas as armas faz de brancas,
 qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breue interualo,
 Correndo algum cauallo vay sem dono,
 E noutra parte o dono sem caualo:
 Cae a soberba Ingreja de seu trono,
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão ja que arnes, escudo e malha.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Gastar palauras em contar estremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas & affamadas,
Cos nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas & alegria,
Cozinheiros occupa, & caçadores
Das damas a fermosa companhia,
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,
Em quanto se detem em Ingraterra,
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magrico
Desejoso de ver as cousas grandes,
La se deixou ficar, onde hum seruiço
Notauel aa condessa fez de Frandes:
E como quem nam era ja nouiço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Frances mata em campo, que o destino
La teue de Trocato & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, & teue hum sero desafio
 Cum Germano enganoso, que com manha
 Nam diuida o quis pòr no estremo fio:
 Contando asbi Veloso, ja a companha
 Lbe pede, que nam faça tal de suio
 Do caso de Magrico, & vencimento
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimêto

Mas neste passo asbi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, acordam de spertando
 Os marinheiros dhua & doutra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaueas tomar manda,
 Alerta, disse, estay, que o vento crece
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não eram os traquetes bem tomados,
 Quando dà a grande & subita procella,
 Amaina, disse o mestre a grandes brados
 Amaina, disse, amaina a grande vella,
 Não esperam os ventos indinados
 Que amainassem, mas juntos dando nella
 Em pedaços a fazem, cum ruido
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O ceo fere com gritos niſto a gente,
Cum ſubito temor, & deſacordo,
Que no romper da vela a Nao pendente
Toma gram ſuma dagoa pello bordo,
Alja diſſe o meſtre, riyamente,
Alja tudo ao mar, nam falte acordo,
Vão outros dar a bomba nam ceſſando,
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os ſoldados animoſos
A dar aa bomba, & tanto que chegaram,
Os balanços, que os mares temeroſos
Derão aa Nao, num bordo os derribaram:
Tres marinheiros duros, & forçoſos,
A menear o leme nam baſtaram,
Talhas lbe punhão dhũa & doutra parte
Sẽ aproueitar dos homẽs força & arte.

Os ventos eram tais, que nam poderam
Mostrar mais força dimpeto cruel,
Se pera derribar entam vieram
A fortiſſima torre de Babel:
Nos altiſſimos mares, que creceram,
A pequena grandura dhum batel,
Moſtra a poſſante nao, que moue eſpanto
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

A nao

A nao grande, em que vay Paulo da Gama,
 Quebrado leua o masto pello meyo,
 Quasi toda alagada: a gente chama
 Aquelle que a salvar o mundo veyo:
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a Nao de Coelho, com receyo,
 Com quanto teue o mestre tanto tento
 Que primeiro amainou que desse o vento.

Agora sobre as nuuens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo,
 Agora a ver parece que decião
 As intimas entranhas do profundo:
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a machina do mundo,
 A noite negra & feya se alumia,
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto
 Junto da costa braua levantarão,
 Lembrandose de seu passado pranto,
 Que as furiosas agoas lhe causarão:
 Os Delfins namorados entre tanto
 La nas couas maritimas entrarão,
 Fugindo aa tempestade, & ventos duros
 Que nem no fuudo os deixa estar seguros.
 Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nunca tam viuos rayos fabricou
Contra a fera soberba dos Gigantes,
O gram ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremessou
Relampados ao mundo fulminantes,
No gram diluio, donde sos viueram
Os dous que em gente as pedras conuerteram.

Quantos montes entam, que derribaram
As ondas que batiam denodadas,
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento brauo as furias indinadas:
As forçosas raizes nam cuidaram
Que nunca pera o ceo fossem viradas,
Nem as fundas arèas que podessem
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto
Do fim de seu desejo se perdia,
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,
Ora com noua furia ao ceo subia,
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sançto & forte
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,
Que os ceos, o mar & terra senhoreas,
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das agoas Eritreas:
Tu que liuraste Paulo & defendeste
Das Syrtes arenosas & ondas feas,
E guardaste cos filhos o segundo
Pouoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos
Doutro Scylla & Caribdis ja passados,
Outras Syrtes, & baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados,
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desemparedados,
Se este nosso trabalho nam te offende,
Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Affricanas
Morrer, em quanto fortes sostiueram
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdella,
Doçe fazendo a morte as honras della.

Assi

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Assi dizendo os ventos que lutauão,
Como touros indomitos bramando,
Mais & mais atormenta acrecent auão,
Pella miuda enxarcia assuuiando:
Relampados medonhos nam cessauão,
Feros trouões que vem representando
Cair o ceo dos exos sobre a terra,
Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa Sirela scintilaua
Diante do Sol claro, no Orizonte
Mensageira do dia, & visitaua
A terra, & o largo mar, com leda fronte:
A deosa que nos ceos a governaua,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar, & a chara armada vira,
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,
Disse, mas nam sera, que auante leue
Tam danada tençam, que descuberto
Me sera sempre o mal a que se atreue,
Isto dizendo, dece ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breue,
Em quanto manda as nimphas amorosas
Grinaldas nas cabeças por de rosas.
Grinaldas

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros a porfia,
Quem nam dirá, que nacement roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia:
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,
Que mais fermosas vinham que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegaram
A vista dellas, logo lhe falecem
As forças com que dantes pellejaram,
E ja como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos, parece, que lhe ataram
Os cabellos que os rayos escurecem,
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo
Que me tiueste nunca amor constante,
Que brandura he de amor mais certo arreyo,
E nam conuem furor a firme amante:
Se ja nam pões a tanta insania freyo,
Não esperes de my daqui em diante,
Que possa mais amarte, mas temerte,
Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi mesmo a fermosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vella se recrea,
E bem crè que com elle tudo acabe,
Não sabe o brauo tanto bem se o crea,
Que o coraçam no peito lhe não cabe,
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauam
Subitamente os outros amadores,
E logo aa linda Venus se entregauam,
Amansadas as iras & os furores,
Ella lhe prometeo vendo que amauam
Sempiterno fauor em seus amores,
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem
De lhe serem leais esta viagem.

La a manbam clara daua nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gauea os marinbeiros
Enxergarão terra alta pella proa,
La fora de tormenta, & dos primeiros
Mares, o temor Vão do peito voa,
Disse alegre o Piloto Melindano,
Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta

Esta he por certo a terra que buscais
Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece:
Soffrer aqui nam pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece,
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, e razam tinha
Que nam somente a terra lhe mostraua,
Que com tanto temor buscando vinha
Porquem tanto trabalho esperimentaua,
Mas via se liurado tam asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhaua
O vento duro, feruido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos
Deſtes trabalhos graues e temores
Alcanção os que sam de fama amigos
As honras immortais, e graos mayores:
Nam encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores,
Nam nos leitos dourados, entre os finos
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,
Não cos passeos molles & ouciosos,
Não cos varios deleites & infinitos
Que afeminão os peitos generosos:
Não cos nunca vencidos apetitos
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,
Que nam soffre a nenhum que o passo mude
Pera algũa obra heroica de virtude.

Mas com buscar co seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, & vestindo o forjado aço
Soffrendo tempestades & ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, & regiões de abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,
A parecer seguro ledó, inteiro,
Pera o pilouro ardente, que assouia
E leua a perna, ou braço ao companheiro:
Destarte o peito hum calo honroso cria
Desprezador das honras, & dinheiro
Das honras, & dinheiro, que a ventura
Forjou, & não virtude justa & dura.
Destarte

Deſtarte ſe eſclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repouſado,
 E fica vendo, como de alto aſſento
 O baixo tracto humano embarçado,
 Eſte onde tiuer força o regimento
 Direito, & nam de aſſeitos occupado,
 Subirà (como deue) a illuſtre mando,
 Contra vontade ſua, & nam rogando.

F I M.

¶ Canto Septimo.



A ſe viã chegados

junto aa terra,
 Que deſejada ja de tantos fora,
 Que entre aſcorrentes Índicas ſe
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:
 Ora ſus gente forte que na guerra
 Quereis leuar a palma vencedora,
 Ia ſois chegados, ja tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

P A vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A vos, ó geraçam de Luso digo,
Que tam pequena parte sois no mundo:
Nam digo inda no mundo, mas no amigo
Cural de quem gouerna o çeo rotundo:
Vos, a quem nam samente algum perigo
Estorua conquistar o pouo inmundo:
Mas nem cobica, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos çeos está em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso nam pesais,
Vos que aa custa de vossas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do çeo deitadas sam as sortes,
Que vos por muito poucos que seiais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,
Que por tam largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebelado,
Nouo pastor e noua ceita inuenta:
Vedelo em feas guerras occupado,
Que inda co cego error se nam contenta,
Nam contra o superbissimo Otomano:
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingres, que se nomea
 Rei da velha & sanctissima cidade,
 Que o torpe Ismaelita senhores,
 (Quem vio honra tam longe da verdade)
 Entre as Boreais neues se recrea,
 Noua maneira faz de Christandade,
 Pera os de Christo tem a espada nua,
 Não por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por entanto hum falso Rei,
 A cidade Hierosolima terrestre,
 Em quanto elle nam guarda a sancta lei,
 Da cidade Hieroselima celeste:
 Pois de ti Gallo indigno que direy?
 Que o nome Christianissimo quiseste,
 Nam pera defendelo, nem guardalo,
 Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em senhorios
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão
 E nam contra o Cynifio & Nilorios
 Inimigos do antigo nome sancto,
 Ali se ande prouar da espada os fios,
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto,
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

OS LUSTADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastão as vidas, logrão as diuicias,
Esquecidos de seu valor antigo:
Nascem da tyrania inimicicias,
Que o pouo forte tem de si inimigo,
Contigo Italia fallo, ja sumersa
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que hūs aos outros se dão aa morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Nam vedes a diuina sepultura
Possuida de cães, que sempre vnidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendose famosos pola guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,
Do qual sam tam inteiros obseruantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os pouos, que sam de Christo amantes:
Entre vos nunca deixa a fera Aleto
De samear cizanias repugnantes,
Olhay festais seguros de perigos,
Que elles & vos, sois vossos inimigos.
Se cobiza

Se cobiça de grandes senborios
 Vos faz yr conquistar terras alheas,
 Nam vedes que Paçtolo & Hermorios,
 Ambos voluem auríferas areas,
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,
 Affrica esconde em si luzentes veas,
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuenções feras & nouas,
 De instrumentos mortais da artelharía,
 Ia deuem de fazer as duras prouas,
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:
 Fazei que torne la aas siluestres couas,
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,
 A Turca geraçam, que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos
 Bradando vos estão, que o pouo bruto
 Lbe obriga os caros filhos aos profanos
 Preceptos do alcorão (duro tributo)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriay de peito forte, & astuto,
 E não queirais louuores arrogantes,
 De serdes contra os vossos muy possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas em tantos que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, o gente insana,
Nam faltaram Christãos atreuimentos
Nesta pequena casa Lusitana
De Affrica tem maritimos assentos,
He na Asia mais que todas soberana,
Na quarta parte noua os campos ara,
E se mais mundo ouuera la chegára.

E vejamos em tanto que acontece
A aquelles tam famosos nauegantes,
Despois que a branda Venus enfraqueçe
O furor vão dos ventos repugnantes:
Despois que a larga terra lhe aparece,
Fim de suas perfias tam constantes,
Onde vem semean de Christo a ley,
E dar nouo costume, e nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegaram,
Leues embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecu onde eram moradores:
Pera la logo as proas se inclinaram,
Porque esta era a cidade das milhores
Do Malabar milhor, onde viuia
O Rei que a terra toda possuia.

Alem

CANTO SETIMO. 118

Alem do Indo jaz, & àquem do Gange,
Hum terreno muy grande, & assaz famoso
Que pela parte Austral o mar abrange,
E pera o Norte o Emodio cauernoso.
Lugo de Reis diuersos o constrange
A varias leis: algus o vicioso
Mahoma, algus os Idolos adoram,
Algus os animais, que entre elles moram.

La bem no grande monte, que cortando
Tam larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tam diuersos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre,
As fontes saem, donde vem manando
Os rios, cuja gram corrente morre
No mar Indico, & cercão todo o peso
Do terreno, fazendo o Chersoneso.

Entre hum & o outro rio: em grande espaço
Say da larga terra hũa longa ponta
Quasi piramidal, que no regaço
Do mar com Ceilão insula confronta,
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antigo conta:
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas agora de nomes, & de vsança,
Nouos & varios sam os habitantes:
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, & gente, sam mais abundantes,
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua saluaçam nas resonantes
Agoas do Gange, & a terra do Bengala
Fertil de sorte que outra nam lhe igoala.

O Reino de Cambaia belicoso
(Dizem que foy de Poro Rei potente)
O Reino de Narsinga poderoso,
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga la do mar vndoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Seruindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canarà viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
So estende bũa fralda estreita, que cõmbate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades sem debate,
Calecu tem a illustre dignidade,
De cabeça de Imperio rica, & bella,
Samorim se intitula o senbor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senborio,
 Hum Portugues mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tam remota parte:
 Entrando o mensageiro pelo Rio,
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,
 Se chega hum Mabometa, que nascido
 Fora na região da Berberia,
 La onde fora Anteo obedecido:
 Ou pela vezinhança ja teria
 O Reino Lusitano conhecido,
 Ou foy ja assinalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo
 Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana
 Lbe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,
 Tam longe da tua patria Lusitana?
 Abrindo lbe responde o mar profundo,
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a gram corrente,
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Espantado ficou da gram viagem,
O mouro que Monçaide se chamaua,
Ouindo as opressões que na passajem
Do mar, o Lusitano lhe contaua,
Mas vendo em fim, que a força da mensajem
So pera o Rei da terra releuaua,
Lhe diz que estaua fora da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria:
E despois que se hum pouco recreasse,
Co elle pera a armada tornaria,
Que alegria nam pode ser tamanha,
Que achar gente vizinha em terra estranha.

O Portugues aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece,
Como se longa fora ja a amizade,
Coelle come & bebe, & lhe obedeçe:
Ambos se tornam logo da cidade,
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,
Sobem aa Capitaina, & toda a gente
Monçaide recebeu benignamente.

O capitão

O Capitam o abraça em cabo ledo,
 Ouindo clara a lingua de Castella,
 Junto de si assenta, & prompto & quedo
 Pela terra pergunta, & cousas della:
 Qual se ajuntava em Rodope o aruoredo,
 So por ouir o amante da donzella
 Euridiçe, tocando a lira de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouir o Mourro.

Elle começa, o gente que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tam grande, ou que ventura
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:
 Nam he sem causa não occulta, & estura
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,
 Por mares nunca doutro lenho arados,
 A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum seruiço seu por vos obrado:
 Por isso so vos guia, & vos defende
 Dos imigos do mar, do vento yrado:
 Sabey que estais na India, onde se estende
 Diuerso pouo, rico & prosperado,
 De ouro luzente, & fina pedraria,
 Cheiro suaue, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama,
Do culto antigo os Ydolos adora,
Que ca por estas partes se derrama:
De diuersos Reis he, mas dum so fora
Noutro tempo, segundo a antiga fama,
Saramà Perimal foy derradeiro
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,
De la do seyo Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxesssem,
No qual me instituirão meus parentes,
Succedeo que pregando conuertesssem
O Perimal, de sabios & elloquentes,
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,
Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso
Mercadoria que offereça rica,
Pera yr nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a ley publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
Cos seus reparte, porque nam lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

A hum Cochim, & a outro Cananor,
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor
 E os mais, a quem o mais serue & contenta
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,
 Pera este Calecu somente fica,
 Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente
 De Emperador, que sobre os outros mande,
 Isto feito se parte diligente,
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,
 E daqui fica o nome de potente
 Camori, mais que todos digno, & grande
 Ao moço, & descendentes, donde vem
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,
 De fabulas composta se imagina:
 Andão nús, & somente hum pano cobre
 As partes, que a cubrir natura ensina:
 Dous modos ha de gente, porque a nobre
 Naires chamados sam, & a menos digna
 Poleás tem por nome, a quem obriga
 A ley não meſturar a casta antiga.
 Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vsaram sempre hum mesmo officio,
De outro nam podem receber consorte,
Nem os filhos terem outro exercicio,
Senam o de seus passados ate morte,
Pera os Naires he certo grande vicio
Destes Jerem tocados de tal sorte,
Que quando algum se toca por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Destá sorte o Iudaico pouo antigo
Nam tocava na gente de Samaria,
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de vsança varia,
Os Naires sos sam dados ao perigo
Das armas, sos defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,
Nome antigo, & de grande preminencia,
Observação os preceitos tam famosos
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:
Nam matão cousa viua, & temerosos
Das carnes tem grandíssima abstinencia,
Somente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

Gerais sam as molheres: mas samente
 Pera os da geraçam de seus maridos:
 Ditosa condiçam, ditosa gente,
 Que nam sam de ciumes offendidos.
 Estes & outros costumes variamente
 Sam pelos Malabares admitidos,
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contava o Mouro: mas vagando
 Andava a fama ja pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade,
 Ia vinham pelas ruas caminbando,
 Rodeados de todo sexo, & idade,
 Os principaes que o Rei buscar mandara,
 O Capitam da armada que chegara.

Mas elle, que do Rei ja tem licença
 Pera desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portugueses sem detença
 Parte de ricos panos adornado:
 Das cores a fermosa diferença
 A vista alegre ao pouo aluoroçado,
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, despois o fresco rio.

Na

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estaua,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperaua
Com desusada festa o nobre Gama:
Ia na terra nos braços o leuaua,
E num portatil leito hũa rica cama
Lhe offereçe em que va, costume vsado,
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,
Caminhão la pera onde o Rei o eſpera:
Os outros Portugueſes vão ao uſo
Que infantaria ſegue eſquadra fera:
O pouo que concorre vay confuſo
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera
Perguntar: mas no tempo ja paſſado
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual bião fallando
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,
Monçaide entrelles vay interpretando
As palauras que de ambos entendia:
Aſſi pela cidade caminhando,
Onde hũa rica fabrica ſe erguia
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão
Pelas portas do qual juntos entrãõ.

Ali

Ali estam das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o Demonio lhe fingia:
 Vem se as abominaueis e sculturas,
 Qual a Chiméra em membros se varia,
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados
 Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Iupiter Amon em Lybia estaua,
 Outro num corporostos tinha vnidos,
 Bem como o antigo Iano se pintaua:
 Outro com muitos braços diuididos
 A Briarea parece que imitaua:
 Outro fronte Canina tem de fora,
 Qual Anubis Mensfitico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio
 A supersticiosa adoraçam,
 Direitos vão sem outro algum desuio,
 Pera onde estaua o Rei do pouo vão:
 Engrossando se vai da gente o fio,
 Cos que vem ver o estranho Capitam,
 Estam pelos telhados & janellas
 Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

La chegão perto, & não passos lentos,
Dos jardins odoriferos fermosos,
Que em si escondem os regios apouentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos,
Edificação se os nobres seus assentos,
Por entre os aruoredos deleitosos,
Assi viuem os Reis daquella gente,
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza
Se enxerga da Dedalea facultade,
Em figuras mostrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viueza
As historias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiuer noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estava bum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Idaſpe lava,
Rege o bum capitam de fronte lisa,
Que com frondentes Tirsos pelejava,
Por elle edificada estava Nisa
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tam proprio, que se ali estiuer Semelle,
Dirà por certo, que he seu filho aquelle.
Mais

Mais auante bebendo seca o rio,
 Muy grande multidão da Assiria gente,
 Sujeita a feminino senhorio,
 De hũa tam bella, como incontinente:
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia,
 Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, & sojugauão,
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:
 Dum capitão mancebo se guiauão
 De palmas rodeado valerosas,
 Que ja não de Filipo, mas sem falta
 De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,
 Dizia o Catual ao Capitão,
 Tempo cedo virà que outras victorias,
 Estas que agora olhais abaterão:
 Aqui se escreueram nonas historias,
 Por gentes estrangeiras que virão
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,
 Quando o tempo futuro especularão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E dizlbe mais a magica sciencia,
Que pera se euitar força tamanha,
Nam valerà dos homês resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz que a bellica excellencia
Nas armas, & na paz, da gente estranha
Sera tal, que sera no mundo ouuido
O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauam ja na sala,
Onde aquelle potente Emperador
Nũa camilha jaz, que nam se igoala
De outra algũa no preço & no lauor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando & prospero senbor,
Hum pano de ouro cinge, & na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,
Cos giolhos no chão, de quando em quando
Lbe daua a verde folha da erua ardente
Que a seu costume estaua ruminando:
Hum Bramene, pessoa preminente,
Pera o Gama vem com passo brando,
Pera que ao grande Principe o apresente,
Que diante lbe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista:
Estava o Samori no trajo e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a graue voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do pouo todo
O Capitam lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde
O ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar coa terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura nodã,
Ouvindo do rumor que la responde
O eco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos ati manda,
Por te fazer saber que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de là do Tejo ao Nilo.
E desda fria plaga de Gelandã,
Ate bem donde o Sol nam muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia.
Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com pactos, & lianças
De paz, & de amizade sacra, & nua,
Comerçio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua, & tua,
Porque creçam as rendas, & abastanças,
Por quem a gente mais trabalha & sua,
De vossos Reinos, sera certamente
De ti proueito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o nô desta amizade,
Entre vos firmemente permaneça,
Estara prompto a toda aduersidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça:
Com gente, armas, & naos de qualidade
Que por yrmão te tenba, & te conheça,
E da vontade em ti sobriſto posta
Me des a my certissima resposta.

Tal embaixada daua o Capitam,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nacam
Tam remota, gram gloria recebia:
Mas neste caso a vltima tençam
Com os de seu conselho tomaria,
Informando se certo de quem era
O Rei, & a gente, & terra que differa.
E que

que em tanto podia do trabalho
 Passado yr repousar, & em tempo breue
 Daria a seu despacho hum justo talho,
 Com que a seu Rei reposta alegre leue:
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho
 Aas humanas canseiras, porque ceue
 De doce sono os membros trabalhados,
 Os olbos ocupando ao ocio dados.

Aa salvados foram juntamente
 O Gama, & Portugueses no apoussente
 Do nobre Regedor da Indica gente
 Com festas & geral contentamento:
 O Catual no cargo diligente
 De seu Rei, tinha ja por regimento
 Saber da gente estranha donde vinha
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso
 Mancebo Delio vio, que a luz renoua,
 Manda chamar Monçaide, desejoso
 De poderse informar da gente noua:
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,
 Se tem noticia inteira, & certa prona,
 Dos estranhos quem sam, que ouuido tinha
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

L 4 Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que particularmente ali lbe deſſe
Informaçam muy larga, pois fazia
Niſſo ſeruiço ao Rei, porque ſoubefſe
O que neſte negocio ſe faria:
Monçaide torna, poſto que eu quiſeſſe
Dizerte diſto mais nam ſaberia,
Somente ſey que he gente la de Heſpanha
Onde o meu ninho, & o Sol no mar ſe banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado
Foi ſem fazer na carne detrimento
Da mãy, tal que por baſo eſtà aprouado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor ſanguinolento
Das armas, no ſeu braço reſplandeçe,
O que em noſſos paſſados ſe parece.

Porque elles com virtude ſobrehumana,
Os deitaram dos campos abundoſos
Do rio Tejo, & freſca Goadiana,
Com feitos memorauéis, & famoſos:
E nam contentes inda, & na Affricana
Parte, cortando os mares proceloſos
Nos nam querem deixar viuer ſeguros,
Tomando nos cidades & altos muros.

Nãõ

Nam menos tem mostrado esforço & manha,
 Em quaesquer outras guerras que acôteção,
 Ou das gentes beligeras de Espanha,
 Ou la dalgũs que do Pirene deçãõ.
 Assim que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçãõ,
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello,
 Pera estes Anibais nenbum Marcello.

E sesta informação nam for inteira
 Tanto quanto conuem, delles pretende
 Informarte, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja & offende:
 Vay ver lhe a frota, as armas, & a maneira:
 Do fundido metal, que tudo rende,
 E folgaras de veres a policia
 Portuguesa na paz & na milicia.

La com desejos o Idolatra ardia,
 De ver isto, que o Mouro lhe contaua,
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria
 Os lenbos em que o Gama nauegaua:
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geracãõ, que o mar coalhaua,
 Aa Capitaina sobem forte & bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os toldos, e as bandeiras
Dorico fio sam, que o bicho gera,
Nellas estam pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço ja fizera:
Batalhas tem campais aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao gentio se apresenta,
A tento nella os olhos apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
Aceita Epicuria, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noe mostrara a gentes:
Mas comer o Gentio nam pretende,
Que a ceita que seguia lho defende.

A trombeta que em paz no pensamento,
Imagem faz de guerra, rompe os ares,
Co fogo o diabolico instrumento,
Se faz ouuir no fundo la dos mares:
Tudo o Gentio nota: mas o intento
Mostrava sempre ternos singulares
Feitos dos homês, que em retrato breue
A muda poesia ali descreue.

Alça se

Alçase em pê, co elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, & o Mauritano
Os olhos poem no bellico trasunto
De hum velho branco, aſpeito venerando,
Cujos nome nam pode ser defuncto
Em quanto ouuer no mundo trato humano,
No trajo à Grega vſança eſtã perfeita,
Hum ramo por inſignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego
Eu que cometo inſano, & temerario,
Sem vos Nimphas do Tejo, & do Mondego,
Por caminho tam arduo, longo, & vario:
Vosso fauor inuoco, que nauego
Por alto mar, com vento tam contrario,
Que se nam me ajudais, ei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando
O voffo Tejo, & os vossos Luſitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Nouos trabalhos vendo, & nouos danos
Agora o mar, agora eſprimentando
Os perigos Mauorcios inhumanos,
Qual Canace que à morte se condena,
Nua mão sempre a eſpada, & noutra a pena.

Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Agora com pobreza auorrecida,
Por hospícios alheios degradado,
Agora da esperança já adquirida,
De nouo mais que nunca derribado:
Agora aas costas escapando a vida,
Que dum fio pendia tam delgado,
Que não menos milagre foi saluar-se.
Que pera o Rei Iudaico acrecentar-se.

E ainda Nymphas minbas não bastaua,
que tamanbas misérias me cercassem:
Senam que aquelles que eu cantando andaua
Tal premio de meus versos me tornassem
A troco dos descansos que esperaua,
Das capellas de louro que me honrassem,
Trabalhos nunca vsados me enuentaram,
Com que em tam duro estado me deitaram.

Vede Nymphas que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com tais fauores
A quem os faz cantando gloriosos:
Que exemplos a futuros escriptores,
Pera espertar engenhos curiosos,
Pera porem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que so vosso fauor me nam falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diuerfos engrandeca:
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado
 Que nam no empregue em quẽ o nam mereça
 Nem por lisonja louue algum subido,
 Sob pena de nam ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse
 A quem ao bem camum, & do seu Rei
 Anteposer seu proprio interesse:
 Imigo da diuina & humana ley,
 Nenhum ambicioso, que quisesse
 Subir a grandes cargos, cantarey,
 So por poder com torpes exercicios
 Vsar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante
 Pera seruir a seu desejo feio,
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio,
 Nem Camenas tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto & graue veio,
 Por contentar o Reino officio nouo,
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

OS LUSIADAS DE L DE CA.

Nem quem acha que he justo & que he direito
Guardase a ley do Rei seueramente,
E nam acha que he justo & bom respeito,
Que se pague o suor da seruil gente.
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, & cuida que he prudente,
Pera taxar com mão rapace & escassa,
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturaram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida
Onde perdendoa, em fama a dilataram,
Tambem de suas obras merecida:
Apolo, & as Musas que me acompanharam,
Me dobraram a furia concedida
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.

 Canto Octauo.


A primeira figura

*se detinha*O Catual, que vira estar pinta:
da.

Que por diuisa hum ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, e penteada:
 quem era, e por que causa lhe conuinha
 A diuisa que tem na mão tomada,
 Paulo responde, cuja voz discreta
 O Maurilano sabio lhe interpreta.

Estas figuras todas que aparecem,
 Brauos em vista, e feros nos aspeitos,
 Mais brauos, e mais feros se conhecem
 Pela fama, nas obras, e nos feitos
 Antigos sam, mas inda resplandecem
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,
 Este que ves he Luso, donde a fama
 O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Foy filho & companheiro do Thebano,
Que tam diuersas partes conquistou
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que continuo vsou,
Do Douro, Guadiana o campo vfano,
La dito Elisio, tanto o contentou
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuisa,
O verde Tyrso foy de Baco vsado,
O qual aa nossa idade amostra & auisa
Que foi seu companheiro & filho amado:
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica.

Vlisses he o que faz a sancta casa
Aa Deosa, que lhe dà lingua facunda,
Que se la na Asia Troia insigne abraça,
Cana Europa Lisboa ingente funda:
Quem sera estoutro ca que o campo arrasa
De mortos, com presenca furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

Assim o Gênio diz, responde o Gama,
 Este que ves pastor já foi de gado,
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor inuencibil afamado,
 Nam tem coelle não, nem ter puderam
 O primor que com Pirro já tiueram.

Com força não: com manha vergonhosa,
 A vida lhe tirarão que os espanta,
 Que o grãde aperto em gente, inda q̃ honrosa
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:
 Outro está aqui que contra a patria yrosa
 Degradado com nosco se aleuanta,
 Escolheo bem com quem se aleuantasse
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco também vence as bandeiras
 Dessas aues de Iupiter validas,
 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nos souberam ser vencidas:
 Olha tam sotis artes e maneiras,
 Pera adquerir os pouos tam fingidas
 A fatidica Cerua que o auisa,
 Elle he Sertorio, e ella a sua diuisa.

R Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,
O gram progenitor dos Reis primeiros,
Nos Vngaro o fazemos, porem nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Despois de tercos Mouros superado
Galegos, & Leonezes caualleiros,
Aacasa Sancta passa o Sancto Enrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,
Pergunta o Malabar marauilhado,
Que tantos esquadroes, que gente tanta,
Com tam pouca, tem roto & destrocado:
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas da nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pês derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Affonso, disse o Cama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio jura a fama,
De mais não celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Pera quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando ja pera os futuros.

Se

Se Cesar, se Alexandre Rei tiueram,
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,
 Contra tantos inimigos quantos eram,
 Os que desbarataua este excellente,
 Nam creas que seus nomes se estenderam
 Com glorias imortais tam largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Ve que os de seus vassallos sam notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,
 Recolha, & torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido,
 Egas moniz se chama o forte velho
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello cavai cos filhos a entregar-se,
 Acorda ao colo, nu de seda & pano,
 Porque nam quis o moço sogear-se,
 Como elle prometera ao Castelhano:
 Fez com siso & promessas leuantar-se
 O cerco que ja estava soberano,
 Os filhos & molher obriga aa pena,
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nam fez o Consul tanto que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu pouo injuriado,
Assi se entrega fo firme & constante,
Estoutro assi, & os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,
Dá sobre o Rei que cerca a villa forte,
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada
Illustre feito digno de Mauorte,
Velo ca vay pintado nesta armada
No mar tambem aos Mouros dando a morte
Tomandolhe as galês, levando a gloria,
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinbo que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co fogo que acendeo junto da serra
De Abila, nas gales da Maura gente
Olha como então justa & sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sair da grande armada noua,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta proua:
 Olba Enrique famoso caualleiro,
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos sam os Martyres de Christo.

Hum Sacerdote vè brandindo a espada,
 Contra Aronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada,
 Por quem por Maphamede enresta a lança:
 He Teotonio Prior: mas vè cercada
 Sanctarem, & veras a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata,
 E Hispalico pendam derriba em terra,
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, & a sua exalta.

R 3 Olba

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a çilada esconde, com que alcança
Acidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão leuava, feito nunca feito,
Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhana, que agruado,
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, cos Mouros he deitado,
De Portugal fazendo se inimigo?
Abrantes villa toma acompanhado
Dos duros infieis que traz consigo:
Mas vè que hum Portugues com pouca gente
O desbarata e o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o cavalleiro,
Que destes levar pode a palma e o louro
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o Bago de ouro:
Vello entre os duvidosos tam inteiro,
Em não negar batalha ao brauo Mouro,
Olha o sinal no çeo que lhe aparece,
Com que nos poucos seus o esforço creçe.

Vês

CANTO OCTAVO. 132

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilba,
 Rotos, cos outros dous, & nam de espaço,
 Rotos? mas antes mortos, marauilha
 Feita de Deos, que nam de humano braço:
 Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,
 Sem lbe valer defesa, ou muro de aço,
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castilla,
 Portugues de naçam, como conquista
 A terra dos Algarues, & ja nella
 Nam acha que por armas lbe resista,
 Com manha, esforço, & com benigna estrella
 Villas, castellos toma a escalla vista:
 Ves Tauila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores:

Vês com belica astucia ao Mouro ganha
 Silues, que elle ganhou com força ingente,
 He dom Paio Correa, cuja manha
 E grande esforço faz enueja a agente
 Mas nam passes os tres q̃ e Frãça & Espanha
 Se fazem conhecer perpetuamente,
 Em desafios, justas & torneos,
 Nellas deixando publicos trofeos.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Vellos co nome vem de aventureiros,
A Castella, onde o preço sos leuáram
Dos jogos de Belona verdadeiros,
Que com dano de algũs se exercitáram,
Vê mortos os soberbos caualleiros,
Que o principal dos tres desafiáram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que pode nam temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,
Que de nenbum passado se contenta,
Que a patria que de hum fraco fio pende
Sobre seus duros hombros a sustenta,
Não no ves tinto de yra, que reprende
A vil desconfiança inerte & lenta
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,
De Rei seu naturol, & nam de albeyo.

Olha por seu conselho & ousadia,
De Deos guiada so, & de sancta Estrella
So pode o que impossibil parecia,
Vencer o pouo ingente de Castella:
Ves por industria, esforço, & valentia
Outro estrago & victoria clara & bella
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tarteſo, & o Goadiana habita.

Mas

Mas nam ves quasi ja desbaratado,
 O poder Lusitano , pela ausencia
 Do Capitam deuoto, que apartado
 Orando inuoca a suma & trina essencia:
 Vello com pressa ja dos seus achado,
 Que lhe dizem que lhe falta resistencia
 Contra poder tamanho, & que viesse,
 Por que consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confianca,
 Que inda nam era tempo respondia,
 Como quem tinha em Deos a seguranca
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assim Pompilio, ouuindo que a possanca
 Dos inimigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura noua estaua dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deas se atreue,
 Ouuir quiseses como se nomea,
 Portugues Capitam chamar se deue:
 Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,
 Ditosa patria que tal filho teue.
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres & Neptuno,
 Sempre suspirarà por tal aluno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Na mesma guerra vê que presas ganha,
Estoutro Capitam de pouca gente,
Comendadores vence, e o gado apanha,
Que leuauam roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, so por liurar com amor ardente
O preso amigo, preso por leal,
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga
O perjuro que fez e vil engano,
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co sangue de seus donos Castelhanos:
Mas olha Rui Pereira que co rosto
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,
Neste outeiro subidos se defendem,
Fortes de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem,
Porem logo sentiram com seus danos,
Que nam so se defendem, mas offendem,
Digno feito de ser no mundo eterno,
Grande no tempo antigo e no moderno.
Sabese

Sabese antigamente que trezentos
 la contra mil Romanos pelejaram,
 No tempo que os viris atreuimentos
 De Viriato tanto se illustraram,
 E delles alcançando vencimentos
 Memoraueis, de erança nos deixaram,
 Que os muitos por ser poucos nam temamos
 O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,
 Progenie generosa de loane,
 Aquelle faz que fama illustre fique
 Delle em Germania, com que a morte engane
 Este, que ella nos mares o pubrique,
 Por seu descobridor, & desengane
 De Ceita a Maura tumida vaidade,
 Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde dom Pedro que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria,
 Vês outro Conde està que representa
 Em terra Marte, em forças & ousadia,
 De poder defender se nam contenta
 Alcaçere da ingente companhia:
 Mas do seu Rei defende a cara vida,
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam:
Mas faltalhe pinçel, faltão lhe cores,
Honra, premio, fauor que as artes criam,
Culpa dos viciosos successores,
Que degenerão certo, & se desuiam
Do lustre, & do valor dos seus passados,
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja deram
Principio aa geraçam que delles pende,
Pela virtude muyto antão fizeram,
E por deixar a casa que descende,
Cegos, que dos trabalhos que tiueram,
Se alta fama & rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar de cansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham,
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados
Dão mais que a mil, q̃ esforço & saber tenhã
Estes os seus nam querem ver pintados,
Crendo que cores vãs lhe nam conuenham,
E como a seu contrairo natural,
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que á com tudo descendentes
 Do generoso tronco, & casa rica
 Que com costumes altos & excellentes
 Sustentam a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor nam clarifica,
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi está declarando os grandes feitos,
 O Gama que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos
 Do singular artifice ali pinta:
 Os olhos tinha promptos & dereitos,
 O Catual na historia bem distinta,
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do Orizonte & luminosa
 Leuava aos Antipodas o dia,
 Quando o Gentio, & a gente generosa,
 Dos Naires, da nao forte se partia
 A buscar o repouso que descansa,
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Entretanto os Aruspices famosos
Na falsa opiniam, que em sacrificios
Anteuem sempre os casos duvidosos,
Por sinais diabolicos, & indicios
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitauam a arte & seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a noua gente lhe seria
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,
Destruicam de gente, & de valia:
Vaise espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos que alcançara
Nas entranhas das victimas que oulbara.

A isto mais se ajunta que hum deuoto
Sacerdote da ley de Maphamede,
Dos odios concebidos nam remoto,
Contra a diuina Fe, que tudo excede,
Em forma do Propheta falso & noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda se nam deçe.

E diz

E diz lbe assi, guardaiuos gente minha,
 Do mal que se aparelha pelo imigo
 Que pelas agoas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo:
 Isto dizendo acorda o Mouro asinha,
 Espantado do sonho: mas consigo
 Cuida que não he mais que sonho usado
 Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conbeces
 O gram legislador que a teus passados
 Tem mostrado o preceito a que obedeces
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?
 Pois saberas que aquelles que chegados
 De nouo sam, seram muy grande dano
 Da lei que eu dey ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista,
 Porque quando o Sol sae facilmente
 Se pode nelle por a aguda vista:
 Porem de spois que sobe claro & ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Tam cega fica, quanto ficareis
 Se raizes criar lbe nam tolheis.

Isto dito

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,
Tremendo fica o atonito Agareno
Salta da cama, lume aos seruos pede
Laurando nelle o feruido veneno:
Tanto que a noua luz que ao Sol precede
Mostrara rosto Angelico & sereno,
Conuoca os principais da torpe ceita,
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios
Ali se dão segundo o que entendiam,
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inuentauam & teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruçam da gente pretendiam,
Por manhas mais sotis & ardis milhores
Com peitas adquerindo os regedores.

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas
Conciliam da terra os principais,
E com razões notauéis & discretas
Mostram ser perdiçam dos naturais,
Dizendo que sam gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentais,
Vuem so de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.
O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,
 De consciencia & de virtude interna,
 E de sincero amor sejam dotados:
 Porque como este posto na superna
 Cadeira, pode mal dos aparatados
 Negocios, ter noticia mais inteira,
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto
 Em grosso, a consciencia limpa & certa
 Que se enleue num pobre & humilde manto
 Onde ambição a caso ande encuberta,
 E quando hũ bom em tudo he justo & sancto
 E em negocios do mundo pouco acerta,
 Que mal coelles poderà ter conta,
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais
 Que o Gentilico pouo gouernauam,
 Induzidos das gentes infernais,
 O Portugues de spacho dilatauam:
 Mas o Gama, que nam pretende mais,
 De tudo quanto os Mouros ordenauam,
 Que leuar a seu Rei hum sinal certo
 Do mundo, que deixa descuberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nisto trabalha so, quem bem sabia
Que despois que leuasse esta certeza,
Armas & naos, & gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo & ley someteria
Das terras, & do mar a redondeza,
Que elle nam era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gento determina,
Porque com seus despacho se tornasse,
Que ja sentia em tudo da malina
Gente impedir se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa & indina
Nam era despantar se se despantasse,
Que tam credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o haixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe acende & atiza:
Que bem vê que grandissimo proueito
Fará, se com verdade & com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava muy contrarios pareceres,
 Que naquelles, com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes:
 O grande capitam chamar mandava,
 A quem chegado disse, se quiseses
 Confessarme a verdade limpa e nua,
 Perdam alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada
 Que de teu Rei me deste, que he fingida:
 Porque nem tu tês Rei, nem patria amada:
 Mas vagabundo vas passando a vida:
 Que quem da Hisperia vltima alongada
 Rei, ou senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometer com naos e frotas
 Tam incertas viagens e remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,
 O teu Rei tem a regia magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Sinais de tua incognita verdade:
 Com peças e does altos sumptuosos
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que final nem penhor não he bastante,
 As palauras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,
Como ja foram homẽs d'alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados,
Que toda a terra he patria pera o forte:
Ou se piratas sois ao mar vsados,
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha
Suspeitas das insidias que ordenaua
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:
Cũa alta confiança, que conuinha,
Com que seguro credito alcançaua,
Que Venus Acidalia lhe influia,
Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia
Humana cometeo na prisca idade
Nam ceusaram, que o vaso da iniquicia,
Açoute tam cruel da Christandade,
Viera por perpetua inimicia
Na geraçam de Adão, co a falsidade
O poderoso Rei da torpe feita,
Nam conceberas tu tam mã sospeita.

Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, & em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor viue sempre de seu peyto,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade : sem respeito
 Das razões em contrario que acharias
 Senão cresses a quem nam crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse
 Vndiuago, ou da patria desterrada,
 Como cres que tam longe me viesse,
 Buscar assento incognito & apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria esprimentando o mar yrado,
 Os Antarticos frios, & os ardores
 Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne à minha patria, & reino amigo
 Então veràs o dom soberbo & rico
 Com que minha tornada certifico.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,
O coraçam sublime, o regio peito,
Nenbum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre & gram conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito, & fe de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuserão
De vencer os trabalhos, & perigos,
Que sempre às grandes cousas se opuserão
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderão
De saber que fim tinham, & onde estauam
As derradeiras praias que lauauam.

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arrou primeiro
O mar, por yr deitar do ninbo caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, & engenbo raro,
Num madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Idra a luz, da Lebre, e da Ara.
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros
 No peyto as ousadias , descobriram
 Pouco & pouco caminbos estrangeyros,
 Que hũs succedendo aos outros profeguiram:
 De Affrica os moradores derradeyros
 Austrais, que nunca as sete flammias viram,
 Forão vistos de nos, atras deyxando
 Quantos estam os Tropicicos queymando.

Assim com firme peyto, & com tamanbo
 Proposito vencemos à Fortuna,
 Ate que nos no teu terreno estranho
 Viemos por a vltima coluna:
 Rompendo a força do liquido estanho
 Da tempestade horrifica, & importuna
 Aticbegamos, de quem so queremos
 sinal, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que nam faria
 Por tam incerto bem, tam fraco premio
 Qual, nam sendo isto, assi, esperar podia,
 Tam longo tam fingido, & vão proemio:
 Mas antes descansar me deyxaria
 No nunca descansado & fero gremio
 Da madre Tbetis, qual pirata inico
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi que ô Rey, se minba grão verdade
Tês por qual he, sincera, & não dobrada
Ajuntame ao despacho breuidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuyda bem na razão que esta prouada,
Que com claro juyzo pode verse,
Que facil he a verdade dentenderse.

Atento estaua o Reyna segurança,
Com que prouaua o Gama o que dezia,
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia,
Pondera, das palauras ha abastança,
Iulga na autoridade grão valia,
Começa de julgar por enganados
Os Catuais corrutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, & ter respeyto,
Co Capitão, & nam co Mauro engano,
Enfim ao Gama manda, que direyto
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano
Possaa terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, & venda.
Que

CANTO OCTAVO. 141

Que mande da fazenda enfim lhe manda,
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,
 Salgũa traz idonea la da banda
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.
 Ia da Real presença veneranda
 Se parte o Capitam, pera onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo
 Embarcaçam, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:
 Mas o mao Regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças & embaraços:
 Coelle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto poder dos regios paços,
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcaçam bastante, em que partisse,
 Ou que pera a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida diffirisse:
 Ia com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na matençam dos Mouros, torpe & fera,
 O que delle ate li nam entendera.

Era

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Era este Catual, hum dos que estauam
Corrutos pela Maumetana gente,
O principal por quem se governauam
As cidades do Samorim potente:
Delle somente os Mouros esperauam
Efeito a seus enganos torpemente,
Elle, que no concerto vil conspira
De suas esperanças nam delira:

O Gama com instancia lhe require
Que o mande por nas naos, & nam lhe val,
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal:
Porque razam lhe impede & lhe difere
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto
Atais palauras, antes reuoluendo
Na fantasia algum sutil, & astuto
Engano diabolico, & estupendo,
Ou como banbar possa o ferro bruto
No sangue auorrecido, estaua vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.
Que

CANTO OCTAVO. 142

Que nenhum torne aa patria so pretende
O conselho infernal dos Maumetanos,
Porque nam saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos barbaros profanos,
Nem sem licença sua yrse podia,
Que as almá dias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitam,
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar aa terra as naos, que longe estam,
Porque milhor dali fosse, & tornasse:
Sinal he de inimigo, & de ladram,
Que la tam longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo & fido amigo
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama
Enxerga bem que as naos deseja perto
O Catual, porque com ferro, & flama
Lhas assalte, por odio descuberto:
Em varios pensamentos se derrama:
Fantasiando está remedio certo,
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,
Tudo temia, tudo em fim cuidava

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
Que do rayo solar sendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoso,
E sendo da ouciosa mão mouido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, & telhado,
Tremulo, aqui & ali, & deffo segado.

Tal o vago juyzo fluctuaua
Do Gama preso, quando lhe lembrara
Coelho, se por caso o esperaua
Na praia cos bateis, como ordenara:
Logo secretamente lhe mandaua,
Que se tornasse aa frota, que deixàra,
Nam fosse salteado dos enganos,
Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte,
Imitar os illustres, & igoalalos.
Voar co pensamento a toda parte,
Adiuinhar perigos, & euitallos:
Com militar engenho, & sutil arte
Entender os imigos, & enganalos,
Crer tudo em fim, que nunca louuarey
O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

*Insiſte o Malabar em telo preſo,
 Senão manda chegar a terra a armada,
 Elle conſtante, & de yra nobre aceſo,
 Os ameaços ſeus nam teme nada:
 Que antes quer ſobre ſi tomar o peſo,
 De quanto mal a vil malicia ouſada
 Lhe andar armada, que por em ventura
 A frota de ſeu Rei, que tem ſegura.*

*Aquella noite eſteue ali detido,
 E parte do outro dia, quando ordena
 De ſe tornar ao Rei: mas impedido
 Foy da guarda que tinha não pequena:
 Cometelhe o Gentio outro partido,
 Temendo de ſeu Rei caſtigo, ou pena,
 Se ſabe eſta malicia, a qual aſinha
 Saberà, ſe mais tempo ali o detinha.*

*Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
 Vendibil, que trazia, pera terra,
 Pera que de vagar ſe troquẽ & venda,
 Que quem nam quer commercio busca guerra:
 Poſto que os maos prepoſitos entenda
 O Gama, que o danado peito encerra,
 Conſente, porque ſabe por verdade,
 Que compra coa fazenda a liberdade.*

Concertãſe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Concertãse que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha,
Que os seus bateis nam quer aventurar,
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almãdias a buscar
Mercadoria Hispãna, que conuenha,
Escreuê a seu yrmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgataſse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalbou o infame Catual:
Coella ficam Alvaro & Diogo,
Que a podessem vender pelo que val,
Se mais que obrigaçam, que mando & rogo
No peito vil o premio pode & val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor-bastante, donde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitã mais tempo detiuesse:
Elle vendo que ja lhe nam conuinha
Tornar a terra, porque nam podesse
Ser mais retido, sendo aas naos chegado
Nellas estar se deixa descansado..

Nas

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre,
 Que nam se fia ja do cobiçoso
 Regedor corrompido & pouco nobre.
 Veja agora o juyzo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre
 Pode o vil interesse & sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

A Polidoro mata o Rey Treicio,
 Sò por ficar senhor do gram tesouro:
 Entra, pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acriso a chuua douro:
 Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,
 que a troco do metal luzente, & louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi afogada empago morre

Este rende munidas fortalezas,
 Faz tredores, & falsos os amigos,
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega Capitães aos inimigos:
 Este corrompe virginalis purezas,
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,
 Este deprava as vezes às ciencias
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

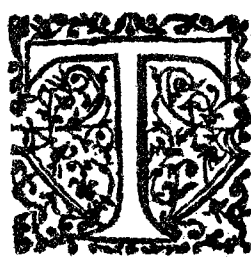
Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos este faz & desfaz leis:
Este causa os perjuros entre a gente:
E mil vezes tirânos torna os Reis.
Ate os que so a Deos omnipotente
Se dedicão, mil vezes ouuireis,
Que corrompe este encantador, & illude:
Mas nam sem cor com tudo de virtude.

F I M.

♣ Canto Nono.



Uerão longamen-

tena cidade

Sem vender se a fazenda os do-
us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade
Fazem, que nam lha comprem mercadores,
Que todo seu proposito, & vontade
Era, deter ali os descubridores
Da India, tanto tempo que viessem
De Meca as naos, qus as suas desfizessem.

La no

Lanoseio Eritreo, onde fundada
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que despois em Suez se conuerteo,
 Não longe, o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceo
 Com a superstição falsa, & profana,
 Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidà se chama o porto, aonde o trato
 De todo o roxo mar mais florecia,
 De que tinha proueito grande, & grato
 O Soldão que esse Reino possuia:
 Daqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, fermosa companhia
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauam,
 Que como fossem grandes & possantes
 Aquellas, que o commercio lhe tomauam,
 Com flamas abrasassem crepitantes:
 Neste socorro tanto confiauam,
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

T Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Governador dos ceos, e gentes,
Que pera quanto tem determinado,
De longe os meios dà conuenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado,
Influiu piadosos accidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estaua pera dar ao Gama auiso,
E merecer por isso o Paraíso.

Este de quem se os Mouros nam guardauão,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinauão,
A tençam lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos que longe estauão
Visita, e com piedade considera
O dano, sem razão, que se lhe ordena,
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cadano,
Que agora sam dos seus tam desejadas,
Pera ser instrumento deste dano:
Diz lhe que vem de gente carregadas,
E dos trouões horrendos de Vulcano,
E que pode ser dellas oprimido,
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama

O Gama que tambem considerava
O tempo, que pera a partida o chama,
E que despacho ja nam esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem aas naos: & porque a fama
Desta subita vinda os nam impida,
Lbe manda que a fizessem escondida.

Porem nam tardou muito, que voando
Hum rumor nam soasse com verdade,
Que forão presos os feitores, quando
Foram sentidos virse da cidade:
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio capitam, com breuidade
Faz represaria nūs, que aas naos vierão,
A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu, & conbecidos
Da falta delles, logo entre os milhores
Sentido foi, que estão no mar retidos:
Mas ja nas naos os bõs trabalhadores,
Vluem o cabrestante, & repartidos
Pelo trabalho, hūs puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra.

I 2 Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros pendem da verga, e ja desatam
Avella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se leuava:
As molheres e filhos, que se matam
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixão que perdidos
Hüstem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda liuremente,
A pesar dos imigos Maumetanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos,
Recebe o Capitam de melhormente
Os presos, que as desculpas, e tornando
Algüs negros, se parte as vellas dando.

Partese costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava,
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que trataua:
Mas como aquella terra que se estende
Pela Aurora, sabida ja deixava,
Com estas novas torna aa patria cara,
Certos sinais levando do que achara.

Leua

Leua algũs Malabares, que tomou
 Per força, dos que o Sãmorim mandara,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leua pimenta ardente que comprara:
 A seca flor de Banda nam ficou,
 A Noz, & o negro crauo, que faz clara
 A noua ilha Maluco, coa canella,
 Com que Ceilão he rica illustre & bella,

Isto tudo lhe ouuera a diligencia
 De Monçaide fiel, que tambem leua,
 Que inspirado de Angelica influencia,
 Quer no liuro de Christo que se escreua,
 O ditoso Affricano, que a clemencia
 Diuina assi tirou descuro treua,
 E tam longe da patria achou maneira,
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,
 As venturosas naos, leuando a proa
 Pera onde a natureza tinba posta
 A Meta Austrina da esperança boa,
 Leuando alegres nouas & reposta,
 Da parte Oriental pera Lisboa,
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, temidos & ledos.

T 3. O prazer

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O prazer de chegar aa patria cara,
A seus penates caros & parentes,
Pera contar a peregrina, & rara
Nauegaçam, os varios ceos, & gentes,
Vir a lograr o premio, que ganhára
Por tam longos trabalhos, & accidentes,
Cada hum, tem por gosto tom perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada
Era pera fauor dos Lusitanos
Do Padre eterno, & por bom genio dada
Que sempre os guia ja de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfaçam de bem sofridos danos,
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia
Darlhe nos mares tristes alegria.

Deſpois de ter hum pouco reuoluido
Na mente o largo mar que nauegaram,
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,
Nas Amphioneas Thebas, se causaram,
La trazia de longe no sentido,
Pera premio de quanto mal passaram,
Buscarlhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal liquido, & manso.
Algum

Algum repouso em fim, com que pudesse
 Refucilar a lassa humanidade
 Dos nauegantes seus, como interesse
 Do trabalho, que incurta a breue idade:
 Parecelhe razam que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina
 De terlhe aparelhada la no meio
 Das agoas, algũa insula diuina
 Ornada de smaltado & verde arreio:
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possue soberanas,
 Pera dentro das portas Herculananas.

Ali quer que as aquaticas donzellas,
 Esperem os fortissimos barões,
 Todas as que tem titolo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças, & coreas, porque nellas
 Influirà secretas affeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeioarem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle
Que de Achises pario , bem recebido
Fosse no campo que a bouina pelle
Tomou de espaço , por sutil partido:
Seu filho vai buscar , porque so nelle
Tem todo seu poder , fero Cupido,
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou ja , nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues , que na vida
Vão da morte as exequias celebrando,
E aquellas em que ja foi conuertida
Peristera , as boninas apanhando:
Em derredor da Deosa ja partida,
No ar lasciuos beijos se vão dando,
Ella por onde passa o ar , & o vento
Serenoz faz , com brandoz mouimento.

Ia sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho srecebeiro estaua entam,
Ajuntando outros muitos , que pretende
Fazer hũa famosa expediçam
Contra o mundo reuelde , porque emende
Erros grandes , que ha dias nelle estam,
Amendo cousas que nos foram dadas,
Nam pera ser amadas , mas vsadas.

Via

Via Acleon na caça, tam austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente, & bella forma humana:
 E por castigo quer doçe, & seверо,
 Mostra lhe a fermosura de Diana,
 E guarde se nam seja inda comido
 Desses cães que agora ama, & consumido.

Vê do mundo todos os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina,
 Vê nelles, que nam tem amor a mais
 Que a si somete, & a quem Philaucia insina
 Vê que esses que frequentam os reais
 Paços, por verdadeira & saã doctrina
 Vendem adulaçam, que mal consente
 Mondarse o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza
 Amor diuino, & ao pouo charidade,
 Amão somente mandos, & riqueza,
 Simulando justiça, & integridade:
 Da fea tyrania & de aspereza
 Fazem direito, & vã seueridade:
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,
 As em fauor do pouo so perecem.

Ve em

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vem fim que ninguem ama o que deue,
Se nam o que somente mal deseja,
Nam quer que tanto tempo se releue,
O castigo que duro, & justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leue
Exercitos conformes aa peleja,
Que espera ter coa mal regida gente,
Que lhe nam for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,
Estão em varias ondas trabalhando,
Hũs amolando ferros passadores,
Outros asteas de setas delgaçando,
Trabalhando cantando estam de amores,
Varios casos em verso modulando,
Melodia sonora, & concertada,
Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauam,
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha, corações ardendo estauam,
Viuas entranhas inda palpitantes:
As agoas onde os ferros temperauam,
Layrimas sam de miseros amantes,
A viua flama, o nunca morto lume,
Desejo he so que queima, & não consume.

Algũas

Algũs exercitando a mão andauam,
 Nos duros corações da plebe ruda,
 Crebros sôspiros pelo ar soauam,
 Dos que feridos vão, da seta aguda,
 Fermosas Nymphas sam as que curauam
 As chagas recebidas cuja ajuda
 Nam somente dà vida aos mal feridos:
 Mas poem em vida os inda nam nascidos.

Fermosas sam algũas & outras feas
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curão no aas vezes asperas triagas
 Algũs ficam ligados em cadeas,
 Por palauras Jutis de sabias Magas,
 Isto acontece aas vezes quando as setas
 Acertam de leuar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o pouo ferido miserando
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando,
 Qual o das moças, Bibli & Cynirea
 Hum mancebo de Assiria bum de ludea.

E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vos ô poderosos por pastoras
Muytas vezes ferido o peyto vedes,
E por bayxos, & rudos vos senhoras
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,
Hūs esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados & paredes,
Mas eu creyo que deste amor indino,
He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue
Punhão os brancos Cisnes mansamente,
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, dicia diligente.
O frecheiro, que contra o ceo se atreue,
A recebella vem, ledado, & contente,
Vem todos os cupidos seruidores,
Bejar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque nam gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz, amado filho, em cuja mão
Toda minha potencia està fundada:
Filho em quem minhas forças sempre estão,
Tu que as armas Tifeas tês em nada,
A socorrerme a tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fadigas,
Que eu ja de muito longe fauoreço,
Porque das Parca sey minhas amigas,
Que me ande venerar & ter em preço,
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lbe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso
Baco foram na India molestados,
E das injurias sos do mar vndoso,
Poderão mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lbe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquelle premio, & doce gloria
Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas
As filhas de Nereo, no ponto fundo,
Da mor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descobrir o nouo mundo,
Todas nũa ilha juntas & subidas,
Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano, terei aparelhada,
De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali com mil refrescos & manjares,
Com vinhos odoriferos, & rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:
Em fim com mil deleites nam vulgares,
Os esperem as Nymphas amorosas,
Damor feridas, pera lbe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no reino Neptonino
Onde eu nasci, progenie forte & bella,
Etome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se reuela
Porque entendam que muro adamantino,
Nem triste hypocresia val contra ella.
Mal auerà na terra quem se guarde,
Se teu fogo imortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho inico
Pera lbe obedecer ja se apercebe,
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe:
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe,
Ha redea larga aas aues, cujo canto
Ha Phaetontea morte chorou tanto.

Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Hũa famosa, & celebre terceyra,
 Que posto que mil vezes lbe he contraria,
 Outras muitas ha tem por companheira:
 A Deosa Gigantea temeraria,
 Iactante, mintirosa, & verdadeyra,
 Que com cem olhos ve, & por onde voa
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louvores da gente nauegante,
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:
 Ia murmurando a fama penetrante
 Pelas fundas cauernas se es albára,
 Fala verdade, a vida por verdade,
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louuor grande, o rumor excellente
 No coração dos Deoses, que indinados
 Forão por Baco contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco afeyçoados:
 O peyto feminil, que leuemente
 Muda quaesquer propositos tomados.
 Ia julga por mau zelo, & por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,
Dereitas pelas ondas inquietas,
Algũas vão, & algũas fazem giros:
Caem as Nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos sóspiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,
Com força o moço indomito excessiua,
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiua:
Ia não fica na aljaua seta algũa
Nem nos equoreos campos Nympha viua,
E se feridas inda estam viuendo,
Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, & redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Pera que tu reciproco respondas
Ardente Amor aa flama feminina,
He forçado que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ja todo o bello coro se aparelha
Das Nereidas, & junto caminhava
Em coreas gentis, v'sança velha,
Pera a ilha, a que Venus as guiava:
Ali a fermosa Deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava,
Ellas que vão do doce amor vencidas,
Estam a seu conselho offercidas.

Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente, pera a patria amada,
Desejando prouerse de agoa fria,
Pera a grande viagem prolongada:
Quando juntas com subita alegria,
Ouueram vista da ilha namorada,
Rompendo pelo ceo a m'ãi fermosa
De Menonio, suave & deleitosa.

De longe a ilha viram fresca & bella,
Que Venus pelas ondas lha leuava.
(Bem como o vento leua branca vella)
Pera onde a forte armada se enxergava,
Que porque nam passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naos nauegão a mouia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

V Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas firme a fez & immobil, como vio
Que era dos Nautas vista, & demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, & a Deosa aa caça vsada:
Pera la logo a proa o mar abrio,
Onde a costa fazia hũa enseada
Curua & quieta, cuja branca area
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornauam,
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:
Claras fontes & limpidas manauam
Do cume, que a verdura tem viçosa,
Por entre pedras aluas se diriuam,
A sonora Lymphã fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende
Vinham as claras agoas ajuntarse,
Onde hũa mesa fazem, que se estende
Tam bella, quanto pode imaginarse:
Aruoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto està pera afeitar-se,
Vendose no cristal resplandecente,
Que em si o està pintando propriamente.

Mil

Mil arvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos & bellos,
A Laranjeira tem no fruto lindo
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:
Encostase no chão, que está caindo
A Cidreira cos pesos amarellos,
Os fermosos limões ali cheirando
Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frondente coma emnobrecidos
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros
Do louro Deos amados, & queridos:
Mirros de Cyterea, cos Pinheiros
De Cybele por outro amor vencidos,
Está apontando o agudo Cipariso
Pera onde he possto o Etereo paraíso.

Os dões que dá Pomona, ali natura
Produze diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dam muito milhores.
As Cerejas porpureas na pintura,
As Amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Persia veio,
Milhor tornado no terreno alheio.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes
Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda
Vide cús cachos roxos, & outros verdes:
E vos se na vossa aruore fecunda
Peras pyramidais viuer quiserdes,
Entregaiuos ao dano, que cos bicos
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,
Com que se cobre a rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina:
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça o flor Cyfisia inclina,
Sobollo tanque lucido & sereno,
Florece o filho & neto de Cyniras,
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil cousa fora,
No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,
Se daua aas flores cor a bella Aurora,
Ou se lha dam a ella as bellas flores:
Pintando estava ali Zefiro & Flora
As violas da cor dos amadores,
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

A can:

A candida Cecem das Matutinas
 Lagrimas ruciadas, & a Manjarona,
 Vense as letras nas flores Hyacintinas,
 Vam queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos & boninas
 Que competia Cloris com Pomona:
 Pois se as aues no ar cantando voão,
 Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cisne canta,
 Responde lbe do ramo Philomena,
 Da sombra de seus cornos nam se espanta
 Aeteon nagoa cristalina & bella:
 Aqui a fugace Lebre se leuanta
 Da espessa mata, ou temida Gazella,
 Ali no bico traz ao caro ninho,
 O mantimento ô leue passarinho.

Nesta frescura tal desembarcaram
 Ia das naos os segundos Argonautas,
 Onde pola floresta se deixauam
 Andar as bellas Deosas como incautas,
 Algũas doçes Cytaras tocavam,
 Algũas arpas, & sonoras frautas,
 Outras cos arcos de ouro se fingião
 Seguir os animais, que nam seguião.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A si lho aconselhãra a mestra experta,
Que andassem pelos campos e spalbadas,
Que vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeyro desejadas
Algũas, que na forma descuberta
Do bello corpo estauam confiadas,
Posta a artificiosa fermosura,
nuas lauar-se deyxam na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya
Punham os pès de terra cubiçosos,
Que nam ha nenhum delles, que nam saya
De acabarem caça agreste desejosos:
Nam cuydam que sem laço, ou redes caya
Caça naquelles montes deleytosos
Tão suaue, domestica, e benina,
Qual ferida lha tinha ja Eiricina.

Algũs que em espingardas, e nas bèstas
Pera ferir os seruos se fiaam,
Pelos sombrios matos, e florestas
Determinadamente se lançauam:
Outros nas sombras, que de as altas festas
Defendem a verdura, passeauam
Ao longo da agoa, que suaue, e queda
Por aluas pedras corre aa praya leda.
Começão

Começão de enxergar subitamente

Por entre verdes ramos varias cores,
Cores de quem a vista julga, & sente,
Que nam erão das rosas, ou das flores,
Mas da lam fina, & seda diferente
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo se por arte mais fermosas.

Da Veloso espantado hum grande grito,
Senhores caça estranha disse he esta,
Se inda duram o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca, & bem se manifesta
Que sam grandes as cousas & excellentes
Que o mundo encobre aos homês imprudēt s.

Sigamos estas Deosas, & vejamos,
Se fantasticas sam, se verdadeiras,
Isto dito veloces mais que Gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,
Se deixam yr dos Galgos alcançando

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,
Acendese o desejo que se ceua
Nas aluas carnes subito mostradas,
Hũa de industria cae, & ja releua
Com mostras mais massias, que indinadas,
Que sobre ella empecendo tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,
Com as Deosas despidas que se lauam,
Ellas começam subito a gritar,
Como que assalto tal nam esperauam,
Hũas fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançauam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que aas mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fora:
Tal dos mancebos ha, que se arremessa
Vestido aspi & calçado (que co a mora
Desse despir, ha medo que inda tarde)
A matar na agoa o fogo que nelle arde.
Qual

Qual cão de caçador sagaz & ardido,
 Usado a tomar na agoa a aue ferida,
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,
 Pera a Garcenba, ou Pata conbecida,
 Antes que soe o estouro, mal sofrido
 Salta nagoa, & da presa nam duuida,
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo
 Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,
 Manbofo, caualleiro, & namorado,
 A quem amor nam dera hum so desgosto.
 Mas sempre fora delle mal tratado:
 E tinha ja por firme profuposto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porem nam que perdesse a esperança,
 De inda poder seu fado ter mudança,

Quis aqui sua ventura, que corria
 Apos Efire, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria,
 O que deu pera darse a natureza,
 Ia cansado correndo lhe dizia.
 O fermosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.
 Todos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Todas de correr cansam, Nimpba pura,
Rendendose aa vontade do inimigo,
Tu so de my so foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito ja aquella ventura,
Que em toda a parte sempre anda comigo,
O nam na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me causas: & se queres
Fugirme, porque nam possa tocarte,
Minha ventura he tal, que inda que esperes
Ella farà que nam possa alcançarte:
Espera, quero ver, se tu quiseres,
Que sutil modo busca de escaparte,
E notaràs no fim deste successo,
Tra la spica & la man, qual muro he messo.

O não me fujas, assi nunca o breue
Tempo fuja de tua fermosura,
Que so com refrear o passo leue,
Venceràs da fortuna a força dura:
Que Emperador, que exercito se atreue.
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejey me vay seguindo,
O que tu so faras nam me fugindo.

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:
Leuas me hum coração, que liure tinha?
Solta mo, & corroras mais leuemente
Nãote carrega essa alma tam mezquinha,
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada leuas? ou despois de presa
Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,
Que ou tu nam sofreràs o peso della,
Ou na virtude de teu gesto lindo,
Lhe mudará a triste & dura estrella.
E se se lhe mudar, não vas fugindo,
que Amor te ferirá, gentil donzella,
E tu me esperarás, se amor te fere,
E se me esperas, não ha mais que espere.

Ia nam fugia a bella Nimpba, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por yr ouuindo o doce canto,
As namoradas magoas que dizia:
Voluendo o rosto ja sereno & sancto,
Toda banhada em riso & alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava,
Que afagos tam suaues, que yra honesta
Que em risinhos alegres se tornaua:
O que mais passam na menhã & na festa
Que Venus com prazeres inflamaua,
Milhor he esprimentalo que julgalo,
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas
Nimphas, cos seus amados nauegantes,
Os ornam de capellas delectosas,
De louro & de ouro & flores abundantes:
As mãos aluas lhe dauam como esposas
Com palauras formais & estipulantes,
Se prometem eterna companhia
Em vida & morte, de honra & alegria.

Húa dellas maior, a quem se humilha
Todo o choro das Nimphas, & obedece,
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,
O que no gesto bello se parece,
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,
O Capitão illustre que o mereçe,
Recebe ali com pompa honesta & régia,
Mostrando se senbora grande & egregia.
Que

Que despois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exordio de alta graça ornado,
Dandolhe a entender, que ali viera
Por alta influçam do imobil fado,
Pera lhe descobrir da vinda esphera,
Da terra immensa, & mar nam nauegado
Os segredos, por alta prophecia
O que esta sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão a leua & guia
Pera o cume dum monte alto & diuino,
No qual hũa rica sabrica se erguia
De cristal toda, & de ouro puro, & fino:
A maior parte aqui passam do dia
Em doços jogos, & em prazer contino,
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.

Assi a fermosa, & a forte companhia,
O dia quasi todo estam passando,
Nũa alma, doçe, incognita alegria,
O trabalhos tam longos compensando
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte & famosa, o mundo está guardando
O premio la no fim bem merecido,
Com fama grande, & nome alto & subido.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,
Thetis & a Ilha angelica pintada,
Outra cousa nam he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De Palma & Louro, e gloria & marauilha
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
La no estellante Olimpo a quem subia,
Sobre as asas inclitas da fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto & fragoso:
Mas no fim doce, alegre & delectoso.

Nam eram senão premios, que reparte
Por feitos mortais & soberbnos,
O mundo cos varões, que esforço & arte
Diuidos os fizeram, sendo humanos:
Que Iupiter, Mercurio, Phebo & Marte
Eneas & Quirino, & os dous Thebanos
Ceres, Palas, & Iuno com Diana
Todos foram de fraca carne humana.

Mas

Mas a fama trombeta de obras tais,
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos
 De Deoses, Semideoses immortais
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos
 Por isso, o vos que as famas estimais,
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,
 Que o animo de liure faz escrauo.

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambicam tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes & no torpe & escuro
 Vicio da tirania infame & urgente:
 Porque essas honras vaãs, esse ouro puro
 Verdadeiro valor nam dam aa gente,
 Milhor he merecellos sem os ter
 Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,
 Que aos grandes nam dem o dos pequenos,
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a ley dos inimigos Sarracenos,
 Fareis os Reinos grandes & possantes
 E todos tereis mais, & nenhum menos
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.
 E fareis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.
E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados
Agora co as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos ja passados:
Impossibilidades nam façais,
Que quem quis sempre pode: & numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos

FIM.

Canto Decimo
& ultimo.



As ja o claro ama-
dor de Larissea
Adultera, inclinava os animais,
La pera o grande lago, que rodca
Temistitam, nos fins Occidentais:
O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,
Co sopro, que nos tanques naturais
Encre sã a agoa serena, & despertava
Os Lirios, & lazmins que a calma agrava.
Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes
 Pella mão ja conformes & contentes
 Subião pera os paços radiantes,
 E de metais ornados reluzentes:
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas, daltos manjares, excellentes
 Lbe tinha aparelhados, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cadeiras ricas cristalinas,
 Se assentam dous & dous, amante & dama
 Noutras aa cabeceira douro finas,
 Està coa bella Deosa o claro Gama:
 De ygoarias suaues & diuinas
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima
 Estão nam so do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno:
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima
 Cresças escumas erguem, que no interno
 Coraçam mouem subita alegria,
 Saltando coa mistura dagoa fria.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mil praticas alegres se tocavam
Risos doces, sutis, & argutos ditos
Que entre hũ & outro manjar se aleuãtauão
Despertando os alegres apetitos:
Musicos instrumentos nam faltauão,
Quais no profundo reyno, os nus espiritos
Fizeram descansar da eterna pena,
Cũ voz dhãa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos
Que pellos altos paços vãõ soando,
Em consonancia ygoal, os instrumentos
Suaves vem a bum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz hir doçemente murmurando
As agoas & nas casas naturais
Adormecer os brutos animais.

Com doçe voz està subindo ao ceo
Altos varões, que estam por vir ao mundo,
Cujas claras Ideas vio Protheo,
Num globo vãõ, diafano, rotundo,
Que Iupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, & despois no reino fundo
Vaticinando o disse, & na memoria
Recolbeo logo a Ninfa a clara historia.

Materia

Materia he de Coturno, & nam de Soco
 A que a Nympha aprendeo no immenso lago
 Qual Iopas nam soube, ou Demodoco,
 Entre os Pheaces hum, outro em Caribago.
 Aqui minha Caliope te inuoco
 Neste trabalho extremo, porque em pago,
 Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretendo,
 O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio
 Ha pouco que passar ate o Otono,
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual ja não me jacto, nem me abono:
 Os desgostos me vão leuando ao rio
 Do negro esquecimento, & eterno fono,
 Mas tu me dà que cumpra, ò gram Rainha
 Das Musas, co que quero aa naçam minha.

Cantando a bella Deosa, que viriam
 Do Tejo, pello mar que o Gama abrira,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por onde o Oceano Indico suspira:
 E que os Gentios Reis, que nam dariam
 A ceruiz sua ao jugo, o ferro & yra
 Prouariam do braço duro & forte,
 Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantana dhum que tem nos Malabares
Do sumo sacerdocio a dignidade,
Que so por nam quebrar cos singulares
Barões, os nos que dera damizade,
Sofrerà suas cidades & lugares,
Com ferro, incendios, ira & crueldade
Ver destruir do Samorim potente:
Que tais odios terá coa noua gente.

Ecanta como la se embarcaria
Em Bellem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria
O gram Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria
O curuo lenho, & o feruido Oceano,
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,
E deixado em ajuda do gentio
Rey de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do salgado & curuo rio,
Desbaratarà os Naires infernais
No passo Cambalão, tornando frio
Despanto o ardor immenso do Oriente
Que verá tanto obrar tam pouca gente.
Chamará

Chamarà o Samorim mais gente noua:
 Virão Reis Bipur, & de Tànor,
 Das ferras de Narsinga, que alta proua
 Estaram prometendo a seu senhor:
 Fara que todo o Naire em fim se moua,
 Que entre Calecu jaz, & Cananor,
 Dambas as leis immigas, pera a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pola terra.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra & mar, o gram Pacheco ousado,
 A grande multidam que yrá matando,
 A todo o Malabar terà admirado:
 Cometerà outra vez nam dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos Deoses vãos, furdos & immotos

Ia nam defenderá samente os passos,
 Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas,
 Acefo de yra o Cão, nam vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas:
 Fará que os seus de vida pouco escassos
 Cometão o Pacheco que tem asas
 Por dous passos num tempo, mas voando
 Dhum noutro, tudo yra desbaratando.

X 3 Vira

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virà ali o Samorim, porque em pessoa
Veja a batalha & os seus esforce & anime,
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De sangue o tingirá no andar sublime:
Ia nam vera remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito estime,
Inuentara traicões, & vãos venenos,
Mas sempre (o ceo querendo) fara menos.

Que tornará a vez septima cantaua,
Pellejar co inuicto & forte Luso,
A quem nenhum trabalho pesa & agraua,
Mas com tudo este so o fara confuso:
Trara pera a batalha horrenda & braua,
Machinas de madeiros fora de uso,
Pera lhe abalroar as Carauellas,
Que ate li vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuara ferras de fogo
Pera abrasarlhe quanta armada tenha,
Mas a militar arte, & engenho, logo
Farà ser vaã a braueza com que venha:
Nenhum claro barão no Martio jogo,
Que nas asas da fama se sostenha,
Chega a este, que a palma a todos toma,
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.
Porque

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas, & artes inuentadas
 Tantos Cães nam imbelles profligados:
 Ou pareceram fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros inuocados
 Deceram a ajudallo, & lhe darão
 Esforço, força, ardil & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios
 O gram poder de Dario estrue & rende,
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Termopilas defende,
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio
 Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro
 Abaxando, fez ronco & entristecido,
 Cantando em baxa voz enuolta em choro
 O grande esforço mal agradecido:
 O Belisario, disse, que no coro
 Das Musas seras sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolarte.

X 4 Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos
Como no galardam injusto & duro,
Em ti & nelle veremos altos peitos,
A baxo stado vir bumilde, & escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
Nua apparencia branda que os contenta,
Dão os premios de Aiaçe merecidos,
Aa lingua vaã de V'lisses fraudulenta:
Mas vingome que os bens mal repartidos
Por quem so doces sombras apresenta,
Se não os dam a sabios caualeiros,
Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,
Se nam es pera darlhe bonroso estado,
He elle pera darte bum reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apolineos rayos, eu te fico
Que elle seja entre a gente illustre & claro
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome real, e traz consigo
 O filho, que no mar sera illustrado
 Tanto como qualquer Romano antigo:
 Ambos darão com braço forte, armado,
 A Quiloa fertil a spero castigo,
 Fazendo nella Rey leal e humano,
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem faram Mombaça, que se arrea
 De casas sumptuosas e edificios,
 Co ferro e fogo seu, queimada e fea,
 Em pago dos passados maleficios:
 De spois na costa da India, andando chea
 De lenhos inimigos, e arteficios,
 Contra os Lusos: com vellas, e com remos
 O mancebo Lourenço farà estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,
 Que encheram todo o mar, coa ferrea pela
 Que sae com trouão do cobre ardente,
 Fara pedaços leme, mastro, vela,
 De spois lançando arpeos ousadamente
 Na capitaina immiga: dentro nela
 Saltando, a fara so com lança e espada
 De quatro centos Mouros despejada.

Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,
Que ella so sabe o bem de que se serue,
O pora onde esforço, nem prudencia
Podera auer que a vida lhe reserue:
Em Chaul, onde em sangue & resistencia
O mar todo com fogo & ferro ferue,
Lhe faram que com vida se nam saya
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Alio poder de muitos inimigos
Que o grande esforço, so com força rende
Os ventos que faltaram & os perigos
Do mar que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor que aqui se aprende,
Outro Sceua verão que espedaçado
Nam sabe ser rendido nem domado.

Com toda hũa coxa fora que em pedaços
Lhe leua hum cego tiro que passara,
Se serue inda dos animosos braços,
E do gram coraçam que lhe ficàra:
Ate que outro pilouro quebra os laços,
Com que co alma o corpo se liara,
Ella solta voou da prisam fora,
Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Vayte alma em paz da guerra turbulenta,
 Na qual tu mereceste paz serena,
 Que o corpo que em pedaços se apresenta
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:
 Que eu ouço retumbar a gram tormenta,
 Que vem ja dar a dura & eterna pena,
 De Esperas, Basiliscos, & trabucos,
 A Cambaicos crueis & a Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,
 Trazendo furia & magoa por antolhos
 Com que o paterno amor lhe está mouendo
 Fogo no coraçam, agoa nos olhos:
 A nobre yra lhe vinha prometendo
 Que o sangue fara dar pellos giolhos
 Nas inimigas naos sentilo ba o Nilo,
 Podêlo ha o Indo ver & o Gange ouuilo.

Qual o Touro cioso, que se ensaya
 Pera a crua pelleja os cornos tenta
 No tronco dhum Carualho ou alta Faya
 E o ar ferindo, as forças esprimenta:
 Tal, antes que no seyo de Cambaya
 Entre Francisco irado na opulenta
 Cidade de Dabul, a espada afia,
 Abaxandolhe a tumida oufadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos & batalhas,
Fara espalhar a fraca & grande armada
De Calecu, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fara yr ver o frio & fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia esperara dos vingadores,
Verà braços & pernas yr nadando,
Sem corpos, pello mar de seus senhores,
Rayos de fogo yram representando,
No cego ardor, os brauos domadores,
Quanto ali sentiram olhos & ouvidos,
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que de spois virà ao patrio Tejo
Quasi lhe roubarà a famosa gloria
Hum successo que triste & negro vejo
O Cabo Tormentorio que a memoria
Cos ossos guardará: nam tera pejo
De tirar deste mundo aquelle e sprito,
Que nam tiraram toda a India & Egito.
Ali

Ali Cafres seluagens poderam,
 O que deſtros immigos nam poderam,
 E rudos paos toſtados ſos faram,
 O que arcos & pelouros nam fizeram,
 Occultos os juizos de Deos ſam,
 As gentes vaãs que nam nos entenderam,
 Chamãolbe fado mao, fortuna eſcura,
 Sendo ſo prouidencia de Deos pura.

Mas ò que luz tamanha, que abrir ſinto,
 Dizia a Ninfa, & a voz aleuantaua,
 La no mar de Melinde em ſangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto
 Sera ſeu nome, em todo o mar que lousa
 As ilhas do Auſtro, & praias, q̃ ſe chamão
 De ſam Lourêço, & è todo o Sul ſe afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentes
 Armas, com q̃ o Albuquerque yra amãſando
 De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroſo & brando:
 Ali verão as ſetas eſtridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem eſtende a ſe da madre Igreja.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali do sal os montes nam defendem
De corrupçam os corpos no combate,
Que mortos polla praya, & mar se estenden:
De Gerum, de Mazcate, & Caloyate:
Ate que a força so de braço aprendem
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate
Obrigaçam de dar o reyno inico
Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo
Toma a ilha illustrissima de Goa:
De spois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, & occasiam espera boa,
Com q̃ a torne a tomar, que esforço & arte
Venceram a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna & vãy rompendo
Por muros, fogo, lanças & pilouros,
Abrindo com a espada o espesso, & horendo
Esquadram de Gentios, & de Mouros:
Iram soldados inclitos fazendo
Mais que Liões famelicos, & Touros,
Na luz que sempre celebrada & dina
Sera da Egiptia sancta Caterina.

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,
Posto que rica, & posto que assentada
La no gremio da Aurora onde naceste,
Opulenta Malaca nomeada:
As setas venenosas que fizeste,
Os Crises com que ja te vejo armada,
Malaios namorados, laos valentes.
Todos faras ao Luso obedentes.

Mais estanças cantára esta Syrena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alem brote húa yra que o condena
Posto que a fama sua o mundo cerque:
O grande capitam, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas
Doenças, frechas, & trouões ardentes,
A sazam & o lugar fazem cruezas
Nos soldados a todo obedientes:
Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos & insolentes,
Dar extremo suplicio pella culpa
Que a fraca humanidade & Amor desculpa.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nam serà a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio desonesto,
Mas cūa escrava vil lasciua & escura:
Se o peito ou de ciofo, ou de modesto,
Ou de vsado a crueza fera & dura,
Cos seus hūa ira insana nam refrea,
Poē na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado
Da sua Campaspe, & deulba alegremente
Nam sendo seu soldado esperimentado,
Nem vendo se num cerco duro & urgente:
Sentio Ciro que andaua ja abrasado
Arašpas, de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, & prometia
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido
Fora de amor, que em fim não tem defesa,
Leuemente o perdoa, & foy seruido
Delle num caso grande em recompensa:
Per força de ludita foy marido
O ferreo Baldouino, mas dispensa
Carlos pay della, posto em cousas grandes,
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

*Mas profeguindo a Nimpba o longo canto,
 De Soarez cantaua, que as bandeiras
 Faria tremolar & por espanto
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:
 Midina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, & Gidá, coas derradeiras
 Prayas de Abasia: Barborà se teme,
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.*

*A nobre ilha tambem de Taprobana,
 la pello nome antigo tam famosa,
 Quanto agora soberba & soberana,
 Pella Cortiça calida, cbeirofa,
 Della dara tributo aa Lusitana
 Bandeira, quando excelsa & gloriosa
 Vencendo se erguerà na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tam temida.*

*Tambem Sequeira as ondas Eritreas.
 Diuidindo abrira nouo caminho,
 Pera ti grande imperio que te arreas
 De seres de Candace & Sobá ninho:
 Maquã com Cisternas de agoa cheas
 Vera, & o porto Arquico ali vizinho
 E fara descobrir remotas ilhas,
 Que dam ao mundo nouas marauilhas.*

Y Vira

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Vira despois Meneses, cujo ferro
Mais na Africa que cá tera prouado:
Castigara de Ormuz Soberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama, em pago do desterro
Em que estas & seras inda tornado,
Cos titolos de Conde & dhonras nobres,
Viras mandar a terra que descobres.*

*Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado coa Regia dignidade,
Te tirara do mundo & seus enganos:
Outro Meneses logo, cuja ydade
He mayor na prudencia que nos anos,
Gouernarà & fara o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.*

*Não vencerá somente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Cometendo as Bombardas, que nos ares
Se vingão so do peito que as comete:
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos dalma todos sete
De cubiça triumphã & incontinencia,
Que em tal idade he suma de excellencia.*

Mas

Mas despois que as estrellas o chamarem,
 Socederas ô forte Mazcarenbas,
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometote que fama eterna tenhas:
 Pera teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintam, que tantos danos
 Tera a Malaca muito tempo feitos,
 Num so dia as injurias de mil anos
 Vingaras, co valor de illustres peitos,
 Trabalhos & perigos inhumanos,
 Abrolbos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambiçam,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos, & Iustica te faram
 Vituperio nenhun, mas so desgosto:
 Quem faz injuria vil, & sem rezam
 Com forças & poder, em que está posto,
 Nam vence, que a vitoria verdadeira,
 He saber ter justica nua & inteira.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudonam nego que Sampayo
Sera no esforço illustre & assinalado
Mostrando se no mar bum fero rayo,
Que de inimigos mil vera qualbado:
Em Bacanor fara cruel ensayo
No Malabar, pera que amedrontado
Deſpois a ser vencido delle venha
Cutiále, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota
Que Chaultemerà de grande & ousada,
Fara coa vista so perdida & rota,
Por Heitor da Silueira & destrozada:
Por Heitor Portugues de quem se nota,
Que na Costa Cambaica sempre armada,
Sera aos Guzarates tanto dano,
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá
Cunha, que longo tempo tem o leme
De Chale as torres altas erguerá
Em quanto Dio illustre delle treme,
O forte Baçaim se lhe dará,
Nam sem sangue porem que nelle geme
Melique, porque a força so de espada
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio que o peito & bellico exercicio
De Antonio da silueira bem sustenta:
Fara em Noronha a morte o vsado officio,
Quando hum teu ramo, ò Cama, se esprimeta
No gouerno do Imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fara amarelo.

Das mãos do teu Esteuão vem tomar
As redeas hum, que ja sera illustrado
No Brasil, com vencer & castigar
O Pirata Frances ao mar vsado:
Deſpois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Dãmão soberbo & armado,
Escala, & primeiro entra a porta aberta
Que fogo & frechas mil teram cuberta.

A este o Rey Cambaico soberbissimo
Fortaleza darà na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lbe ajude a defender o senhorio:
Deſpois yra com peito esforçadissimo
A tolher que nam passe o Rey Gentio
De Calecu, que assi com quantos veyo
O fara retirar de sangue cheyo.

Y 3 Destroirà

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Destroirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:
E despois junto ao cabo Comorim
Húa façanha faz esclarecida,
A frota principal do Samorim,
Que destroir o mundo nam duuida,
Vencerà co furor do ferro & fogo,
Em si vera Beadàla o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
Vira despois com cetro a governala,
Sem que ache resistencia nem perigos,
Que todos tremem delle & nenhum fala:
So quis prouar os asperos castigos
Baticalá, que virà ja de Beadala,
De sangue & corpos mortos ficou chea
E de fogo & trouões desfeita & fea.

Este sera Martinho, que de Marte
O nome tem coas obras diriuado,
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte
Portugues tera sempre leuantado,
Conforme successor ao succedido
Que hū ergue Dio, outro o defende erguido.
Persas

*Persas feroces, Abassis & Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes
Que mil nações ao cerco feras vem
Faram dos ceos ao mundo vãos queixumes
Porque hús poucos a terra lhe detem,
Em sangue Portugues juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.*

*Basiliscos medonhos & Liões,
Trabucos feros, minas encubertas,
Sustenta Mazcarenhas cos barões,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Ate que nas mayores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.*

*Fernando hum delles, ramo da alta pranta,
Onde o violento fogo com ruido,
Em pedaços os muros no ar leuanta,
Sera ali arrebatado, & ao ceo subido:
Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,
Os ventos, & despois os inimigos.*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem deſpois, o pay, que as ondas corta
Com reſtante da gente Luſitana
E com força & ſaber, que mais importa,
Batalha dà felice & ſoberana:
Hũs paredes ſubindo eſcuſam porta
Outros a abrem, na fera eſquadra inſana
Feitos faram tam dinos de memoria,
Que nam caibam em verſo, ou larga hiſtoria.

Este deſpois em campo ſe apresenta
Vencedor forte & intrepido ao poſſante
Rey de Cambaya, & a viſta lhe amedrenta
Da fera multidão pradrupedante:
Não menos ſuas terras mal ſuſtenta
O Hydalcham do braço triumphante
Que caſtigando vay Dábul na coſta
Nem lhe eſcapou Ponda no ſertão poſta.

Estes & outros Barões por varias partes
Dinos todos de fama & marauilha,
Fazendoſe na terra brauos Martes,
Viram lograr os goſtos deſta Ilha:
Varrendo triumphantes eſtandartes
Pellas ondas, que corta a aguda quilha
E acharão eſtas Nimphas & eſtas meſas,
Que glorias & hõras ſam de arduas empresas

Aſſi

Assim cantava a Nimpha & as outras todas
 Com sonoro aplauso vozes dauam,
 Com que festejão as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravam:
 Por mais que da Fortuna andem as rodas
 Nua consoa voz todas soavam,
 Nam vos hão de faltar, gente famosa,
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia & doce suavidade,
 Virão os altos feitos, que descobre
 Tbetis de graça ornada, & grauidade,
 Pera que com mais alta gloria dobre,
 As festas deste alegre & claro dia
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia
 Suprema, de cos olbos corporais
 Veres, o que nam pode a vã ciencia
 Dos errados & miseros mortais:
 Sigueme firme & forte com prudencia
 Por este monte e spesso, tu cos mais:
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.
 Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nam andão muito que no erguido cume
Se acharão, onde hum campo se esmaltaua,
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume
A vista, que diuino chão pisaua:
Aqui hum globo vem no ar, que o lume
Clarissimo por elle penetraua,
De modo que o seu centro esta euidente,
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja nam se enxerga,
Mas enxergasse bem que está composto
De varios orbes, que a diuina verga
Compos, & hum centro a todos so tem posto:
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,
Nunca sergue, ou se abaxa, & hū mesmoro sto
Por toda a parte tem, & em toda a parte
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si soflido,
Qual em fim o Archetipo, que o criou:
Vendo o Gama este globo, comouido
De espanto & de desejo ali ficou,
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas
Por onde vas, & yras, & o que desejas.
Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,
Eterea, & elemental, que fabricada
Assi foy do saber alto, & profundo,
Que he sem principio, & meta limitada,
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, & sua superficie tam limada,
He Deos, mas o q̄ he Deos ninguẽ o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que està com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, & a mente vil tambem
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle so se entende & alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos
Diuos estão, porque eu, Saturno & Iano
Iupiter, Iuno, fomos fabulosos
Fingidos de mortal & cego engano:
So pera fazer versos deleitosos
Seruimos, & se mais o trato humano
Nos pode dar, he so que o nome nosso
Nestas estrellas pos o engenho vosso.
E tãobẽ

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tambem porque a santa prouidencia,
Que em Iupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Gouerna o mundo todo, que sustenta:
Insinalo a propbetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta,
Os que sam bõs, guiando fauorecem,
Os maos, em quanto podeu nos empecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora insinando,
Darlhe nomes, que a antiga Poesia
A seus Deoses ja dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso està chamando,
Nem nega que esse nome preminente,
Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contarte das profundas
Obras da mão diuina veneranda,
Debaxo deste circulo onde as mundas
Almas diuinas gozão, que nam anda,
Outro corre tam leue & tam ligeiro,
Que não se enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

Com este rapto & grande mouimento,
 Vão todos os que dentro tem no seyo
 Por obra deste, o Sol andando a tento
 O dia & noite faz, com curso albeyo:
 Debaxo deste leue anda outro lento,
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso
 Dozentos cursos faz, da elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, & radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintilantes:
 Bem ves como se veste & faz ornado
 Co largo cinto douro, que estrellantes
 Animais doze traz asfigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,
 Andromeda, & seu pay & o drago horrêdo:
 Ve de Cassiopea a fermosura,
 E do Oriente o gesto turbulento,
 Olha o Cisne morrendo que sospira,
 A Lebre, os Cães, a Nao, & a doce Lira.
 Debaxo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,
Iupiter logo faz o mouimento,
E Marte abaxo bellico inimigo,
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo,
Mercurio de eloquencia soberana,
Com tres rostos debaixo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente
Curso veras, nũs graue, & nouros leue:
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estam caminho breue,
Bem como quis o padre omnipotente
Que o fogo fez, & o ar, o vento & neue,
Os quaes veras que jazem mais a dentro,
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouxada dos humanos,
Que nam samente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos
Mas inda o mar instabil e sprimentam,
Veras as varias partes, que os insanos
Mares diuidem, onde se apousentam
Varias nações, que mandão varios Reis,
Varios costumes seus, & varias leis

Ves

Ves Europa Christã mais alta & clara
 Que as outras em policia & fortaleza:
 Ves Africa dos bens do mundo auara
 Inculta, & toda cheia de bruteza,
 Co Cabo que ate qui se vos negara,
 Que assentou pera o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita.
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vè do Benomotapa o grande imperio,
 De seluatica gente, negra & nua:
 Onde Gonçalo morte & vituperio,
 Padecerà, polla fe sancta sua:
 Nace por aste incognito Hemisperio.
 O metal, porque mais a gente sua,
 Ve que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.

Olha as casas dos negros, como estam
 Sem portas, confiados em seus ninhos
 Na justiça real, & defensam,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidam
 Qual bãdo espesso & negro de Estorninhos
 Combaterà em Sofala a fortaleza,
 Que defendera Nhaya com destreza.
 Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olba la as alagoas, donde o Nilo
Nace, que nam souberam os antigos
Velo rega, gerando o Crocodilo,
Os pouos Abassis de Christo amigos,
Olba como sem muros (nouo estilo)
Se defendem milhor dos inimigos,
Ve Meroe, que ilba foy de antiga fama
Que ora dos naturais Nobá se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu
Nas armas contra os Turcos sera claro,
Ha de ser dom Christouam o nome seu,
Mas contra o fim fatal nam ha reparo:
Ve ca a costa do mar, onde te deu
Melinde hospicio gasalhofo & caro
O Rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmanee.

O cabo ve ja Aromatà chamado,
E agora Goardafu dos moradores,
Onde começa a boca do afamado
Mar roxo, que do fundo toma as cores
Este como limite esta lançado
Que diuide Asia de Africa & as milbores
Pouoações, que parte Africa tem
Maçua sam, Arquico, & Suamquem.
Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade:
 Olha as agoas, nas quaes abriu patente
 Estrada o gram Mousfes na antiga ydade
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece
 Co sepulbro de sancta Caterina,
 Olha Toro & Gida, que lhe falece
 Agoa das fontes doce, & cristalina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reyno da seca Adem, que confina
 Com a serra Darzira, pedra viua,
 Onde chuua dos Ceos se não deriva.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomão, todas da gente vaga & baça,
 Donde vem os caualos pera a guerra
 Ligeiros & feroces, de alta raça:
 Olha a costa que corre ate que cerra
 Outro estreito de Persia, & faz a traça
 O Cabo, que co nome se apellida,
 Da cidade Fartaque ali sabida.

Z Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso encenço pera as aras:
Mas atenta ja ca destoutra banda
De Roçalgate & prayas sempre auaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pellas ribeiras que inda seram claras
Quando as gales do Turco & fera armada
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado
Agora he Moçandão dos nauegantes.
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, & Persias terras abundantes
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas & imitantes
Ao cor da Aurora: & ve na agoa salgada
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre
Sempre posto no campo, & nos caualos,
Que se injuria de vsar fundido cobre,
E de nam ter das armas sempre os calos:
Mas ve a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os interualos,
Que da cidade Armuza, que ali esteue
Ella o nome despois, & a gloria teue.
Aqui

Aqui de dom Felipe de Menezes

*Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portugueses
Os muitos Parseos vencerá de Lara:
Virão prouar os golpes & reueses
De dom Pedro de Sousa, que prouara
La seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força so de espada.*

Mas deixemos o estreito & o conhecido

*Cabo de lasque dito ja Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, & dos dões vsados della,
Carmania teue ja por apelido:
Mas ves o fermoso Indo, que daquella
Altura nace junto aa qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.*

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,

*E de laquete a intima enseada,
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vazante que foge apressurada:
A terra de Cambaya ve riquissima,
Onde do mar o seo faz entrada,
Cidades outras mil, que vou passando,
A vos outros aqui se estam guardando.*

Z z Ves

Chegado aqui prégando & junto dando
 A doentes saude, a mortos vida
 A caso traz hum dia o mar vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rey, que andaua edificando,
 Fazer delle madeira, & nam duuida
 Poder tiralo a terra com possantes
 Forças dbomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tam grande o peso do madeiro
 Que so pera abalar-se, nada abasta,
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta
 Pera onde faça bum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com fe formoda
 Mandar a bum monte surdo, que se moua,
 Que obedecerà logo aa voz sagrada,
 Que assi lho insinou Christo, & elle o proua
 A gente ficou disto aluoroçada,
 Os Bramenes o tem por cousa noua,
 Vendo os milagres, vendo a santidade,
 Hão medo de perder autoridade.

OS LYSIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha enueja,
Buscão maneiras mil, buscam desuios
Com que Thome nam se ouça, ou morto seja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
Que inimiga não ha tam dura, & fera,
Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, logo acusa
De homicidio Thome, que era innocente
Dà falsas testemunhas, como se vsa
Condenarã no a morte breuemente:
O Santo que nam vê milbor escusa,
Que apellar pera o Padre omnipotente,
Quer diante do Rey, & dos senhores,
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido
Que resucite, & seja perguntado,
Quem foy seu matador, & sera crido
Por testemunho o seu mais aprouado:
Viram todos o moço viuo erguido
Em nome de Iesu crucificado,
Da graças a Thome, que lhe deu vida
E descobre seu pay ser homecida.

Este

Este milagre fez tamanbo espanto,
 Que o Rey se banha logo na agoa santa,
 E muitos apos elle, hum beija o manto
 Outro louuor do Deos de Thome canta:
 Os Bramenes se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os morde enueja tanta,
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prêgando ao pouo estaua,
 Fingirão entre a gente hum arroido,
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:
 A multidão das pedras, que voaua,
 No Santo dá ja a tudo offerecido,
 Hum dos maos por sartarse mais de pressa
 Com crua lança o peito lhe atrauessa

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,
 Choroute toda a terra que pisaste,
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se yão da sancta Fe que lhe insinaste:
 Mas os Anjos do ceo cantando & rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste,
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vofoutros que os nomes vsurpais
De mandados de Deos, como Thome,
Dizey se fois mandados, como estais
Sem yrdes a prègar a sancta fe?
Olhay que se fois Sal, & vos danais
na patria, onde Propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infeis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos aa costa debuxada,
Ia com esta cidade tam famosa,
Se faz curua a Gangetica enseada,
Corre Narsinga rica, & poderosa,
Corre Orixá de roupas abaftada,
No fundo da enseada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:
Ve Cathigão cidade das milhores
De Bengala prouincia, que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Perao Austro daqui virada a costa.

Olha

Olha o reyno Arracão, olha o assento
 De Pegu, que ja môstros pouoaram,
 Môstros filbos do feo ajuntamento
 Dhũa molher & hũ cão, que sos se acharam:
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geraçam costumão, o que vsaram
 Por manha da Raynha, que inuentando
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tam comprido,
 Tenassarî, Quedá, que be so cabeça
 Das que Pimenta ali tem produzido:
 Mais auante fareis que se conheça
 Malaca, por Emperio ennobrecido,
 Onde toda a prouincia do mar grande,
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes
 Ondas o mar entrando diuidio,
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes
 Iuntas ambas a gente antiga vio:
 Chersoneso foy dita, & das prestantes
 Veas douro, que a terra produzio,
 Aurea por epitheto lbe ajuntaram,
 Alguns que fosse Ophir ymaginaram.

Z 5 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas na ponta da terra Cingapura
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,
Daqui tornando a costa aa Cynofura
Se encurua, & pera a Aurora se endereita:
Ves Pam, Patane, reinos & a longura
De Syão que estes & outros mais fugeita
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste gram terreno os diferentes
Nomes de mil nações nunca sabidas,
Os Laos em terra & numero potentes,
Auàs, Bramias, por serras tam compridas:
Ve nos remotos ventos outras gentes
Que Gueos se chamão de seluages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintão com ferro ardente, v sança crua.

Ves passa por Camboja Mecom Rio,
Que capitão das agoas se interpreta,
Tantas recebe doutro so no estio,
Que alaga os campos largos, & inquieta,
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,
A gente delle crê como indiscreta,
Que pena & gloria tem de spois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

Este receberá placido & brando,
 No seu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, & miserando,
 Dos procelosos baxos escapados:
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Sera o injusto mando executado
 Naquelle, cuja Lira sonora,
 Sera mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada,
 Ves Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão ve a incognita enseada,
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras & riqueza nam cuidada,
 Da China corre, & ocupa o senborio
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio & o outro se edifica
 Certissimo sinal, & conhecido,
 Da potencia real, soberba & rica:
 Estes o Rey que tem não foy nacido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inda outra muita terra se te esconde,
Ate que venha o tempo de mostrarse,
Mas nam deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quis mais affamar-se:
Esta mea escondida que responde
De longe aa China donde vem buscar-se,
He Iapão, onde nace a prata fina,
Que illustrada sera coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente
As infinitas Ilhas espalhadas
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente
Cume, que lança as flamas ondeadas
As aruores veràs do Crauo ardente,
Co sangue Portugues inda compradas,
Aqui ha as aureas aues, que nam decem
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltam
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,
As aues variadas, que ali saltam,
Da verde Noz tomando seu tributo:
Olha tambem Bornèò, onde nam faltam
Lagrimas, no licor qualhado & enxuto,
Das aruores, que Cànfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda
 Sândalo salutifero & cheiroso,
 Olha a Sunda tam larga, que búa banda
 Esconde pera o Sul difficultoso:
 Agente do Sertão, que as terras anda,
 Hum rio diz que tem miraculoso,
 Que por onde elle so sem outro vae,
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae.

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,
 Que tambem flamas tremulas vapora,
 A fonte que óleo mana, & a marauilha
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,
 Cheiroso mais que quanto estila a filha
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,
 E ve que tendo quanto as outras tem,
 Branda seda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana
 Os naturaes o tem por cousa sancta,
 Polla pedra onde está a pégada humana:
 Nas ilhas de Maldiua nace a pranta
 No profundo das agoas soberana,
 Cujó pomo contra o veneno urgente
 He tido por Antidoto excelente.

Ver'as

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Veras de fronte estar do roxo estreito
Socotorà co amaro Aloe famosa,
Outras ilhas no mar tambem sogeito
A vos na costa de Affrica arenosa,
Onde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta & preci sa,
De sam Lourenço ve a ilha afamada,
Que Madagascar he dalguus chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vosoutros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente
Que com tam forte peito nauegais:
Mas he tambem razão, que no Ponente
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rey mostrandose agrauado
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua
Vay de Calisto ao seu contrario polo,
Que soberba a farà a luzente mina
Do metal, que a cor tem do louro Apolo
Castella vossa amiga sera dina
De lançarlhe o colar ao rudo colo,
Varias prouincias tem de varias gentes
Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co pao vermelho nota,
De Sancta Cruz o nome lbe poreis,
Descobri-la ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vay da linba.
Dhúa estatura quasi Gigantea
Homês vera, da terra ali vizinha:
E mais auante o estreito, que se arrea
Co nome delle agora, o qual caminha
Pera outro mar & terra que fica onde
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pello mar, que ja deixais sabido,
Viram fazer barões de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
As eternas esposas, & fermosas,
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podéis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquilo pera a patria amada:
Assi lhe disse, & logo movimento
Fazem da Ilha alegre & namorada:
Leuão refresco, & nobre mantimento,
Leuão a companhia desejada,
Das Nymphas que ham de ter eternamente,
Por mais tempo que o Solo mundo aquente.

Assi foram cortando o mar sereno,
Com vento sempre manso, & nunca yrado,
Ate que ouueram vista do terreno
Em que naceram, sempre desejado:
Entrarão pella foz do Tejo ameno,
E a sua patria, & Rey temido & amado,
O premio & gloria dão, porque mandou
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho
Destemperada, & a voz enrouquecida
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, & endurecida:
O fauor com que mais se acende o engenho
Não no dà a patria não, que está metida
No gosto da cubica, & na rudeza
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.
E não

E não sey por que influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,
 Que os animos leuanta de contino,
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:
 Por isso vos ô Rey, que por diuino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhay que sois (& vede as outras gentes)
 Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes liões, & brauos touros,
 Dando os corpos a fomes & vigias,
 A ferro, a fogo, a setas & pilouros:
 A quentes regiões, a plagas frias
 A golpes de Idolatras & de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a pexes, ao profundo.

Por vos seruir a tudo aparelhados
 De vos tam longe sempre obedientes,
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta promptos & contentes,
 So com saber que sam de vos olhados
 Demonios infernais, negros & ardentes
 Cometerão conuofco & nam duuido
 Que vencedor vos fação, nam vencido.

Fauoreceyos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos
Com a presença, & leda humanidade,
De rigurosas leis desaliuayos,
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:
Os mais esperimentados leuantayos,
Se com a esperiencia tem bondade,
Pera vosso conselbo, pois que sabem
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhão Religiosos exercicios
De rogarem por vosso regimento,
Com jejuns, disciplina, pelloos vicios
Comuns, toda ambição teram por vento,
Que o bom Religioso verdadeiro,
Gloria vãã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,
Pois com seu sangue intrepido & feruente,
Estendem não somente a ley de cima,
Mas inda vosso imperio preeminente:
Pois aquelles que a tam remoto clima
Vos vão seruir com passo diligente,
Dous inimigos vencem, hūs os viuos,
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.
Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses
 Possam dizer que sam pera mandados,
 Mais que pera mandar os Portugueses:
 Tomay conselho so desprimmentados,
 Que virão largos anos, largos meses,
 Que posto que em cientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Anibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz trataua & lia:
 A disciplina militar prestante
 Nam se aprende senhor na fantasia
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo & rudo
 De vos não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sey com tudo,
 Que o louuor sae as vezes acabado,
 Nem me falta na vida honesto estudo
 Com longa esperiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se achão raramente.

Pera

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Pera seruiruos braço aas armas feito,
Pera cantaruos mente aas Musas dada,
So me falece ser a vos aceito
De quem virtude deue ser prezada:
Se me isto o ceo concede & o vosso peito
Dina empresa tomar de ser cantada
Como a presaga mente vaticina,
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista vossa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os mouros de Marrocos & Trudante,
A minba ja estimada & leda musa,
Fico, que em todo o mundo de vos cante
De sorte que Alexandro em vos se veja,
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.

